

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Juliana Vilela Pinto

**AS REPRESENTAÇÕES DO FENÔMENO MIGRATÓRIO NA
MÍDIA IMPRESSA VALADARENSE**

Governador Valadares - MG

Abril de 2011

Juliana Vilela Pinto

**AS REPRESENTAÇÕES DO FENÔMENO MIGRATÓRIO NA
MÍDIA IMPRESSA VALADARENSE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação *strictu sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sueli Siqueira

Governador Valadares – MG

Abril de 2011.

Ficha catalográfica elaborada pela “Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz” - UNIVALE

Pinto, Juliana Vilela.

As representações do fenômeno migratório na mídia impressa valadarense / Juliana Vilela Pinto. -- 2011.

217 f.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares, MG, 2011.

Orientadora: Sueli Siqueira

1. Governador Valadares - Migração. 2. Mídia – Governador Valadares. 3. Representações sociais. I. Siqueira, Sueli. II. Universidade Vale do Rio Doce. III. Título.

CDD 304.873081

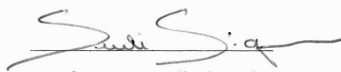
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território - GIT

**ATA DA BANCA EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
JULIANA VILELA PINTO
Matrícula N° 54024**

Aos onze dias do mês de abril de 2011 (dois mil e onze), às 14 (quatorze) horas, no auditório A do Edifício Pioneiros no *Campus* Antônio Rodrigues Coelho da Universidade Vale do Rio Doce, reuniu-se a Comissão Examinadora da Dissertação da Mestranda intitulada "*As representações do fenômeno migratório na mídia impressa valadarenses*", Linha de Pesquisa: Território, Migração e Cultura, elaborada pela aluna **Juliana Vilela Pinto**. A comissão julgadora foi composta pelos professores Doutores Sueli Siqueira (orientadora) – GIT/UNIVALE, Carlos Alberto Dias - GIT/UNIVALE, Gláucia de Oliveira Assis – UDESC/Universidade do Estado de Santa Catarina. Abrindo a sessão, a presidente da Comissão, Prof^a Dra. Sueli Siqueira, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra a mestranda Juliana Vilela Pinto para apresentação de sua Dissertação. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora consideraram por unanimidade a Dissertação Aprovada fazendo as seguintes observações:

Por se tratar de um trabalho inédito que aborda as relações entre território midiático, migração e representações a banca sugere que os resultados sejam publicados para sua ampla divulgação.

Em seguida o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente Ata que será assinada por todos os membros da comissão Examinadora. Governador Valadares, 11 de abril de 2011.



Prof^a Dra. Sueli Siqueira



Prof. Dr. Carlos Alberto Dias



Prof^a Dra. Gláucia de Oliveira Assis

Campus I - Armando Vieira

Rua Moreira Sales, 850 - Vila Bretas - CEP: 35030-390
Tel. (33) 3279.5200 - Fax (33) 3279.5202
Caixa Postal 295 - www.univale.br
Governador Valadares - Minas Gerais - Brasil

Campus II - Antônio Rodrigues Coelho

Rua Israel Pinheiro, 2000 - Universitário - CEP: 35020-220
Tel. (33) 3279.5500 - Fax (33) 3279.5042
Caixa Postal 295 - www.univale.br
Governador Valadares - Minas Gerais - Brasil

À Deus, luz que guiou e iluminou meu
caminho e permitiu alcançar mais esta vitória

Aos meus pais, fonte inesgotável de confiança
e apoio.

AGRADECIMENTOS

Não se conquista nada sozinho. Se hoje concluo mais uma etapa, só o faço porque contei com o apoio e o carinho de muitas pessoas que me ajudaram e confiaram no meu potencial. Não é possível nomear a todos, senão faria uma nova dissertação! Mas, a partir das pessoas que cito abaixo, agradeço a todos que estiveram ao meu lado, seja fisicamente ou em pensamento.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que acompanhou minha batalha diária, segurou a minha mão e me deu forças para caminhar de cabeça erguida. Mesmo nas situações mais delicadas, Ele conduziu meus passos e mostrou que com fé eu seria capaz de conquistar meus objetivos.

Ao meu pai, Elcio, o meu super-herói, que faz tudo parecer mais doce e bonito nesta vida. A minha mãe, Rosa, exemplo de coragem, garra e determinação, que me ensina a ser mais forte e a confiar em mim. A vocês dois, meus grandes amores, minha eterna gratidão pelo apoio incondicional em todos os momentos.

Ao meu amado Rafael, benção em minha vida, por estar sempre ao meu lado, me escutando e apoiando desde o início deste trabalho. Seu amor e compreensão me tornaram mais forte e deram nova luz à minha vida. Agradeço também, com muito amor, aos seus pais, irmãos e familiares como um todo, que me acolhem como filha em seu lar.

Aos meus tios, tias, primos, primas e a todos os meus familiares que torceram e acreditaram em mim! Esta conquista também pertence a vocês!

A minha querida orientadora Sueli Siqueira, pela dedicação e zelo com que me ajudou a conduzir este trabalho. Obrigada pela paciência e o cuidado. Estes dois anos foram essenciais para minha formação, não apenas como profissional, mas como ser humano.

A todos os companheiros do Núcleo de Estudos sobre o Desenvolvimento Regional (NEDER), que acompanharam o desenvolvimento desta pesquisa e sempre estiveram ao meu lado. Em especial agradeço a minha companheira de congressos, Érika, que esteve comigo nos quatro cantos deste Brasil apresentando nossos trabalhos.

Ao meu amigo e professor Dileymárcio de Carvalho, primeira pessoa a me incentivar a fazer mestrado. Tudo começou com aquele rascunho que fizemos na edição da TV Rio Doce. Muito obrigada por confiar em mim e acreditar que eu era capaz, antes mesmo de mim!

Aos meus amados amigos, que sempre me perguntavam sobre a pesquisa. Sei que vocês torceram por mim, assim como eu torço por vocês sempre. Mesmo que alguns estejam longe fisicamente vocês estão sempre guardados comigo e presentes no meu dia a dia.

Agradeço, de forma especial, aos companheiros do Mestrado em Gestão Integrada do Território. Aos mestres, pelos conhecimentos compartilhados e pelo apoio em cada etapa. Aos colegas, pelas experiências únicas, os momentos de aflição e felicidade. Juntos, vivenciamos situações de insegurança e medo. Mas, ao final, crescemos e, hoje, comemoro junto a vocês esta vitória, que pertence a cada um de nós.

Meus amigos e professores do curso de jornalismo da Univale, que conclui em 2008, vocês estiveram ao meu lado na minha primeira empreitada acadêmica e me apoiaram para encarar o Mestrado. O apoio de vocês foi fundamental!

Agradeço, em especial, a toda a equipe do jornal *Diário do Rio Doce*, que disponibilizou os arquivos para consulta e me recebeu, diariamente, com muito carinho, durante os oito meses de pesquisa de campo! Sem vocês este trabalho não seria possível!

Por fim, um agradecimento muito especial, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pela bolsa de estudos concedida, sem a qual seria impossível realizar esta dissertação com tamanho empenho e dedicação.

Muito Obrigada a todos que torceram por mim!

RESUMO

PINTO, Juliana Vilela. **As representações do fenômeno migratório na mídia impressa valadarense**. Governador Valadares, 2011, 217f. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Brasil.

Essa dissertação se propõe a verificar de que forma se dá a representação do fenômeno migratório na mídia impressa valadarense entre os anos de 1960 e 2009. Inicialmente, foi realizada uma extensa revisão bibliográfica que nos permitiu compreender melhor o fenômeno migratório e suas consequências sob a perspectiva acadêmica. Com base no referencial teórico, também foi possível entender a relação marcante existente entre o território de origem dos emigrantes - a cidade de Governador Valadares e o território de destino, os Estados Unidos. É importante evidenciar que o território não deve ser compreendido como sinônimo de espaço, mas como o espaço socialmente apropriado, marcado por múltiplas relações e manifestações, envolvendo uma multiplicidade de sujeitos e poderes. Dessa forma, compreendemos o *Diário do Rio Doce*, jornal valadarense escolhido para a análise, como nosso território midiático de estudo, pois se configura como um espaço apropriado por um grupo e marcado por relações de poder, que produzem significados. Assim, evidenciamos que as notícias são um processo social, em que não é feito um relato, mas uma representação dos fatos. Os materiais encontrados foram organizados e analisados segundo a técnica metodológica de análise do conteúdo, que propõe transcender o significado aparente das mensagens, a partir de uma investigação que busca o conteúdo implícito da comunicação. A partir dos dados obtidos na pesquisa, divididos em três diferentes períodos, os anos de 1960 e 1970, que caracterizam o início do fluxo; os anos de 1980 e 1990, que assinalam o *boom* da emigração e os anos 2000, marcados pela crise econômica americana, buscamos analisar e compreender de que forma a migração de valadarenses está representada neste complexo campo simbólico que é a comunicação de massa. A partir daí, constatamos que a mídia local reforça a imagem negativa associada a Governador Valadares, pois a emigração é representada como a melhor alternativa para os indivíduos alcançarem uma melhor condição social. Por outro lado, as consequências desse processo são ignoradas, havendo uma supervalorização do estrangeiro em detrimento ao nacional.

Palavras Chave: Mídia. Representação. Território. Migração Internacional

ABSTRACT

PINTO, Juliana Vilela. **As representações do fenômeno migratório na mídia impressa valadarense.** Governador Valadares, 2011, 217f. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Brasil.

This thesis attempts to verify how the migration phenomenon is represented in the local news between 1960 and 2009. Initially, we conducted an extensive literature review, which allowing us to better understands the migration phenomenon and its consequences under the academic perspective. Based on the theory it was possible to understand the relationship between the territory of origin of immigrants, the city of Governador Valadares, and the country of destination, the United States. It is important to highlight that the territory should not be understood as a synonym for space, but as the socially appropriate space, marked by multiple relations and manifestations, involving a multiplicity of subjects and powers. Therefore, we understand the *Diário do Rio Doce*, newspaper from Governador Valadares chosen for analysis, our analysis media territory, because it is configured as a space suitable for a group and marked by power relations that produce meanings. Thus, we prove that the news is a social process; it is not done a story, but makes a representation about the facts. The materials found were organized and analyzed according to methodology of content analysis, proposes that transcend the apparent meaning of the messages from an investigation that seeks the implicit content of the communication. From the data obtained in the survey, divided into three different periods, the years 1960 and 1970, featuring the beginning of the stream; the years 1980 and 1990, marking the emigration boom, and the 2000s, marked by American economic crisis, we analyze and understand how the migration from Governador Valadares is represented in this complex symbolic field that is the mass media. From there, we found that the local media reinforces the negative image associated with Governador Valadares, because emigration is represented as the best alternative for individuals achieve a better social condition. Moreover, the consequences of this process are ignored, there is an overvaluation of the national rather than foreign.

Key Words: Media. Representation. Territory. International Migration

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Matéria: Toninho Coelho.....	59
Figura 2 – Crônica: Mr. Simpson.....	62
Figura 3 – Matéria: Júlio Cipriano.....	63
Figura 4 - Matéria: Mineiros atravessam base nuclear.....	68
Figura 5 - Coluna Social: Umas Felizes.....	70
Figura 6 - Nota: Argentinos no Brasil.....	74
Figura 7 - Nota: 25 mil brasileiros irregulares.....	74
Figura 8 - Nota: EUA, Roma do nosso tempo.	75
Figura 9 - Nota: Inflação EUA.....	75
Figura 10 - Nota: Salários Brasil e EUA.....	76
Figura 11 - Nota: Desvalorização do Cruzeiro.....	78
Figura 12 - Frase: Distribuição de Passaportes.....	78
Figura 13 - Paródia: Pobreza.....	78
Figura 14 - Nota: Viagens para os EUA.....	79
Figura 15 - Publicidade: EUA X Canadá.....	79
Figura 16 - Publicidade: “Mexicantur”.....	80
Figura 17 - Nota: Visto Consular.....	80
Figura 18 - Chamada de capa: Marginalização de GV.....	81
Figura 19 - Nota: Valadarenses voltando como mercadorias.....	83
Figura 20 - Nota: GV na Imprensa Nacional.....	84
Figura 21 - Chamada de Capa: Sucesso está no trabalho.....	86
Figura 22 - Nota: Valadares na Gazeta.....	87
Figura 23 - Publicidade: Plantão de Passaporte.....	88
Figura 24 - Nota: 10 mil vistos.....	88
Figura 25 - Coluna Social: Só no “Tio Sam”.....	89
Figura 26 - Nota: Valadarenses mandados de volta.....	91
Figura 27 - Nota: Dólares a rodo.....	94
Figura 28 - Nota: “Valadólarenses chegando”.....	95
Figura 29 - Nota: O Cruzeiro real de Valadares é outro.....	95
Figura 30 - Nota: Enquanto isso em Valadares.....	96
Figura 31 - Publicidade: Aqui seu dinheiro vale mais.....	96

Figura 32 - Publicidade: Seu dólar vale mais.....	97
Figura 33 - Publicidade: Venda em Dólares.....	98
Figura 34 - Matéria: Dólar em baixa.....	99
Figura 35 - Nota: Valadólares.....	100
Figura 36 - Matéria: Tribunais de Inquisição.....	101
Figura 37 - Matéria: O sonho não acabou.....	104
Figura 38 - Publicidade: Agência de Viagens.....	107
Figura 39 - Matéria: Europa e Green Card.....	109
Figura 40 - Chamada de capa: Bandeira EUA.....	116
Figura 41 - Matéria: Valadarenses Tensos.....	116
Figura 42 - Crônica: “Little América”.....	117
Figura 43 - Matéria: Voltam as filas no consulado.....	117
Figura 44 - Chamada de Capa: Loteria do Green Card.....	118
Figura 45 - Publicidade: Extraditado.....	118
Figura 46 - Matéria: Homenagem no Muro.....	119
Figura 47 - Chamada de Capa: Comitiva.....	123
Figura 48 - Nota: Para não fugir à regra.	126
Figura 49 - Chamada de Capa: Subida do Dólar.....	128
Figura 50 - Nota: Notinha na Veja.....	128
Figura 51 - Chamada de capa: Queda do dólar preocupa.....	129
Figura 52 - Matéria: Falsificadores.....	133
Figura 53 - Chamada de capa: Discriminado.....	134
Figura 54 - Chamada de capa: Caça aos ilegais.....	134
Figura 55 - Nota: Estado de Minas.....	135
Figura 56 - Nota: Cidade de Danbury.....	138
Figura 57 - Matéria: Guerra do Iraque.....	139
Figura 58 - Chamada de capa: Novo Point.....	140
Figura 59 - Coluna Social: Quebra o tabu.....	141
Figura 60 - Chamada de capa: Vereadores.....	142
Figura 61 - Artigo: A força dos emigrantes.....	143
Figura 62 - Matéria: Casal Simpson.....	144
Figura 63 - Tira: Capitão Dólar 01.....	147
Figura 64 - Tira: Capitão Dólar 02.....	149

Figura 65 - Tira: Capitão Dólar 03.....	149
Figura 66 - Tira: Capitão Dólar 04.....	150
Figura 67 - Tira: Capitão Dólar 05.....	150
Figura 68 - Tira: Capitão Dólar 06.....	151
Figura 69 - Tira: Capitão Dólar 07.....	152
Figura 70 - Tira: Capitão Dólar 08.....	152
Figura 71 - Tira: Capitão Dólar 09.....	153
Figura 72 - Tira: Capitão Dólar 10.....	153
Figura 73 - Tira: Capitão Dólar 11.....	154
Figura 74 - Tira: Capitão Dólar 12.....	154
Figura 75 - Tira: Capitão Dólar 13.....	155
Figura 76 - Tira: Capitão Dólar 14.....	156
Figura 77 - Tira: Capitão Dólar 15.....	156
Figura 78 - Tira: Capitão Dólar 16.....	157
Figura 79 - Charge 01: Crise Brasileira.....	161
Figura 80 - Charge 02: Cédula por Cédula.....	162
Figura 81 - Charge 03: Inflação Brasil.....	163
Figura 82 - Charge 04: Inflação EUA.....	164
Figura 83 - Jantar de ação de Graças do Tio Sam.....	165
Figura 84 - Charge 05: Taxa de Juros.....	165
Figura 85 - Charge 06: Malabarismo.....	166
Figura 86 - Cartaz ilustrado por James Flagg.....	167
Figura 87 - Charge 07: Tio Sam.....	168
Figura 88 - Charge 08: Sonhos dos EUA.....	169
Figura 89 - Charge 09: Dólares e GV.....	170
Figura 90 - Charge 10: Novo Eldorado.....	171
Figura 91 - Charge 11: Time de Futebol.....	172
Figura 92 - Charge 12: Lavador de Pratos.....	173
Figura 93 - Charge 13: Fortunas de GV.....	175
Figura 94 - Charge 14: Fronteira do México.....	176
Figura 95 - Charge 15: 07 de setembro.....	178
Figura 96 - Charge 16: Passaportes Falsos.....	180
Figura 97 - Charge 17: Pacote do Emigrante.....	181

Figura 98 - States News 01: Coluna Dr. Joel.....	184
Figura 99 - States News 02: Pau de Arara.....	185
Figura 100 - States News 03: Coluna Dr. Joel 2.....	186
Figura 101 - States News 04: Casal de Hudson.....	187
Figura 102 - States News 05: Casal de D.C.....	187
Figura 103 - States News 06: <i>Notebook</i>	188
Figura 104 - States News 07: <i>Here x There</i>	189
Figura 105 - States News 08: Comércio Étnico.....	191
Figura 106 - States News 09: <i>Engilsh Talk</i>	192
Figura 107 - States News 10: Desbravadores.....	193
Figura 108 - States News 11: Fininho.....	194
Figura 109 - States News 12: Big Boy.....	194
Figura 110 - States News 13: Big Boy e Fininho.....	195
Figura 111 - States News 14: Dólar x Filhos.....	195
Figura 112 - States News 15: <i>Endless Dream</i>	196

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência dos temas apresentados no <i>Diário do Rio Doce</i>	23
Tabela 2 – Frequência de gênero apresentado no <i>Diário do Rio Doce</i>	26
Tabela 3 - Temas noticiados no <i>Diário do Rio Doce</i> nas décadas de 1960 e 1970.....	57
Tabela 4 - Temas noticiados no <i>Diário do Rio Doce</i> nas décadas de 1980.....	73
Tabela 5 - Temas noticiados no <i>Diário do Rio Doce</i> nas décadas de 1990.....	93
Tabela 6 - Temas noticiados no <i>Diário do Rio Doce</i> nas décadas de 2000.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – METODOLOGIA.....	18
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	18
1.2 O MÉTODO DE ANÁLISE DO CONTEÚDO.....	19
CAPÍTULO II – A MIGRAÇÃO NO BRASIL E NO CONTEXTO REGIONAL...	28
2.1. MIGRAÇÃO NO CONTEXTO TERRITORIAL.....	28
2.2. TEORIAS DA MIGRAÇÃO.....	30
2.3. A MIGRAÇÃO NA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES.....	38
2.4. A MÍDIA NA REPRESENTAÇÃO DO FENÔMENO MIGRATÓRIO.....	46
2.5. TERRITÓRIO, MIGRAÇÃO E MÍDIA.....	50
CAPÍTULO III – O FENÔMENO MIGRATÓRIO NA MÍDIA IMPRESSA LOCAL.....	53
3.1 O <i>DIÁRIO DO RIO DOCE</i> : TERRITÓRIO MUDIÁTICO DE ESTUDO.....	53
3.2 A REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DO FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS DIFERENTES DÉCADAS.....	55
3.2.1 Década de 1960 a 1970.....	55
3.2.2 Década de 1980 e 1990.....	72
3.2.3 Anos 2000 a 2009.....	113
3.3 A MIGRAÇÃO NA PERSPECTIVA HUMORÍSTICA.....	145
3.3.1 O <i>Capitão Dólar</i> chega a Governador Valadares.....	145
3.3.2 As caricaturas e charges.....	159
3.3.2.1 As charges no território midiático - <i>Diário do Rio Doce</i>	160
3.4 A MÍDIA TRANSNACIONAL: STATE NEWS AS NOTÍCIAS DAQUI LÁ E AS DE LÁ AQUI.....	181
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	207

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a mídia pode ser considerada um importante dispositivo discursivo, sendo assim responsável pela construção e o registro da história atual e uma das principais fontes de informação à qual a comunidade tem acesso. A migração é representada pelos meios de comunicação de várias formas. Nesse sentido, é interessante compreender como os jornalistas abordam as questões referentes ao tema.

Os deslocamentos humanos não são um fenômeno recente. A mobilidade é parte constitutiva da história da humanidade, criando um constante processo de territorialização e reterritorialização do espaço. Porém, no caso específico do Brasil, a dinâmica migratória sofreu alterações consideráveis ao longo dos anos. Desde os primórdios da colonização portuguesa, até meados do século XX, o território brasileiro era marcado pela chegada de imigrantes. Nos anos de 1960, o quadro se inverteu e o país começou a exportar mão-de-obra.

Esse Brasil emigrantista está inserido no contexto migratório contemporâneo, marcado pelas transformações estruturais do capitalismo, caracterizado pela globalização que comprime a relação espaço-tempo e origina as chamadas cidades globais. Ao contrário do que ocorreu na Segunda Revolução Industrial, esses novos fluxos se direcionam no sentido periferia-centro, evidenciando a distribuição desigual das riquezas entre os países. (GIDDENS, 1997).

O ponto inicial da emigração de brasileiros é Governador Valadares, cidade situada no leste do Estado de Minas Gerais, marcada pela ocupação e a exploração dos recursos naturais desde o século XVII, quando foi descoberto ouro na região. A economia local foi baseada em ciclos extrativistas como a madeira, o carvão e a mica. Entretanto, o declínio dessas atividades levou à estagnação econômica, a partir da década de 1960. (SIQUEIRA, 2008b)

Foi naquela década que os primeiros valadarenses emigraram, estabelecendo os pontos iniciais de uma extensa rede social, consolidada nos meados dos anos de 1980, época em que a cidade experimentou um verdadeiro *boom* migratório em direção à América do Norte. A escolha do país de destino não se deu de forma aleatória, um conjunto de fatores possibilitou a formação desse fluxo.

Os norte-americanos estiveram presentes na região desde os anos de 1940, para trabalhar com a exploração de minério e a construção da ferrovia, o que proporcionou aos valadarenses um período próspero, marcado pelo desenvolvimento. Na década de 1960,

através do intercâmbio cultural promovido pela escola de inglês IBEU, jovens valadarenses conheceram os Estados Unidos. As narrativas entusiasmadas dos estudantes sobre as possibilidades de emprego e renda oferecidas naquele país incentivaram o primeiro grupo de emigrantes que embarcou com visto de trabalho para exercer atividades remuneradas no mercado de trabalho secundário. (SIQUEIRA, 2008b).

Os deslocamentos populacionais foram abordados pela mídia de diversas formas ao longo desses mais de 50 anos, desde o início do fenômeno da emigração internacional na região. A imprensa local tem dado ampla cobertura à questão, em especial nos casos diplomáticos e negativos, tais como a falsificação de passaportes, a criminalidade e a discriminação. Desta forma, é associada ao emigrante uma imagem pejorativa e, conseqüentemente, é fadado ao Brasil o status de um país em constante crise, incapaz de oferecer aos cidadãos condições de sobrevivência nos limites do seu território.

O objetivo desta dissertação é verificar de que forma o fluxo migratório de valadarenses aparece representado no *Diário do Rio Doce*, jornal sediado e produzido em Governador Valadares, desde 1958. Para tanto, foi realizada uma pesquisa nos seus arquivos, com a leitura de todas as edições publicadas entre 1960 e 2009. Posteriormente, foram selecionadas todas as matérias sobre migração internacional.

A partir da análise dos dados é possível compreender de que forma essa imagem é retratada nas diferentes fases do fluxo, começando com a saga dos pioneiros, passando pelo *boom* e chegando à crise norte-americana, que forçou milhares de pessoas a retornar antes do planejado. Para tanto, o texto foi dividido em três capítulos. O primeiro descreve detalhadamente o objeto de estudo e a metodologia empregada para análise – a técnica de análise de conteúdo. A opção por essa técnica deve-se ao fato de ela possibilitar uma compreensão capaz de ultrapassar o significado aparente das mensagens - processo essencial para verificar a representação do fenômeno migratório na mídia, pois no jornalismo as mensagens são uma construção social e política, não apenas um relato.

Para verificarmos a representação na mídia local, é necessário compreendermos melhor o fenômeno da migração internacional no contexto histórico da cidade de Governador Valadares. Por essa razão, o segundo capítulo apresenta as diferentes correntes teóricas sobre o fenômeno da migração, que nos ajudam a entender os fatores que configuram um fluxo migratório e impactam tanto o local de origem como aquele de destino dos emigrantes. Nesse capítulo é apresentado, também, o histórico e a contextualização da emigração na

Microrregião de Governador Valadares. No item seguinte, apresentamos uma discussão sobre a mídia na representação do fenômeno migratório.

O terceiro capítulo aprofunda a análise sobre a relação entre a mídia e o fenômeno migratório. Inicialmente, abordamos a imprensa de forma mais geral e depois fazemos um recorte com análise da mídia impressa local. É importante salientar que a comunicação é essencial na construção da sociedade. Como destaca Thompson (1998), o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo.

Assim, a organização espacial e temporal da vida social é transformada, criando novas maneiras de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local do comum. Podemos afirmar que os meios de comunicação produzem um campo simbólico complexo.

Após análise sobre a relação entre a mídia e a sociedade, procedemos a uma análise do material coletado, ou seja, as notícias separadas por décadas; a migração na perspectiva humorística, destacando as caricaturas e charges e as tirinhas publicadas sob o título “O Capitão Dólar chega a Governador Valadares”. Nesse capítulo discutimos também a mídia transnacional, analisando o *States News*, um jornal encartado ao *Diário do Rio Doce* com circulação no Brasil e nos Estados Unidos.

Finalizamos demonstrando que o *Diário do Rio Doce*, como um território, apresenta o fenômeno migratório internacional a partir de um processo social, que além de produzir informações, produz significados que interferem na socialização e na relação entre indivíduos e a sociedade. Desta forma, o fenômeno migratório, no jornal local, é uma construção social que traz representações acerca do território de origem, do território de destino, e sobre o indivíduo migrante.

CAPÍTULO I – METODOLOGIA

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

A proposta desta dissertação é verificar de que forma o fenômeno migratório internacional está representado na mídia impressa local de Governador Valadares. É interessante destacar que o jornalismo, ao contrário do que prega a ideologia profissional e daquilo que podem crer alguns espectadores, não é simplesmente um relato imparcial da realidade. As matérias são uma construção social, uma representação¹, e não um espelho dos fatos. Por isso, as notícias sobre a migração e a forma como o migrante é tratado são, na verdade, construídas pelos jornalistas a partir de suas observações e influenciadas pela política editorial da empresa. As práticas comunicacionais são controladas e manipuladas.

Muitas vezes, os temas são expostos de forma parcial, realçando determinados aspectos em detrimento de outros. Certamente, não podemos negligenciar a inteligência do receptor, mas é inegável que a imprensa, assim como outras instituições sociais – família, igreja, escola - interfere de forma determinante na socialização e nas impressões que os indivíduos têm da realidade.

Os veículos de comunicação de massa exercem forte influência na formação da opinião pública, moldando, orientando a discussão, alterando aspectos ocultos, interpretando os fatos, elegendo as informações e oferecendo aos receptores o cardápio noticioso de acordo com a seleção feita pelo próprio veículo (RABELO, 2002, p.13)

Silva Filho (2008) destaca que o fenômeno da migração de valadarenses é sempre pautado pela mídia impressa, no entanto, quase sempre, ao abordar o tema, os jornalistas têm posturas irônicas. Além disso, as matérias são descontextualizadas e mal apuradas, criando uma imagem estereotipada tanto da cidade de Governador Valadares quanto dos valadarenses.

Portanto, ao analisar o que é publicado sobre a migração na mídia impressa, é preciso ir além do significado aparente das mensagens e, por isso, optamos pela aplicação da técnica de análise do conteúdo. Essa metodologia é importante para entender como o fenômeno

¹ A partir do conceito de Jodelet (2002), nesta dissertação as representações sociais são compreendidas como uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado com um objetivo prático e que contribuem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Desta forma, as matérias jornalísticas compreendem representações acerca dos fatos.

migratório está representado, na mídia impressa local. O método escolhido propõe transcender o significado aparente das mensagens, resgatando a subjetividade contida nelas.

A produção de notícias como processo social constrói um território simbólico que cria representações da realidade. Um território é um espaço socialmente apropriado e marcado por relações de poder. Dessa forma, o jornal pode ser compreendido como um território que cria representações a partir dos acontecimentos em um dado contexto social. Nosso território mediático de análise é mídia impressa valadarense, mais especificamente o *Diário do Rio Doce*, cujas representações acerca do fenômeno migratório serão verificadas a partir da técnica de análise do conteúdo, que será especificada no item seguinte

1.2 – O MÉTODO DE ANÁLISE DO CONTEÚDO

O trabalho sobre esta metodologia e que serve de base nesta dissertação foi elaborado por Bardin (1977). A autora compreende a análise do conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, através de procedimentos sistemáticos e objetivos, visa a obter indicativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens. Em suma, a análise do conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas da análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.42)

A abordagem da análise do conteúdo, que permite a realização tanto de pesquisas quantitativas quanto qualitativas, será a base metodológica desta dissertação. Contudo, é importante destacar que, nem sempre, a análise do conteúdo foi compreendida dessa forma. A técnica começou a ser desenvolvida no século início XX e, por mais de quatro décadas, foi dominada pelos Estados Unidos. Nas ciências sociais, o trabalho de Thomas e Znaiecki feito entre 1908 e 1918, sobre emigrantes poloneses na Europa e Estados Unidos, pode ser considerado como pioneiro nesse tipo de análise.

À época, o rigor científico era o da medida, e o material analisado era predominantemente jornalístico. Durante a I Guerra Mundial, começa um novo tipo de análise que é ampliado na II Guerra: a análise da propaganda. A partir dos anos de 1940, os cientistas

políticos passaram a demonstrar interesse pelo campo da análise do conteúdo e lideraram a publicação de trabalhos utilizando essa técnica.

No mesmo período, o domínio de aplicação da análise passou a ser cada vez mais amplo e empregado nas mais variadas áreas do conhecimento. No aspecto metodológico, o final dos anos de 1940 é marcado pelas regras de análise elaboradas por Berelson com a ajuda de Lazarsfeld que trazem a seguinte definição:

A análise do conteúdo é uma técnica de investigação que tem como finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. (BERELSON apud BARDIN, 1977, p.19).

Essa definição assinala bem as preocupações epistemológicas da época, mas demonstra um enfoque muito normativo, limitando a aplicação da análise de conteúdo, posteriormente, completada, ampliada e questionada. O final da guerra e o início dos anos de 1950 trouxeram certa desilusão por parte dos adeptos da técnica. No entanto, os debates e discussões presentes nos congressos revitalizaram-na, trazendo novas possibilidades de aplicação, a partir do surgimento de pressupostos metodológicos e epistemológicos.

Bardin (1977) afirma que, além dos aperfeiçoamentos técnicos, duas iniciativas impulsionaram o desenvolvimento da análise do conteúdo. Por um lado, a exigência da objetividade torna-se menos rígida e, por outro, a combinação da compreensão clínica com a contribuição da estatística passou a ser aceita. A análise do conteúdo, então, deixa de ser vista apenas de forma descritiva. A partir daí, há a consciência de que sua função é a inferência. Ou seja: com base nos resultados é possível regressar às causas a até mesmo chegar aos efeitos das comunicações.

Nos anos de 1960, três fenômenos primordiais afetam a investigação e a prática da análise do conteúdo - o surgimento dos computadores; o interesse pelos estudos relativos à comunicação não-verbal e a inviabilidade de precisão dos trabalhos linguísticos. Com o advento da informática é possível digerir de forma rápida e segura quantidades de dados impossíveis de se manipular manualmente, e autorizar testes estatísticos antes impraticáveis.

Segundo Bauer (2004), a análise de conteúdo reconstrói as representações em duas dimensões. A sintática, que trabalha com a frequência de palavras; e a semântica, em que são observados os sentidos conotativos e denotativos: os ditos, os temas, e os julgamentos de valor. Assim, o pesquisador pode traçar e comparar perfis, através de seus valores, atitudes, estereótipos, símbolos e visões de mundo.

Esse é um método empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende fazer do objeto. Na pesquisa em comunicação é necessária uma compreensão que ultrapasse os significados imediatos das mensagens. Ou seja, é preciso atingir o tema e as idéias que constituem a mensagem, naquilo que possui significado implícito. Dessa forma, a análise do conteúdo representa uma atitude de vigilância crítica. (TRIVIÑOS, 1997).

Bardin (1977) assemelha o analista a um arqueólogo, que trabalha com vestígios: os documentos que ele pode descobrir ou suscitar. Esses vestígios são a manifestação de estados, dados e fenômenos. O analista tira proveito das mensagens que manipula para inferir - deduzir de maneira lógica - conhecimentos sobre o emissor da mensagem, ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detetive, o analista trabalha com índices. A descrição das características do texto é o primeiro passo, a interpretação, o último; já a inferência está no meio do caminho e nos permite saber tanto sobre as causas quanto sobre os efeitos de uma determinada mensagem.

A especificidade da análise do conteúdo reside na articulação entre a superfície dos textos descrita e analisada e os fatores que determinaram as características, deduzidos logicamente. Ou seja, uma análise procura estabelecer, de forma consciente ou não, a correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados.

(...) a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (com se fosse o receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para outra significação (...). A leitura efetuada pelo analista de conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura *à letra*, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significações (manipuladas) outros significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc. (BARDIN, 1977, p. 41)

A organização da análise segue três etapas básicas, assinaladas por Bardin (1977): pré-análise, exploração do material e interpretação inferencial. A primeira etapa consiste na organização do material, que começa com uma leitura inicial, com o objetivo de conhecer o texto. A partir daí, são permitidos três fatos fundamentais: formular os objetivos gerais da pesquisa e criar as hipóteses; determinar o *corpus* da investigação, ou seja, especificar os documentos que vão ser pesquisados; além da elaboração de indicadores para a fundamentação da interpretação final.

Na segunda fase, o material é submetido a um estudo mais aprofundado, com base nas hipóteses e nos referenciais teóricos. Nessa etapa, estão situados os procedimentos de codificação, classificação e categorização. A última etapa é a interpretação inferencial que compreende o tratamento dos resultados e a interpretação. O pesquisador precisa ir além do conteúdo manifesto dos documentos. A análise deve ser aprofundada, para desvendar o teor latente, abrindo perspectivas que permitem uma abordagem mais qualitativa.

Nesse trabalho, a análise do conteúdo é importante para verificar como se dá a representação das notícias relacionadas à migração, o que nos ajuda a entender como o fenômeno migratório é retratado pela imprensa. Além disso, a análise do material permitirá verificar de que forma o tema da migração internacional foi retratado pelo jornal escolhido.

Para a realização da análise foi selecionado um jornal na cidade, o *Diário do Rio Doce*. A escolha se deu por ser ele o jornal mais antigo em funcionamento na cidade até os dias de hoje. O periódico foi lançado no dia 30 de março de 1958 e circula todos os dias, exceto às segundas-feiras, desde a sua fundação. É o periódico de maior circulação na cidade e, atualmente, tem uma tiragem média de 14 mil exemplares².

A fonte de dados foi o arquivo do *Diário do Rio Doce* e consistiu no registro através da digitalização de todo o material referente ao tema de pesquisa publicado no jornal, entre janeiro de 1960 e dezembro de 2009. O período escolhido engloba cinco décadas - em todas elas, Governador Valadares apresenta alguma relação com a migração internacional. A idéia foi englobar o fenômeno em suas diferentes fases: os primeiros imigrantes nos anos de 1960 e 1970; o *boom* da imigração internacional com a crise financeira brasileira em 1980 e 1990; e, por fim, o retorno dos imigrantes à terra natal com a crise norte-americana

Após autorização da diretoria do jornal, foi realizada uma ampla pesquisa no acervo. Durante oito meses, todas as edições publicadas no período determinado foram lidas e as matérias que tratavam do fenômeno da emigração de moradores da região foram selecionadas. A pesquisa não levou em conta apenas as matérias, também foram coletados dados nas colunas sociais, anúncios, charges, crônicas, editoriais - ou seja, todo o material publicado relacionado ao tema.

² Além de Governador Valadares, o jornal circula nas cidades de: Açucena; Alpercata; Belo Oriente; Campanário; Caratinga; Conselheiro Pena; Coronel Fabriciano; Divino das Laranjeiras; Divinópolis; Dom Cavati; Engenheiro Caldas; Fernandes Tourinho; Frei Inocêncio; Galiléia; Gonzaga; Governador Valadares; Guanhães; Inhapim; Ipatinga; Itanhomi; Mantena; Marilac; Mathias Lobato; Mendes Pimentel; Nacip Raydan; Nova Módica; Santa Efigênia; Sardeá; Tarumirim; Teófilo Otoni, Timóteo e Virginópolis.

Conforme foram sendo encontradas, as referências ao tema de pesquisa foram fotografadas em máquina digital e descarregadas no computador para leitura e análise. Inicialmente, todo o material foi catalogado em ordem cronológica e dividido em pastas de acordo com a data de publicação. Após essa primeira ordenação, os materiais foram categorizados por temas e, a partir daí, foi construída uma tabela específica para cada ano, depois, uma para cada década e, por fim, os cinquenta anos deram origem à tabela 1, que traz a frequência de cada tema nas diferentes décadas:

Tabela 1 – Frequência dos temas apresentados no *Diário do Rio Doce*

TEMAS	FREQUENCIA				
	1960	1970	1980	1990	2000
Agência de Turismo	00	00	111	72	27
Ajuda/ EUA	00	02	01	01	05
Americanos em Valadares	04	00	00	00	00
Banco do Brasil nos EUA	01	00	00	00	00
Bolsistas estrangeiros em Valadares	02	02	00	00	00
Capitão Dólar	00	00	00	375	00
Cartas/EUA	00	00	03	01	03
Casal Simpson	03	01	00	00	00
Caso Jean Charles	00	00	00	00	38
Coluna Dr. Joel	00	00	00	07	00
Comparação – Brasil/EUA	00	03	24	03	01
Cônsul dos EUA em GV	00	01	02	03	07
Crimes de Brasileiros/EUA	00	00	14	42	61
Crise Econômica/Inflação	00	00	85	12	00
Crise/EUA	00	00	00	03	45
Críticas ao Brasil/GV	00	00	10	00	02
Curso de Inglês	08	41	95	07	00
Declínio Populacional	00	00	04	02	00
Desemprego	00	00	11	06	03
Desvalorização da Moeda /Alta do Dólar	00	01	147	01	06
Discriminação Brasileiros /EUA	00	00	03	07	04
Dólar em Baixa	00	00	00	08	00
Dólares/ Construção Civil	00	00	02	04	10
DRD nos EUA	00	00	05	01	02
Emigração para os EUA	00	01	07	06	09
Emigração para outros países	00	02	07	08	16
Emissão de Passaporte/Visto	01	02	13	10	39
Estrangeiros no Brasil	00	01	10	00	00
Estudantes (Bolsistas) nos EUA	11	12	01	00	00
Falsificação de Documentos	00	05	22	53	56
Fuga para os EUA	00	00	04	01	20
Governador Valadares	00	00	00	02	01
Governo dos EUA /Imigração	00	03	16	02	24
Green Card	00	00	00	05	18
Imigração / Imprensa	00	00	17	05	16
Imigração Indocumentada	02	01	22	11	18
Imigração/Comportamento	00	00	00	03	12
Imigração/Cultura	00	00	01	02	18

TEMAS	1960	1970	1980	1990	2000
Impressões sobre os Estados Unidos	26	00	00	00	00
Influência dos EUA	00	03	03	01	03
Jornal Étnico	00	00	02	00	01
Legalização	00	00	06	00	01
Livros/Imigração	00	00	00	13	07
Migração Interna	00	00	04	01	00
Morte/Acidentes de Brasileiros nos EUA	00	01	12	30	99
Oferta Bolsas de Estudo	10	09	03	01	00
Ofertas para Imigrantes	00	00	09	12	06
Pesquisas/Imigração	00	00	00	19	27
Políticas Públicas/Imigração	00	00	01	24	124
Prisão/Deportação	00	00	35	13	50
Protesto/Imigrantes	00	00	00	00	11
Remessas	00	00	02	20	35
Rotary Clube	20	02	00	00	00
State News Interno	00	00	08	164	00
State News Retorno	00	00	00	00	193
State News Suplemento	00	00	00	133	00
Terrorismo/Guerra	00	00	00	00	23
Time de Brasileiros nos EUA	00	00	02	03	00
Turismo / EUA	00	02	06	00	00
Valadarenses nos EUA (Passeio/Compromisso)	07	04	01	00	00
Valadarenses nos EUA (Trabalho/Moradia)	02	23	38	14	04
Viagem para os EUA mesmo com a Crise	00	00	07	00	00
Total	97	122	776	1111	1045

Fonte: Pesquisa no DRD, 2010

Após a seleção e classificação, os temas foram analisados em três diferentes períodos. Ou seja, os anos de 1960 e 1970 compuseram a primeira etapa da análise, seguidos pelos anos de 1980 e 1990 e, finalmente, os anos 2000. Todo o material coletado consiste num total de 3.151 publicações, incluindo anúncios, reportagens, matérias, crônicas, artigos, editoriais, colunas sociais e charges. Além disso, também foram submetidas à análise as tirinhas jornalísticas do *Capitão Dólar* e o suplemento *States News*. Para facilitar a análise, os temas afins foram agrupados e divididos nas seguintes categorias finais:

- 1. Turismo:** englobou as seguintes subcategorias: Agência de Turismo e Turismo/ EUA, Viagem para os EUA mesmo com a crise, que fala sobre o alto índice na venda de passagens para o exterior, mesmo com os problemas enfrentados pela economia brasileira nos anos de 1980.
- 2. Bolsas de Estudo:** englobou as seguintes subcategorias Bolsistas estrangeiros em Valadares, Estudantes (Bolsistas) nos EUA e Oferta Bolsas de Estudo
- 3. Curso de Inglês**
- 4. Crise Brasileira:** englobou as seguintes subcategorias: Crise Econômica/Inflação, Desvalorização da Moeda /Alta do Dólar e Desemprego

5. **Comparações entre Brasil e Estados Unidos:** englobou as seguintes subcategorias: Comparação – Brasil/EUA e Críticas ao Brasil/GV
6. **Crise Norte-Americana** - essa categoria final englobou as seguintes subcategorias: Crise/EUA e Dólar em Baixa
7. **Esquemas ilícitos de acesso aos Estados Unidos:** englobou as seguintes subcategorias: Falsificação de Documentos e Imigração Indocumentada
8. **Emigração para os Estados Unidos** - englobou as seguintes subcategorias: Valadarenses nos EUA (Trabalho/Moradia), Imigração/Comportamento, Imigração/Cultura e Emigração para os EUA
9. **Políticas Públicas/Imigração**
10. **Remessas:** englobou as seguintes subcategorias: Remessas e Dólares/Construção Civil
11. **Governo Norte-Americano e os Imigrantes** - englobou as seguintes subcategorias: Governo dos EUA /Imigração, Prisão/Deportação, Protesto/Imigrantes e Discriminação de Brasileiros /EUA.
12. **Crimes de Brasileiros/EUA**
13. **Morte/Acidentes de Brasileiros nos EUA**
14. **Emigração para outros países**
15. **Imigração / Imprensa**
16. **Ofertas para Imigrantes**
17. **Migração na perspectiva acadêmica** - englobou as seguintes subcategorias: Pesquisas/Imigração e Livros/Imigração
18. **Capitão Dólar** – reúne as tirinhas jornalísticas com a história do personagem
19. **States News** – engloba todas as edições do informativo que circulava no Brasil e nos Estados Unidos

Além do conteúdo das reportagens, vale ressaltar que o jornal é dividido em uma série de editorias e cada parte tem características específicas, levadas em conta na análise. As matérias precisam ser separadas - um texto de cunho opinativo não pode ser analisado da mesma forma que uma matéria meramente informativa ou de outra, interpretativa, que aprofunda mais o tema. Por isso, essa diferenciação foi levada em consideração na análise.

As categorias foram reagrupadas em dimensões maiores que são os gêneros: informativo (matérias, reportagens, notas), opinativo (crônicas, artigos e editoriais) utilitário (prestação de serviços), ilustrativo (charges e fotografias) e propaganda (conteúdo

publicitário). Dentro do gênero opinativo, ainda há duas divisões: a Coluna Social e a Coluna Informativo³. O *States News* e as tirinhas do *Capitão Dólar* são agrupados em uma categoria específica, para facilitar a compreensão. Com relação ao gênero, elaboramos a seguinte tabela:

Tabela 2 - Frequência de Gênero apresentado no *Diário do Rio Doce*

GÊNERO	FREQUENCIA				
	1960	1970	1980	1990	2000
Opinativo (Artigos /Crônicas e Editoriais)	30	01	16	05	14
Informativo (Notas/Matérias/Chamadas de Capa)	50	23	319	279	763
Utilitário (Prestação de Serviço)	14	08	00	07	00
Opinativo (Coluna Social)	01	40	24	05	03
Propaganda (Comercial)	02	46	218	103	34
Ilustrativo (Fotografia/Charge)	00	04	41	33	38
Opinativo (Coluna Informativo)	00	00	150	07	00
States News	00	00	08	297	193
Capitão Dólar	00	00	00	375	00
Total	97	122	776	1.111	1.045

Fonte: Pesquisa no DRD, 2010

Não apenas a parte textual foi levada em consideração durante a análise, mas também as fotografias e caricaturas, que aparecem no jornal como forma de ilustrar a matéria. Estas imagens representam um elemento importante, pois fornecem dados descritivos que ajudam a compreender elementos subjetivos, além de fornecer uma percepção geral do meio e informações factuais específicas, que podem ser usadas em combinação com outras fontes.

As fotografias que aparecem num meio que se está a estudar podem dar uma boa percepção dos indivíduos que já não estão presentes, ou de como certos acontecimentos desse meio eram. (...) as fotografias podem oferecer-nos uma visão histórica dos meios e dos seus participantes (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.184)

Ao trabalhar com análise de fotografias é importante destacar que elas são um dado qualitativo e precisam ser submetidas a uma análise criteriosa. Por exemplo, o fotógrafo tende a realçar aquilo que considera importante, a obedecer as ordens dos superiores ou, até mesmo, às exigências das pessoas retratadas. No jornalismo isso é muito comum, enquanto alguns

³ A coluna informativo circulava diariamente no Diário do Rio Doce. Seu conteúdo era composto por pequenas notas com assuntos variados. Porém, estas notas tinham um caráter subjetivo e o autor demonstrava sua opinião de forma explícita nos textos. Por isso, estamos enquadrando-a no gênero opinativo.

sempre aparecem bem e com destaque, outros quase não aparecem e quando são clicados, normalmente, estão em situação comprometedora.

No mundo contemporâneo, a comunicação tem um papel cada vez mais importante, pois é a informação o recurso capaz de integrar os mais longínquos territórios geográficos, conectando o mundo em tempo real. Assim, os meios de comunicação, entre eles os jornais impressos, emergem como territórios simbólicos que produzem representações e significados, contribuindo para a construção social da realidade.

No próximo capítulo vamos trazer à tona aportes teóricos essenciais para a compreensão do fenômeno migratório - sua relação com o território valadarense e sua representação na mídia impressa, nosso território midiático de análise, cujo material, posteriormente, será verificado segundo as técnicas metodológicas explicitadas neste capítulo.

CAPÍTULO II: A MIGRAÇÃO NO BRASIL E NO CONTEXTO REGIONAL E SUA REPRESENTAÇÃO NO CONTEXTO MIDIÁTICO

2.1. MIGRAÇÃO NO CONTEXTO TERRITORIAL

No final do século XX, principalmente após a crise econômica enfrentada pelo Brasil a partir de meados dos anos 1980, o país adquiriu características de uma nação emigrantista, ou seja, exportadora de mão-de-obra. Patarra e Baeninger (1995) fazem referência a três tipos recentes de emigração/ imigração no Brasil: a de fronteira, voltada para extensão de uma área agrícola, como no caso dos brasiguaios⁴; a emigração de brasileiros para o exterior; e a chegada de imigrantes coreanos e mão-de-obra clandestina na região metropolitana de São Paulo, cenário que se repete continuamente nas chamadas “cidades globais”.

O cenário recente contraria a história do país, pois acontecia, até o século passado, o inverso do processo migratório registrado nos dias de hoje. O Brasil era um país marcado pela imigração e caracterizado pela aptidão acolhedora. Bassanezi (1995) destaca o impacto da chegada dos imigrantes ao país nos séculos XIX e XX, que provocou mudanças consideráveis na formação do território brasileiro.

Quando abordamos o conceito de território é importante fazer uma distinção no que se refere ao espaço. Esses não são termos equivalentes. Raffestin (1993) define que um território é formado a partir do espaço⁵ e compreende o resultado de uma ação conduzida por ator sintagmático⁶ – quando o espaço é apropriado, seja de forma concreta ou abstrata (por uma representação, por exemplo), ocorre o processo de territorialização. O território é entendido como o espaço socialmente apropriado, produzido, dotado de significado, onde são firmadas as relações de poder estabelecidas pelo ser humano e o espaço é constantemente modificado.

O território (...) [é] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN, 1993, p.2).

⁴ Brasileiros que vivem na fronteira com o Paraguai

⁵ O espaço é anterior ao território. O território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço

⁶ Ator que realiza um programa

O conceito de território é polissêmico e agrupado por Haesbaert (2004) em três vertentes: a política, que compreende o território como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce poder; a cultural, uma dimensão mais subjetiva em que o território é compreendido como produto de apropriação simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido, e a econômica, que enfatiza o território como fonte de recursos. No mundo contemporâneo é trabalhada a possibilidade de existência de uma multiterritorialidade, ou seja, a coexistência de diversos territórios articulados na forma de redes.

Já Deleuze e Guattari (apud HAESBAERT, 2004) propõem uma noção mais ampla de território, como um dos conceitos chave da filosofia, em dimensões que vão do físico ao mental, do social ao psicológico, e de escalas que vão desde um galho de árvore desterritorializando até as reterritorializações absolutas do pensamento. É necessário ver como cada um, em qualquer idade, nas menores coisas, como nas maiores provações, procura um território para si, suporta ou carrega desterritorializações e se reterritorializa.

É esse sentido que consideramos que a chegada dos imigrantes trouxe modificações profundas na estrutura social, econômica e demográfica e também teve papel importante na evolução e na formação da composição da população brasileira, marcando um processo constante de territorialização e reterritorialização do espaço. Ao chegarem, os indivíduos ocupam pontos no espaço e são distribuídos a partir de modelos que podem ser aleatórios, regulares ou concentrados.

Os principais fluxos que contribuíram para a diversificada composição do território e da população brasileira foram os portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses. Amati (2005) assinala que as diversas correntes migratórias do século XIX, apesar das especificidades, apresentavam traços de semelhança. Nessa época, as populações de países industrializados, ou em processo de industrialização, deixavam o lugar de origem rumo aos países “desindustrializados”, repletos de áreas a serem exploradas e com mão-de-obra escassa, como era o caso do Brasil.

No século XIX, o continente Europeu foi marcado pela reestruturação da ordem econômica, política, social, demográfica e cultural. A transição demográfica, desencadeada a partir do desenvolvimento do capitalismo industrial, transformou as populações dos países da Europa em imigrantes potenciais. O desenvolvimento de navios a vapor, da comunicação e dos telégrafos facilitou o deslocamento dos imigrantes para países como o Brasil, que passava por um processo de substituição de mão-de-obra, após o fim do trabalho escravo.

De acordo com Patarra e Baeninger (1995), os anos de 1950 encerraram o período que caracterizou o Brasil como um país receptor de imigrantes. Na década de 1980, com a nova dinâmica do capitalismo, marcada pela globalização da produção e a flexibilidade dos processos de trabalho, os movimentos migratórios ganham um novo sentido, passando a se orientar na direção periferia-centro, ou seja, dos países subdesenvolvidos para os desenvolvidos, como é o caso da emigração de valadarenses para os Estados Unidos.

Essa reestruturação produtiva configurou o surgimento das cidades globais (SASSEN, 1988) e, ao mesmo tempo em que o mercado absorveu mais mão-de-obra de alto nível, também cresceram as vagas no mercado secundário de trabalho, no qual os imigrantes são absorvidos. E são justamente as cidades globais que recebem os maiores fluxos migratórios contemporâneos.

(...) As cidades globais tendem a compor uma rede internacional de localidades e espaços privilegiados e transterritorializados, com a canalização de importantes fluxos migratórios internacionais. (PATARRA E BAENINGER, 1995, p.86)

De acordo com Patarra (2005), associados à reestruturação produtiva em escala global, os movimentos migratórios internacionais contemporâneos são a contrapartida da reestruturação territorial planetária, com novas modalidades de mobilidade de capital e população em diferentes partes do mundo. A autora também destaca que as constantes notícias acerca do tema e o fato de a migração já ter sido até mesmo tema de novela ajudaram a reforçar a consolidação de um novo movimento no país: a saída massiva de emigrantes.

Esses novos fluxos migratórios são um tema complexo e não existe uma teoria única ou definitiva capaz de explicar o funcionamento dessa dinâmica. No próximo item, serão apresentados os principais referenciais teóricos acerca do tema. É importante destacar que, para compreender o fenômeno, não devemos levar em consideração apenas uma, mas o conjunto de teorias que serão apresentadas a seguir. A associação entre elas é que nos permite compreender melhor a mobilidade humana.

2.2. TEORIAS DA MIGRAÇÃO

O fenômeno da migração não era compreendido enquanto problema sociológico no século XIX e no início do século XX. Na visão de clássicos da sociologia, a migração era naturalizada, ou seja, tida como consequência do modo de produção capitalista e do acelerado

desenvolvimento urbano-industrial. Assim, era deixada em segundo plano pelos analistas. (RICHMOND apud SASAKI e ASSIS, 2000)

Porém, a chegada do século XX acarretou o aumento dos deslocamentos populacionais de europeus em direção ao continente americano - o destino preferencial eram os Estados Unidos. Dada essa realidade, o debate sobre o tema foi intensificado pelos teóricos da sociologia contemporânea. O primeiro trabalho sobre a cultura e a organização social dos imigrantes foi elaborado por Thomas e Znaniecki (1918) e analisou a chegada dos poloneses à América do Norte. O objetivo principal era compreender de que forma uma sociedade singular seria construída perante a presença dos imigrantes.

Apesar de fazer referência específica aos poloneses que desembarcaram nos Estados Unidos entre 1880 e 1910, *The Polish Peasant in Europe and America* (1918) trouxe uma contribuição importante, ao destacar a quebra dos laços e as conseqüências do processo migratório na organização da estrutura familiar. De acordo com os autores, o processo básico propunha a constituição de uma sociedade formada a partir dos fragmentos da sociedade polonesa incluídos na sociedade norte-americana (KOSMINSKY, 2007).

No entanto, essa nova sociedade, conforme indicam os estudos da Escola de Chicago⁷, estava relacionada a processos de adaptação, aculturação e assimilação dos migrantes, transformando-os em grupos inclusivos, mas sem implicar o abandono total de seu modo de vida. Para definir, foi criado o termo *melting pot*, que se refere ao processo americanização dos imigrantes. A idéia era que os recém-chegados seriam rapidamente assimilados e adaptados ao padrão de vida norte-americano.

O *melting pot*, contudo, não se consolidou. A década de 1950 assinala a chegada de novos imigrantes e em vez do processo de americanização é verificado o surgimento de enclaves étnicos, colocando em questão as hipóteses assimilacionistas (SASAKI e ASSIS, 2000). Esse período também marca uma importante mudança na direção dos fluxos migratórios, até então orientados da Europa para as Américas. O período pós-guerra configura um novo fluxo, que sai da América Latina para os Estados Unidos e das ex-colônias rumo a Europa, acarretando transformações étnicas, de classe e gênero (SIQUEIRA, 2006).

Segundo Sales (1992) até os anos de 1950, os migrantes eram considerados temporários tanto na origem quanto no destino, sendo a migração algo benéfico para ambos.

⁷ Designa um conjunto de pesquisas qualitativas com metodologia interacionista e multidisciplinar, envolvendo sociologia, antropologia, ciências políticas e filosofia realizados pela Universidade de Chicago. (SIQUEIRA, 2006, p.155).

No país de origem, aliviava o desemprego e o excedente populacional; no destino os imigrantes ocupavam as lacunas deixadas pelos nativos no mercado de trabalho, exercendo tarefas desprezadas e suprimindo a falta de mão-de-obra.

Mas, aos poucos, o temporário começa a se transformar em permanente. Essa mudança gera um conflito nos países de destino com relação à presença dos imigrantes. Na década de 1970, mesmo com a redução das políticas que propunham a entrada de imigrantes para suprir as exigências do mercado de trabalho, o fluxo de imigrantes documentados permanece. Porém, cresce a migração indocumentada. A partir de então, com a decadência das propostas pautadas na americanização, a discussão volta-se para o mercado de trabalho. Nesse campo, que aproxima sociologia e economia, destacam-se dois eixos teóricos: a teoria neoclássica e os novos economistas.

A teoria neoclássica, também denominada convencional, tem como referência a análise da correlação das forças de mercado, com base nas diferentes taxas salariais entre os países. Borjas (1990), um expoente dessa teoria, descreve a migração como um “jogo de mercado⁸”, em que a mão de obra se move de acordo com os salários oferecidos, orientando o fluxo de acordo com a situação econômica dos países de origem e destino. O migrante avalia a relação custo e benefício da migração e determina sua decisão, sendo visto, portanto, como um ser economicamente racional, que busca melhorar suas condições de renda e sobrevivência. A migração, na perspectiva neoclássica, passa a ser entendida como a somatória de indivíduos que se deslocam em função de renda (SIQUEIRA, 2006).

Tal olhar puramente economicista que não prioriza a análise da sociedade, mas foca em ações individualizadas, recebeu críticas de vários estudiosos, como Portes (1995) e Piore (1979). Este, apesar de considerar a atração dos migrantes por países mais desenvolvidos, recrimina a explicação do fenômeno pela variável econômica, pois mesmo com o aumento da receita ou o surgimento de melhores oportunidades de emprego em países fornecedores de indivíduos, a migração continuaria existindo.

Segundo Sassen (1988), uma contradição clássica dessa teoria está no fato de que são raros os imigrantes oriundos das regiões mais pobres do mundo. A maioria deles é proveniente de países em processo de desenvolvimento, como é o caso do Brasil. E, nos países emergentes, os migrantes também não se originam das classes mais baixas. Na verdade, quem iniciou e ainda mantém o fluxo são, na maioria, cidadãos da classe média

⁸ *Global Migration Market* -. Nesta perspectiva os indivíduos racionalmente as vantagens e desvantagens de sair do país.

Portes (1995) define que, apesar da racionalidade dos indivíduos, suas ações são orientadas socialmente, e propõe a compreensão dos aspectos étnicos associados aos econômicos. Para ele, o fenômeno migratório é compreendido a partir de um enfoque social, em que os indivíduos fazem parte de uma estrutura permeada por relações sociais, que interferem tanto na vida do migrante quanto no projeto de migrar. A decisão, além de levar em conta os aspectos econômicos, considera os anseios da coletividade.

As críticas à teoria convencional contribuíram para o surgimento de uma abordagem diferente, os novos economistas, que compreendem o projeto de migrar como uma construção coletiva e socialmente orientada. Para Massey (1998), essas unidades buscam, além de maximizar os rendimentos, minimizar os riscos. Em consequência, o diferencial de renda não é fator preponderante, ou único, para justificar a migração.

Outra perspectiva que surge na tentativa de compreender o fenômeno da migração é a teoria histórico-cultural que associa a migração de pessoas e capitais. Essa abordagem concentra as investigações no país de destino, ou seja, nas condições estruturais oferecidas para os imigrantes. Sales (1999) apresenta duas vertentes para essa teoria: uma centrada na segmentação do mercado de trabalho e a outra referente à mobilidade do capital.

Na teoria da segmentação, a migração internacional está relacionada à demanda por mão-de-obra, intrínseca às sociedades industrializadas. Os teóricos evidenciam a existência de um mercado dual de trabalho, em que nativos e imigrantes se complementam. Os dois grupos distintos atendem a oportunidades de emprego também distintas. De acordo com Massey (1998), os países do primeiro mundo necessitam de mão-de-obra estrangeira para executar trabalhos desprezados pelos trabalhadores locais – nesse mercado segmentado há espaço para os estrangeiros e os nativos.

A segmentação pode ser explicada da seguinte forma: os trabalhadores locais se encaixam no mercado primário, que requer qualificação, oferece melhores salários e possibilidade de promoção; já os trabalhadores imigrantes ocupam o mercado secundário, com baixa remuneração e qualificação, além de possibilidades remotas de ascensão.

Os fluxos migratórios são fomentados não apenas pelos fatores de expulsão, nos países de origem, mas são, também, conseqüências de como os países desenvolvidos resolvem os seus problemas de escassez de mão-de-obra, criando programas de

recrutamento de estrangeiros⁹, dando início, assim, aos fluxos migratórios (SIQUEIRA, 2006, p. 33).

De acordo com o eixo abordado acima, a partir da reestruturação econômica e da internacionalização dos processos produtivos, no final do século XX, há uma ruptura da estrutura tradicional de trabalho e uma mobilidade do capital. Segundo Sassen (1988), essa mobilidade cria um espaço transnacional, em que o fluxo de indivíduos é apenas um, entre tantos outros.. A pesquisadora não exclui a teoria do mercado segmentado, mas a insere em um contexto global.

Borjas (1990) traz uma perspectiva diferente, intitulada capital humano, que define a qualificação como fator determinante do posicionamento do indivíduo no mercado de trabalho. De acordo com esse enfoque, os imigrantes indocumentados e sem qualificação apresentam um custo alto, pois mesmo com a situação irregular podem usufruir das políticas assistencialistas do estado norte-americano – o *welfare state*. Esses imigrantes são vistos como uma ameaça, pois disputam com os nativos uma colocação no mercado de trabalho, além de rebaixar os salários. Segundo o autor, a melhor alternativa para evitar o comprometimento da receita dos países de destino é investir em imigrantes qualificados.

A reestruturação econômica e o processo de industrialização, com a criação de centros altamente tecnológicos, trazem em si uma contradição; ao mesmo tempo em que há a necessidade de mão-de-obra altamente especializada, são criadas vagas em setores mal remunerados e desqualificados. As vagas, muitas vezes, são ocupadas por imigrantes indocumentados, que aceitam as condições devido à situação irregular no país, ao contrário dos nativos que exigem o cumprimento das leis trabalhistas.

A complexidade do fenômeno migratório exige a análise em um contexto de relações sociais, que insere esses imigrantes em redes. Os investigadores têm dedicado cada vez mais atenção aos processos sociais de mediação e às estruturas sociais reticulares que se desenvolvem entre as regiões de partida e de chegada, pois tais fenômenos constituem uma espécie de base de articulação capaz de suportar e explicar o processo real de intercâmbio, entre as regiões de procedência e as regiões de recepção. (FUSCO, 2000).

Emerge, então, a teoria das redes sociais, uma análise alternativa e complementar às perspectivas economicistas. Essas redes criam um canal de interação entre origem e destino,

⁹ A autora cita como exemplo os programas *Guest Workers na Europa e o Bracero Program* nos Estados Unidos, criados no pós-guerra, ofereciam postos de trabalho temporários para suprir a necessidade de mão-de-obra. Os programas foram encerrados nos anos 1970.

através do qual há trocas de informações, recursos materiais e até mesmo indivíduos. A partir delas, é possível estabelecer um laço entre as sociedades. A direção do fluxo também acaba sendo definido pelas redes, pois os emigrantes se deslocam para as regiões em que existem elos com a sociedade de origem.

As redes podem ser diferenciadas em várias dimensões, dentre as quais é possível destacar o tamanho, que se refere ao número de participantes; a densidade, que enfatiza os laços existentes entre os seus membros; a centralidade, que se relaciona ao poder: quanto menor a centralidade, mais eficaz será a rede em criar expectativas comuns; a ramificação ou agrupamento, que menciona o grau de densidades dos cliques¹⁰ em relação à rede como um todo; e a multiplicidade, que é o grau ao qual as relações entre os participantes incluem esferas institucionais sobrepostas. (DOMINGUES, 2008b)

As redes funcionam como uma instituição invisível, que conecta regiões e pessoas (FAZITO, 2002). Cada migrante possui uma rede limitada de parentes, amigos e instituições, mas quando esses imigrantes se agrupam, as redes dão origem a uma teia de relações, que envolve um número cada vez maior de pessoas, sejam elas migrantes ou não. Desta forma, a migração se converte em um produto social e não individual.

Massey (apud FUSCO, 2000), um dos expoentes dessa teoria, define as redes sociais como laços que ligam comunidades de origem a pontos específicos nas sociedades de destino. Hierarquicamente, os migrantes se apoiam em relações de parentesco, amizades, lugar de origem comum, associações e entidades assistencialistas. Tal apoio é fundamental para a adaptação em um ambiente até então desconhecido.

Para Tilly (1990), a teoria empurra e puxa (*push and pull theory*) que explica o fenômeno migratório com base nas diferenças salariais entre os países não é suficiente. É a rede que fornece as conexões e minimiza as dificuldades de uma empreitada repleta de riscos como a migração transfronteiriça. Ao chegar a um novo país o imigrante traz consigo suas identidades étnicas que entram em contato com a sociedade de destino e outros migrantes, em um processo constante de construção e reconstrução de identidade.

¹⁰ Portes (1995) define os *cliques* como formações de grupos por pessoas ligadas umas às outras por atividades religiosas, proximidade residencial e na defesa de interesses comuns como o caso de perseguições. Nesses grupos além dessa defesa se busca duramente um controle maior sobre os recursos; os custos sobre violações de normas e das obrigações recíprocas são altos. Esses *cliques* podem ser compostos por pessoas com um nível de poder e centralidade similar – horizontais; ou com o predomínio de poder de um indivíduo que exerce o controle através da concessão de favores especiais aos subordinados em troca de respeito e colaboração – verticais.

Tilly defende ainda que as unidades efetivas da migração não são indivíduos ou famílias, mas grupo de pessoas ligado por algum tipo de laço seja de parentesco, amizade, trabalho. O autor destaca que, as redes sociais, apesar dos traços de solidariedade existentes nelas, também podem ser a causa de conflitos, porém esse fato não reduz a importância da rede como peça fundamental de adaptação do migrante ao novo contexto.

A análise da dinâmica migratória, consoante a perspectiva fornecida pelas redes sociais, põe à mostra que, em vez de uma série de transformações individuais na direção de uma cultura dominante no destino, os migrantes negociam novas relações/categorias dentro e por meio das redes: as trajetórias de mudança variam muito, de corrente para corrente migratória, porque a mudança se traduz numa dimensão coletiva e não apenas individual. (SOARES, 2002).

Atualmente o estudo das redes sociais é uma das ferramentas mais disseminadas nos estudos referentes à imigração. Essa perspectiva *rompe com a visão individualizante do processo migratório e ressalta a importância do conjunto de conexões estabelecidas, tanto na sociedade de origem como na sociedade de destino, para a viabilidade do projeto* (SIQUEIRA, 2008, p. 136). A partir dessa proposta o imigrante não se desvencilha de seus costumes, valores e identidade étnica, fatores que acabam por mudar as características da sociedade de destino.

Soares (2002) destaca alguns pontos que considera frágeis no estudo das redes sociais. Segundo ele, os discursos confundem rede social, pessoal e migratória, sem dar enfoque específico a cada um destes conceitos. No entanto, o autor não minimiza a importância das redes para a compreensão do fenômeno migratório, mas propõe uma conceituação teórica mais bem definida.

Para ele, as redes sociais são o conjunto de pessoas, organizações ou instituições conectadas por algum tipo de relação, sendo que uma rede social pode conter outra. Já a rede pessoal representa um tipo de rede social e tem como base relações de amizade, parentesco. A rede migratória, por sua vez, não é o mesmo que rede pessoal, que precede a migração e é adaptada, quando ocorre o ato de migrar.

Outra vertente teórica que vem sendo amplamente estudada é a transnacionalização. Contrapondo teorias assimilacionistas, essa abordagem não prevê uma ruptura definitiva entre os países de origem e destino. Mesmo em terras estrangeiras, o imigrante acompanha o dia a dia do seu país natal, contando com a ajuda dos meios de comunicação modernos.

(...) a transnacionalização, mais do que um conceito, significa estar entre dois lugares. Viver esta fragmentação representa para o imigrante ter um sentimento ambíguo com relação à terra natal e a de imigração, fazendo com que esta nunca se efetive por completo. (SASAKI e ASSIS, 2000, p.16).

Nesse contexto, o migrante se transforma em um transmigrante, um ser humano caracterizado por viver entre o desejo de retornar e o de permanecer. Ele não pode ser considerado permanente, pois alimenta a vontade de regressar para a terra natal, mas também não é temporário, já que mantém vínculos concretos com o país de destino. Ou seja, ele está, ao mesmo tempo, inserido em dois mundos, em um processo social que rompe fronteiras geográficas, culturais e políticas. (SASAKI e ASSIS, 2000)

Os migrantes são denominados de transmigrantes quando desenvolvem e mantêm múltiplas relações - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas com a origem, ampliando as fronteiras e colocando o local e o global em constante interação (GLICK-SCHILLER, BASCH e BLANC-SZANTON apud SASAKI e ASSIS, 2000).

Segundo Cassarino (apud DOMINGUES, 2008a), na perspectiva transnacional, o retorno não representa o fim do ciclo migratório. Pelo contrário, ele é componente de um sistema circular de trocas e relações socioeconômicas que facilita a reintegração dos migrantes, ao mesmo tempo em que promove troca de informações e o intercâmbio de pessoas. É possível definir, a partir desses conceitos, dois campos de investigação: a identidade e a mobilidade transnacional.

A identidade transnacional agrega elementos da origem àqueles adquiridos na sociedade de destino, pois na readaptação à terra natal não há o abandono das identidades adquiridas durante a emigração. Apesar das dificuldades na hora da reintegração, a conexão entre os dois lugares, que configura a mobilidade transnacional, se transforma em um mecanismo facilitador.

Os transmigrantes representam uma significativa categoria de emigrantes que desenvolvem a possibilidade de vivência e visibilidade social na comunidade de origem e no país de imigração. Essa análise engloba, portanto, o discurso do local e do global, repensando o mercado de trabalho, o sistema econômico e sociocultural. (DOMINGUES, 2008b).

Neste trabalho, o foco são os migrantes de uma localidade específica, a Microrregião de Governador Valadares¹¹, pioneira na emigração de brasileiros para os Estados Unidos. No próximo item vamos conhecer as especificidades que transformaram essa localidade no ponto de partida e uma das principais referências, quando o assunto é a migração internacional.

2.3 A MIGRAÇÃO NA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES

Governador Valadares está situada na região leste do estado de Minas Gerais, mais precisamente na mesorregião do vale do Rio Doce, a uma distância de 303 quilômetros da capital Belo Horizonte. O município é um importante polo econômico regional. Seus 263.594 habitantes estão distribuídos em uma área de 2.342 Km² (IBGE, 2010) A região demorou a ser ocupada e sua história se assemelha a de outras cidades mineiras, cujo crescimento foi impulsionado pela construção da estrada de ferro Vitória-Minas.

Segundo Siman (1988) a mata mineira, ou os sertões do leste, como eram conhecidas as bacias dos rios Jequitinhonha, Doce e Mucuri, além de parte da Zona da Mata, foi reconhecida por expedicionários durante o século XVI, porém a região permaneceu intocada até a segunda metade do século XVII, quando os índios botocudos se dirigiram para lá. No entanto, esses habitantes eram temidos por serem considerados antropófagos.

Para atender aos interesses do poder colonial, o Rio Doce, parcialmente navegável até o mar, representava um acesso que deveria ser mantido fechado. Contudo, para compensar as perdas econômicas originadas com o declínio da atividade mineradora, era necessário expandir as fronteiras. A região leste deveria, então, ser ocupada e interligada à economia nacional.

Antes, como destaca Siman (1988), os índios botocudos eram úteis para evitar o contrabando de ouro, mas com o esgotamento das reservas auríferas, a região deixou de ser

¹¹ De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, a microrregião representa um agrupamento de municípios limítrofes, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, definidas por lei complementar estadual. Consequentemente, o termo é muito mais conhecido em função de seu uso prático pelo IBGE que, para fins estatísticos e com base em similaridades econômicas e sociais, divide os diversos estados da federação brasileira em microrregiões. A microrregião de Governador Valadares é composta por 25 municípios: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocência, Galileia, Governador Valadares, Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Mathias Lobato, Nacip Raydan, Nova Mógica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixo, São José da Safira, São José do Divino, Sobralia, Tumiritinga e Virgolândia.

uma área proibida para se transformar em um ponto estratégico de colonização. Nessa perspectiva, os indígenas se transformaram em habitantes indesejados de uma área, agora liberada para ocupação.

Limpar o rio e suas margens, afugentar os índios para o interior das selvas, aprisioná-los ou exterminá-los, sempre que resistissem, eram as linhas da política indigenista das três primeiras décadas do século XIX e do projeto de civilização para a região. (SIMAN, 1988, p.26)

O início do século XIX foi marcado por sucessivos atos políticos para a ocupação da região. Em 1823, foi instalado o quartel Dom Manuel, situado à margem norte do Rio Doce, onde hoje se encontra a cidade de Governador Valadares. Esse quartel protegia o rio e os colonos dos ataques dos indígenas, e com o tempo, transformou-se em porto, ao redor do qual surgiu um pequeno povoado. O porto, então, foi integrado ao núcleo central dessa região, a cidade de Peçanha, e elevado à categoria de Distrito (Lei Provincial nº 3198, de 1884). A partir daí estava aberto o caminho para a civilização.

Agora, a palavra de ordem é adentrar a selva, dominá-la, rasgá-la, explorá-la, colocá-la em relação com as outras regiões. Dela se projeta a imagem da riqueza fácil e da passividade da Natureza diante da ação do homem. A imagem da devastação e da derrota dos indígenas estarão amparadas pelo progresso e civilização da região (SIMAN, 1988, p.45)

O distrito recebeu o nome de Figueira do Rio Doce. Ao ser incorporado ao município de Peçanha, iniciava um circuito comercial entre o leste, o litoral e o centro-sul – um entreposto comercial, onde se dava o encontro das tropas com as canoas. O distrito era parada obrigatória para aqueles que subiam e desciam o rio, dando início a um processo de acumulação de riquezas. (SIMAN, 1988).

Em 1905, os trilhos da estrada de ferro chegaram ao Vale do Rio Doce. A construção da ferrovia era a única solução para o transporte no país, pois o rio não era navegável em toda a sua extensão, o que tornava o transporte fluvial mais complicado. No entanto, não havia mão-de-obra disponível para executar a obra, pois era uma área erma e com uma população constituída por passageiros, pequenos comerciantes, aventureiros e os remanescentes indígenas. O trabalho na região não era convidativo devido à elevada incidência de doenças como a malária. Por isso, os trabalhadores vinham das regiões mais pobres do Brasil.

Os imigrantes terão um dia monumento em diversos pontos do país, que comemorarão o início de suas atividades na terra, que os recebeu com carinho e que é a pátria dos seus descendentes, mas os desbravadores dos sertões, os desbravadores das riquezas ocultas, os jornaleiros das vias de penetração, que

enfrentaram epidemias, embora brasileiros, serão lembrados apenas nos discursos improvisados por oradores (ALEMEIDA, 1959, p.241, apud SIMAN, 1988, p.60)

A inauguração da ferrovia trouxe progresso para a cidade. Pioneiros e forasteiros¹², como se denominavam e, sobretudo, eram denominados, chegavam de todas as regiões vizinhas. Além dos brasileiros, vieram também estrangeiros: norte-americanos, italianos, espanhóis e posteriormente sírios e libaneses que se estabeleceram por aqui.

Em 1910 foi descoberto minério de ferro na região e a ferrovia passou a atender novos interesses, criando convênios com empresas estrangeiras. O comércio de café também era forte no começo do século XX, pois a região era um cruzamento de caminhos, ou seja, um mercado que se articulava com outros através de uma rota comercial: a ferrovia, que ligava Figueira ao resto do país.

Com a crise na cafeicultura, a atividade foi substituída pela criação de gado e pela extração dos recursos naturais. Nos anos de 1930 os minerais começaram a ser explorados, em especial a mica. A partir da II Guerra Mundial, a comercialização desse minério, utilizado pela indústria bélica, tornou-se um dos principais recursos da região.

A mica era o melhor e mais completo isolante térmico existente na época. O Brasil era um dos maiores fornecedores do mundo e o centro de produção era o estado de Minas Gerais. O minério era extraído em Governador Valadares e nos municípios vizinhos, mas era quase todo beneficiado nessa cidade e exportado para os Estados Unidos, através da Comissão de Compras Americana.

Naquela época, a arrecadação fiscal de Figueira superava a de Peçanha e a perspectiva de desenvolvimento era cada vez maior. O distrito foi emancipado em 1938 e desde já iniciaram as medidas para organizar a administração municipal, mas, o sistema de saúde e higiene era muito precário. *A prefeitura mantinha uma carrocinha e um caixão para o transporte dos mortos. A casa de caridade era ajudada por pequenos comerciantes e pelos feirantes* (SIMAN, 1988, p.97).

A cidade de Figueira mudou de nome em 1942, passando a se chamar Governador Valadares. Para a população, a mudança simbolizava a esperança de integrar a região ao estado e ao projeto de industrialização do país. É nesse contexto, que o cenário campestre da cidade começa a se alterar, surgindo cada vez mais serrarias, centros de beneficiamento de

¹² De acordo com SIMAN (1988) pioneiros são aqueles que vêm da região trazendo suas famílias, suas posses e raízes e vão se estabelecendo no comércio e nas terras locais. Já os forasteiros vêm de fora, peregrinando, de mãos vazias, sem sobrenome, solteiros e desagregados de suas raízes e que oferecem sua força de trabalho.

mica, abatedouros, armazéns, casas de comércio e escolas. Aos poucos, a cidade se transformava em um polo em torno do qual se articulavam as relações entre capital e trabalho.

Entre anos de 1940 e 1950 a população cresceu vertiginosamente e a cidade se desenvolveu de forma acelerada. No entanto, nas décadas seguintes, com o esgotamento dos ciclos exploratórios, a dinâmica demográfica do Vale do Rio Doce apresentou decréscimo. Segundo Assis (1995) enquanto o estado de Minas Gerais manteve a taxa de crescimento anual em 1,5%, a Região do Doce chegou a experimentar, na década de 1970, crescimento negativo de 1,14%.

Parte do declínio populacional é associada ao fenômeno da migração. Quando se fala em emigração, antes dos anos de 1960, no cenário brasileiro, logo vem ao imaginário popular os deslocamentos internos, como, por exemplo, trabalhadores rurais que saíam do nordeste, principalmente em período de seca, em busca de melhores oportunidades de emprego nas regiões mais desenvolvidas no país, como o sul e o sudeste industrializado.

Minas Gerais sempre foi marcada pelos movimentos migratórios. Entre 1900 e 1920, o estado foi responsável pela geração de 40% das emigrações líquidas internas no país. A década de 1960 evidencia o grande corredor migratório formado pelo Vale do Rio Doce, Zona da Mata e Sul de Minas. As três regiões são responsáveis por 62% do êxodo rural e 82% das migrações de mineiros para outros estados (ALMEIDA, 2003).

Apesar de ser uma região que exporta mão-de-obra para outros estados do Brasil, aos poucos é possível observar um grande número de brasileiros, inclusive mineiros, aventurando-se para além das fronteiras que demarcam o território nacional, fenômeno que ganhou força nos anos de 1980, década marcada pela recessão da economia brasileira. Nesse cenário, destacam-se os valadarenses, pioneiros no fluxo migratório em direção aos Estados Unidos. (MARGOLIS, 1994).

Conforme foi explicitado no início desse item, Governador Valadares revela uma longa história de ocupação e exploração que remonta ao século XVII. Como está localizada em um ponto estratégico em relação às fontes produtoras de minérios e pedras semipreciosas, a cidade atraiu muita gente para executar atividades de apoio à mineração, inclusive estrangeiros. Essa característica é um dos fatores que ajudou a formar na cidade um quadro propício à emigração. O contato entre os Valadarenses e os norte-americanos começou ainda na década de 1940, com a exploração da mica, que chamou a atenção de empresas norte-americanas, interessadas na extração e comercialização da substância.

Os trabalhadores estrangeiros, de maioria norte-americana, chegaram à cidade para trabalhar com a exploração do minério e posteriormente ajudar na ampliação da estrada de ferro Vitória - Minas¹³. Também, a partir de uma parceria entre os dois países, foi criado o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) para o tratamento de água e combate a doenças como a malária. A melhora no serviço de saúde foi essencial para o desenvolvimento da cidade, pois conforme assinalamos anteriormente, as condições de saneamento e higiene eram precárias, favorecendo a proliferação de epidemias.

A partir desse contato entre os valadarenses e os norte-americanos, foi criada no imaginário local a idéia dos Estados Unidos como uma terra promissora, com possibilidades de emprego e ascensão social, ou seja: a terra das grandes oportunidades. De certa forma, esse país incorpora-se à extensão do conhecimento geográfico da sociedade valadarense, torna-se uma referência concreta, que já não faz parte de um mundo qualquer, pois ganha contornos definidos nas relações que se estreitam comercialmente. (SOARES, 1995).

Pesquisadores da área como Bicalho (1989), Sales (1991), Margolis (1994), Assis (1995), Almeida (2003), Siqueira (2006) destacam a presença norte-americana na cidade na década de 1940 como um fator contribuinte para a migração. Contudo, a saída de valadarenses só começou nos anos de 1960. Siqueira, Assis e Campos (2010) afirmam que antes daquele período nenhum valadarense emigrou para os Estados Unidos.

Além de Governador Valadares, outras cidades brasileiras também receberam imigrantes à época. No entanto, o fluxo migratório para o exterior não foi configurado em outras localidades. Assim, é possível constatar que o vínculo estabelecido com os estrangeiros foi apenas um, entre um conjunto de fatores, que determinou a saída de valadarenses em direção ao exterior. (AMORIM, DIAS, SIQUEIRA, 2008).

Outro fator importante que impulsionou a emigração foi a tradição histórica da região de Valadares, marcada por ciclos econômicos baseados no extrativismo predatório. Com o decorrer da exploração, tais práticas apresentaram sinais de esgotamento e já não eram capazes de se auto-sustentar. Assim, a partir dos anos de 1960, a região enfrentou uma forte estagnação econômica. *A substituição de uma atividade predatória por outra, acabou por*

¹³ Na década de 50, os americanos que trabalhavam para a Morrison-Knudsen (um consórcio de empresas entre EUA e Canadá) estiveram em Governador Valadares para trabalhar e prestar consultoria na modernização da estrada de ferro Vitória Minas, que pertence a Vale. Data deste período a construção de um acampamento com um conjunto de casas de padrão americano, que hoje é um bairro residencial da cidade e já não apresenta mais as características de construção americanas.

gerar o declínio dessas atividades e a impossibilidade de as mesmas continuarem existindo como base econômica da cidade e região (AMORIM, 2008, p.3).

Espíndola e Osterbeek (2008) afirmam que há uma relação direta entre os problemas estruturais atuais e a forma como ocorreu a territorialização na região do Vale do Rio Doce, especialmente entre 1930 e 1960. Tanto o desenvolvimento quanto a retração regional foram muito rápidos e não permitiram a firmação de laços de pertencimento e a criação do referencial simbólico necessários para a consolidação de uma identidade cultural e de uma sinergia regional.

O quadro social marcado pela queda contínua de rendimentos das famílias, pelas crescentes dificuldades financeiras e pela falta de perspectivas de futuro fez da emigração a válvula de escape para dezenas de milhares de pessoas. (Espíndola e Osterbeek, 2008, p.25).

Nesse contexto de estagnação está inserida a primeira leva de imigrantes, que saiu de Valadares rumo ao exterior. A migração começou de forma discreta ainda na década de 1960, mais precisamente em 1964. Dezesete jovens, com idade entre 18 e 27 anos, todos com visto de trabalho e boa condição financeira, foram para os Estados Unidos ganhar dinheiro e retornar. Pioneiros valadarenses, oriundos da classe média, eles não migravam por razões puramente econômicas, mas também motivados pela curiosidade de conhecer a terra das grandes oportunidades. (ASSIS e SIQUEIRA, 2008).

A escola valadarenses de inglês IBEU¹⁴ (Instituto Brasil Estados Unidos) levava brasileiros para participar de programas de intercâmbio nos Estados Unidos. A chegada dos intercambistas, encantados com o estilo de vida norte-americano, impulsionou os primeiros imigrantes, que partiram com visto de trabalho. Eles constituíram os primeiros pontos da rede social, impulsionando e facilitando a chegada de outros valadarenses aos Estados Unidos e assim sucessivamente.

Como já foi descrito anteriormente, a migração interna já é comum na região. Com a emigração dos primeiros valadarenses na década de 1960 e a formação dos primeiros pontos da rede migratória, a migração internacional passou a ser compreendida como *um projeto possível e relativamente fácil de concretizar* (SIQUEIRA, 2006, p. 62). As supostas facilidades ajudam a compreender a saída dos primeiros migrantes.

¹⁴ IBEU – Instituto Brasil – Estados Unidos foi criado em 1937 numa assembléia no Itamarati com objetivo de promover a integração cultural entre os dois países. Em Governador Valadares o instituto foi criado com a participação direta do engenheiro americano Richard Simpson e sua esposa Geraldina Simpson.

Na década de 60, com uma população constituída basicamente de imigrantes, a idéia de ‘fazer América’ era uma ‘aventura’, assim como a vinda dos imigrantes para Valadares na boléia de caminhão, ou diretamente de um porto no Rio ou São Paula para esta cidade (ASSIS, 2002, p.46).

Margolis (1994) também constata que os meios brasileiros de comunicação de massa criaram e criam uma imagem dos Estados Unidos como uma espécie de terra prometida. Além do mais, os brasileiros são bombardeados pela música e pelo cinema norte-americano, fato que gerava uma admiração e curiosidade pelo que vêm daquele país - fatores que justificam a escolha da maioria dos brasileiros pelos Estados Unidos na hora de emigrar,

No entanto, o movimento esporádico de valadarenses cresceu nos anos de 1980. No Brasil, o período ficou conhecido como a década perdida, em decorrência do fracasso dos planos de estabilização econômica. Nessa época, a hiperinflação dificultava a manutenção do padrão de vida da classe média brasileira. Com a crise, a emigração ganhou característica de fluxo, alterando tanto o país de origem quanto o de destino.

A crise, que derrubou o otimismo econômico e empobreceu a classe média, associada ao ideal dos Estados Unidos como nação próspera e de grandes oportunidades, além da existência de uma rede que funciona como elo entre origem e destino deram origem a um verdadeiro *boom* da emigração de valadarenses para os Estados Unidos. Soares (1995) destaca o período compreendido entre 1986 e 1991 como aquele que concentra o maior fluxo de saída de brasileiros em direção ao exterior.

A existência de redes sociais que ligam origem e destino direciona o fluxo e minimiza os riscos, além de garantir facilidades na hora de conseguir um trabalho. Além disso, existem as facilidades criadas para a migração: agências de turismo agilizam os serviços para ajudar na concessão de vistos, além do surgimento da imigração indocumentada, representada pela figura do cônsul, que organiza um esquema ilegal para chegar aos Estados Unidos, via fronteira, mediante o pagamento de uma determinada quantia de dinheiro.

De acordo com Almeida (2003), os primeiros emigrantes que saíram de Governador Valadares foram para os Estados Unidos com o objetivo de “fazer a América” – expressão usada para identificar todos os que buscam nos Estados Unidos a oportunidade de ganhar dinheiro, fazer um capital em pouco tempo e voltar para o Brasil, onde o dinheiro será investido. Esse capital é acumulado através do exercício de trabalhos de baixo prestígio social que as pessoas jamais pensariam em desempenhar no Brasil.

As experiências de sucesso dos pioneiros contribuíram para consolidar a imagem positiva que os valadarenses tinham dos Estados Unidos. Ao longo dos anos o padrão da emigração se impôs como alternativa para os valadarenses que desejavam formar um capital próprio e investir no Brasil.

Em Governador Valadares, dado às características que a emigração assumiu é possível dizer que essa se faz presente no imaginário coletivo não só como uma saída para a crise financeira, mas também, como um projeto simbólico com o qual muitos cidadãos se identificam. (AMORIM, 2008, p.03).

A cidade de Governador Valadares pode ser caracterizada como uma região onde circulam informações sobre viagens e a vida nos Estados Unidos, pois existe ali uma cultura de emigração para o exterior¹⁵ ou seja, comunidades que apresentam padrões extensos de migração internacional há tempos estabelecidos, sendo que muitas crianças nessa cidade crescem na expectativa de emigrar, como parte de sua experiência de vida. (MARGOLIS, 1994) Além disso, padrões de migração de longo prazo estabelecem laços entre origem e destino e influenciam o cotidiano da cidade.

A partir dos dados expostos nesse capítulo, é possível afirmar que os valadarenses não saíram da terra natal por acaso e também não escolheram o destino aleatoriamente. A preferência pelos Estados Unidos, como país receptor, remete às profundas relações estabelecidas entre a cidade e a Terra do *Tio Sam*, desde os anos de 1940. Durante quase duas décadas os valadarenses estiveram em contato com os estrangeiros e acabaram impactados pelo *american way of life*, que gerou no imaginário da população a idéia dos Estados Unidos como uma nação próspera e repleta de oportunidades.

Os pioneiros valadarenses chegaram aos Estados Unidos nos anos de 1960 e criaram os primeiros pontos da rede, hoje transformada em uma complexa teia de relações sociais. A partir de meados da década de 1980, foi detectado um *boom* migratório de valadarenses em direção aos Estados Unidos, quando nosso país enfrentava uma severa crise econômica. No entanto, apenas o fator econômico não é suficiente para justificar a opção pela imigração. É imprescindível destacar que a presença de conterrâneos já instalados e trabalhando nos Estados Unidos é fator preponderante para o processo migratório – são as redes sociais.

A revisão das teorias, citadas anteriormente, que sedimentam as explicações sobre o processo migratório é importante para fundamentar a compreensão da migração internacional

¹⁵ Termo criado pelo cientista político Wayne Cornelius é utilizado para fazer menção a comunidades que tem fluxos migratórios internacionais estabelecidos ao longo do tempo, como é o caso de Governador Valadares, em que para muitos migrar é parte da experiência de vida.

e sua relação com o território valadarense. No próximo item, vamos descrever a forma com que a mídia representa esse fenômeno, em particular a imprensa escrita local.

2.4 A MÍDIA NA REPRESENTAÇÃO DO FENÔMENO MIGRATÓRIO

No mundo contemporâneo, a transmissão de mensagens em tempo real transformou a comunicação em um mecanismo estratégico para uma série de processos sociais, econômicos, políticos e territoriais. A partir dos sistemas comunicacionais modernos, a informação passou a circular em diversas escalas geográficas. O discurso midiático, nesse contexto, é capaz de influenciar a vida de milhares de pessoas, tanto no âmbito local quanto no global.

A comunicação é um elemento essencial para os processos de sociabilidade humana, dentre os quais é importante destacar a construção da memória e da identidade. Sendo que memória não deve ser compreendida como coisa do passado, mas artimanha do presente. O passado pode ser observado, compreendido e, conseqüentemente narrado de formas diversas. Os jornalistas retratam esse passado e os jornais servem de fonte quando precisamos resgatar ou estudar um determinado assunto, como é o caso da migração.

Le Goff (1994) destaca que o surgimento da imprensa revolucionou a memória.

Com o impresso... não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas é freqüentemente colocado em situação de explorar textos novos (LE GOFF, 1994, p.457)

A comunicação é agente ativo no processo de construção histórica e deixa marcas ao longo de toda a trajetória da humanidade. Comporta-se como um elemento potencial da memória, que pode ser recuperado como traço distintivo de identidades coletivas e individuais acerca do passado instituído. Em uma realidade midiaticizada, a comunicação é cada dia mais relevante no eterno jogo entre memória e esquecimento, que marca a existência humana.

Os últimos séculos acompanharam uma evolução tecnológica acelerada com a criação dos telégrafos, do cinema, do rádio, da televisão e, mais recentemente, da internet, capaz de conectar, em tempo real, pessoas espalhadas pelos mais diversos rincões do mundo. A globalização comprimiu tempo e espaço e o advento da comunicação instantânea erradicou as distâncias. Agora, a distância geográfica não impossibilita a comunicação instantânea. Haesbaert (2004) também destaca a fragilização das fronteiras e a mobilidade constante, seja

ela concreta ou simbólica, em que se transformou a nossa vida. A comunicação de massa emerge, então, como um território simbólico, ou seja, produto da apropriação simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

No mundo globalizado, o acesso à informação se tornou um elemento essencial para que o indivíduo possa exercer a cidadania, sobreviver e ser produtivo. A informação chega até nós a todo o momento, em velocidade e quantidade impressionantes. Temer e Nery (2004) destacam que, em várias atividades, é necessário entender e refletir sobre a capacidade de transmitir informações e de interferir na realidade em que os meios de comunicação de massa já estão exercendo e vão exercer cada vez mais sua influência.

De acordo com Santos (2005), no mundo globalizado, a informação tem um papel semelhante àquele que no passado remoto era conferido à energia. Antigamente, sobretudo antes da existência humana, o que reunia as diferentes porções de um território era a energia, oriunda dos próprios processos naturais. Ao longo da história, é a informação que vai ganhando essa função, para ser hoje o verdadeiro instrumento de união entre as diversas partes de um território.

Como já foi exposto anteriormente, território não é sinônimo de espaço. De acordo com Haesbaert (2004), o termo apresenta tanto uma conotação material quanto simbólica e diz respeito ao poder no sentido de dominação e apropriação, sendo que o último representa um processo mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, enquanto o primeiro traz um sentido mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. Ou seja, um território exerce domínio sobre o espaço tanto para realizar funções quanto para produzir significados.

O território é marcado por múltiplas relações e manifestações, envolvendo uma multiplicidade de sujeitos e poderes. Por isso, os territórios devem ser distinguidos a partir dos sujeitos que os constroem, sejam eles o Estado, a Igreja ou empresas. Desse modo, o jornal pode ser definido como um território, pois é um espaço apropriado por um grupo e marcado por relações de poder que produzem significados.

Na contemporaneidade, o território deixa de ser puramente zonal (controle de áreas) e passa a ser um território rede, em que a mobilidade é um elemento essencial na sua constituição. Aqui, o processo de territorialização perpassa pela construção e controle de conexões, redes e fluxos (sobretudo de pessoas, mercadorias e informações).

Os processos sociais são os responsáveis pela produção, modificação, sustentação e conservação de um determinado território.

São os processos sociais, o grau e modalidade do desenvolvimento das forças produtivas, o sistema político, a correlação das forças sociais e as teias de interesses mercantis e as mentalidades que dão sentidos e alcance a um determinado território (ESPÍNDOLA, 2006, p.2)

A produção de notícias é um processo social, em que o jornalista não faz simplesmente um relato da realidade, mas uma representação. Os meios de comunicação de massa produzem um território simbólico complexo que institucionaliza normas de conduta, valores, comportamentos, criando uma imagem específica e representações de pessoas coletivas, de comunidades e de cidadãos singulares, em função do modo como os acontecimentos são retratados.

Com o fenômeno migratório não é diferente. O assunto é sempre destaque em jornais, revistas e até mesmo programas de televisão. No entanto, como destaca Silva Filho (2008) as notícias não se preocupam com a contextualização, apenas trazem informações pontuais, fragmentadas e uma conseqüente distorção da relação entre os valadarenses e o fenômeno migratório.

As abordagens são sempre estereotipadas e o destaque principal é conferido a temas como a deportação e a imigração ilegal. No entanto, como foi visto no item anterior, a migração no território estudado ocorre em um específico contexto histórico, social, econômico. Fatores esses que, na maioria das vezes, sequer são mencionados.

As notícias acerca destes fatos constroem a imagem de governador Valadares e de seus habitantes de uma forma que exige reflexão. A construção desta imagem, quase sempre sem levar em consideração os aspectos históricos e sociológicos que determinam a emigração, acaba privando a opinião pública de informações que podem estabelecer um contraponto entre a causa e o meio, algo que, em princípio, define-se entre o bem e o mal, o certo e o errado. (SILVA FILHO, 2008, p. 125)

Essa visão distorcida e estereotipada do fenômeno migratório não se restringe à cidade de Governador Valadares, mas abarca as representações do fenômeno migratório de forma geral. Arbex Jr (1998), ao retratar o tratamento dado pela imprensa à guerra civil na Iugoslávia, demonstra que a mídia trata o estrangeiro como o outro, ou seja, a representação daquilo que não sou.

Um dos principais problemas enfrentados pelos jornalistas e que atrapalha a construção das notícias é o fator tempo, que fica ainda mais agudizado com a

competitividade. Sousa (2006) explica que essa pressão faz com que os jornalistas publiquem informações em situação de incerteza, pois precisam selecionar rapidamente os acontecimentos e nem sempre são capazes de coletar, no prazo estabelecido, todos os dados necessários.

A rotinização do trabalho, ou seja, os processos mecanizados e convencionalizados seguidos pelos jornalistas também têm influência. Os padrões estabelecidos ajudam para que as notícias sejam mais facilmente fabricadas, ou seja: são assegurados aos jornalistas, pressionados pelo tempo, um fluxo constante e seguro de informações e a rápida transformação dos acontecimentos em notícia (SOUSA, 2006).

Traquina (apud Sousa 2006) assinala que essa suposta facilidade oferecida pelas rotinas pode ser uma armadilha, pois distorcem ou simplificam demais o mundo dos acontecimentos. O jornalismo começa, assim, a se transformar em uma atividade muito burocratizada, privilegiando as fontes oficiais, que acabam se tornando responsáveis pela validação do produto noticioso. Além disso, as rotinas padronizam e geram a uniformidade da produção jornalística.

É claro que as organizações jornalísticas também precisam ser mencionadas, pois o jornalista não trabalha sozinho, mas incorporado a verdadeiras indústrias de produção simbólica. Para a empresa, é interessante ter jornalistas que trabalhem de acordo com a sua política editorial, o que causa grandes constrangimentos e limita o profissional às imposições dos editores.

Segundo Carey (1986 apud SOUSA, 2006), podemos também dizer que entre os constrangimentos organizacionais se inscrevem os processos que levam à rotinização da produção jornalística, ao estabelecimento de hierarquias e à imposição artificial de alguma ordem na erupção aleatória de acontecimentos.

O poder econômico e o tamanho da empresa também influenciam no processo produtivo. Quando há recursos disponíveis, os jornalistas podem realizar coberturas em diversas partes do mundo, gerando uma maior diversidade. A utilização de novas tecnologias também é fator determinante para a qualidade e a variedade do conteúdo.

Segundo Sousa (2006), o processo de produção da notícia é afetado pelo sistema social global em que uma organização noticiosa se insere, ou seja, fatores que estão além dos portões da empresa também exercem influência no processo de construção da notícia. Dentre eles, merecem destaque as fontes, capazes de reter, travar ou acelerar a propagação de uma

informação de acordo com os seus interesses. Ao selecionar as fontes que vão ser utilizadas, o jornalista influencia o conteúdo das notícias. Além das fontes, o autor destaca que a natureza e dimensão do mercado e da audiência são sempre levadas em consideração, já que as empresas de comunicação visam ao lucro.

No caso específico de Governador Valadares, a cidade começou a ganhar destaque no cenário midiático, a partir dos anos de 1980, década caracterizada por um fluxo migratório intenso de valadarenses rumo aos Estados Unidos.

A emigração de brasileiros tornou-se uma questão relevante, quando o que era um movimento esporádico para o exterior transformou-se num fluxo migratório. Em meados da década de 80, fomos surpreendidos por notícias de vários turistas brasileiros “barrados” pelos serviços de migração, em aeroportos internacionais dos Estados Unidos e de Portugal, pela suspeita de que poderiam vir a engrossar os contingentes de imigrantes ilegais nestes países. (ASSIS, 1995, p. 10)

Como já mencionado, as matérias jornalísticas são uma construção social. Além de produzir informação, as notícias também produzem sentidos. Muitas vezes os temas são expostos de forma parcial, realçando determinados aspectos em detrimento de outros. A imprensa, assim como outras instituições sociais – família, igreja, escola - interfere de forma determinante na socialização e nas impressões que os indivíduos têm da realidade.

2.5. TERRITÓRIO, MIGRAÇÃO E MÍDIA

Para a realização desta dissertação é fundamental reforçamos a compreensão da relação entre território, migração e mídia. Na atualidade, como destacamos anteriormente, o conceito de território ganha novas abordagens e sua compreensão se torna essencial para desvendar as relações de poder dos homens em um determinado espaço apropriado, seja material ou imaterial. O território deixa de estar associado apenas à idéia de controle e soberania, adquirindo uma dimensão simbólica.

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p. 42).

Território e migração se interligam. O imigrante é um indivíduo marcado por processos de territorialização. Segundo Souza (2008) as atitudes e comportamentos marcam a forma como construímos o nosso território. Assim, quando o migrante deixa a origem, ele busca reconstruir esse território no destino. No entanto, ele se envolve, ao mesmo tempo, em um processo de desterritorialização e reterritorialização, pois enquanto algumas coisas são deixadas de lado, outras são apropriadas durante a empreitada migratória. As alterações sofridas pelo imigrante se manifestam tanto a nível individual quanto na relação com o território.

(...) o homem, por ser um animal político e um animal social, é também um animal territorializador. Diferentemente, talvez, de outras espécies animais, seu trabalho de territorialização apresenta, contudo, uma particularidade marcante: a relação entre o indivíduo ou o grupo humano e o território não é uma relação biunívoca. Isto significa que nada impede este indivíduo ou este grupo de produzir e de “habitar” mais de um território. (...) é raro que apenas um território seja suficiente para assumir corretamente todas as dimensões de uma vida individual ou de um grupo. O indivíduo, por exemplo, vive ao mesmo tempo ao seu “nível”, ao nível de sua família, de um grupo, de uma nação. Existe, portanto, multipertencimento territorial (BAREL, 1996, p.135 apud HAESBAERT, 2005, p.6784).

Apesar desses múltiplos territórios, existe um de referência, ao qual está veiculada a marca identitária do imigrante – o primeiro território. As experiências que constituíram o indivíduo em sua terra natal ficam guardadas no momento da emigração, pois ele espera reviver essa territorialidade um dia. No entanto, é impossível retornar para a dimensão da origem, pois tanto o território quanto o imigrante se modificam ao longo dos anos, criando novas territorialidades. (SOUZA, 2008).

Podemos afirmar que no retorno o indivíduo “processa” as experiências territoriais vividas no território de imigração com aquelas que ele territorialmente reconhece e, ainda, com aquelas que estranha no território de origem. Esse reconhecimento/estranhamento leva os retornados a criarem ou aplicarem estratégias que são influenciadas pelas experiências adquiridas nas suas múltiplas territorialidades. Neste momento é que percebemos o surgimento de uma nova territorialidade, agora múltipla, pois mescla as influências territoriais vividas por estes indivíduos (SOUZA, 2008, p.10).

Essas marcas identitárias não servem apenas para a diferenciação entre os grupos sociais, mas para a sobrevivência deles. O imigrante, em um território alheio, distante dos seus vínculos, tem dificuldades para se adaptar, por isso ele busca recriar seu território no destino, através da manutenção de hábitos típicos da origem e na manutenção de laços com os familiares que permaneceram na terra natal.

A comunicação, assim como a migração, também mantém estreita relação com o território. Conforme destacamos anteriormente, os meios de comunicação e a veiculação de notícias são processos sociais marcados por relação de poder, constituindo, portanto, territórios. O poder é, pois, o agente territorializador dos espaços, sejam físicos ou simbólicos.

Como destaca Saquet (2007), as relações sociedade, espaço e tempo são caracterizadas pelos poderes que agem no espaço e entre si, sendo essas relações diferenciadas em um mesmo espaço e tempo. Por isso, os múltiplos territórios são fruto das diferentes relações de poder, por meio das ações e apropriações de diversos indivíduos, grupos e instituições.

Os produtos midiáticos são apropriados por indivíduos específicos, situados em contextos sócio-históricos particulares e que contam com os recursos que lhes são disponíveis para dar sentido às mensagens da mídia e a incorporá-las a suas vidas. Através do discurso midiático, a mídia representa as realidades em um processo de construção social. (THOMPSON, 2008).

O caráter de construção social da notícia se justifica pela vigência das circunstâncias objetivas e, sobretudo, das influências subjetivas do cotidiano de diversos membros da sociedade no processo de produção das informações. Além de estarem evidentes nesse processo, por coexistirem na realidade social do jornalista responsável por tal produção, os aspectos objetivos e os aspectos subjetivos de um dado contexto constituem os fatos transformados em notícia e, assim, destacam-se na participação do jornalismo na construção social da realidade. (GAMA E DADALTO, 2009, p.3)

O jornalismo é resultado de processos complexos de interação social. Nesse sentido, o processo de produção social das notícias é permeado pela identificação e contextualização dos acontecimentos, Um determinado fato vai se tornar significativo à medida que estiver enquadrado num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. O jornalismo se converte em um campo fundamental, para compreendermos como a realidade é construída cotidianamente

Nesta dissertação, vamos trabalhar com um veículo de comunicação específico, o jornal *Diário do Rio Doce*, que corresponde ao nosso território midiático. O conteúdo do território a ser analisado são as representações acerca do fenômeno migratório, construídas a partir de processos sociais marcados por relações de poder.

CAPÍTULO III – O FENÔMENO MIGRATÓRIO NA MÍDIA IMPRESSA DE GOVERNADOR VALADARES

3.1 O *DIÁRIO DO RIO DOCE*: TERRITÓRIO MIDIÁTICO DE ESTUDO

Esta análise do fenômeno migratório na mídia impressa tem como objeto de estudo todo o material referente ao fenômeno migratório publicado no jornal valadarense *Diário do Rio Doce*, entre os anos de 1960 e 2009. Assim, esse jornal local representa o nosso território midiático de estudo. Conforme exposto no Capítulo I, o jornal, como um espaço socialmente apropriado e marcado por relações de poder, constitui um território.

O *Diário do Rio Doce*, primeiro jornal diário da cidade, circula em Governador Valadares há 53 anos, desde sua fundação, em março de 1958. Com tiragem média de 14 mil exemplares é o principal e o mais antigo jornal da microrregião em circulação até os dias de hoje. Por isso, foi escolhido para a análise, já que contempla todos os períodos da emigração de valadarenses para os Estados Unidos.

Espíndola (1999) destaca que o *Diário do Rio Doce* foi criado como um instrumento estratégico da Associação Comercial de Governador Valadares (ACGV). O jornal tinha como objetivo proposto ser o porta-voz das lideranças locais, servindo para cobrir os trabalhos da entidade na promoção do desenvolvimento local. No entanto, Teixeira (2010) enfatiza que o Diário surgiu para defender o grupo da Telefônica, que pretendia implantar na cidade o serviço de telefonia. De qualquer forma, é conveniente destacar que o jornal atendia aos interesses do empresariado e era ligado à elite local.

No período de embate político e ideológico que antecedeu o Golpe Militar de 1964, o periódico foi uma importante tribuna conservadora frente ao jornal de esquerda, o *Combate*, criado pelo jornalista Carlos Olavo da Cunha Pereira. Segundo Teixeira (2010), o *Diário do Rio Doce* nasceu sem muitas pretensões e pretendia, sobretudo, defender seus fundadores das acusações vindas do periódico esquerdista.

Segundo Rabelo (2007), *O Combate*, ao contrário do *Diário do Rio Doce*, se posicionava em favor de pequenos proprietários de terra, de trabalhadores rurais e urbanos. O tablóide semanal tinha uma linha editorial independente e tratava de assuntos vetados nos outros órgãos de imprensa da região: latifúndio, grilagem de terras, mortes por pistolagem, greves de trabalhadores urbanos e, principalmente, a defesa da reforma agrária.

No início dos anos de 1960, o Brasil viveu um impasse com a renúncia do presidente Jânio Quadros e a tentativa dos militares em impedir a posse do vice João Goulart em 1961 – primeira tentativa de golpe, resultando um período parlamentarista, durante cerca de um ano. Nessa época, a redação de *O Combate* se transformara em local de encontro de políticos, trabalhadores rurais e sindicalistas da região, sendo um deles Francisco Raimundo da Paixão, mais conhecido como Chicão que, posteriormente, foi preso em confronto com a polícia. (RABELO, 2007).

Em março de 1964, como destaca Rabelo (2007), fazendeiros locais eram desfavoráveis à efetivação do decreto da Superintendência de Reforma Agrária (SUPRA), que pretendia desapropriar terras improdutivas às margens de rodovias, ferrovias e açudes federais, para a realização da reforma agrária.

A expectativa da entrega das terras aos trabalhadores trouxe um clima de tensão à cidade e causou a reação dos fazendeiros locais deflagrando, dois dias antes do início oficial do Golpe Militar de 1964, um conflito armado em Governador Valadares, principiado com o ataque das milícias fazendeiras à sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e, posteriormente, à sede do jornal esquerdista *O Combate* (FELIPE-SILVA, ESPÍNDOLA E GENOVEZ, 2010, p.4)

Em decorrência disso, o Ministro da Agricultura, Oswaldo Lima Filho, veio conhecer a situação na cidade e sua visita recebeu discretas notas nos jornais e rádios situacionistas, como o *Diário do Rio Doce*. Em *O Combate*, ao contrário repercutiu muito a visita.

O embate ideológico passa a se estampar também em outra guerra agora travada entre os veículos de comunicação de oposição (de propriedade da elite econômica)¹⁶ do governo João Goulart e *O Combate* que, embora sozinho, fosse o mais influente órgão da cidade, e agora passa a ser acusado de insuflador de um gigantesco plano de invasões de fazendas e causador do clima de insegurança no campo e na cidade. (RABELO, 2007, p. 9)

O jornal *O Combate* foi fechado em 31 de março de 1964, após um atentado contra seu fundador. No mesmo dia, o jornalista foi levado para Belo Horizonte, deixando sua família em Governador Valadares. Após sair da cidade, Carlos Olavo foi para Brasília e seguiu para o exílio na Bolívia e depois no Uruguai. Ao retornar ao Brasil, em 1979, com a Lei da Anistia, trabalhou em alguns jornais da capital e foi assessor de imprensa do antropólogo Darcy Ribeiro e, posteriormente, assumiu o cargo de jornalista da Imprensa Oficial Mineira. *O Combate* foi o único jornal com linha editorial esquerdista existente na

¹⁶ *O Diário do Rio Doce* era um destes jornais pertencentes à elite econômica local.

cidade. *O Diário do Rio Doce*, por sua vez, seguiu como o único jornal diário da cidade e permaneceu com sua linha editorial ligada ao empresariado local

3.2. A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DO FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS DIFERENTES DÉCADAS

Conforme já apresentamos no Capítulo II, a relação entre os valadarenses e os Estados Unidos começou ainda nos anos de 1940. No entanto, apenas em meados dos anos de 1960, os primeiros emigrantes embarcaram para trabalhar no exterior. Nossa análise começa com os materiais coletados nos anos de 1960 e 1970, décadas em que emigraram os pioneiros; passa pelos anos de 1980 e 1990, marcados por um *boom* migratório e chega aos anos 2000, quando a crise na economia norte-americana impulsiona o retorno de muitos emigrantes.

Nos itens seguintes vamos abordar a representação midiática do fenômeno migratório em cada um desses três diferentes períodos. Além disso, exploraremos, em itens específicos, a representação sob o ponto de vista do humor e no suplemento *States News*.

3.2.1 Década de 1960 a 1970

Antes da análise de conteúdo das matérias, é importante situar que nos anos de 1960 e 1970 o Brasil foi palco de importantes acontecimentos que, de alguma forma, estão interligados com o objeto de estudo dessa dissertação. No plano econômico, no início da década de 1970 o país vivia um período denominado de “milagre econômico¹⁷”. No entanto, o fim desse tempo próspero, ainda nos anos de 1970, e a crise mundial do petróleo jogam por terra os sonhos de “nação desenvolvida” e a possibilidade de ascensão social da classe média.

No ponto de vista político, o Brasil vivia em meio à ditadura Militar, implantada no país em 1964, com o apoio de importantes órgãos de comunicação. Dentre os movimentos sociais que ganharam força no período que antecedeu a ditadura destaca-se o estudantil, que sofreu intensa repressão e liderou inúmeras manifestações. Como destaca Souza Santos

¹⁷ O período 1968-1973 é conhecido como “milagre econômico” brasileiro, graças às excelentes taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) verificadas na época. Além disso, o rápido crescimento veio acompanhado de inflação declinante e renda baixa para os padrões brasileiros, além de superávits no balanço de pagamentos (VELOSO, VILLELA e GIAMBIAGI, 2008)

(2009) o auge desses protestos foi o ano de 1968 em que aconteceram a “Passeata dos Cem mil”, a “Batalha da Rua Maria Antonia” e o XXX Congresso da União Nacional dos Estudantes.

No período, como destaca Borges (2004), o cotidiano de Governador Valadares foi marcado por muita violência. Os textos e imagens dos jornais locais indicavam uma cidade dividida: de um lado, os proprietários de terra, a Igreja Católica e o poder público local; de outro, os trabalhadores rurais e membros de sindicatos.

Enquanto a liderança patronal congregava a classe na sede da Associação Rural de Governador Valadares, as ruas do centro da cidade iam se transformando numa espécie de extensão do espaço privado e religioso dos lares latifundistas. Munidas de panelas e terços ou empunhando faixas com dizeres moralizantes esposas e filhas dos proprietários fundiários, muitas delas acompanhadas de suas empregadas domésticas, davam um colorido especial às Marchas com Deus pela Pátria e a Família. Simultaneamente, na periferia da cidade, uma centena de membros dos setores subalternos do campo fazia vigília na sapataria do Chicão então transformada em sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Governador Valadares. Dentro e fora dela o assunto era um só: a *reforma agrária, na lei ou na marra*. (BORGES, 2004, p. 305)

Após a contextualização sobre a história política da cidade nos anos de 1960 e 1970, voltemos ao tema da migração Internacional. Como pudemos observar no capítulo anterior, os anos de 1960 marcaram o início da migração de valadarenses para os Estados Unidos. Foi nesse tempo que jovens da cidade emigraram não apenas por motivações econômicas, mas também pelo espírito aventureiro e o desejo de conhecer o país do qual tinham tantas referências positivas. A partir dessa aventura, esses pioneiros criaram os primeiros pontos da rede social estabelecida entre os dois países.

Ao longo dos anos seguintes, a emigração se impôs como alternativa para os valadarenses que desejavam formar um capital próprio, estabelecendo uma cultura de migração para o exterior. A cidade é pioneira nas migrações internacionais brasileiras e é considerada a maior exportadora de brasileiros - emigrar passou a fazer parte do imaginário coletivo. Os Estados Unidos se constituíam como uma possibilidade de conseguir um futuro melhor para eles mesmos e suas famílias.

A partir da leitura e análise dos primeiros 20 anos formulamos a Tabela 3 com a frequência de temas encontrados na publicação sobre a emigração. Com esses dados, foi possível ter uma visão ampla da representação do fenômeno migratório na mídia impressa valadarense no período.

Tabela 3 – Temas noticiados no *Diário do Rio Doce* nas décadas de 1960 e 1970

TEMA	Década 60		Década 70		Total	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Agência de Turismo	00	0,0	02	1,6	02	0,9
Ajuda/ EUA	00	0,0	02	1,6	02	0,9
Norte- americanos em Valadares	02	2,1	00	0,0	02	0,9
Banco do Brasil nos EUA	01	1,0	00	0,0	01	0,4
Bolsistas estrangeiros em Valadares	02	2,1	02	1,6	04	1,8
Estudantes (Bolsistas) nos EUA	11	11,3	12	9,8	23	10,5
Emigração para outros países	00	0,0	02	1,6	02	0,9
Casal Simpson	03	3,1	01	0,8	04	1,8
Comparação – Brasil/EUA	00	0,0	03	2,5	03	1,4
Cônsul dos EUA em GV	00	0,0	01	0,8	01	0,5
Curso de Inglês	10	10,3	41	33,7	51	23,3
Desvalorização da Moeda /Alta do Dólar	00	0,0	01	0,8	01	0,4
Emigração para os EUA	00	0,0	01	0,8	01	0,4
Emissão de Passaporte/Visto	01	1,0	02	1,6	03	1,4
Estrangeiros no Brasil	00	0,0	01	0,8	01	0,5
Falsificação de Documentos	00	0,0	05	4,1	05	2,3
Governo dos EUA /Imigração	00	0,0	03	2,5	03	1,4
Imigração Indocumentada	02	2,1	01	0,8	03	1,4
Impressões sobre os Estados Unidos	26	26,8	00	0,0	26	11,9
Influência dos EUA	00	0,0	03	2,5	03	1,4
Morte/Acidentes de Brasileiros nos EUA	00	0,0	01	0,8	01	0,5
Oferta Bolsas de Estudo	10	10,3	09	7,4	19	8,7
Rotary Clube	20	20,6	02	1,6	22	10,0
Valadarenses nos EUA (Passeio/Compromisso)	07	7,2	04	3,3	11	5,0
Valadarenses nos EUA (Trabalho/Moradia)	02	2,1	23	19,0	25	11,4
Total	97	100	122	100	219	100

Fonte: Pesquisa no DRD, 2010

No ano de 1960 aparecem notícias referentes ao tema de pesquisa¹⁸ de formas variadas no jornal *Diário do Rio Doce*, mas com destaque para uma série de artigos redigidos por um valadarense que passou uma temporada nos Estados Unidos. Os artigos fazem parte do gênero opinativo e compreendem texto assinado que analisa uma série de fatos relacionando-os ao contexto, seja ele político, social ou econômico. No caso específico do *Diário do Rio Doce*, foram publicados 26 artigos de autoria do médico valadarense, o rotariano, Ruy Pimenta Filho. Todos os textos tinham como tema os Estados Unidos da América. Nos textos, o autor afirma não pretender estabelecer um paradoxo entre os dois países, mas de certa forma o faz. Em seus textos ele enaltece o desenvolvimento, a cordialidade, a agilidade, entre outras qualidades atribuídas por ele aos norte-americanos e ao país de forma geral.

¹⁸ Dentre os materiais coletados, há referências indiretas ao fenômeno migratório, ou seja, conteúdos que não tratam especificamente da questão, mas estão relacionados, de alguma forma, ao tema de pesquisa.

Em muitos casos, essas qualidades aparecem em detrimento ao comportamento, à burocracia e ao subdesenvolvimento do Brasil e dos brasileiros. O país da América do Norte é apresentado como um lugar diferenciado repleto de possibilidades. As descrições ajudam a reforçar a idéia dos Estados Unidos como uma terra promissora e de oportunidades, despertando tanta curiosidade que ganhou espaço no jornal por um mês consecutivo, em que o autor descreveu e enalteceu o país.

O Rotary Clube, instituição criada nos Estados Unidos em 1905, pelo advogado Paul P. Harris, também foi destaque no jornal na década de 1960. De forma geral, é um clube de serviços, sem fins lucrativos, cujos membros se dedicam a serviços humanitários. O destaque conferido à entidade mostra como ela era bem vista pelos jornalistas locais que sempre enalteciam os rotarianos e suas atividades. Entre os programas desenvolvidos destaca-se o intercâmbio de jovens, que levou vários valadarenses aos Estados Unidos nos anos de 1960.

Além do Rotary, o jornal sempre destacava os bolsistas, tanto os brasileiros que embarcavam para os Estados Unidos, quanto os norte-americanos que também vinham estudar em Governador Valadares. O primeiro a ser mencionado foi o jovem Antônio Rodrigues Coelho Júnior, estudante do segundo grau de boa condição financeira que passou um ano no Texas.

Em 1963, com seu retorno a Governador Valadares, o bolsista ganhou ainda mais destaque na mídia impressa local, sendo recebido como um verdadeiro herói. Mesmo antes de chegar à cidade, a volta de Tony (a matéria destaca o novo apelido que ele ganhou nos Estados Unidos) já era anunciada no jornal, assim como a festa com a qual ele seria recepcionado pelos conterrâneos, após sua estadia “no grande país do norte”. A expressão, utilizada pelo jornalista que redigiu a nota, realça o deslumbre e a representação da mídia sobre o tema, sendo os Estados Unidos sempre mencionados de forma positiva. Nesse ponto, vale lembrar que a linha editorial do jornal era de clara tendência elitista, o que nos permite compreender a representação positiva sobre os Estados Unidos.

Logo quando chegou, o jovem concedeu uma entrevista ao jornal falando sobre a vida no país estrangeiro. O estudante era só elogio ao povo norte-americano, como podemos observar nos fragmento de reportagem abaixo.

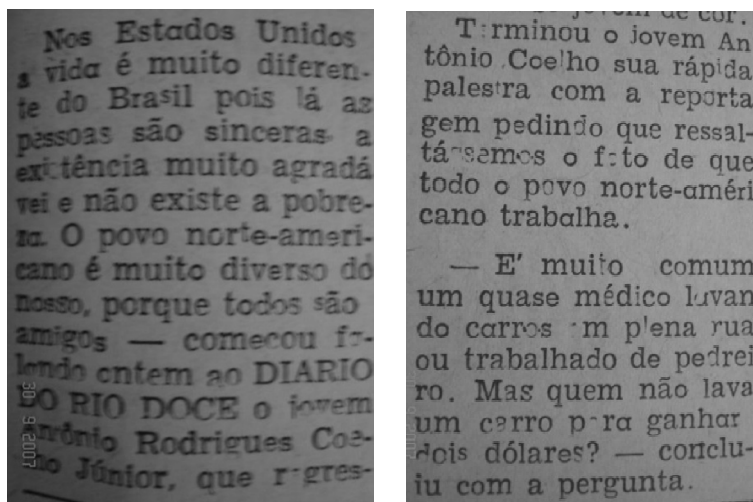


Figura 01 – Matéria Toninho Coelho

Fonte: Diário do Rio Doce, 26 de julho de 1963

Nas palavras do estudante, transformadas em matéria pelo jornalista, o estrangeiro se sobrepõe ao nacional, sobretudo o dinheiro, destacado no final da matéria, pois o dólar tem valor superior à moeda brasileira. Então, para o jovem, trabalhar para ganhar dólares é honroso, seja qual for o emprego. Desta forma, a reportagem ajuda a fortalecer a imagem dos Estados Unidos como uma terra promissora e cheia de oportunidades. Além de Tony, outros estudantes valadarenses ganharam espaço nas páginas do *Diário do Rio Doce*. O fluxo crescente de bolsistas e turistas foi destacado pelo jornal, que anunciava um por um aqueles que partiam rumo à terra do *Tio Sam*.

A maioria das menções aparecia em colunas sociais e notas informativas em seções variadas do jornal. Os textos exaltavam o país da América do Norte como uma nação amiga, na qual eles teriam a oportunidade de diversificar experiências, ao ter contato com o rico patrimônio cultural daquele país. Nas entrevistas, os bolsistas davam ênfase aos pontos positivos dos norte-americanos, como a organização, a hospitalidade e, sobretudo, o desenvolvimento. Além disso, os jornalistas exaltavam o sistema educacional daquele país, definindo como privilegiados aqueles que tinham a oportunidade de estudar por lá.

É possível constatar que a ida desses intercambistas e a publicação de suas histórias enaltecendo os Estados Unidos na mídia local contribuíram para a emigração dos pioneiros valadarenses, que foram trabalhar naquele país. Ao desembarcar no Brasil, além das fotos e recordações, os bolsistas traziam informações precisas sobre como conseguir condições favoráveis de trabalho e estudo no exterior. Segundo Siqueira (2008b), foi de posse dessas

informações que os primeiros quatro jovens valadarenses, amigos dos primeiros intercambistas, emigraram em 1964, com visto de trabalho, formando os pontos iniciais da rede que possibilitou a intensificação do fluxo na década de 1980.

Nesse ponto, é conveniente destacar que, enquanto o jornal noticiava as aventuras dos jovens intercambistas e dos primeiros emigrantes, fatos importantes aconteciam na cidade e no país. Governador Valadares foi palco de violentos conflitos no golpe militar de 1964, conforme explicamos anteriormente. Enquanto o *Diário do Rio Doce* tinha uma linha editorial mais conservadora e apenas explorava superficialmente os acontecimentos, *O Combate* denunciava assuntos proibidos e repercutia temas polêmicos.

Com a consolidação das redes o projeto de emigrar tornou-se mais acessível. Essas são formadas por interesses comuns dos participantes, tais como parentesco, amizade, trabalho e religião e os ajudam na adaptação, desde o momento da chegada ao acesso a contatos para conseguir emprego e moradia. Soares (1995) destaca a importância das redes para a definição do destino escolhido pelos emigrantes. No caso dos valadarenses, os Estados Unidos.

Com a influência exercida pela rede de parentes e amigos, o emigrante desloca-se mais em função da aproximação das relações sociais do que pela proximidade geográfica - e pelos laços econômicos estabelecidos historicamente com o país ensejando uma cultura migratória - funcionarem como determinantes na singularidade direcional assumida pelo deslocamento espacial dos emigrantes. (SOARES, 1995, p.112)

Além das bolsas de estudos, o jornal destacou a presença de vários cursos de inglês na cidade. Nesta época, o estudo da língua inglesa já era comum em Governador Valadares. Nos anos de 1960, eram freqüentes as menções relacionadas a centros especializados de ensino. Dentre essas instituições, destacava-se o Instituto Brasil Estados Unidos (IBEU), que promovia intercâmbio de estudantes para os Estados Unidos, através do American Field Service¹⁹. Além disso, o curso também promovia seminários especiais e intensivos para qualificar os professores com a presença de autoridades norte-americanas. Os outros cursos mencionados na década foram o Instituto Danupe de Cultura e o Instituto Brasil-América.

Como já foi explicitado no capítulo anterior, os anos de 1940 marcam o início da relação entre a cidade de Governador Valadares e os Estados Unidos, pois foi nessa época que estrangeiros vieram para a região trabalhar na exploração da mica e na construção da estrada de ferro Vitória-Minas. No entanto, como destaca Siqueira (2008b), com o final das obras na

¹⁹ O American Field Service (AFS) é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1956. Atua na promoção do aprendizado intercultural, por meio de intercâmbio cultural entre os povos, sobretudo para jovens que desejam estudar ou trabalhar voluntariamente no exterior

estrada de ferro e da exploração da mica, a região a sofreu uma forte retração na sua economia e grande parte dos estadunidenses que desembarcaram no Brasil voltam para a terra natal.

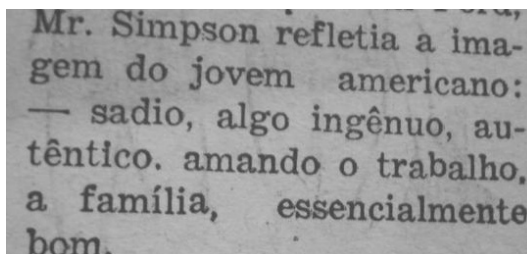
Uma das exceções foi o Casal Simpson, que fixou raízes e permaneceu na cidade. Richard Simpson foi o engenheiro responsável pela reforma da estrada de ferro Vitória-Minas. O casal trouxe a escola de inglês IBEU para a cidade e ajudou na implantação do Rotary Clube. Como já vimos essas instituições ganharam destaque nas páginas do *Diário do Rio Doce* e, como destaca Siqueira (2008b), foram fundamentais na constituição das redes que possibilitaram o estabelecimento de um fluxo migratório.

Mr. Simpson era casado com a portuguesa Geraldina, uma figura popular e conhecida em toda a cidade, tanto que figurava sempre nas colunas sociais. Em um texto, o *Diário do Rio Doce* a homenageou, contando sua história de vida e a relação com Governador Valadares. A publicação enalteceu as qualidades de Geraldina, identificando-a como uma dama sempre preocupada com o bem-estar do próximo.

No entanto, apesar de ter escolhido o Brasil para morar, Geraldina deu uma entrevista ao *Diário do Rio Doce* após retornar dos Estados Unidos e fez questão de destacar pontos positivos daquele país, tais como o comprometimento dos jovens com os estudos, a elegância e a independência da mulher norte-americana. Outra vez ficava evidente uma representação positiva e ao mesmo tempo comparativa em relação ao Brasil, exaltando a superioridade dos norte-americanos, principalmente em relação a honestidade, compromisso e seriedade.

No dia 15 de abril de 1969, a morte de Mr. Simpson ganhou espaço privilegiado ao ser o tema de uma crônica. No texto, de cunho opinativo, o redator destacou as qualidades do engenheiro e sua contribuição para o desenvolvimento da cidade. Os elogios não são atribuídos apenas a ele, mas aos jovens norte-americanos de forma geral, reafirmando a representação positiva do jornal com relação a esse povo.

O trecho representa a idéia de que as qualidades citadas são típicas dos norte-americanos não sendo comuns entre os brasileiros, como podemos observar no trecho reproduzido a seguir. Na figura o norte-americano é representado como sendo “essencialmente bom” - ou seja, esta característica, a bondade, faz parte da natureza do povo dos Estados Unidos. Dessa forma, fica implícita a imagem negativa associada aos brasileiros nas páginas do *Diário do Rio Doce*.



Mr. Simpson refletia a imagem do jovem americano: — sadio, algo ingênuo, autêntico. amando o trabalho, a família, essencialmente bom.

Figura 02 – Crônica Mr. Simpson
 Fonte: Diário do Rio Doce, 15 de abril de 1969

É notório que os temas relacionados à relação entre os Estados Unidos e Governador Valadares, no início dos anos de 1960, se repetem: bolsas de estudo no exterior, pessoas que vão passear e cursos de inglês. Com um detalhe: todos aqueles que estiveram na terra prometida são muito celebrados - privilegiados ao embarcar e heróis ao retornar. Apesar de já existirem, em 1964, pessoas trabalhando no mercado de trabalho secundário na América do Norte, elas ainda não eram mencionadas pela mídia local.

A formação da rede social de emigração existente entre as duas nações, mencionada anteriormente, já podia ser percebida nas páginas do *Diário do Rio Doce* em meados nos anos de 1960. Uma matéria, publicada no dia 15 de agosto de 1964, fez referência à viagem de duas mulheres da sociedade valadarense, para visitar um familiar residente nos Estados Unidos, que era casado com uma norte-americana. Vale ressaltar: são pessoas pertencentes à elite valadarense, oriundos da classe média, cujo familiar que está no exterior é um médico e não um trabalhador desqualificado. A entrevista também foca as impressões positivas que ambas tiveram daquele país, tais como o progresso, a hospitalidade, a eficiência e o dinamismo dos norte-americanos, o que evidencia, novamente, uma representação de superioridade norte-americana.

Em 1965, pela primeira vez, o jornal traz informações sobre os valadarense que estão nos Estados Unidos trabalhando em busca de melhores condições financeiras. Uma das matérias, publicada em 27 de fevereiro de 1965, conta a história de Délcio Fernandes, descrito pelo jornal como um dos pioneiros. Na entrevista, o jornalista destaca nas falas do imigrante a ausência de informações sobre o Brasil nos Estados Unidos e o desconhecimento que eles têm do nosso país, que é confundido com a Argentina.

A questão da facilidade de conseguir empregos e economizar dinheiro com facilidade, destacada pelo imigrante ganhou espaço privilegiado, ênfase que estimula a emigração e demonstra as grandes possibilidades de ganhar dinheiro num país que oferece oportunidades

àqueles que querem trabalhar. Fica subentendida nessas notícias a idéia de que no território de origem essa possibilidade não existe.

Além de Délcio, o jornal traz em uma segunda matéria os relatos de outro trabalhador imigrante, José Júlio Cipriano, ex-funcionário do Banco do Comércio e da Indústria que, na época, morava nos Estados Unidos e estava em Valadares passando férias. O relato sobre a qualidade de vida no estrangeiro é ainda mais intenso nas palavras de Júlio, como podemos observar no fragmento abaixo:

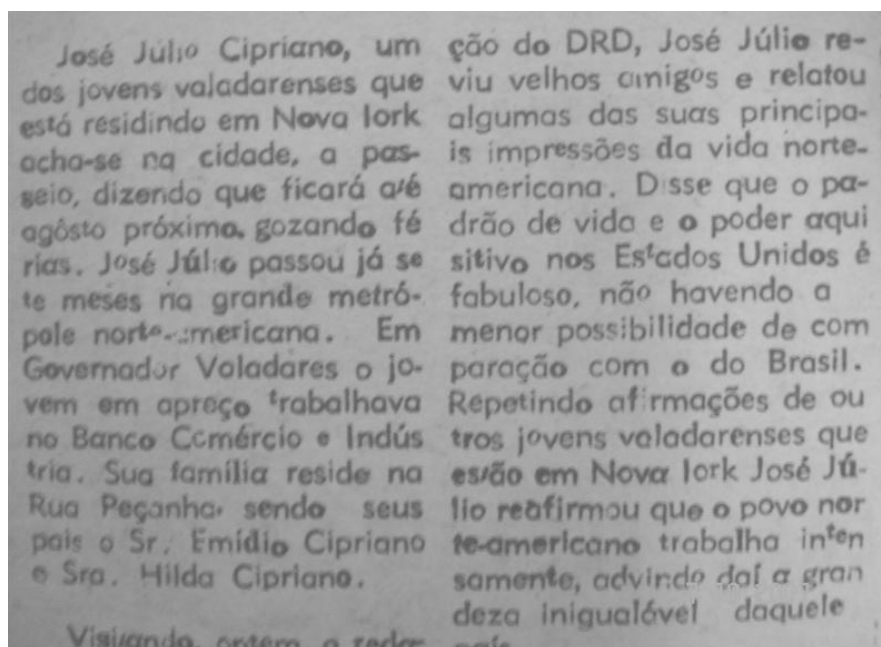


Figura 03 – Matéria: Júlio Cipriano

Fonte: Diário do Rio Doce, 21 de maio de 1965

Os elogios de Délcio e Júlio²⁰ publicados no *Diário do Rio Doce*, porém, deixam de lado a realidade dos imigrantes residentes nos Estados Unidos. Apesar das facilidades de conseguir emprego e economizar certa quantia de dinheiro em menos tempo a inserção dos imigrantes se dá no mercado secundário de trabalho, com pouquíssimas possibilidades de ascensão, além da rotina pesada, sem quase nenhum descanso. Como afirma Caiado (1997), eles desenvolvem atividades de baixa qualificação que os norte-americanos se recusam a executar (lavar pratos, faxina e construção civil, por exemplo).

No entanto, o autor destaca que no cálculo de custo-benefício do migrante internacional, seu ponto de comparação é a economia do país de origem, contando muito

²⁰ Segundo Siqueira (2008) esses foram os primeiros jovens que emigraram na década de 1960.

pouco, para sua decisão, a diferença entre seus possíveis rendimentos e aqueles recebidos pelos nativos. Ou seja, para o imigrante, as condições precárias, o rebaixamento do status social e o salário inferior com relação ao dos norte-americanos são superados, quando comparados à condição de vida no país de origem.

Para exemplificar, Margolis (1994) cita o exemplo das brasileiras que trabalham como empregadas domésticas na cidade de Nova York. Segundo ela, o serviço doméstico é complicado para os imigrantes brasileiros. Para a classe social de onde vêm, esse é um serviço de baixa reputação e pouca consideração, o que torna a atividade paradoxal em relação a suas próprias vidas e experiências pessoais no território de origem.

Segundo a autora, em Nova York há mulheres com boa formação trabalhando como domésticas. No Brasil, elas não executariam esse tipo de trabalho e, às vezes, sequer se relacionariam com pessoas que têm tal emprego. A maioria delas era patroa, pois tinha uma empregada no Brasil. No entanto, de certa forma, elas conseguem encarar bem a nova realidade, como se estivessem em um estado dissociativo enquanto trabalham, pois o emprego se transforma em uma alternativa viável de obter um padrão de vida mais alto ou um futuro melhor para os filhos.

No *Diário do Rio Doce*, as histórias de Júlio e Délcio foram as duas únicas menções a trabalhadores imigrantes nos anos de 1960. Na década em questão, o foco eram mesmo os intercambistas e os cursos de Inglês. Um exemplo foi a realização de um seminário intensivo de inglês para professores do idioma. O evento, amplamente noticiado no jornal, contava com a participação de estudiosos norte-americanos e até mesmo com a presença do adido²¹ cultural do consulado dos Estados Unidos em Belo Horizonte, que veio para fazer o encerramento.

Já em 1968, um assunto polêmico ganhou pauta pela primeira vez no *Diário do Rio Doce*: a questão da imigração indocumentada. A primeira menção referente ao tema foi veiculada em 11 de dezembro de 1968. A matéria, intitulada *Valadarenses regressam dos EUA*, destacou a aventura de um grupo de oito valadarenses que pretendia trabalhar nos Estados Unidos, apenas portando o visto de turista e acabaram sendo deportados. Nesse ponto, é importante destacar que os 17 primeiros jovens que emigraram na década de 1960 eram documentados. Cipriano e Délcio, mencionados anteriormente, faziam parte desse grupo e por isso podiam trabalhar legalmente no exterior. Porém, com o passar dos anos,

²¹ O adido é um funcionário agregado a embaixada ou legação de seu país no estrangeiro, cuja missão é tratar dos assuntos relativos a determinada atividade na qual é considerado importante um intercâmbio entre os dois países

trabalhadores que não conseguiam visto de trabalho emigravam como turistas, mas, na verdade, pretendiam conseguir um emprego.

A nota publicada no jornal sobre o tema afirma que os valadarenses indocumentados voltariam em breve ao país na mesma circunstância “fora da lei”, como enfatiza, de forma pejorativa, o repórter que redigiu o texto. No dia seguinte à publicação da nota, o jornal trouxe uma notícia destacando a ação da Câmara Municipal, que pretendia intervir em favor dos valadarenses, evitando novos constrangimentos.

É importante destacar que, até então, as reportagens enalteciam o país de destino em detrimento ao de origem. Contudo, naquela nota, o caráter de “fora da lei” para os imigrantes indocumentados acrescenta uma nova representação midiática ao fenômeno e àqueles que buscam chegar a esse lugar apresentado pelo jornal como um território de oportunidades e boa qualidade de vida.

Apesar das notícias sobre a deportação de um grupo de valadarenses em dezembro do ano anterior, em 1969 não há nenhuma matéria relacionada à questão da imigração indocumentada. A oferta de bolsa de estudos, por sua vez, ainda permanece em pauta, com cada vez mais jovens indo estudar nas terras do *Tio Sam* e, também, norte-americanos chegando para o intercâmbio em Valadares. No entanto, nesse período, a emigração indocumentada ou de jovens com visto de turista que embarcavam com objetivo de melhorar de vida estava em pleno andamento (SOARES, 1995).

Na década seguinte, 1970, os intercambistas e a oferta de bolsas de estudo continuam sendo pautados, mas começam a ser ofuscados pelas referências aos valadarenses que fixam residência em solo norte-americano, com o objetivo de trabalhar e economizar dinheiro ou, na expressão popular, “fazer a América”.

Um espaço em que os imigrantes ganhavam destaque especial eram as colunas sociais, que trazem um conteúdo subjetivo e tratam, preferencialmente, assuntos que envolvem pessoas da alta sociedade. Dessa forma, o emigrante era representado como alguém bem sucedido, uma pessoa privilegiada, assim como o território de destino – os Estados Unidos.

Os Estados Unidos, quase sempre citados como *States* são tratados pelos colunistas como um país diferenciado e aqueles que têm a oportunidade de estar lá, seja a passeio ou a trabalho, continuam sendo considerados privilegiados. Na maioria das menções o tipo de trabalho que os valadarenses executavam no país de destino não é mencionado. As notícias destacam eventos sociais, viagens, nascimento de filhos e não as dificuldades enfrentadas

pelos imigrantes. A representação midiática, na época, privilegiava o aspecto positivo da emigração, deixando de lado suas conseqüências negativas e as dificuldades enfrentadas pelos brasileiros em um território completamente diferente daquele em que eles nasceram.

Uma exceção foi o caso de uma brasileira, cuja entrevista ganhou espaço privilegiado e destaque de capa no dia 12 de maio de 1970. Ao afirmar que o Brasil é uma fossa, a jovem valadarense Isabel da Silva, que trabalhava fazendo *strip tease* nos Estados Unidos ganhou destaque de capa no *Diário do Rio Doce*. Durante a entrevista, ela qualificou o povo brasileiro como ultrapassado e elogiou a postura desenvolvida dos norte-americanos, que não julgavam de forma pejorativa, devido ao trabalho que exercia. Durante todo tempo, os norte-americanos são vistos com superioridade ao serem comparados com os brasileiros.

As declarações da jovem ganharam enorme repercussão e ela procurou o jornal para se retratar e justificar o que quis dizer ao utilizar o termo “fossa”. No entanto, mesmo na hora de pedir desculpas, ela deixou evidente a existência de um abismo entre os dois países. Ao justificar o que Isabel quis dizer, o jornalista menciona que nos Estados Unidos o trabalho é mais rentável e não existe discriminação, como no caso no Brasil. Ou seja, mesmo na hora de justificar uma crítica feita ao país de origem, tanto a entrevistada quanto o entrevistador fazem questão de realçar os pontos positivos dos Estados Unidos em detrimento ao Brasil. Como pudemos observar, mesmo quando se descreve sobre o tipo de trabalho executado pelos brasileiros no exterior, o país de destino é representado de forma positiva.

Como mencionado anteriormente, imigrantes como Isabel executam trabalhos desqualificados, sendo comum entre valadarenses o emprego como dançarina. De acordo com Fontana e Guedes (2004) as mulheres trabalham principalmente no serviço doméstico: limpeza de casas (*house cleaner*), cuidado de crianças (*babysitting*), arrumadeiras em hotéis (*house keeper*), garçonetes (*bar-maid*) e dançarinas em clubes noturnos (*go go girl*).

No entanto, Margolis (1994) faz uma ressalva. Apesar de grande parte das dançarinas serem brasileiras, isso não quer dizer que a maioria das brasileiras que vai para os Estados Unidos se transforma em uma *go go girl*. Ao destacar a história de Isabel em uma época como os anos de 1960, é possível que os leitores do jornal associem a emigração de mulheres a esse tipo de serviço ou até mesmo à prostituição.

Nesse sentido se pensarmos o jornal como um território, ele configura relações, constrói parâmetros e define espaços de ações dos sujeitos. Nesse caso, os estereótipos sobre a emigração feminina são sedimentados. Assis e Siqueira (2009) demonstram como as mulheres

que emigraram no final da década de 1960 eram discriminadas, tendo em vista a idéia de que mulheres emigrantes trabalhavam no mercado do sexo, nos Estados Unidos.

Além do tipo de emprego executado pelos brasileiros, a questão da facilidade em conseguir trabalho também foi destacada. Em uma matéria os jornalistas enfatizam que em tempos de crise a taxa de desemprego nos Estados Unidos é mínima e as perspectivas de inserção no mercado de trabalho daquele país são cada vez melhores. No entanto, é importante lembrar que para os emigrantes as possibilidades de emprego estão no mercado secundário, ou seja, na franja da sociedade norte-americana.

Voltando à questão das mulheres, em outra matéria, publicada no dia 20 de fevereiro de 1970, uma emigrante que está de férias no Brasil descreve a abundância de bons empregos para moças nos Estados Unidos. Ao ser questionada sobre o fato de rapazes estarem explorando mulheres e oferecendo falsos trabalhos, ela diz que não foi vítima, mas que o golpe é real. Essa matéria também evidencia o perigo da emigração para as mulheres.

A imagem feminina associada ao mercado do sexo traduz uma representação midiática da emigração. O jornal, como um território, constrói uma imagem da realidade, a partir do modo como os acontecimentos são retratados. Assim, a publicação recorrente de matérias sobre a condição das emigrantes do sexo feminino fortalece a imagem degradante associada a essas mulheres emigrantes.

Além do estereótipo feminino, aos poucos, começa a ser criada uma representação negativa dos valadarenses, independentemente do sexo, que vá ser associados, com frequência, a uma série de esquemas irregulares e ilícitos, envolvendo emigrantes que desejam trabalhar nos Estados Unidos.

A emigração indocumentada é um exemplo. O tema que já apareceu na década anterior voltou à pauta nos anos de 1970. Dessa vez, não apenas a deportação, mas aos inúmeros riscos aos quais os valadarenses se expõem, para conseguir entrar na “terra das oportunidades”, já utilizando a fronteira como forma de acesso aos Estados Unidos, como podemos observar na matéria que segue:

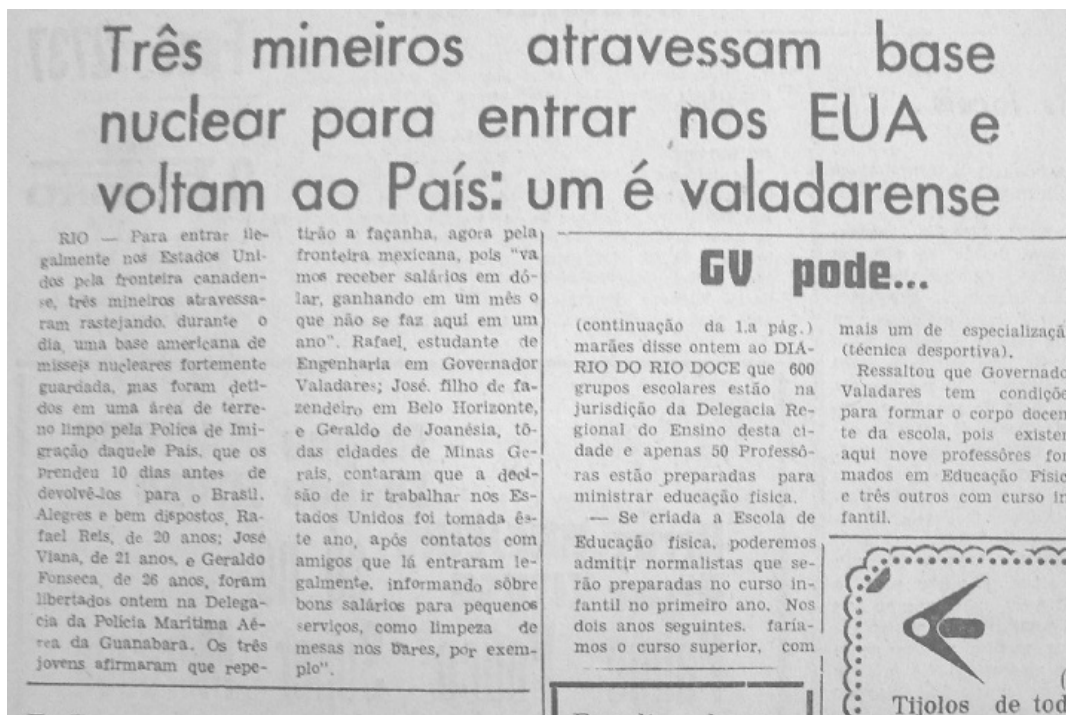


Figura 04 – Matéria: Mineiros atravessam base nuclear

Fonte: Diário do Rio Doce, 26 de junho de 1970 (p.9)

Nessa década, também chamam a atenção as notícias que estabelecem uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. Em uma nota, publicada no dia 12 de outubro de 1971, em uma coluna social, um jovem brasileiro relata que um estudante foi repreendido ao jogar um papel no chão. O guarda questionou se ele era estrangeiro, pois os norte-americanos não se comportam dessa forma. O fato ganhou destaque e o colunista aproveitou para ironizar a conduta do povo brasileiro.

E os elogios à conduta dos norte-americanos não pararam por aí. Em outra nota, publicada em uma coluna, que trata de assuntos diversos, é destacada a disciplina daquele povo, o que ajuda a fortalecer a imagem positiva que os valadarenses têm dos Estados Unidos. A nota traz o seguinte trecho:

Pelo noticiário vindo dos Estados Unidos, o apelo de Nixon está sendo cumprido à risca. A disciplina do povo é tão grande que a simples palavra do seu presidente tem força de lei. Essa incrível capacidade do povo americano em cumprir todas as suas obrigações é que faz, em parte, a grandeza do país. Por maiores que sejam as crises socioeconômicas nos EUA ninguém duvida de que seu povo sabe recuperar-se em todas as emergências para um futuro melhor. É o que vai acontecer. (DIÁRIO DO RIO DOCE, 20 de agosto de 1971)

Nem mesmo ao relatar o caso de uma imigrante que morreu nos Estados Unidos os jornalistas poupam elogios. A nota, publicada em 12 de fevereiro de 1974, não traz detalhes sobre a vítima, mas faz questão de destacar o excelente atendimento que ela recebeu nos *States*. Já ao mencionar a visita de um imigrante valadarense à terra natal, que veio ao Brasil acompanhado da esposa norte-americana, o jornalista volta a ser irônico ao se referir ao país de origem. A mulher se encanta com o Brasil e dá margem para comentários jocosos que são feitos pelo repórter: *Ela vai acabar nos convencendo 'O Brasil é lindo' disse na hora dos adeuses (Diário do Rio Doce, 23 de maio de 1973)*.

Esse tom, muito comum nas reportagens dos anos de 1960 e 1970, traz uma desvalorização do território de origem enquanto supervaloriza o de destino. O Brasil é representado como um país sem esperanças e os Estados Unidos são mencionados como sendo a salvação. É importante destacar que nessa década, com o fim do milagre econômico, a desesperança de melhores condições de vida se concretiza na vida dos brasileiros. A cidade de Governador Valadares não é diferente, o que torna o sonho de fazer a “América” uma possibilidade de obter acesso ao consumo e a melhores condições de vida.

No entanto, a vida dos imigrantes é marcada por privações. Ao chegar ao país estrangeiro, o imigrante busca se reterritorializar e se adaptar. Mas, por mais desenvolvido que seja o destino, esse processo é complexo e marcado pelo estranhamento. Nas duas primeiras décadas, as dificuldades de adaptação em um território longínquo não são exploradas pelo jornal.

Aos poucos, o tema da migração ganha espaço e abordagens diversificadas, com destaque para a ida de pessoas de todas as partes do mundo para os Estados Unidos, país que é definido pela publicação como a “casa de todos os imigrantes”. Outros temas que ganham espaço são a emissão de passaportes e as leis referentes à contratação de estrangeiros nos Estados Unidos, que punem o empresário que contrata um imigrante em situação indocumentada. Ao final da nota, o jornalista ironiza: *Com esta nova lei (e os motivos são óbvios) torna-se ainda mais difícil a permanência de estrangeiros naquele país (Diário do Rio Doce, 15 de setembro de 1972)*.

No entanto, os temas referentes à migração também ganharam espaço na página policial. Em 1975, um despachante foi preso acusado de falsificação de passaportes. Ele atraía os clientes prometendo fortuna nos Estados Unidos. O falsificador diz que não era difícil enganar as autoridades que, em alguns casos, emitiam o visto mesmo sem a presença do candidato. O fato ganhou destaque com direito a chamada de capa e repercussão no *Diário do*

Rio Doce nos dia 21 de março de 1975. No entanto, a questão da falsificação de passaportes não voltou a aparecer nos anos de 1970. O assunto acabou sendo trabalhado como um fato isolado: “O caso Oto”.

Apesar das poucas referências anteriores do jornal com relação aos valadarenses que iam para os Estados Unidos com visto de turista, mas que pretendiam trabalhar, na reportagem fica evidente que já existia um fluxo em direção à terra do *Tio Sam* e não apenas daqueles que iam estudar ou passear. Como a própria reportagem da prisão de Oto salienta, era grande o número de rapazes que saíam de Valadares rumo “a uma vida melhor” nos Estados Unidos. Nem sempre eles conseguiam trabalhar no país de destino de forma documentada.

A descoberta das falsificações levou o jornal a publicar uma reportagem²² ensinando a forma correta e legal de tirar o passaporte e todos os documentos necessários para conseguir o visto de entrada nos Estados Unidos. Ainda no âmbito das irregularidades, o jornal volta a mencionar a lei de contratação de estrangeiros naquele país, que prevê multa e até fechamento da firma, em caso de insistir em manter funcionários sem documentação legal de permanência.

Mesmo com as denúncias, a coluna social ainda estampava valadarenses que iam para os Estados Unidos, seja para morar ou passear, com textos repletos de adjetivações positivas com relação ao país de destino. As publicações conferiam certo *status* à condição de imigrante, como podemos observar no fragmento abaixo:

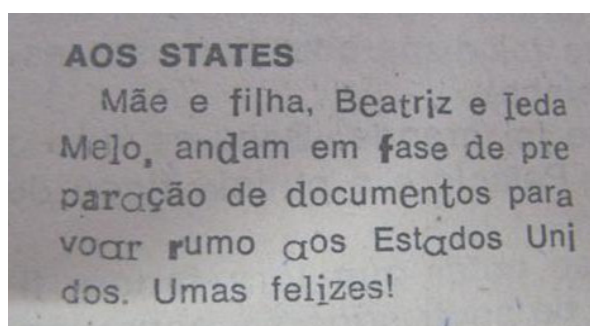


Figura 05 – Coluna Social: Umas Felizes

Fonte: Diário do Rio Doce, 06 de novembro de 1975

A utilização da expressão “Umas felizes” transmite a idéia de que no território de origem a felicidade não pode ser alcançada, tendo em vista que, conforme outras matérias

²² Esta reportagem foi publicada no dia 09 de abril de 1975. Já nos dias 30 e abril e 01 de maio do mesmo ano foi dado destaque especial para a questão da legislação referente à contratação de estrangeiros nos Estados Unidos.

apresentadas anteriormente, os brasileiros são mal educados, sem valores morais, com políticos corruptos, vivendo numa economia inflacionada e com poucas condições de atingir a “felicidade”. Ou seja, um território onde não é possível ser feliz e ter qualidade de vida. Essa é uma representação midiática recorrente no jornal ao longo de todo período analisado.

Um dado importante e que também merece ser destacado é que, assim como em 1960 é intensa a divulgação de cursos de inglês. As escolas trazem anúncios diversos. Um exemplo vem do Instituto de Línguas Modernas (ILM), que publica matéria paga no *Diário do Rio Doce* para promover seu método de ensino, que prioriza o inglês norte-americano e divulgar uma excursão aos Estados Unidos.

Ao todo, foram anunciadas cinco escolas diferentes: IBEU, FISK, CCAA, ENFOC e o Instituto de Línguas Modernas, instituições especializadas, que oferecem cursos audiovisuais e aulas especiais de inglês para viagem, certamente visando um público específico: aqueles que pretendem ir para os Estados Unidos. Paralelamente ao aumento das viagens para o país norte-americano cresce a demanda de pessoas interessadas em aprender o idioma do país de destino e, conseqüentemente, aumenta a oferta de cursos voltados para o ensino da língua inglesa.

Certamente, a proliferação de cursos de inglês anunciados no jornal está diretamente relacionada com o interesse latente dos valadarenses pelos Estados Unidos. Como afirma Sales (1991), o conhecimento do idioma local exerce influência determinante no processo de adaptação ao país de destino. O desconhecimento da língua dificulta a obtenção de empregos e o relacionamento dos imigrantes com a sociedade hospedeira.

A influência norte-americana também pode ser percebida em outros anúncios publicados no *Diário do Rio Doce*. Alguns lojistas optam pelo inglês em vez do Português na hora de escolher o nome dos estabelecimentos comerciais, como é o caso de uma loja de roupas anunciada, a *New Place Boutique*, e da boate *New York City*, localizada bem no centro de Valadares.

Nestes vinte primeiros anos analisados, há uma evidente positivação dos Estados Unidos em detrimento do Brasil. O imigrante é representado como um privilegiado, que teve a chance de conhecer um país diferenciado, em que as regras são cumpridas e é possível ter uma boa condição financeira. Apesar de algumas menções às irregularidades cometidas pelos valadarenses com o objetivo de emigrar, a emigração não é criminalizada, ao contrário, é marcada pelo *glamour* das colunas sociais.

No processo de construção social que envolve a comunicação, a representação feita pelo território midiático em questão reforça o imaginário coletivo que coloca os Estados Unidos como uma terra de grandes oportunidades e o migrante como um cidadão bem sucedido. No item seguinte, vamos verificar de que forma se dá a representação nos anos que marcaram a intensificação do fluxo de valadarenses para os Estados Unidos: as décadas de 1980 e 1990.

3.2.2 Década de 1980 e 1990

Os anos de 1980 foram marcados na história do Brasil como a década em que o crescimento que vinha caracterizando a economia é interrompido, devido a vários fatores como o peso da dívida externa, o fracasso dos programas de estabilização no controle da inflação e, conseqüentemente, da retomada do crescimento econômico. Esses eventos estabeleceram um ambiente de incertezas com alargamento dos desníveis sociais. Por tudo isso, esse período ficou conhecido como a “década perdida”.

Foi também o momento em que ocorreu o *boom* da emigração de valadarenses para os Estados Unidos. Naquela década, o *Diário do Rio Doce* trouxe vários temas relacionados à presente pesquisa, com destaque para a proliferação de agências de turismo e cursos de inglês; a crise econômica e suas conseqüências e as comparações entre Brasil e Estados Unidos. Além disso, foram encontradas abordagens mais específicas, como a imigração indocumentada e as restrições impostas pelo Governo Norte-Americano à presença de estrangeiros.

A tabela abaixo, tabela 04, traz, a partir da análise destes 10 anos (1980 e 1989), a frequência dos temas encontrados sobre a migração. Dentre estes assuntos, alguns falam explicitamente sobre o tema e outros, como é o caso na situação econômica do país na época, estão, de alguma forma, relacionados à temática de pesquisa. O quadro nos permite compreender melhor a relevância dos temas naquela década.

Tabela 4 - Temas noticiados no *Diário do Rio Doce* nas décadas de 1980

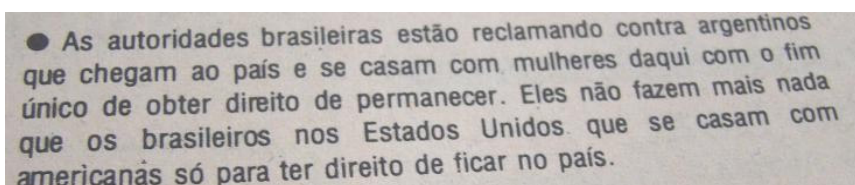
Temas	Década de 1980	
	Frequência	%
Desvalorização da Moeda /Alta do Dólar	147	18,9%
Agência de Turismo	111	14,3%
Curso de Inglês	95	12,2%
Crise Econômica/Inflação	85	10,9%
Valadarense nos EUA (Trabalho/Moradia)	38	4,9%
Prisão/Deportação	35	4,5%
Comparação Brasil/EUA	24	3,1%
Falsificação de Documentos	22	2,8%
Imigração Indocumentada	22	2,8%
Imigração / Imprensa	17	2,2%
Governo dos EUA /Imigração	16	2,1%
Crimes de Brasileiros/EUA	14	1,8%
Emissão de Passaporte/Visto	13	1,7%
Morte/Acidentes de Brasileiros nos EUA	12	1,6%
Desemprego	11	1,4%
Críticas ao Brasil/GV	10	1,3%
Estrangeiros no Brasil	10	1,3%
Ofertas para Imigrantes	09	1,2%
State News Interno	08	1,0%
Emigração para os EUA	07	0,9%
Emigração para outros países	07	0,9%
Viagem para os EUA mesmo com a Crise	07	0,9%
Legalização	06	0,8%
Turismo / EUA	06	0,8%
DRD nos EUA	05	0,6%
Declínio Populacional	04	0,5%
Fuga para os EUA	04	0,5%
Migração Interna	04	0,5%
Cartas/EUA	03	0,4%
Discriminação Brasileiros /EUA	03	0,4%
Influência dos EUA	03	0,4%
Oferta de Bolsas de Estudo	03	0,4%
Cônsul dos EUA em GV	02	0,3%
Dólares/ Construção Civil	02	0,3%
Jornal Étnico	02	0,3%
Remessas	02	0,3%
Time de Brasileiros nos EUA	02	0,3%
Ajuda/EUA	01	0,1%
Imigração/Cultura	01	0,1%
Políticas Públicas/Imigração	01	0,1%
Valadarense nos EUA (Estudo)	01	0,1%
Valadarense nos EUA (Passeio)	01	0,1%
Total	776	100%

Fonte: Pesquisa no DRD, 2010

No entanto, na primeira metade da década, em especial nos dois primeiros anos, ainda eram comuns as reportagens referentes aos estrangeiros no Brasil. Conforme destacamos anteriormente, em termos de movimento populacional, até os anos de 1960 o Brasil era um receptor de imigrantes, sendo que os estrangeiros foram fundamentais para a formação do

território brasileiro. Por isso, apesar da década de 1980 já ser caracterizada pela emigração de brasileiros, ainda era dado destaque aos estrangeiros que estavam no país na região.

No ano de 1980, foi regulamentada a lei 6.815²³, cujo objetivo era definir a situação jurídica do estrangeiro no Brasil. A lei foi alvo de muitas controvérsias e os estrangeiros, que eram impedidos de permanecer no país, ganharam destaque no jornal, assim como as artimanhas utilizadas por eles para permanecer em solo brasileiro. Mas, como podemos observar no fragmento que se segue, o jornal já fazia a comparação entre os imigrantes estrangeiros no Brasil e os emigrantes brasileiros.

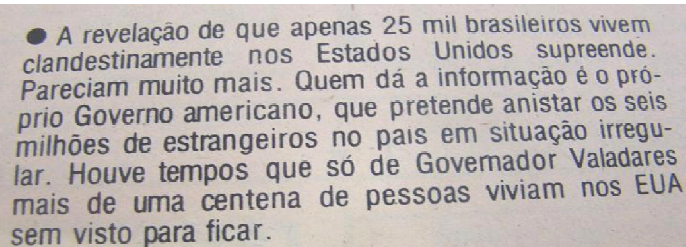


● As autoridades brasileiras estão reclamando contra argentinos que chegam ao país e se casam com mulheres daqui com o fim único de obter direito de permanecer. Eles não fazem mais nada que os brasileiros nos Estados Unidos que se casam com americanãs só para ter direito de ficar no país.

Figura 06 – Nota: Argentinos no Brasil

Fonte: Diário do Rio Doce, 01 de maio de 1980

E, assim como o Governo Brasileiro, o Norte-Americano também se mostrava preocupado com as questões referentes à imigração no início da década. Em sua coluna sobre informações internacionais, o *Diário do Rio Doce* destacou a pretensão dos Estados Unidos em reformar os Estatutos de Imigração, a fim de preservar a tradição e aceitar os estrangeiros de forma controlada e ordenada. Aproveitando o gancho da política migratória, o jornal noticiou sobre os imigrantes brasileiros que estavam indocumentados nos Estados Unidos, com destaque para os valadarenses, como podemos observar abaixo:



● A revelação de que apenas 25 mil brasileiros vivem clandestinamente nos Estados Unidos surpreende. Pareciam muito mais. Quem dá a informação é o próprio Governo americano, que pretende anistar os seis milhões de estrangeiros no país em situação irregular. Houve tempos que só de Governador Valadares mais de uma centena de pessoas viviam nos EUA sem visto para ficar.

Figura 07 – Nota: 25 mil brasileiros irregulares

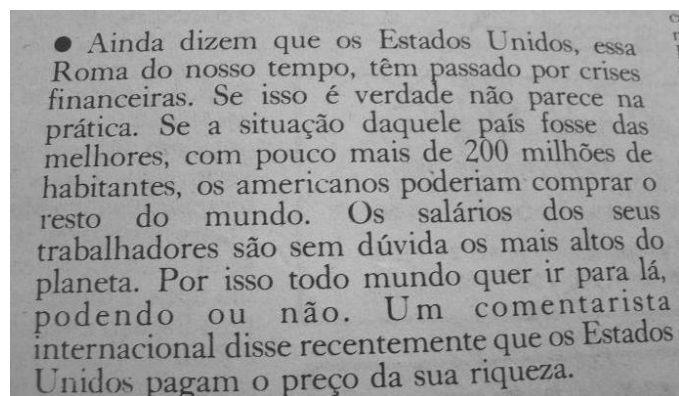
Fonte: Diário do Rio Doce, 04 de agosto de 1981.

Também no início da década, destacou-se o tratamento conferido aos brasileiros, que foram representados com ironia pela publicação, principalmente nos textos de cunho

²³ A lei 6.815, popularmente conhecida como o “Estatuto do Estrangeiro”, foi promulgada em 19 de agosto de 1980 e definia a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e cria o Conselho Nacional de Imigração

opinativo. Em um artigo intitulado *Paraíso dos Malandros*, publicado no dia 11 de julho de 1980, o autor destaca o número excessivo de feriados existentes e qualifica negativamente o povo brasileiro como pois, mesmo com a inflação de 100% batendo à porta estaria mais preocupado com o lazer do que com o trabalho. Em contrapartida, os jornalistas sempre elogiavam os Estados Unidos, mantendo a tendência observada nas duas décadas anteriores.

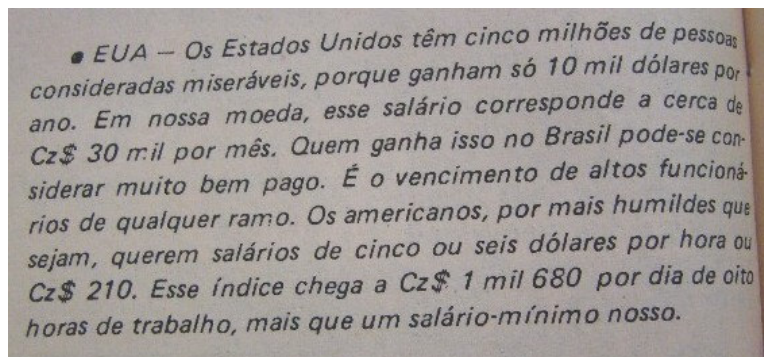
O país era definido como uma democracia exemplar, que pune um parlamentar corrupto, ao contrário do que acontecia no Brasil. Além disso, o jornal mencionava a habilidade dos norte-americanos em controlar os índices inflacionários. Enquanto no Brasil, os anos de 1980 foram marcados por uma crise financeira. Os jornalistas destacavam a capacidade deles em manter economia a todo vapor, dando “água na boca” aos brasileiros. De acordo com o jornal, em 1982, por exemplo, a inflação naquele país era cerca de 30 vezes menor do que a brasileira. A publicação representava os Estados Unidos como exemplo de recuperação para o mundo, e ironizava aqueles que duvidavam do seu potencial, como podemos observar nos trechos abaixo:



● Ainda dizem que os Estados Unidos, essa Roma do nosso tempo, têm passado por crises financeiras. Se isso é verdade não parece na prática. Se a situação daquele país fosse das melhores, com pouco mais de 200 milhões de habitantes, os americanos poderiam comprar o resto do mundo. Os salários dos seus trabalhadores são sem dúvida os mais altos do planeta. Por isso todo mundo quer ir para lá, podendo ou não. Um comentarista internacional disse recentemente que os Estados Unidos pagam o preço da sua riqueza.

Figura 08 – Nota: EUA, Roma do nosso tempo.

Fonte: Diário do Rio Doce, 14 de setembro de 1982



● EUA – Os Estados Unidos têm cinco milhões de pessoas consideradas miseráveis, porque ganham só 10 mil dólares por ano. Em nossa moeda, esse salário corresponde a cerca de Cz\$ 30 mil por mês. Quem ganha isso no Brasil pode-se considerar muito bem pago. É o vencimento de altos funcionários de qualquer ramo. Os americanos, por mais humildes que sejam, querem salários de cinco ou seis dólares por hora ou Cz\$ 210. Esse índice chega a Cz\$ 1 mil 680 por dia de oito horas de trabalho, mais que um salário-mínimo nosso.

Figura 10 – Nota: Salários Brasil e EUA

Fonte: Diário do Rio Doce, 06 de junho de 1987

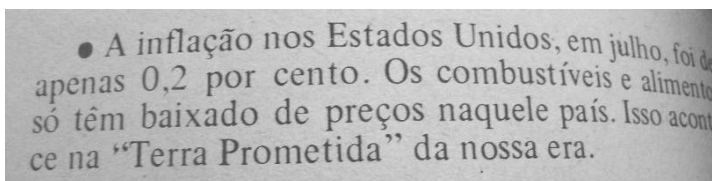


Figura 09 – Nota: Inflação EUA

Fonte: Diário do Rio Doce, 24 de agosto de 1985

E nem os médicos que cuidaram do presidente Tancredo Neves escaparam das comparações com os colegas norte-americanos. De acordo com nota publicada no jornal em 17 de julho de 1985, a doença do presidente brasileiro foi transformada em uma verdadeira novela e os médicos mentiram para tentar esconder o estado de saúde do governante. Ao contrário, os médicos que cuidaram de Ronald Reagan não esconderam que o chefe da nação sofria de câncer. Para justificar, o jornalista traz a seguinte afirmação: *A diferença de maturidade cultural entre os dois países é imensa. Ainda temos talvez mais de um século para aprender a se tornar gente realmente desenvolvida.*

Toda essa representação positiva dos Estados Unidos no território midiático, ou seja, o *Diário do Rio Doce* é resultado de um contexto histórico, social e político específico do território de origem. As comparações entre os dois países ganharam força nos anos de 1980, conhecidos no Brasil como a “década perdida”, devido à sucessão de planos econômicos frustrados. De forma sucinta, o segundo choque do petróleo em 1979 causou forte impacto na economia mundial, com elevação nas taxas de juros.

O problema se agravou em nosso país, pelo fato de o Brasil ter contraído empréstimos entre 1974 e 1978, para viabilizar o II Plano Nacional de Desenvolvimento sobre as taxas variáveis de juros. Como resultado disso, ocorre a explosão da dívida externa e, conseqüentemente, grandes *déficits* na balança de pagamentos e o descontrole da inflação. O Brasil mergulhou em uma longa recessão, que praticamente bloqueou seu crescimento econômico, no período.

No território de estudo, Governador Valadares, a situação não era diferente do restante do país. Na verdade, a cidade já vinha sofrendo problemas na economia desde os anos de 1960, com o esgotamento de um sistema produtivo baseado em ciclos extrativistas. Com a crise generalizada no Brasil, a situação na cidade se agravou, com elevados índices de desemprego e o empobrecimento da classe média.

Esse território foi marcado por ciclos de auge e decadência. Nos anos de 1960, a cidade ocupava o 4º lugar no estado em termos de arrecadação, no entanto, a partir da década seguinte foram registradas quedas sucessivas. Nos anos de 1980, Valadares apresentava indicadores de crescimento econômico menor do que a média do estado, com participação de apenas 6% no Produto Interno Bruto (PIB) estadual, e o 28º lugar em arrecadação no ano de 1981 (ALMEIDA, 2003).

Em meio ao pessimismo que contaminou os brasileiros, os jornalistas colocam os Estados Unidos no centro do mundo e justificam o interesse daqueles que desejam emigrar para o país que consegue superar as crises e recompensar financeiramente os trabalhadores. Como pudemos observar no jornal, o lado positivo daquele país sempre está em evidência.

[...] as pessoas emigram para os locais onde existe oportunidade de melhorar sua condição de vida ou manter uma condição que estava sendo perdida por questões estruturais da economia do seu país de origem. O crescimento do fluxo migratório internacional coincide exatamente com o período de agravamento da crise econômica brasileira. A forma como a riqueza esta distribuída no mundo é um componente importante para definição da direção do fluxo migratório. Sendo assim, a existência de um mercado de trabalho secundário que oferece possibilidade de trabalho e renda, nos EUA, promovem condições de expulsão na origem são fatores que configuraram esse fluxo (SIQUEIRA, 2009a, p.4).

Apesar de a crise aqui ter atingido todo o país, a saída de emigrantes para o exterior não se configurou em todo território nacional. As redes sociais, que interligavam a cidade mineira aos Estados Unidos formada desde os anos de 1960, foram um fator relevante. Enquanto em outras cidades do interior seus habitantes buscavam saída da crise, emigrando para os grandes centros urbanos no Brasil, na cidade de Governador Valadares e região a emigração se dava a longa distância - era um movimento internacional (SIQUEIRA, 2009a).

Além das comparações, a crise ganhou diversas abordagens no jornal, sendo o tema mais destacado pela publicação na década. Os textos sobre o assunto assinalavam tempos difíceis, com a desvalorização da moeda local e a alta na cotação do dólar. Os repórteres também enfatizavam os baixos índices salariais, muitas vezes insuficientes para garantir as necessidades mais básicas. Outro destaque foram os aumentos exorbitantes de preço e as tentativas frustradas do governo para tentar controlar a situação, que se agravava a cada dia, como podemos observar no fragmento abaixo.

● Pouco mais de 14 anos depois o cruzeiro vale apenas 10 centavos do que lhe fora atribuído em 1967. O Governo só tem uma saída para facilitar as coisas, ou seja, reformar de novo a moeda, reduzindo os números. O dólar sobe quase toda semana, e a inflação não baixa nos índices esperados. As correções são de efeito permanentes. Com isso, o petróleo está cada vez mais caro, elevando todas as outras coisas, quando pouco, na base do pretexto.

Figura 11 – Nota: Desvalorização do Cruzeiro

Fonte: Diário do Rio Doce, 02 de setembro de 1981.

A crise gerou críticas em todos os setores e, conseqüentemente, na imprensa local. Os articulistas do jornal condenaram o comportamento dos brasileiros, que inferiorizavam tudo o que era produzido em sua terra natal e supervalorizavam aquilo que era estrangeiro. Em alguns casos, foram propostas alternativas radicais para contornar a situação.

O Brasil, apesar de tudo, tem uma saída: distribuir passaportes para todos.

Figura 12 – Frase: Distribuição de Passaportes

Fonte: Diário do Rio Doce, 07 de junho de 1981

A menção acima representa a baixa estima dos brasileiros à época, fortalece a idéia de que o país não tem solução, justificando a saída das pessoas em busca de melhores condições de vida em outros países, em detrimento de buscar soluções para seu local de origem. A ironia também esteve presente na seção de opinião, onde o assunto virou até mesmo paródia.

PARA CANTAR NO CARNAVAL
Paródias de J. Carlos e Niltinho

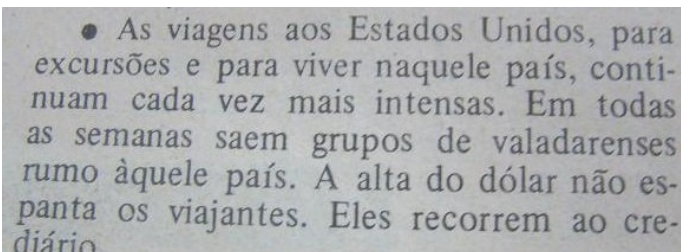
POBREZA
(para cantar com a música de "Tristeza", de Haroldo e Niltinho)

Pobreza
Por favor vá embora
E o meu bolso que implora
Pois vê bem que o Delfim
Fez da inflação a minha agonia
Já é demais pra eu pagar
Quero de novo ter dinheiro
Ao fim do dia
Quero de novo comprar

Figura 13 – Paródia: Pobreza

Fonte: Diário do Rio Doce, 01 de março de 1981

Em meio a esse cenário de crise um dado chamou a atenção - apesar dos preços exorbitantes do dólar, não parava de crescer a venda de passagens para os Estados Unidos. A contradição como podemos observar no fragmento seguinte, ganhou espaço no *Diário do Rio Doce* e foi definida pela publicação, ironicamente, como um “milagre do nosso tempo”.



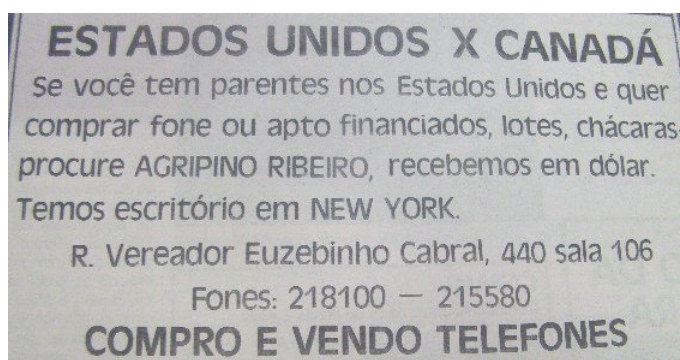
● As viagens aos Estados Unidos, para excursões e para viver naquele país, continuam cada vez mais intensas. Em todas as semanas saem grupos de valadarenses rumo àquele país. A alta do dólar não espanta os viajantes. Eles recorrem ao crédito.

Figura 14 – Nota: Viagens para os EUA

Fonte: Diário do Rio Doce, 18 de fevereiro de 1984.

No entanto, como é destacado pelos próprios jornalistas, apesar de a maioria dos pacotes de viagens serem vendidos por agências de turismo, parte daqueles valadarenses que voaram rumo aos Estados Unidos não tinham como objetivo apenas passear, mas fixar residência no país. Como consequência, era cada vez maior o número de agências anunciando pacotes parcelados em diversas vezes e garantindo facilidades para a obtenção de passaportes e vistos.

Além desse mercado, assim como na década anterior, também não parava de crescer a oferta de cursos de inglês, sendo que muitas escolas ofereciam planos especiais para viagem. E mais: na página dos classificados, como podemos observar abaixo, começaram a surgir anúncios voltados para um público alvo específico, os imigrantes e seus familiares.



ESTADOS UNIDOS X CANADÁ
 Se você tem parentes nos Estados Unidos e quer comprar fone ou apto financiados, lotes, chácaras, procure AGRIPINO RIBEIRO, recebemos em dólar.
 Temos escritório em NEW YORK.
 R. Vereador Euzebinho Cabral, 440 sala 106
 Fones: 218100 — 215580
COMPRO E VENDO TELEFONES

Figura 15 – Publicidade: EUA X Canadá

Fonte: Diário do Rio Doce, 20 de outubro de 1987

Mesmo sendo um esquema ilícito, ainda foram publicados no jornal anúncios destinados àqueles que pretendem emigrar via México. Agências de turismo ofereciam, com todas as letras, pacotes de viagem passando pela fronteira.



Figura 16 – Publicidade: “Mexicantur”

Fonte: Diário do Rio Doce, 16 de fevereiro de 1989

Aos poucos, a questão da imigração indocumentada passou a dominar o noticiário referente à migração internacional, em especial a partir da segunda metade dos anos de 1980. Os textos, redigidos em tom pejorativo, se referiam à cidade como um lugar propício à realização de atividades ilícitas, e que já era conhecida pelas autoridades norte-americanas como um centro de confecção de documentos falsificados, como podemos observar abaixo:

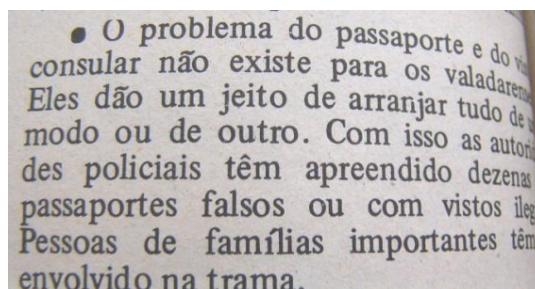


Figura 17 – Nota: Visto Consular

Fonte: Diário do Rio Doce, 12 de maio de 1984.

As notícias sobre os imigrantes, que antes tinham espaço privilegiado nas colunas sociais, também ganharam mais destaque na página policial, ao longo dos anos de 1980, envolvendo, além das falsificações, a questão das deportações e o aumento das prisões na fronteira, com o Governo Norte-Americano fechando o cerco aos indocumentados. Nas matérias, brasileiros presos afirmavam ser recorrentes as humilhações sofridas especialmente pelos valadarenses que tentavam emigrar.

O jornal também comentava com sarcasmo as técnicas, cada vez mais variadas, utilizadas pelos agenciadores para persuadir os interessados em emigrar. Um exemplo foi o

falso missionário preso em Governador Valadares, que fazia cultos em sua casa para ajudar os interessados em emigrar a conseguir a documentação necessária.

Nos textos, como podemos observar abaixo, os jornalistas relatavam o drama de uma cidade estigmatizada, onde a população tinha dificuldade para se conseguir um visto devido ao elevado número de falsificações envolvendo pessoas da região, ocorrência constantemente registrada na mídia. Entre os acusados, estariam bancários, que ajudavam a burlar o imposto de renda e, em especial, funcionários de agências de turismo e empresas aéreas, atuando como uma espécie de elo entre os emigrantes em potencial e os criminosos.

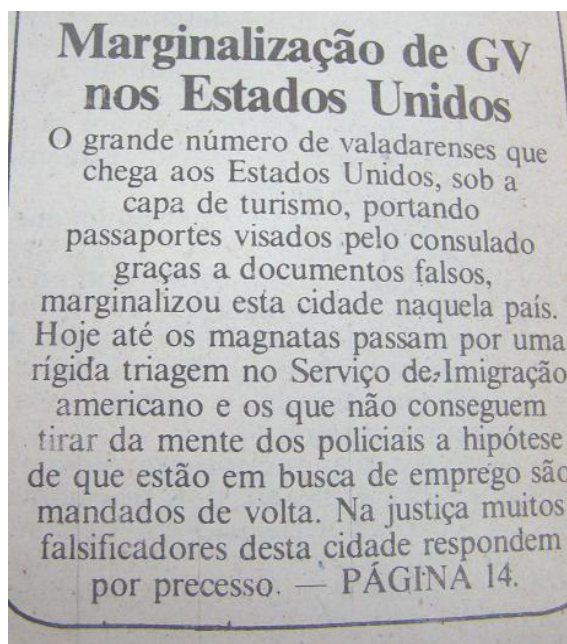


Figura 18 – Chamada de capa: Marginalização de GV

Fonte: Diário do Rio Doce, 21 de julho de 1985.

Em 1986, a legislação norte-americana apresentou uma nova reforma migratória, o *Immigration and control Act* (IRCA). Esse ato, popularmente conhecido como lei de anistia, entrou em vigor no ano seguinte, regularizando os imigrantes indocumentados que entraram no país antes de 1982. No entanto, aqueles que entraram de forma irregular no país após essa data estariam sujeitos à deportação. Além disso, o empregador que contratasse o trabalhador em situação irregular seria penalizado com multa de até 10 mil dólares. Monteiro (1997) define a situação da seguinte forma:

Este ato buscou conciliar uma compaixão pelos imigrantes ilegais com uma proteção de emprego para os cidadãos americanos. Isso refletiu uma posição do Congresso com base em uma mudança nas atitudes públicas (contrárias à ilegalidade) referentes à política migratória (MONTEIRO, 1997, p.23)

Assim, o IRCA possibilitou aos imigrantes indocumentados, desde antes de janeiro de 1982, buscar residência legal. De acordo com Monteiro (1997), quase três milhões de imigrantes recorrem aos programas de legalização - o Programa de Legalização Geral (LAW), e o Programa Especial de Trabalhadores Agrícolas. Apesar das acusações de fraude nos processos de regularização, mais de 90% das solicitações foram atendidas.

No entanto, a legislação não tinha apenas o lado positivo. Os imigrantes que chegaram depois de 1982 continuavam em situação irregular, correndo risco de deportação. Em nota sobre o assunto, o repórter do *Diário do Rio Doce* deu um alerta aos brasileiros. *As leis americanas são muito diferentes das brasileiras. São cumpridas na risca (Diário do Rio Doce, 06 de maio de 1987).*

A lei e os temas associados a ela ganharam as páginas do jornal. Uma das questões se referia à sua utilidade, pois os imigrantes seriam imprescindíveis à economia norte-americana, já que executam trabalhos braçais e recebem muito menos do que os nativos. Nas palavras do repórter: *Isso quer dizer que os imigrantes deixam de ajudar o desenvolvimento da terra onde nasceram e vão auxiliar o progresso americano, ganhando pouco em trabalho que os naturais na pátria de Lincoln não aceitam (Diário do Rio Doce, 10 de maio de 1987).*

Nesse ponto, podemos destacar representações diferenciadas, acerca do fenômeno migratório. Até então, a migração era positivada. A partir da segunda metade dos anos de 1980, quando temos o *boom da emigração*, o jornal começa a avaliar as consequências do movimento para o território de origem. Contudo, conforme veremos na análise das matérias seguintes a conotação positiva em relação ao destino e de ironia e descaso em relação à origem permanecem.

A maior rigidez na fiscalização por parte da polícia migratória norte-americana deu margem a outro assunto: a opção de trocar os Estados Unidos por outro país. Uma reportagem sugeriu um novo fluxo para o Canadá, não tinha um polícia de imigração tão rigorosa e também pagava em dólar. No entanto, apesar de alguns valadarenses optarem por esse país, as notas mostram que a preferência continuava sendo os Estados Unidos, lugar onde já existia uma rede social estabelecida. Com o início da aplicação da lei em 1987, como não podia ser diferente, aparecem as notícias relacionadas à deportação de brasileiros. Como podemos observar os repórteres são irônicos na hora de mencionar o fato:

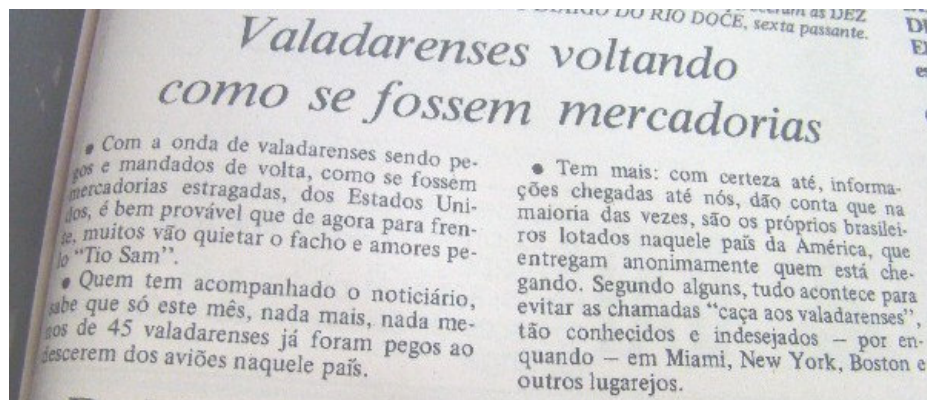


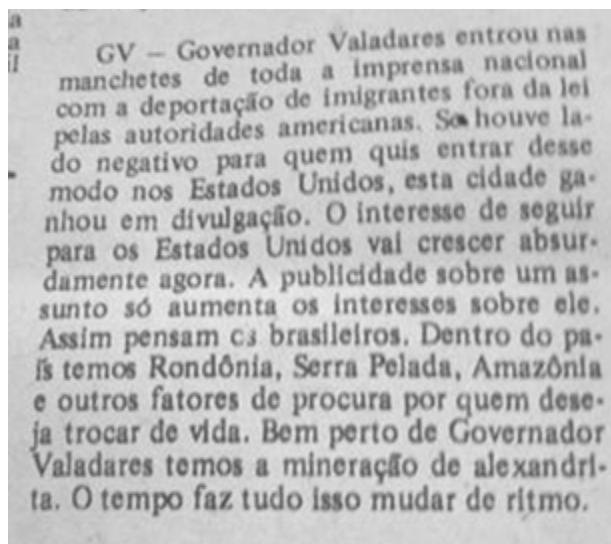
Figura 19 – Nota: Nota: Valadarenses voltando como mercadorias

Fonte: Diário do Rio Doce, 24 de novembro de 1987

As notícias de deportação continuaram aumentando ao longo da década, mesmo com a nova lei restritiva. Em maio de 1987, por exemplo, um grupo de 45 brasileiros foi preso quando tentava atravessar a fronteira do México. De acordo com o jornal, a maioria dos integrantes do grupo era de Governador Valadares e comprou as passagens em uma agência de turismo local. O agente de viagens que estava com o grupo fugiu, levando todo o dinheiro recebido dos imigrantes. O assunto repercutiu durante vários dias com destaque de capa no jornal. A publicação deu direito de resposta à agência denunciada, que afirmou não ter nenhuma relação com o caso.

No entanto, o caso de deportação que mais chamou a atenção e ganhou destaque na imprensa foi o episódio conhecido como "Navio Olívia", em que 43 brasileiros foram presos quando tentavam entrar nos Estados Unidos, a bordo de uma embarcação. De acordo com informações do jornal, veiculadas no dia 12 de agosto de 1988, entre os presos, 27 eram de Governador Valadares. O fato foi ironizado pelos chargistas e articulistas do jornal, reforçando o "estigma" da cidade.

O jornal acompanhou todo o processo, desde a prisão até o desembarque dos deportados, que aconteceu aos poucos. Na chegada ao Brasil o jornalista soube resumir bem a situação dos brasileiros *Com sacolas de plástico atulhadas de roupas, sua única bagagem, um sonho desfeito e uns poucos dólares no bolso* (Diário do Rio Doce, 17 de agosto de 1988). Não só no *Diário do Rio Doce*, na verdade, o caso do navio Olívia não ganhou destaque apenas na mídia local, mas em importantes meios de comunicação de todo o país e do mundo. O destaque conferido à cidade foi citado de forma irônica pelo jornal local:



GV - Governador Valadares entrou nas manchetes de toda a imprensa nacional com a deportação de imigrantes fora da lei pelas autoridades americanas. So houve lado negativo para quem quis entrar desse modo nos Estados Unidos, esta cidade ganhou em divulgação. O interesse de seguir para os Estados Unidos vai crescer absurdamente agora. A publicidade sobre um assunto só aumenta os interesses sobre ele. Assim pensam os brasileiros. Dentro do país temos Rondônia, Serra Pelada, Amazônia e outros fatores de procura por quem deseja trocar de vida. Bem perto de Governador Valadares temos a mineração de alexandrita. O tempo faz tudo isso mudar de ritmo.

Figura 20 – Nota: GV na Imprensa Nacional

Fonte: Diário do Rio Doce, 18 de agosto de 1988.

No entanto, ao chegar ao Brasil muitos dos deportados ainda alimentavam o sonho de voltar e conseguir entrar nos Estados Unidos. Nem mesmo o susto fez com que a “Terra Prometida” perdesse o encanto para alguns. Um exemplo foi a entrevista dada por dois valadarenses, que estavam a bordo do *Olívia*, publicada no dia 18 de agosto de 1988. Um deles disse que a única alternativa para o valadarense é deixar a cidade. Já o outro afirmou ter vontade de “sair correndo” de novo para a Terra do *Tio Sam*.

Nas matérias, os repórteres se referem ao fluxo migratório de valadarenses de forma jocosa, mas continuam se derretendo em elogios ao se referir ao país da América do Norte e sua economia estável. Além disso, o jornal menciona as homenagens prestadas ao valadarense ausente, que reside no exterior. A festa é considerada na cidade como um dia de gratidão, enaltecendo a importância daqueles que estão fora.

Neste contexto, é conveniente destacar a utilização de expressões como “fora da lei” na hora de fazer referência aos imigrantes indocumentados. Essa conotação depreciativa não deve ser utilizada, pois o migrante não é um delinquente, mas um trabalhador em busca de melhores condições de trabalho e renda. A utilização de palavras depreciativas traz uma representação negativa do sujeito migrante. É necessário afirmar que o movimento migratório é determinado pela forma desigual de distribuição de riqueza no mundo. (SIQUEIRA, 2009a).

A representação da cidade no jornal, diante do fenômeno migratório é outro ponto interessante a ser analisado. De cidade tão próspera em décadas anteriores, ganhou a alcunha

de “cidade que já teve”. Os jornalistas destacam o declínio em diversos aspectos, tal como a desvalorização da cidade no contexto estadual, pois deixou de figurar entre as 20 maiores arrecadoras do ICM (Imposto sobre circulação de mercadorias). Para o articulista a queda não é motivo de espanto, pois a decadência já estava anunciada. Como exemplo, ele cita a emigração massiva de valadarenses para os Estados Unidos, que são obrigados a deixar a terra natal devido ao elevado índice de desemprego – fato que, segundo o autor, parece ser ignorado pela administração municipal.

Outro exemplo citado pelo *Diário do Rio Doce* destaca que, com o êxodo de pessoas, a região registrou crescimento populacional negativo. A área, que era marcada por uma expectativa de desenvolvimento, não cresceu conforme o esperado e já preocupava as autoridades. A região junto com o Vale do Mucuri foram as únicas a perder população com taxa negativa de 1,14% nos anos de 1970, com participação de apenas 6% no PIB do estado. O diagnóstico do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) apontou que essas regiões como problemáticas no âmbito nacional.

As reportagens envolvendo o tema da imigração começaram a aparecer cada vez com mais frequência, denunciando esquemas diversos. A emigração surge, então, como um desafio para as autoridades e um dos principais problemas sociais enfrentados pela cidade, agravados pelo fato de que nem sempre os emigrantes conseguem sucesso na empreitada. Os repórteres destacavam que a vida dos brasileiros, mesmo os bem sucedidos financeiramente, não era fácil, pois eles se submetiam a empregos desqualificados, sendo explorados pelos patrões.

Os jornalistas também destacavam que, muitas vezes, seduzidos pelo imaginário acerca da terra das grandes oportunidades e pelas supostas facilidades na hora de emigrar (pela via indocumentada) os valadarenses eram capazes de deixar tudo o que tinham no país de origem e contrair dívidas enormes em busca do sonho de fazer a América.

O jornal também mencionou outros crimes cometidos por brasileiros na terra do *Tio Sam*, um deles é a máfia do emprego. No esquema, os golpistas chegam a vender postos de trabalho por mil dólares. Além disso, vendem carteiras de motorista e outros documentos montados. Como não poderia ser diferente, a situação desconfortável envolvendo os imigrantes começou a ser retratada de forma irônica, em especial pelas charges, que traziam menções às estratégias utilizadas pelos brasileiros para tentar conseguir acesso aos Estados Unidos.

A partir dos anos de 1980, a imagem do migrante herói e bem-sucedido que estampava as colunas sociais anos antes dá lugar a uma nova representação. Apesar de ainda existir a supervalorização do destino, o emigrante começa a ser criminalizado. As recorrentes denúncias publicadas no jornal local sobre esquemas ilícitos, envolvendo os valadarenses, criam um estigma negativo em torno dos emigrantes e do território de origem.

Outro tema abordado pela publicação foram as condições de trabalho dos brasileiros. Nas palavras do repórter, o norte-americano não tem medo de trabalhar e é super desenvolvido em formação profissional, por isso os emigrantes têm que ter consciência de que é fácil conseguir trabalho, mas para executar serviços pesados e desqualificados. Apesar dos empregos de baixa qualidade, as palavras do repórter são as seguintes: *trabalhar duro em terra estrangeira não faz vergonha a ninguém*. Ou seja, o que seria motivo de humilhação no Brasil é motivo de orgulho naquele país, como podemos observar no trecho abaixo:

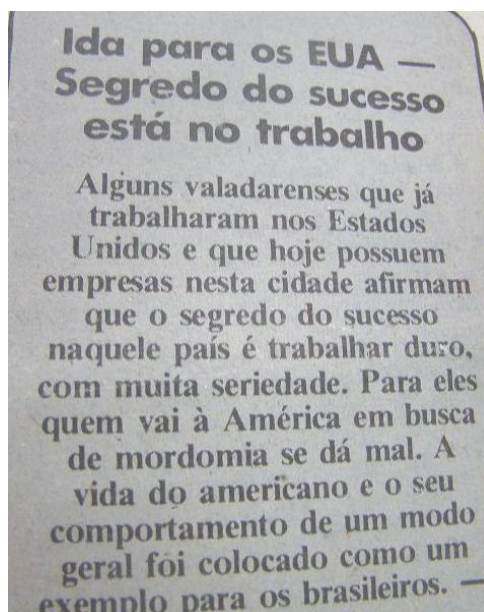


Figura 21 - Chamada de Capa: Sucesso está no trabalho.

Fonte: Diário do Rio Doce, 14 de agosto de 1985.

Nas reportagens sobre o trabalho naquele país os imigrantes destacam as dificuldades dos primeiros meses de adaptação, mas diziam que, em pouco tempo, era possível ganhar dinheiro, contanto que fossem dedicados ao trabalho. Os entrevistados elogiavam a postura dos norte-americanos, que foram definidos como um povo respeitoso, desenvolvido e organizado. De acordo com eles o problema era a falta de seriedade do brasileiro, que têm preguiça de trabalhar. Assim, eles defendiam a idéia de que o custo/benefício da empreitada migratória compensava.

A partir dessa década de 1980, Governador Valadares começou a ganhar destaque crescente no cenário nacional. O jornal *Diário do Rio Doce* trouxe trechos de reportagens de outros meios de comunicação, que expunham sobre a relação entre a cidade e os Estados Unidos. Em um deles, por exemplo, o repórter citou matérias do jornal *O Globo* e *Jornal do Brasil*, que enviaram correspondentes para a cidade, a fim de saber mais sobre o fluxo migratório. Em outro caso, o deboche é mais explícito e a imagem estereotipada com relação à cidade fica evidente.

No entanto, apesar de tecer críticas à forma como a imprensa nacional representa o fenômeno migratório em suas páginas, o *Diário do Rio Doce* também, por diversas vezes, foi irônico ao abordar a questão. Podemos afirmar que há uma semelhança nas representações da mídia nacional com relação ao jornal local.

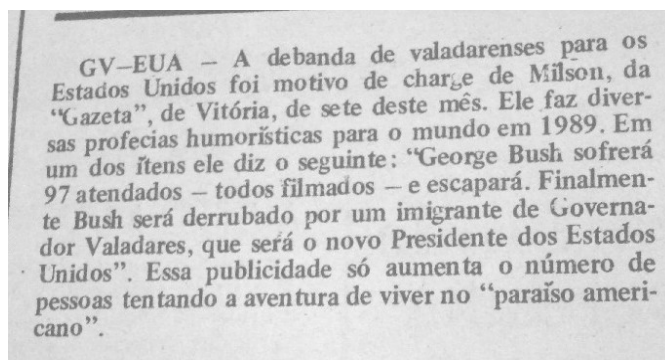


Figura 22 – Nota: Valadares na Gazeta

Fonte: *Diário do Rio Doce*, 12 de janeiro de 1989..

Outro caso polêmico sobre a fama da cidade foi uma declaração do político Paulo Maluf, que trouxe indignação: *os valadarenses têm mais é que mudar-se para os Estados Unidos*. A frase foi reproduzida na coluna social do *Diário do Rio Doce*. À época Maluf era candidato à presidência da República. (*Diário do Rio Doce*, 24 de outubro de 1989)

As ironias envolvendo a relação entre os valadarenses e os Estados Unidos não pararam por aí. Uma nota intitulada “Um fosso para valadarenses”, publicada na coluna social afirma que as autoridades norte-americanas e mexicanas mandaram construir um fosso gigante na fronteira, para inibir os imigrantes indocumentados. O colunista comenta o assunto da seguinte forma: *para os milhares de imigrantes clandestinos que tentam entrar nos EUA por ali convém aprender técnicas de andar em subterrâneos, como toupeiras humanas*.

O jornal também destaca a intensa procura pela emissão do passaporte na Polícia Federal. De acordo com dados da publicação de janeiro a abril de 1988 foram emitidos 3900

passaportes, sendo que todos os dias cerca de 500 pessoas procuravam informações sobre o serviço e 150 iam todos os meses ao consulado tentar o visto. Os jornalistas atribuíam a procura ao interesse dos valadarenses em buscar melhores condições de vida e de trabalho nos Estados Unidos. A demanda era tanta que o documento chegou a faltar e eram feitos plantões para conseguir atender a todos, como podemos ver no anúncio abaixo:

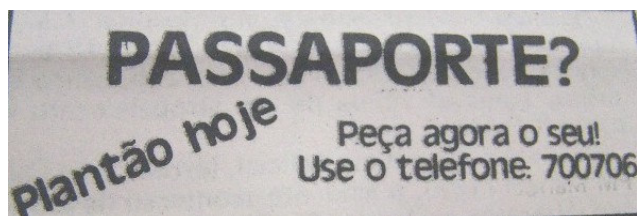


Figura 23 – Publicidade: Plantão de Passaporte

Fonte: Diário do Rio Doce, 24 de maio de 1988

As notícias trazem uma contraposição enquanto o governo norte-americano intensificava a fiscalização, era cada vez maior o número de passaportes emitidos em Valadares. De acordo com o jornal, nos dois primeiros meses de 1989, foram emitidos mais de 10 mil passaportes e nesse mesmo ano o governo daquele país aprovou uma lei limitando em 10 mil o número de vistos de entrada (turista) para brasileiros, em todo o ano de 1990. O número gerou críticas por parte da imprensa local:

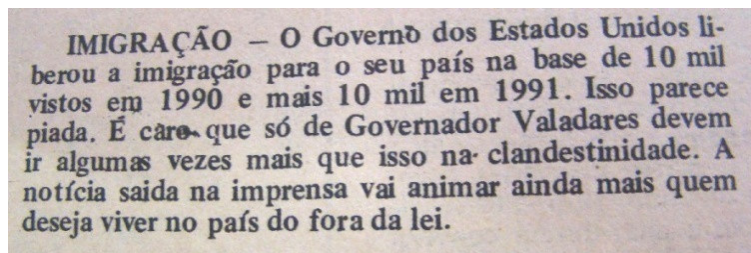


Figura 24 – Nota: 10 mil vistos

Fonte: Diário do Rio Doce, 16 de fevereiro de 1989.

Outro tema relacionado aos imigrantes também foi evidenciado: a importância dos dólares para a cidade, em especial no setor da construção civil. Naquele ano, existiam, em média, 40 edifícios em obras, o maior índice do estado se comparado a cidades do mesmo porte. Os construtores atribuem esse número às remessas enviadas pelos emigrantes, que também são proprietários de boa parte dos imóveis.

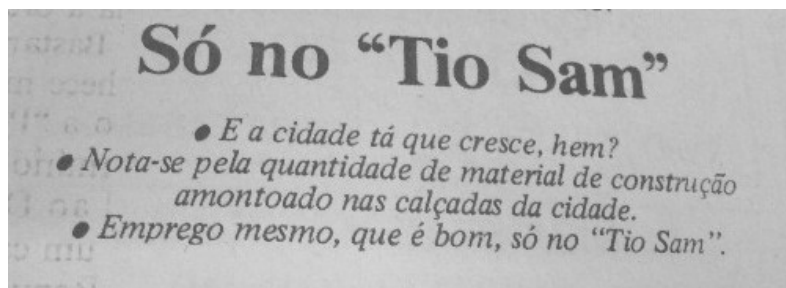


Figura 25 – Coluna Social: Só no “Tio Sam”

Fonte: Diário do Rio Doce, 30 de setembro de 1989

O jornal traz uma representação positiva com relação aos dólares, como algo benéfico para a cidade de forma geral e não apenas para as famílias que recebiam as remessas. De fato, a construção civil foi impulsionada e alterou de forma considerável a dinâmica territorial de Governador Valadares, com a verticalização da cidade e o surgimento de novos bairros.

Como destacam Martes e Soares (2006), o envio continuado de remessas e o investimento em imóveis na cidade natal demonstram que os imigrantes valadarenses mantêm estreita relação com o território de origem. No entanto, não podemos nos esquecer que a valorização do dólar, que é representada como sendo positiva para os valadarenses, na verdade, é extremamente prejudicial para os que não emigravam, pois as remessas inflacionavam a economia local.

Outro dado que evidencia a manutenção dos laços entre origem e destino é o volume de cartas que chegavam todos os dias a Governador Valadares. De acordo com matéria publicada no *Diário do Rio Doce*, Governador Valadares recebia, nessa época, 400 cartas vindas do exterior todos os dias.

No final da década, o tema da imigração começou a ocupar, quase diariamente, as páginas do *Diário do Rio Doce*. Para esclarecer mais sobre o assunto o jornal publicou um caderno especial sobre o tema. A reportagem trouxe informações sobre os caminhos legais, para viver no estrangeiro, e mostra que nem sempre o projeto de “fazer a América” é bem sucedido, ainda mais agora com o aumento da fiscalização por parte das autoridades norte-americanas. Nesse caderno a seguinte frase chamou a atenção: *há pessoas que afirmam que Governador Valadares já tem um filial em outro país e que muito em breve acontecerá de ser criado um estado composto somente por valadarenses (Diário do Rio Doce, 29 de maio de 1988 – Caderno Especial sobre Emigração).*

Em 1989, o *Diário do Rio Doce* passou a circular oficialmente nos Estados Unidos. A publicação era produzida em Governador Valadares e enviada de avião para ser comercializada no exterior. Entre os temas abordados nesse ano, está a prisão e a deportação de mais um grupo de brasileiros que foi pego ao tentar atravessar a fronteira. O grupo era guiado por dois valadarenses que também foram presos e acusados de subornar um funcionário da alfândega mexicana.

No entanto, o jornal destaca que as prisões não inibiram aqueles que pretendiam emigrar. De acordo com informações veiculadas no *Diário do Rio Doce*, mesmo com a notícia, um grupo que pretendia atravessar a fronteira não desistiu do embarque. Em outra reportagem intitulada: *Coíotes garantem entrada nos EUA via México, (Diário do Rio Doce, 15 de janeiro de 1989)* os guias garantiam que, mesmo com as prisões, as travessias pela fronteira continuavam acontecendo normalmente. Tais matérias reforçam a representação do valadarense como um sujeito que não confia no potencial de desenvolvimento do território de origem e, mesmo exposto a uma série de riscos, se aventura na empreitada migratória.

A fiscalização intensa realizada pela polícia migratória continuava ganhando espaço no jornal. As matérias sempre começavam da mesma forma, ressaltando que segue latente o sonho dos valadarenses de “Fazer a América”. De acordo com a publicação, esse sonho deixou marcas na cidade, que só assim conseguiu ser famosa em todo o mundo. O repórter comparou os imigrantes aos bandeirantes de outras épocas, enfrentando perigos de todos os tipos em busca de um objetivo maior: o dólar.

Ao associar a fama de Governador Valadares ao fenômeno da emigração, o jornalista transmite a idéia de que a cidade não teria potencial para ser conhecida, caso os emigrantes não tivessem deixado o território de origem em busca de melhores oportunidades de vida no exterior. Neste contexto, o emigrante volta a ser representado como um herói ao ser comparado com o bandeirante. Ou seja: um desbravador corajoso cujo papel é essencial e determinante para o desenvolvimento da cidade natal.

Como já enfatizamos, os valadarenses que estão nos Estados Unidos trabalham em condições precárias e muitas vezes sem aparato de segurança no trabalho. Por isso, registravam-se cada vez mais freqüentes notícias de imigrantes envolvidos em acidentes. Em 1989, por exemplo, três homens morreram após a explosão de uma fábrica de tintas, na qual os imigrantes trabalhavam manualmente, sendo expostos a diversos riscos de acidente.

Quando vemos os brasileiros se submeterem a tais condições de trabalho fica evidente, reiteradamente, que a emigração é uma denúncia que demonstra a distribuição desigual de riquezas do mundo. Esse contexto força os emigrantes a deixarem o território de origem arriscando-se em um novo território

Mesmo com as prisões e deportações muitos são aqueles que conseguem entrar nos Estados Unidos e o número de brasileiros no exterior não para de crescer. Em matéria publicada no mês de julho o *Diário do Rio Doce* ressalta que já não está tão fácil quanto antes conseguir trabalho e que a remuneração caiu, pois o número excessivo de candidatos a uma vaga faz com que os patrões imponham suas leis

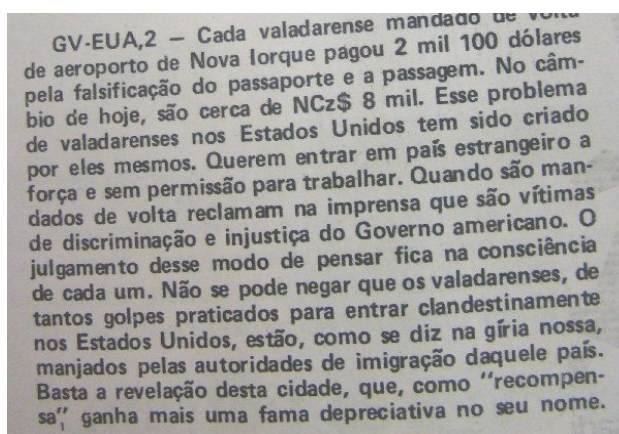


Figura 26 – Nota: Valadarenses mandados de volta

Fonte: *Diário do Rio Doce*, 02 de agosto de 1989

O jornal também destacou crimes contra a vida cometidos por valadarenses nos Estados Unidos. Em um dos casos, que ganhou grande repercussão, uma estudante de direito foi morta pelo namorado com uma facada, motivado pelo ciúme. A vítima estava no país havia oito meses, para ganhar dólares e comprar uma casa para a família. Os amigos precisaram fazer uma vaquinha para levantar o dinheiro necessário para o traslado do corpo. Em entrevista, a mãe da vítima declarou “quero que ele seja julgado pela justiça norte-americana, pois no Brasil não existe justiça”. (*Diário do Rio Doce*, 17 de agosto de 1989).

A morte da valadarense ganhou as páginas do *Diário do Rio Doce* com destaque de capa por vários dias consecutivos. O jornal acompanhou o traslado, o enterro e o julgamento do assassino. Ambos os envolvidos no caso estavam indocumentados no país e a cidade onde o crime ocorreu, Peabody, não registrava uma ocorrência desse tipo havia mais de cinco anos e se recusaram a julgar o rapaz que foi julgado pela superior corte de estado.

Com a circulação do jornal nos Estados Unidos, os responsáveis pelo *Diário do Rio Doce* buscaram alternativa para atender a comunidade valadarense nos Estados Unidos e ampliar a circulação do jornal no país. O mês de outubro de 1989 marca uma nova fase na relação entre o *Diário do Rio Doce* e a colônia brasileira nos Estados Unidos. Neste mês é lançada a primeira versão do *States News*. Nesse primeiro momento, o informativo surge na forma de uma coluna que tem o objetivo de levar notícias sobre o Brasil para os valadarenses que estão lá e trazer notícias dos *brazucas* para os familiares que estão aqui. O histórico do informativo e seu conteúdo serão explorados posteriormente no item 3.4 desse capítulo.

O periódico passou a contar com a colaboração do advogado norte-americano Joel Stewart que trazia, em sua coluna semanal, dicas e esclarecia dúvidas sobre processos de legalização e outros. Na abertura da reportagem em que Joel aparece pela primeira vez, o jornal justifica a exploração do tema da legalização da seguinte forma:

“Os Estados Unidos da América cada dia se firmam mais como a salvação para o brasileiro massacrado pelos altos índices de inflação, má administração do país e inúmeros atos ilegais com impunidade total (...) Por isso, as agências de viagem se multiplicam e os brasileiros, principalmente valadarenses deixam a pátria para tentar a sorte em um país distante onde pelo menos conseguem em pouco tempo o suficiente para viver toda uma vida no Brasil, coisa que na pátria jamais conseguiriam, mesmo com a vida inteira de trabalho” (Diário do Rio Doce, 06 de setembro de 1989)

Ao longo da matéria o jornalista afirma que os brasileiros têm encontrado uma barreira no serviço de imigração norte-americana, mas que ainda é possível trabalhar de forma legalizada no país. O advogado explica que para que isso seja possível basta o emigrante conseguir um certificado de trabalho com uma empresa norte-americana, que é válido para todo tipo de emprego. Caso o patrão não queira passar pela burocracia necessária, o emigrante também pode tentar conseguir uma família americana para recebê-lo como estudante em sua casa. Com as multas impostas aos empregadores que contratarem estrangeiros a solução para os indocumentados é abrir seu próprio negócio.

Nos anos de 1990, o fluxo de emigrantes valadarenses permanecia intenso, assim como a divulgação de notícias relacionadas ao assunto no periódico analisado. O *Diário do Rio Doce*, ao lado do *Estado de Minas*, era o jornal brasileiro de maior circulação em Massachussets, uma das principais comunidades de brasileiros nos Estados Unidos. A tabela abaixo, tabela 5, indica a frequência de temas encontrados nesta década.

Tabela 5 - Temas noticiados no *Diário do Rio Doce* nas décadas de 1990

Temas	Década de 1990	
	Frequência	%
Capitão Dólar	375	33,80
State News Interno	164	14,80
State News Suplemento	133	12,00
Agência de Turismo	72	6,50
Falsificação de Documentos	53	4,80
Crimes de Brasileiros/EUA	42	3,80
Morte/Acidentes de Brasileiros nos EUA	30	2,70
Políticas Públicas/Imigração	24	2,16
Remessas	20	1,80
Pesquisas/Imigração	19	1,71
Valadarenses nos EUA (Trabalho/Moradia)	14	1,26
Livros/Imigração	13	1,17
Prisão/Deportação	13	1,17
Crise Econômica/Inflação	12	1,08
Ofertas para Imigrantes	12	1,08
Imigração Indocumentada	11	1,00
Emissão de Passaporte/Visto	10	0,90
Dólar em baixa	08	0,72
Emigração para outros países	08	0,72
Coluna Dr. Joel	07	0,63
Curso de Inglês	07	0,63
Discriminação Brasileiros /EUA	07	0,63
Desemprego	06	0,54
Emigração para os EUA	06	0,54
Green Card	05	0,36
Imigração/Imprensa	05	0,36
Dólares/ Construção Civil	04	0,36
Comparação Brasil/EUA	03	0,27
Cônsul dos EUA em GV	03	0,27
Crise/EUA	03	0,27
Imigração/Comportamento	03	0,27
Time de Brasileiros nos EUA	03	0,27
Declínio Populacional	02	0,18
Governador Valadares	02	0,18
Governo dos EUA/Imigração	02	0,18
Imigração/Cultura	02	0,18
Ajuda dos EUA	01	0,09
Cartas/EUA	01	0,09
Desvalorização da Moeda/Alta do Dólar	01	0,09
DRD nos EUA	01	0,09
Fuga para os EUA	01	0,09
Influência dos EUA	01	0,09
Migração Interna	01	0,09
Oferta de Bolsas de Estudo	01	0,09
Total	1111	100%

Fonte: Pesquisa no DRD, 2010

Assim como na década anterior, o jornal noticiou índices populacionais abaixo do esperado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com dados do censo de 1991, a população da cidade era de 230 mil habitantes, 10 mil a menos do que era esperado. No *Diário do Rio Doce*, os jornalistas destacaram a emigração internacional como

sendo uma das causas do crescimento populacional abaixo do esperado. No entanto, apesar dessa relação, não há nenhum dado oficial e preciso do censo relacionado ao número de valadarenses nos Estados Unidos. Já no periódico analisado, a cada matéria os jornalistas traziam uma estimativa, que variava entre 20 e 40 mil imigrantes.

Nessa década, observamos semelhanças com os temas destacados nos anos de 1980, tais como a falsificação de documentos e os anúncios das agências de turismo. A representação da emigração também continua a mesma, ou seja, exaltando os Estados Unidos como um país promissor que oferece oportunidades e o Brasil como um país sem possibilidades de ascensão. Além disso, observamos uma criminalização do emigrante, cuja representação está sempre associada à migração indocumentada e outros esquemas ilícitos.

Outros assuntos abordados com ênfase pelo periódico foram os crimes cometidos por brasileiros nos Estados Unidos, com destaque para os pertencentes à microrregião de Governador Valadares; a morte de brasileiros no estrangeiro; as políticas públicas do Governo Brasileiro voltadas às necessidades dos emigrantes e as remessas. A questão das remessas foi mencionada várias vezes pelo periódico, como podemos verificar abaixo:

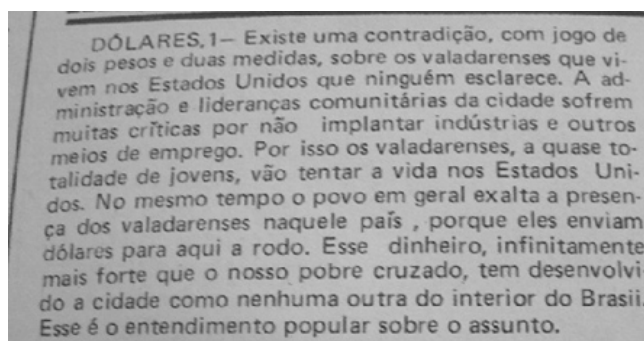


Figura 27 – Nota: Dólares a rodo

Fonte: Diário do Rio Doce, 27 de janeiro de 1990.

A partir da análise do fragmento acima, observa-se que o jornalista destaca a importância das remessas em uma cidade marcada pelo desemprego cuja alternativa mais viável, para obter uma melhor condição de vida, parecia ser a migração internacional. É possível perceber o tom depreciativo das palavras dos repórteres que, em todo momento, condenavam a economia, a postura do brasileiro, ou seja, tratava o território como um local inferior habitado por pessoas inferiores.

Em tempos de desvalorização da moeda local, o dólar era indicado como a alternativa para o desenvolvimento da cidade. O jornal apostava nessa tendência, tanto que reproduzia

em suas páginas o apelido *Valadólare*s, conferido à cidade graças à sua íntima relação com a moeda norte-americana. Apesar da ironia contida no termo, a chegada dos emigrantes repletos de *Valadólare*s era celebrada pelo jornal como um importante acontecimento social.

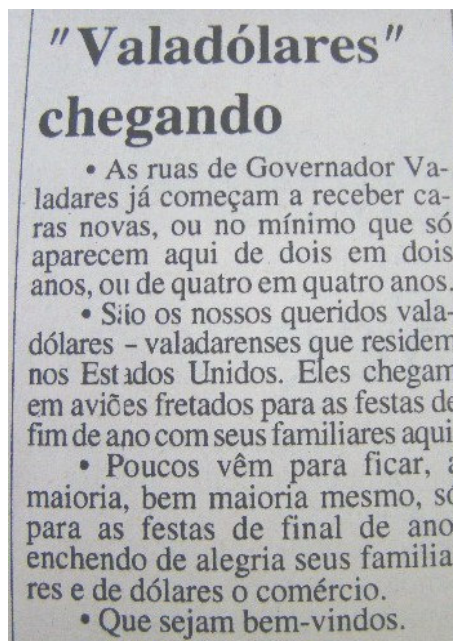


Figura 28 – Nota: “Valadólare chegando”

Fonte: Diário do Rio Doce, 15 de dezembro de 1994

De acordo com dados publicados no jornal, na época, a queda no volume de remessas representaria prejuízos à economia da cidade, que era dependente do dólar, pois os valores remetidos pelos imigrantes, em muitos casos, superavam a arrecadação do município. O dólar funcionava como uma moeda paralela na cidade, ou na representação do jornal até mesmo a moeda principal.

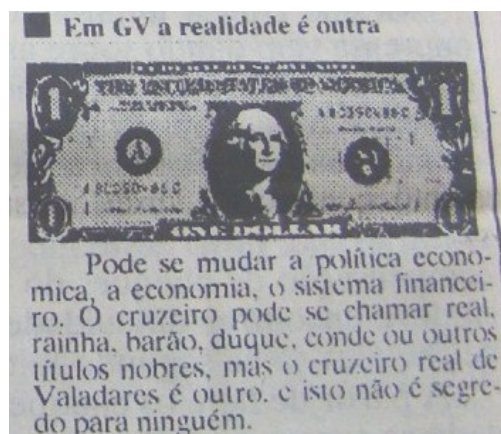


Figura 29 – Nota: O Cruzeiro real de Valadares é outro

Fonte: Diário do Rio Doce, 01 de agosto de 1993.



Figura 30 – Nota: Enquanto isso em Valadares
 Fonte: Diário do Rio Doce, 24 de janeiro de 1993.

Os diversos estabelecimentos, em especial aqueles relacionados ao setor da construção civil, traziam ofertas, levando em consideração a cotação do dólar, supervalorizando a moeda norte-americana. Na página de classificados, era possível observar as empresas travando uma disputa pelas remessas e criando condições especiais para atrair a atenção de um público alvo específico: os imigrantes e seus familiares.

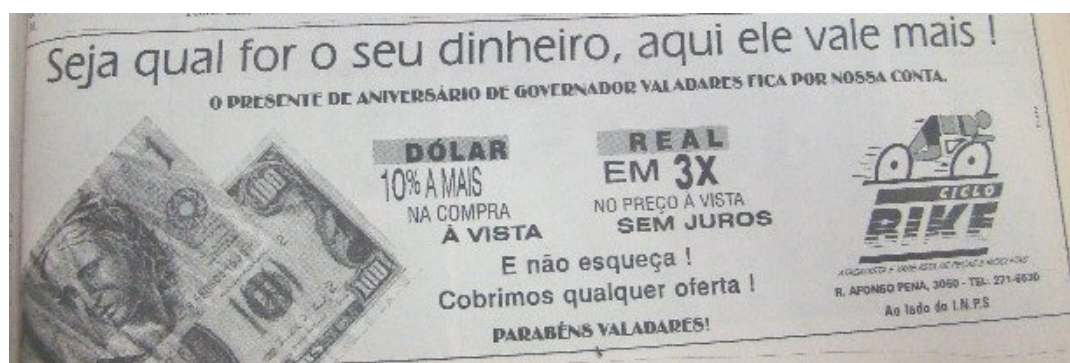


Figura 31 – Publicidade: Aqui seu dinheiro vale mais
 Fonte: Diário do Rio Doce, 30 de janeiro de 1996.



Figura 32 – Publicidade: Seu dólar vale mais

Fonte: Diário do Rio Doce, 20 de janeiro de 1994

No entanto, como destaca Prata (2008) as remessas raramente são utilizadas em investimentos produtivos. O dinheiro remetido era investido, prioritariamente, na ajuda familiar (gastos de consumo e subsistência), compra de imóveis, aplicação em investimento (na maioria dos casos poupança), pagamento de dívidas e ajuda a entidades. Martes e Soares (2006) também reforçam a questão:

O dinheiro é usado para complementar o orçamento familiar daqueles que permaneceram, para aquisição de aparelhos domésticos, melhorias nos domicílios (reformas e construção) e aquisição de bens de consumo de curto prazo (MARTES e SOARES, 2006, p.01)

Os emigrantes valadarenses mantêm uma forte relação com a origem, sendo que um dos pontos marcantes dessa relação se manifesta através do contínuo fluxo de dólares que chega à cidade. De acordo com Soares (1995), 62,7% dos emigrantes com idade superior ou igual a dezesseis anos remeteram algum dinheiro para Valadares, sendo que 38% aplicaram na compra, construção ou reforma de imóveis. Esse impulso ao setor imobiliário era sempre pautado pelo jornal, que trazia anúncios já com os preços cotados em dólar.



Figura 33 – Publicidade: Venda em Dólares

Fonte: Diário do Rio Doce, 10 de abril de 1994.

De fato, como destacam Martes e Soares (2006), o mercado imobiliário valadarense teve sua dinâmica fortemente associada ao dólar, em especial no final dos anos de 1980 e início da década de 1990. No entanto, é conveniente verificar se os outros indicadores socioeconômicos também registraram ascensão. Três indicadores apoiam a tese de que Valadares e a região teriam se desenvolvido a partir das remessas: o Produto Interno Bruto (PIB) da região, que apresentou elevadas taxas de crescimento, assim como o PIB *per capita* e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M).

No entanto, como destaca Prata (2008) alguns argumentos se contrapõem à idéia de desenvolvimento pleno. De acordo com o autor, as remessas teriam promovido expansão de renda apenas de uma parcela da sociedade e de alguns setores como o comércio e a construção civil, mas não teria de fato acarretado aumento nas taxas de produtividade. Um exemplo é a distribuição de renda, cujos maus resultados comprovam que o PIB *per capita* da cidade não corresponde à realidade da maior parte da população.

No caso de Valadares, um exame criterioso dos índices posiciona a cidade como uma das cem piores localidades de todo o estado de Minas Gerais no conceito equidade e distribuição de renda. O índice Gini, que mede a distribuição de renda, em 2000, de acordo com a Fundação João Pinheiro, era de 0,62 (quanto mais próximo de 1, pior a distribuição de renda), ocupando o 767º lugar em um Estado que possui 853 municípios. (PRATA, 2008, p.35)

Segundo Martes e Soares (2006), as remessas geraram um quadro de instabilidade em Valadares. A circulação intensa de dólares gerou dependência e inflação em setores da economia local, com destaque para o mercado imobiliário e a construção civil. Apesar disso, não há como negar que as remessas têm efeitos positivos para a melhoria do padrão de vida dos domicílios que as recebem, pois representam uma porção significativa da renda doméstica. No entanto, a questão é saber até que ponto os benefícios individuais significam desenvolvimento econômico para a cidade de origem.

PRATA (2008) assinala a seguinte perspectiva:

Os estudos de campo realizados nos países receptores dos fluxos migratórios valadarenses mais importantes, Estados Unidos e Portugal, apontam que as remessas acarretaram em externalidades positivas no nível micro, ou seja, na subsistência e melhoria do padrão de vida das famílias dos migrantes. Entretanto, o mesmo não pode se afirmar quando analisado o nível macro.. (PRATA, 2008, p. 40)

A representação midiática do jornal focava tanto a importância das remessas para os migrantes e seus familiares, quanto os impactos no desenvolvimento da cidade e a dependência da economia em relação à moeda estrangeira. Em 1990, por exemplo, quando os Estados Unidos enfrentaram uma recessão pós- guerra do Golfo, que desvalorizou a moeda norte-americana o *Diário do Rio Doce* noticiou as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes.

Na época, o comércio de dólares teve uma queda e os familiares dos emigrantes foram identificados como os mais prejudicados. O mesmo ocorreu em 1994, com a implantação do Plano Real, valorizando a moeda nacional. De acordo com os entrevistados, como podemos observar no trecho abaixo, as perdas foram significativas, pois as remessas eram parte dos recursos financeiros necessários à sobrevivência e ao acesso aos bens de consumo.

der. "Isso poderia prejudicá-lo", prevê.
Prejuízo mesmo é o da dona de casa Maria Albertildes Maia. Segundo ela, o que antes comprava com US\$ 200 agora lhe leva US\$ 240, ou mais. "O real está muito bom. Não tem inflação. Mas para nós que temos parentes lá fora não é muito bom, não. Antes eu recebia US\$ 100 e dava quase CR\$ 300 mil. Com o real não dá nem R\$ 90", disse. A "esperança" para a dona de casa é o dólar recuperar seu antigo valor, sem esmagar o real, possibilitando comprar mais, pagando menos.

Figura 34 – Matéria: Dólar em baixa

Fonte: Diário do Rio Doce, 15 de outubro de 1996.

Porém, no final da década, com o enfraquecimento do real e o aumento do desemprego, a emigração e as remessas voltaram a ser noticiadas como as melhores

alternativas para os valadarenses, que voltaram a trocar maior volume de dólares. De acordo com a publicação, a alta no preço da moeda norte-americana estimulava a construção civil. Como os emigrantes investiram no sonho da casa própria, vários novos loteamentos surgiram na cidade.

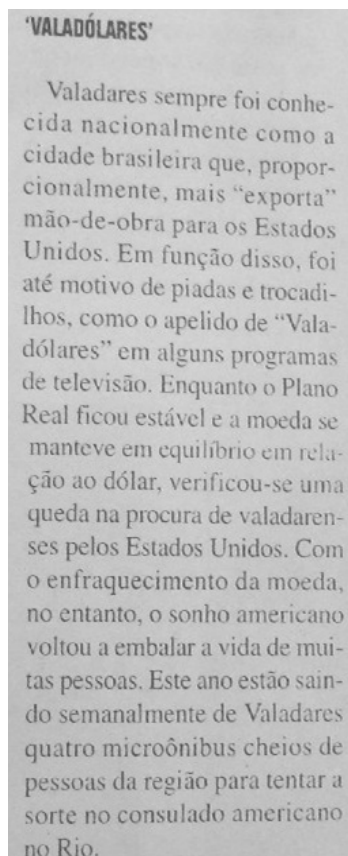


Figura 35 – Nota: Valadólars

Fonte: Diário do Rio Doce, 17 de agosto de 1999

Como pode ser observada no trecho visto, a representação do “sonho americano” como uma alternativa viável em detrimento da luta e construção de possibilidades no território de origem continuava sendo divulgada. A cada nova crise no país de origem os Estados Unidos pareciam ser o caminho natural para o restabelecimento dos valadarenses, oriundos de uma cidade marcada pela cultura de emigração, em que a idéia de emigrar faz parte do imaginário coletivo da população.

A positivação dos Estados Unidos continuava sendo veiculada. Aquele país era representado como uma válvula de escape em diversos sentidos. O jornal noticiou desde acusados de crimes, que se refugiaram no exterior para escaparem da prisão, a atletas que

devido à falta de patrocínio deixaram o esporte e emigraram para trabalhar no mercado secundário de trabalho. Outro caso foi registrado com o assessor de um vereador. O jornal noticiou que ele teria viajado para aos Estados Unidos para checar a possibilidade de instalação de um bondinho na cidade, mas não retornou, pois o objetivo real era conseguir entrar no país.

A discriminação sofrida pelos valadarenses voltou à pauta. Em um caso divulgado pelo jornal, a mulher de um advogado, com boa condição financeira, teve o visto negado e eles não puderam viajar conforme o planejado. O jornal trouxe na entrevista a indignação do cidadão, que solicitou intervenção do Itamaraty para tentar contornar a situação:

Pettersen alega ter passado por uma entrevista no consulado que reporta os antigos tribunais da inquisição. Ele afirma que levará às últimas consequências a presente ação, “não só em meu nome, continua ele, mas como foram de reconhecimento e respeito aos inúmeros valadarenses que se encontram fora trabalhando pela grandeza de nossa cidade, sem sequer ter sua luta reconhecida como de interesse público e municipal”.

Pettersen assinala que valadarenses no Estados Unidos contribuem decisivamente para arrecadação do ICMS e IPTU, locais, e conclui: “Temos que deixar claro de uma vez por todas que não é isto aqui a República dos Quearachas, como pensam os americanos”.

Figura 36 – Matéria: Tribunais de Inquisição.

Fonte: Diário do Rio Doce, 26 de janeiro de 1990.

O assunto foi desdobrado e ganhou reportagem especial no *Diário do Rio Doce*, intitulada: *Sem direito de realizar um sonho*, que trazia a seguinte frase na abertura: *Valadarenses não têm vez no consulado americano. (Diário do Rio Doce, 29 de dezembro de 1999)*. De acordo com os entrevistados, o fato de serem valadarenses parecia representar um risco para as autoridades de imigração norte-americanas.

Na entrevista cedida ao jornal na ocasião, eles disseram terem sido tratados como “animais” enquanto aguardavam. Na hora da entrevista, os candidatos eram questionados sobre a naturalidade e caso fossem de Governador Valadares, tinham o visto negado. A reportagem trouxe exemplos de autoridades municipais, como um juiz, que não conseguiram o carimbo no passaporte.

No entanto, o jornal evidenciava a questão não apenas retratando a discriminação. As matérias destacam que, muitas vezes, as dificuldades para conseguir o *visto* eram superadas pela ousadia de muitos valadarenses, que pagavam caro para trocar o terceiro pelo primeiro mundo através da via indocumentada (fronteira), ou a partir de esquemas como o casamento arranjado e a utilização de documentos falsificados.

Com a questão das falsificações sendo destaque, o jornal usou o tema como gancho para a publicação de outras matérias. Textos foram elaborados para explicar o processo de emissão de passaporte, a fim de mostrar aos valadarenses a possibilidade de emigração pela via documentada. Já outra questão abordada foram as propostas para a criação de novos modelos de passaporte, com o objetivo de tentar coibir a ação dos criminosos, pois o número de inquéritos envolvendo ocorrências de falsificação não parava de crescer na cidade.

No entanto, apesar das abordagens paralelas, era a falsificação de documentos a principal ênfase dos jornalistas. As notícias sobre o tema ganhavam destaque de primeira página com a prisão dos criminosos, que executavam todo o tipo de artimanha para driblar a fiscalização, desde montagem de passaportes à criação de verdadeiras quadrilhas, envolvendo agências de turismo da cidade, com gráficas especializadas na falsificação de todo o tipo de documentação necessária, para conseguir o acesso aos Estados Unidos.

As prisões não eram o único problema envolvendo a questão das falsificações. O *Diário do Rio Doce* trouxe diversas denúncias de guias aplicando golpes nas pessoas interessados em emigrar. Os agenciadores prometiam conseguir toda a documentação necessária para o embarque, seja com documentação falsa ou pelo acesso via fronteira. No entanto, muitas vezes, eles desapareciam com o dinheiro ou se recusavam a devolver, caso a pessoa não tivesse êxito e fosse deportada. Em um caso, noticiado pelo jornal, um agenciador matou um homem e feriu duas mulheres, que exigiam o reembolso do dinheiro.

Além disso, foram noticiadas as prisões de muitos valadarenses portando passaportes e outros documentos falsos ao tentar embarcar. As notícias se sucediam sempre com destaque de capa e ênfase à reincidência de casos semelhantes. Os títulos traziam sempre as seguintes frases: *mais valadarenses presos com passaportes falsos* ou *brasileiros são presos com documentos falsos, a maioria era de Governador Valadares*. Contata-se que algumas matérias produzidas pela imprensa sobre o tema constroem uma imagem distorcida dos emigrantes e da cidade, a partir de informações mal apuradas e estereótipos.

O destaque conferido à cidade crescia a cada dia nos noticiários e o *Diário do Rio Doce* acompanhava e reproduzia as menções ao assunto. Um exemplo aconteceu quando a cidade foi o tema de uma matéria de ¼ de página no jornal norte-americano *The New York Times*. O texto abordava a questão da emigração e a situação econômica do país.

No jornal local, o colunista destacou a notícia da seguinte forma: *nossa querida Valadares a cada dia vem rompendo fronteiras tornando-se famosa em todo o mundo.* (*Diário do Rio Doce*, 11 de janeiro de 1991). No entanto, o repórter não reflete sobre o tipo de abordagem, e o aspecto negativo para a cidade, contido na reportagem.

Na mídia, Valadares era considerada cidade com vocação para a emigração clandestina e parte fundamental na rota de falsificações. O estigma era tão pesado que mesmo quando valadarenses não estavam envolvidos, a mídia noticiava que estavam. Um exemplo aconteceu em março de 1990. Na ocasião, 13 mineiros foram presos em São Paulo tentando embarcar com documentos falsos. No entanto, apesar de a imprensa (inclusive o *Diário do Rio Doce*) ter noticiado que os falsificadores eram da cidade, posteriormente, ficou comprovado que eles eram de Poços de Caldas, no Sul de Minas. O jornal teve que se retratar.

Póvoa Neto (2006) traz uma importante reflexão sobre o tratamento da questão da imigração pelos meios de comunicação:

Ao tratarem do tema da migração, bem como de qualquer outro, os meios de comunicação fazem uso do discurso não-acadêmico (mesmo que eventualmente informado por membros da academia), utilizando a informação transformada em notícia como meio para conquista e consolidação de posições ante o mercado dos leitores. Para isso, podem apelar ao recurso da reiteração de idéias já estabelecidas e, curvando-se ao imperativo da informação breve e imediata, não privilegiam o aprofundamento analítico sobre processos sociais com alto grau de complexidade. (PÓVOA NETO, 2006, p. 26)

Por isso, muitas vezes o estigma conferido a Governador Valadares acabava sendo reforçado pela mídia local. Dessa forma, a cidade sempre estava em evidência, mas na maioria das vezes, negativamente. As notícias caracterizavam o valadarenses como um povo capaz de qualquer atitude para entrar nos Estados Unidos. Em um caso, por exemplo, 48 brasileiros que tentavam entrar nos Estados Unidos foram presos no Haiti, que surgia como uma rota para o acesso aos EUA: a via marítima.

Um dos emigrantes enviou uma carta ao jornal, publicada no dia 01 de dezembro de 1991, afirmando que agências de turismo e até mesmo a Polícia Federal de Valadares estariam envolvidos no esquema. A polícia se defendeu e afirmou não ter nenhum tipo de relação com

a emigração clandestina. O policial afirmou que era complicado punir os agenciadores, pois não havia legislação específica para tal delito, já que os emigrantes não são aliciados, mas vão por vontade própria. A punição mais concreta era para os falsificadores.

Depois, com a chegada dos deportados, foi descoberto que o homem que mandou a carta era na verdade o agenciador, que fugiu e deixou os tripulantes entregues à própria sorte. Ele deu as instruções erradas para os pilotos, mas eles conseguiram descobrir a rota certa. Os emigrantes tinham péssimas condições de sobrevivência no porão do navio. A comida era ruim e tinham que comprar água mineral,

No momento do desembarque, apesar do sufoco eles ainda alimentavam o desejo de emigrar. Ao retornarem, deixaram clara a pretensão de tentar entrar nos Estados Unidos outra vez. Em 1988, o caso do Navio Olívia, trouxe uma situação semelhante à que podemos observar no fragmento abaixo.

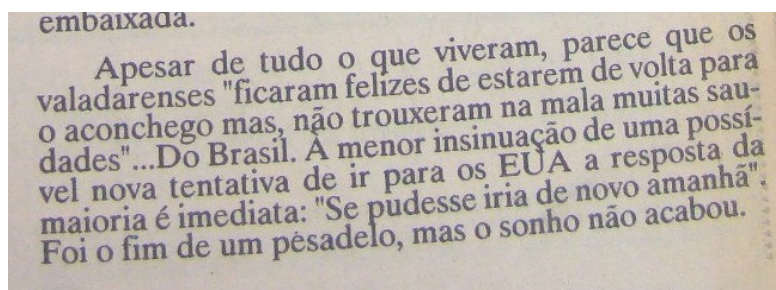


Figura 37 – Matéria: O sonho não acabou

Fonte: Diário do Rio Doce, 07 de dezembro de 1991

As menções negativas aos valadarenses naquela década não se restringiram à questão das falsificações, guias e deportações. Uma série de outros crimes, tendo relação com os Estados Unidos, foi destacada. Os episódios envolviam casos de seqüestro, homicídio, comercialização de dólares falsos, tráfico de armas, desvio de remessas, venda de produtos importados sem licença, lavagem de dinheiro, tráfico de mulheres para trabalhar com prostituição e pedofilia.

A incidência de ocorrências levou um cronista a escrever um texto, questionando sobre a imagem negativa que estava se formando acerca da cidade e dos emigrantes. Para ele, ao invés de condenar e generalizar, os conterrâneos deveriam se orgulhar dos emigrantes, pois graças a eles a cidade se tornava cada dia mais bonita e desenvolvida. O texto também enfatiza as lutas e privações desses imigrantes para mandar o famoso “dinheiro verde”.

A luta dos imigrantes se justificava nas entrevistas feitas pelo jornal com os mesmos. Eles sempre destacavam que, apesar do subemprego, a remuneração de uma semana era suficiente para as despesas de um mês inteiro ao contrário do que acontecia no Brasil. Ou seja, para eles os Estados Unidos representavam segurança, pois o país tinha uma economia estável com índices inflacionários sob controle.

Nesta década, também começam a aparecer com mais frequência informações referentes à morte de brasileiros nos Estados Unidos. O jornal dava ampla cobertura aos crimes, acompanhando todas as etapas, desde a morte, o traslado do corpo e o sepultamento. Entre os brasileiros mortos, o jornal dava destaque especial àqueles assassinados por compatriotas ou vítimas de acidente de trânsito e de trabalho.

As notícias sobre a morte tinham sempre um tom semelhante, presente a representação positiva dos Estados Unidos e do fenômeno da emigração. A conotação negativa era sempre culpa dos emigrantes. As vítimas eram descritas como pessoas que saíram da sua terra natal em busca de melhores oportunidades de emprego no exterior. Nas entrevistas, os familiares destacavam que o principal desejo do emigrante era conseguir economizar dinheiro, retornar e investir. Ou seja, a morte representava o final de um sonho e o início de um pesadelo, pois a maioria das famílias não podia sequer arcar com o traslado do corpo e precisava contar com o apoio da comunidade brasileira no exterior.

Além das abordagens negativas acerca da cidade, o jornal trazia notícias mais leves. No entanto, convém destacar que elas apareciam com bem menos frequência. Alguns exemplos foram de brasileiros premiados em um concurso musical e um programa de rádio étnico, com o objetivo de integrar a comunidade residente no exterior.

O *Diário do Rio Doce* também destacou a apresentação uma peça de teatro em Governador Valadares²⁴. O espetáculo retratava a vida dos imigrantes valadarenses nos Estados Unidos. O autor da peça se inspirou em um amigo que estava no país. Na hora de falar para o repórter onde o amigo estava se expressou assim: (...) *deixou sua família, seus parentes, seus irmãos, sua origem, seus costumes e sua pátria e se foi para onde? Você sabe, com certeza deve ter alguém lá (Diário do Rio Doce, 22 de setembro de 1990)*. Ou seja, as palavras reforçaram a imagem da cidade como um centro exportador de emigrantes.

²⁴ Segundo informações publicadas no *Diário do Rio Doce*, a peça intitulada “E o corpo” e encenada pelo Grupo Protexoto foi apresentada no Teatro Atiaia, em Governador Valadares nos dias 22 e 30 de setembro de 1990.

Os anos de 1990 são marcados por contradições no jornal. Ao mesmo tempo em que os jornalistas enalteciam o país do norte e seu povo, destacavam que a vida nos Estados Unidos já não era tão promissora quanto na década anterior. Em uma matéria, por exemplo, o repórter afirmou que após a Guerra do Golfo, a oferta de trabalho caiu e a discriminação cresceu.

De acordo com a publicação estaria cada vez mais difícil realizar o sonho de fazer a América, idealizado por muitos valadarenses, pois com o aumento do desemprego, os nativos já começavam a se candidatar a empregos que antes recusavam. Imigrantes valadarenses afirmaram que empresas norte-americanas estavam falindo e demitindo funcionários. Alguns valadarenses entrevistados pelo *Diário do Rio Doce* diziam estar pensando em voltar.

Em alguns textos, os jornalistas afirmaram que já não valia mais a pena contrair uma dívida para emigrar, pois o juro cobrado chegava a 20% e já não estava tão fácil conseguir pagar, pois o desemprego era crescente. No entanto, no mesmo ano, o jornal publicou uma charge com a seguinte afirmativa: *salário mínimo do brasileiro é de 23 mil cruzeiros (70 dólares); salário de um lavador de pratos na América (Diário do Rio Doce, 18 de junho de 1991)*. Ou seja, apesar de situação do país, os jornalistas continuavam permeando suas matérias com uma representação positiva da emigração e uma valorização do exterior em detrimento do local.

Apesar dos problemas enfrentados pelos Estados Unidos, as comparações entre os dois países continuaram tendo espaço no *Diário do Rio Doce*. Nas páginas do jornal, o jornalista tece críticas à morosidade e a ineficiência da justiça brasileira em comparação à eficiência da norte-americana, que condena seja quem for, mesmo quando se trata do filho de um astro de *Hollywood*. Outro exemplo foi uma nota referente a dois jovens que apostaram em cassinos, ganharam e não puderam levar o dinheiro, pois eram menores de 21 anos.

Nesse caso o jornalista conclui a nota da seguinte forma: *Nos EUA a lei é feita para ser cumprida (Diário do Rio Doce, 17 de agosto de 1991)*. Nessa afirmativa está encerrada a idéia ou representação de que no território de origem dos emigrantes a lei não é cumprida e a vida é pior em todos os sentidos, se comparada com os Estados Unidos.

Além das comparações entre os dois países, as agências de turismo também continuaram tendo espaço de destaque nessa década. Mesmo com todas as restrições impostas pela legislação norte-americana, nos anos de 1990, as agências de turismo criavam artimanhas para manter sua clientela. Toda brecha relacionada ao tema era utilizada pelas agências como

forma de chamar a atenção dos clientes. Com o lançamento do livro “Yes, eu sou Brazuca” de autoria do jornalista José Victor Pires Bicalho não foi diferente. As agências anunciaram a venda do livro e assinalaram a publicação como uma possibilidade para se conhecer a vida daqueles que estão na América.

Outras agências utilizavam títulos apelativos para atrair o olhar dos clientes. Um deles fez a seguinte chamada: *Se ninguém ler este anúncio, ninguém vai para a América*. Apesar do título, o conteúdo do anúncio era comum, apenas destacava a importância de escolher bem a agência de turismo antes de embarcar. A imagem, como podemos observar, abaixo traz várias pessoas sentadas, como se estivessem esperando a sua vez de conseguir entrar nos Estados Unidos.

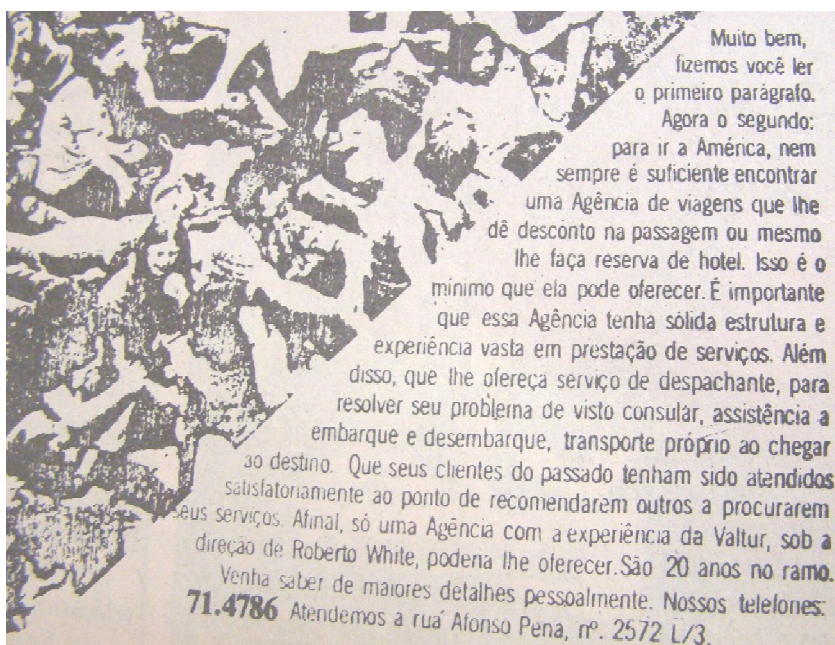


Figura 38 – Publicidade: Agência de Viagens

Fonte: Diário do Rio Doce, 18 de julho de 1990.

As diversas agências travavam uma verdadeira disputa pelos clientes, oferecendo planos e até uma segunda passagem gratuita, sempre usando o dólar e o interesse dos valadarenses pelos Estados Unidos, para despertar o interesse dos leitores. Aos poucos também começam a anunciar serviços de remessa e formulários para concorrer à Loteria do Green Card²⁵.

²⁵ Através do Programa Americano de Diversidade de Vistos, mais conhecido como Loteria de Green Card, o Governo Americano sorteia vistos de residência entre vários países, inclusive o Brasil.

A partir de 1996, as agências também se utilizam da necessidade de viajar até o consulado para tentar conseguir visto, como forma de ganhar dinheiro. Além de organizar excursões para os Estados Unidos, elas reuniam os interessados em conseguir o visto e transportavam até o consulado para a realização da entrevista. Toda semana saíam ônibus especiais com destino ao consulado. Essas excursões foram a tônica do final dos anos de 1990, sendo mais anunciadas do que as próprias viagens até os Estados Unidos.

As medidas restritivas adotadas pelo governo norte-americano, para dificultar o acesso e a permanência dos indocumentados no país, ganharam as páginas do *Diário do Rio Doce*. Em uma declaração dada ao jornal, o cônsul norte-americano afirmou que as solicitações de visto vindas de países como um Brasil e o México são analisadas com cuidado especial, pois são lugares marcados pela emigração. Já no caso do Japão, por exemplo, a concessão é quase imediata. Em sua visita à cidade o diplomata também se reuniu com autoridades locais, para tentar traçar planos e conter a ação dos falsificadores.

O jornal também destacou que as novas leis de imigração, validadas em 1997, causaram pânico entre os valadarenses. De acordo com o jornal, desde então, os norte-americanos estariam desenvolvendo operações pelo país para “capturar os infratores”. O jornal diz que os imigrantes recebiam os documentos necessários e eram forçosamente encaminhados para o Brasil. O jornalista ainda destaca que está cada vez mais difícil entrar no país e o deportado poderia ficar até dez anos sem direito de entrar nos Estados Unidos.

Outra notícia que mexeu com a comunidade valadarensense foi o caso de um brasileiro que trabalhava para o governo norte-americano, denunciando indocumentados²⁶. O caso foi destaque na mídia nacional. De acordo com informações do jornal, o imigrante teria sido responsável pela prisão de 50 brasileiros. Para denunciar os compatriotas ele se infiltrava no grupo e fazia amizade com as pessoas que seriam denunciadas. O jornal ironiza o fato de que o valadarensense estava nos Estados Unidos havia 15 anos, e teria entrado no país sem documentação.

Ao final da década, com as restrições impostas pelo governo norte-americano, somadas à nova desvalorização do real, outros lugares se tornam atraentes para os valadarenses. De acordo com o *Diário do Rio Doce*, crescia a cada dia o movimento de pessoas comprando passagem – só de ida – para países como a Inglaterra, Espanha e Portugal. Segundo a matéria, Portugal, deveria “desbancar de vez os Estados Unidos”, pois não havia

²⁶ A matéria intitulada “Valadarensense dedura imigrantes ilegais”, foi veiculada em 18 de janeiro de 1998.

exigência de visto. Nesse ponto, é interessante ressaltar que independente do destino, a emigração continua tendo uma representação positiva e o território local permanece representado como um lugar de poucas possibilidades.

Além disso, havia vagas para trabalhar em construção na Europa. O jornal destaca que a maioria embarca como turista e fica no país. No entanto, é preciso passar por uma entrevista e, caso os agentes de imigração desconfiem, o cidadão pode ser deportado. Os entrevistados demonstravam otimismo com a nova rota, que acreditavam ser mais segura e lucrativa do que os Estados Unidos.

No entanto, o jornal não deixa de mencionar os Estados Unidos. A mesma notícia que aborda os novos “eldorados,” o jornalista lembra que em breve haverá sorteio da loteria do Green Card. Ou seja, apesar das novas rotas, os país norte-americano ainda é destino dos emigrantes valadarenses, principalmente devido à rede social estabelecida naquele país.

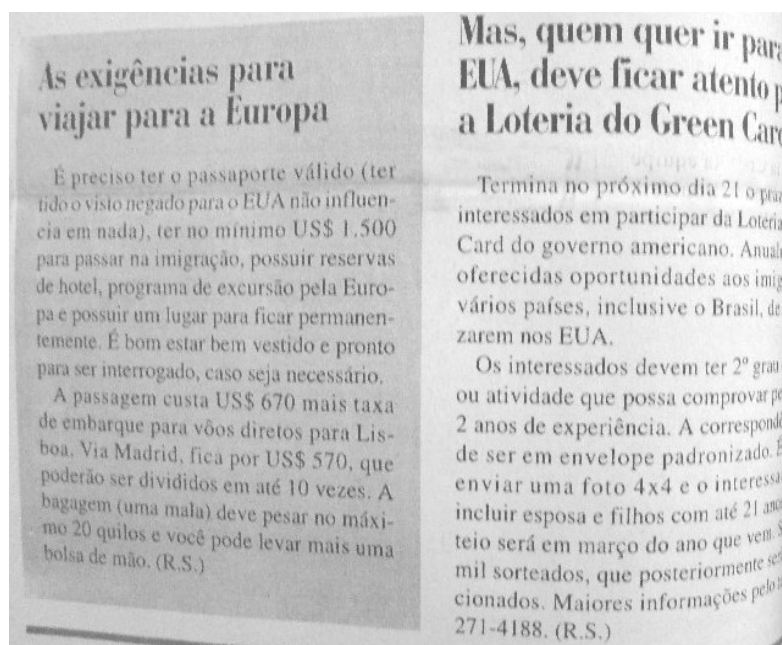


Figura 39 – Matéria: Europa e Green Card

Fonte: Diário do Rio Doce, 17 de outubro de 1999

Em pouco tempo, todavia, o jornal começa a mencionar problemas envolvendo os valadarenses e os novos países. Em uma reportagem, um grupo de imigrantes afirmou ter sido discriminado em Portugal. Já outra, destacou um esquema ilícito envolvendo valadarenses, entre eles o dono de uma agência. O grupo contratava mão-de-obra barata para trabalhar em

Portugal, entretanto, os supostos agenciadores exploravam o trabalho dos imigrantes, deixando-os em péssimas condições e embolsando a maior parte dos salários²⁷.

Os novos fluxos migratórios na direção periferia-centro, que alcançaram o auge nos anos de 1980 e 1990 chamaram a atenção da comunidade científica, que passou a desenvolver estudos a fim de compreender a questão. Esses estudos, que constituem a base teórica da dissertação, também ganharam destaque no *Diário do Rio Doce*.

A divulgação funcionava como uma forma de trazer conhecimento para a sociedade de uma forma geral. Além disso, o jornal destacou que os estudos poderiam colaborar para a criação de políticas públicas em favor dos emigrantes e ajudar a conhecer o perfil desses valadarenses que deram fama internacional à cidade.

No mês de agosto de 1996, foi realizado em Governador Valadares um seminário para debater a questão da migração. A matéria sobre o evento voltou a destacar que os emigrantes valadarenses são notícia em todo o país, sendo que na maioria das vezes com conotação negativa. É interessante destacar que, ao fazer essa crítica dos meios de comunicação, o repórter não se dá conta que isso também é observado no próprio *Diário do Rio Doce*.

À época do seminário, os jornalistas levantam uma série de questões sobre o tema dentre as quais: o que a cidade ganhou com esse processo, quantas pessoas deixaram a cidade, se existe um “culpado”. Estes assuntos foram os temas de discussão do “I (E) Migra, o 1º ciclo de estudos sobre Migração Regional e Emigração de Valadarenses para Países Estrangeiros”. Para a equipe do jornal, o evento representava o ponto de partida para tratar o problema da migração com seriedade, o que não vinha acontecendo até então.

As propostas de políticas públicas para os emigrantes também começaram a ganhar espaço nessa década, sendo que muitas foram criadas a partir dos debates contidos nos seminários e pesquisas. Um exemplo foi o convênio assinado entre o Banco do Brasil e a *Western Union*, para facilitar o envio de remessas. Neste caso, a idéia surgiu a partir do Emigra, realizado com participação da universidade local.

Outra proposta noticiada foi a criação de uma subprefeitura de Valadares nos Estados Unidos e um projeto para transformar o município mineiro e Framingham em cidades irmãs. O projeto possibilitaria ajuda mútua de recurso, além do intercâmbio de idéias e de

²⁷ A reportagem, sobre discriminação, que teve destaque de capa, definia o tratamento recebido pelos brasileiros como desumano e foi veiculada em 31 de janeiro de 1993. A outra, referente à exploração de mão-de-obra também ganhou destaque de capa foi publicada no dia 03 de junho de 1993.

estudantes. Também foi criado na cidade o dia do Emigrante Valadarense, que é comemorado em quatro de julho, dia da independência dos Estados Unidos.

Os projetos não se restringiam à esfera local. O *Diário do Rio Doce* publicou, com ampla cobertura, um pacote de medidas lançadas pelo Governo Federal em favor dos emigrantes. O jornal destaca Governador Valadares como sendo a grande beneficiada. Outra notícia foi sobre a criação de uma linha de crédito especial para os emigrantes. Na ocasião, uma comitiva liderada pelo prefeito municipal viajou para os Estados Unidos com o objetivo de incentivar os valadarenses a focar seus investimentos na cidade, já que muitos estavam optando por outras localidades. O *Diário do Rio Doce* acompanhou de perto os 12 dias de viagem e noticiou todas as atividades das autoridades no estrangeiro.

A série de matérias publicadas revela o destaque conferido à publicação sobre a questão da imigração internacional, pois os repórteres acompanharam todos os trabalhos da comitiva. No entanto, ao mencionar que os emigrantes estão preferindo investir em outras cidades, o jornal traz a representação do valadarense como um indivíduo desterritorializado, que prefere investir noutra cidade a contribuir com o desenvolvimento do território de origem.

Nas páginas de classificados, os anúncios deixavam clara a relação existente entre os dois países nessa década. As lojas faziam ofertas tanto para os valadarenses que estavam no Brasil, quanto para os que estavam nos Estados Unidos, já que o jornal circulava nos dois lugares. Eram comuns anúncios de biquíni no inverno brasileiro, pois era verão na América do Norte. Também eram publicados anúncios ensinando a ligar para os familiares que estavam distantes. Em outro caso, uma loja chamada “USA BRASIL” se definia da seguinte forma: *A joalheria preferida dos brasileiros daqui e dos Estados Unidos (Diário do Rio Doce, 09 de agosto de 1992).*

Como destaca Sales (1999), a manutenção dos vínculos entre os dois países estimula a permanência dos imigrantes nos Estados Unidos. Porém, isso não significa que os brasileiros estejam perdendo sua identidade, ou desterritorializando-se. Na verdade, os laços entre origem e destino trazem conforto psicológico aos migrantes, que se sentem mais perto do território de origem, mesmo geograficamente distante.

O envolvimento do *Diário do Rio Doce* com a questão da migração internacional era notório, tanto que o jornal promoveu o livro do advogado norte-americano e colaborador do periódico, Joel Stewart. Intitulado “Como entrar e ficar legal nos EUA”, tratava questões referentes ao processo de legalização de brasileiros e era definido pelos jornalistas como um

guia essencial aos brasileiros que muitas vezes desconhecem a legislação. Até mesmo candidatos a vereador colocaram anúncio no jornal para atrair votos dos familiares dos seus emigrantes ao demonstrar apoio à questão.

Aos poucos, o tema começa a ganhar uma abordagem e representação diferenciada, no entanto essas questões apareciam de forma esporádica e em reportagens especiais. Os textos apresentam uma viés mais comportamental, em que os jornalistas comparam a empreitada migratória com a aventura dos grandes navegadores, mas nesse caso o eldorado prometido não era tão bom quanto parecia. Aqui, não se trata apenas dos dólares que chegavam, mas dos problemas que a saída poderia causar como, por exemplo, as separações, as crianças crescendo longe dos pais, além da indústria de exportação de mão-de-obra em que a cidade se transformou.

Em alguns textos, o jornal tentou defender os valadarenses. A colunista social Marli Gama, afirmou que a maioria dos brasileiros está nos Estados Unidos para trabalhar e o fato de estarem indocumentados não os qualifica como criminosos. Já no dia 22 de dezembro de 1991, foi publicado um artigo intitulado “Tributo ao Valadarense” No texto, o repórter destaca que a repercussão de crimes envolvendo valadarenses não é suficiente para desqualificar a cidade como vem sendo feito por diversos meios de comunicação. Ele define os conterrâneos como um povo lutador, que deve ser reconhecido por seu espírito guerreiro.

Ele ainda atribui o progresso da cidade ao pioneirismo dos valadarenses que não têm medo de se arriscar. Ele critica a postura dos jornalistas que estereotipam os valadarenses, como foi o caso de Joelmir Betting que, em rede nacional, afirmou que os valadarenses são o exemplo daqueles que não acreditam no futuro do país. Segundo ele, antes de falar os repórteres deveriam procurar saber como é a relação entre os emigrantes e a terra natal e entender que o afastamento temporário tem trazido desenvolvimento para a região, pois o dinheiro ganho está sendo investido aqui.

No entanto, os textos “positivando o local” aparecem de forma esporádica. As menções negativas aos emigrantes são muito mais frequentes, inclusive na mídia local. Nesse ponto, há sempre uma contradição. Enquanto a emigração e o país de destino são positivados, graças às possibilidades de emprego e renda, os emigrantes, sujeitos do processo migratório, e o território de origem são marginalizados. Os emigrantes são associados à clandestinidade e a cidade natal é representada como uma terra de poucas possibilidades.

O jornal também trouxe uma questão importante: a reinvenção do país. Ou seja, com saudade da terra natal, o brasileiro imigrante traz para o seu dia a dia demonstrações de patriotismo, que não eram comuns na terra natal. No entanto, apesar da saudade, o retorno é marcado pelo estranhamento: “um choque total” como diz uma das entrevistadas do periódico.

Segundo Sayad (2000), o retorno é o elemento constitutivo da condição do migrante. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar, ou seja, não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência. No entanto, quando o emigrante volta para a sua cidade de origem ele volta para um mesmo ponto geográfico, mas não para o mesmo tempo.

Se por um lado pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado não se pode voltar ao tempo de partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se os deixou (SAYAD, 2000, p.12).

Dessa forma, o emigrante retornado acaba criando uma imagem supervalorizada do território de origem. No entanto, a chegada é marcada pelo estranhamento, pois o retornando não se sente mais pertencente à terra natal. Como destaca Siqueira (2008), o espaço geográfico e social, as pessoas idealizadas durante os anos de emigração já não são os mesmos. Por isso, muitos não conseguem se readaptar e acabam emigrando novamente.

A partir dos dados expostos, foi possível observar que há algumas mudanças nas representações midiáticas do fenômeno da migração nessa década. Assim como antes, o território de destino – os Estados Unidos – é positivado. No entanto, a recorrências de menções à falsificação de documentos e outros esquemas, envolvendo os valadarenses, acabam criando representações criminalizadas da cidade e dos emigrantes. Mesmo assim, a ida de pessoas para os Estados Unidos é representada como algo benéfico, pois acarreta o desenvolvimento para a terra natal, a partir do envio das remessas. No próximo item, vamos verificar de que forma se dá a representação entre os anos de 2000 e 2009.

3.2.3 Anos 2000 a 2009

A década de 2000 foi marcada por importantes mudanças no contexto político-social brasileiro. Pela primeira vez na história, a esquerda política (Partido dos Trabalhadores) teve

um representante eleito Presidente da República, através de um legítimo processo democrático. O primeiro operário brasileiro a alcançar a presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, elegeu-se nas eleições de 2002, após quatro tentativas anteriores, e foi reeleito em 2006.

No cenário político internacional, esse período foi marcado pelos violentos conflitos militares entre os Estados Unidos e o Oriente Médio, na chamada Guerra ao Terrorismo. No âmbito econômico, o Brasil conseguiu manter a economia estável e aumentar sua credibilidade no mercado internacional. Enquanto isso, em meados da década uma crise econômica afetou os Estados Unidos, espalhando efeitos em vários países do mundo.

Na representação do *Diário do Rio Doce*, os anos de 2000 foram marcados por uma variedade de temas relacionados à questão da emigração, com destaque para as políticas públicas; a morte de brasileiros no exterior; os crimes, em especial a falsificação de documentos; e a crise econômica, que atingiu os Estados Unidos e afetou diversos países pelo mundo. A tabela a seguir indica a frequência dos temas encontrados no jornal, relacionados de forma direta ou indireta com o tema de pesquisa entre os anos de 2000 e 2009.

Apesar da variedade de temas veiculados, como pudemos observar na tabela a seguir logo no início do período mais especificamente no dia 11 de setembro de 2001, o atentado ao *World Trade Center*²⁸ ganhou repercussão no mundo todo, inclusive no *Diário do Rio Doce*. A mídia valadarense, além de noticiar os fatos, trouxe uma abordagem mais específica focando os valadarenses residentes nos Estados Unidos.

²⁸ Em 11 de setembro de 2001, o maior atentado terrorista da História destruiu as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, e atingiu o edifício do Pentágono, em Washington. Aviões civis seqüestrados foram utilizados para atingir os alvos. Mais de 3000 pessoas morreram nos ataques. Acredita-se que Nova York foi escolhida por causa da repercussão do ataque: as torres do World Trade Center eram um símbolo do poderio americano, reunindo corretoras de valores e empresas nacionais e estrangeiras, e reuniam numa pequena área uma grande concentração de pessoas. A organização responsável pelos ataques foi a Al Qaeda (Organização Islâmica Radical), liderada pelo saudita Osama Bin Laden.

Tabela 6 - Temas noticiados no *Diário do Rio Doce* nas décadas de 2000

Temas	Década de 2000	
	Frequência	%
State News Retorno	193	18,47
Políticas Públicas/Imigração	124	11,87
Morte/Acidentes de Brasileiros nos EUA	99	9,47
Crimes de Brasileiros/EUA	61	5,84
Falsificação de Documentos	56	5,36
Prisão/Deportação	50	4,78
Crise/EUA	45	4,31
Emissão de Passaporte/Visto	39	3,73
Caso Jean Charles	38	3,64
Remessas	35	3,35
Agência de Turismo	27	2,58
Pesquisas/Imigração	27	2,58
Governo Norte-Americano/Imigração	24	2,30
Terrorismo/Guerra	23	2,20
Fuga/EUA	20	1,91
Green Card	18	1,72
Imigração Indocumentada	18	1,72
Imigração/Cultura	18	1,72
Emigração para outros países	16	1,53
Imigração/Imprensa	16	1,53
Imigração/ Comportamento	12	1,15
Protesto (Imigrantes)	11	1,05
Dólares/ Construção Civil	10	0,96
Emigração para os EUA	09	0,86
Cônsul dos EUA em GV	07	0,67
Livros/Imigração	07	0,67
Desvalorização da Moeda/Alta do Dolar	06	0,57
Ofertas para imigrantes	06	0,57
Ajuda/EUA	05	0,48
Discriminação Brasileiros /EUA	04	0,38
Valadarenses nos EUA (Trabalho/Moradia)	04	0,38
Cartas/EUA	03	0,29
Desemprego	03	0,29
Influência dos EUA	03	0,29
Críticas ao Brasil/GV	02	0,19
DRD nos EUA	02	0,19
Comparação Brasil/EUA	01	0,10
Governador Valadares	01	0,10
Jornal Étnico	01	0,10
Legalização	01	0,10
Total	1045	100%

Fonte: Pesquisa no DRD, 2010

A figura seguinte mostra a ligação existente entre os dois países e a nítida preocupação do valadarenses com o atentado contra os norte-americanos. Ao estender a bandeira na frente de sua casa, o cidadão demonstra sentir-se tão atingido quanto um norte-americano, pois há milhares de conterrâneos que vivem e trabalham naquele país, em busca de melhores condições de trabalho e renda. É conveniente ressaltar que não é comum cidadãos brasileiros

estenderem a bandeira do país natal em suas casas. Já nos Estados Unidos esse é um costume, independentemente dos acontecimentos, sejam eles festivos ou não.



Figura 40 – Chamada de capa: Bandeira EUA

Fonte: Diário do Rio Doce, 16 de setembro de 2001

A cobertura do jornal deu destaque à apreensão dos valadarenses que deixaram de lado suas atividades, para acompanhar os noticiários. Nos textos, os jornalistas comparavam a dimensão do atentado a uma guerra, que atingiu o coração do mundo e espalhou pânico e terror a todos os continentes. Na mídia nacional, as atenções também se voltaram para Governador Valadares.



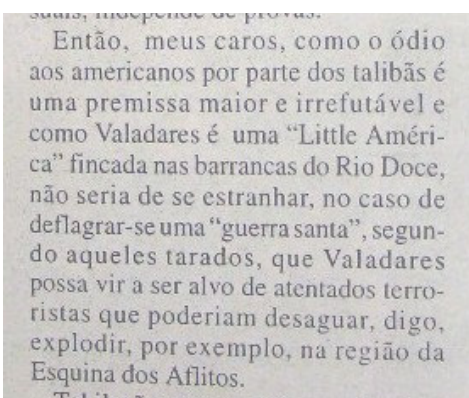
Figura 41 – Matéria: Valadarenses Tensos

Fonte: Diário do Rio Doce, 12 de setembro de 2001

O *Diário do Rio Doce* criou até mesmo uma página na internet para facilitar o contato entre os imigrantes e seus familiares. De maneira geral, as matérias falavam sobre a vontade de voltar ao país de origem e o cancelamento de milhares de vôos e reservas nas agências de turismo. O foco de atenção eram os emigrantes. Em uma ocasião foi cogitada a possibilidade

de a cidade ser alvo de terroristas, pois era uma espécie de *Little América*, ou seja, uma parte dos Estados Unidos na América do Sul.

O texto reproduzido abaixo, de cunho opinativo, o jornalista representa a cidade como uma extensão dos Estados Unidos, devido às redes sociais que conectam os dois territórios. Por ser Valadares tão ligada ao país que foi o alvo dos ataques, o jornalista afirma que o ódio dos terroristas pode se estender para a cidade mineira, que traz grande influência do país norte-americano, como podemos observar no fragmento abaixo. Assim, o jornal reforça a representação de Governador Valadares como um território fortemente marcado pela cultura norte-americana.



Então, meus caros, como o ódio aos americanos por parte dos talibãs é uma premissa maior e irrefutável e como Valadares é uma “Little América” fincada nas barrancas do Rio Doce, não seria de se estranhar, no caso de deflagrar-se uma “guerra santa”, segundo aqueles tarados, que Valadares possa vir a ser alvo de atentados terroristas que poderiam desaguar, digo, explodir, por exemplo, na região da Esquina dos Afritos.

Figura 42 – Crônica: “Little América”

Fonte: Diário do Rio Doce, 21 de setembro de 2001

No entanto, menos de um mês após o ataque, o jornal já destacava a normalização na venda de passagens e a volta das filas nos consulados. O mesmo aconteceu com o *Green Card*, pois nem mesmo o atentado reduziu a procura pelos formulários da loteria. A possibilidade de conseguir o documento através do sorteio era representada como um sonho para os valadarenses, que tinham como objetivo viver legalmente nos Estados Unidos, sobretudo após os ataques terroristas, a partir de quando a polícia migratória aumentou a fiscalização e o número de deportados não parava de aumentar.



No Rio, voltam filas para visto de entrada nos EUA

Figura 43 – Matéria: Voltam as filas no consulado

Fonte: Diário do Rio Doce, 06 de outubro de 2001

Loteria do Green Card faz valadarense sonhar

O sonho de entrar nos Estados Unidos e “fazer a América” de forma legal está mexendo com Governador Valadares. A loteria do Green Card tem levado pelo menos 23 pessoas diariamente a uma empresa especializada no assunto, isso sem contar as agências de turismo e a internet, onde a inscrição é gratuita. A inscrição vai até o dia 30 de dezembro e está custando R\$ 40 ou R\$ 50, dependendo da agência. A loteria distribuirá 55 mil vistos e a expectativa é que 2,6 mil sejam para o Brasil. **Página 04 C**



Foto: Ademar Corcino

APESAR DA cobrança (R\$ 40 pela inscrição), a corrida é grande para um green card

Figura 44 – Chamada de Capa: Loteria do Green Card

Fonte: Diário do Rio Doce, 11 de novembro de 2003



Figura 45 – Publicidade: Extraditado

Fonte: Diário do Rio Doce, 09 de novembro de 2005

O atentando realmente abalou os valadarenses em diversos aspectos. O jornal destacou a história de um homem que pintou, no muro de sua residência, em Governador Valadares, uma bandeira dos Estados Unidos e a imagem das torres destruídas. Segundo ele, a pintura era uma forma de agradecimento, pois o Brasil deve muito a eles, já que nossos filhos vão buscar dias melhores lá. Além disso, nesta época houve uma erupção nas vendas de roupas e acessórios com referências ao país norte-americano. A matéria sobre o assunto destaca a idolatria ao país estrangeiro em detrimento da terra de origem.



Figura 46 – Matéria: Homenagem no Muro

Fonte: Diário do Rio Doce, 25 de outubro de 2001.

Apesar da ampla repercussão sobre a questão do terrorismo, o tema que ganhou mais espaço no *Diário do Rio Doce* foram as políticas públicas voltadas para os emigrantes, em especial os valadarenses. O destaque conferido à questão cresceu consideravelmente ao longo dos anos. Até o final dos anos 1980 o assunto só foi citado uma vez. Nos anos de 1990, já foram 24 menções e na década de 2000, foram 124. Ou seja, ao longo dos anos a questão começou a ganhar mais espaço na esfera política e, conseqüentemente, nas páginas do jornal. O aumento das políticas se dá ao mesmo tempo em que pesquisas sobre o assunto começam a ganhar espaço no ambiente acadêmico e na esfera midiática.

Foi justamente após os atentados de 11 de setembro, que o assunto ganhou ainda mais força. Nesta época, autoridades municipais reuniram esforços para facilitar a comunicação e tranquilizar a família dos emigrantes que tinham familiares morando na região atingida pelos

ataques terroristas. Foi criado pela Prefeitura Municipal de Governador Valadares o Programa Emigrante Cidadão (PEC), cujo objetivo era sanar problemas comuns aos emigrantes como a questão dos investimentos e o traslado de corpo.

Um dos obstáculos destacados pelo jornal para a criação dessas políticas era a clandestinidade, ou seja, a situação indocumentada de grande parte dos valadarenses residentes nos Estados Unidos. De acordo com a publicação, muitos emigrantes se recusavam a fornecer dados pessoais, temendo que fossem encaminhados para o Serviço de Imigração Americano. Outro projeto destacado pelo jornal foi a iniciativa de transformar Governador Valadares e Framingham em cidades irmãs. A proposta consistia em manter o intercâmbio político, cultural, econômico e filantrópico entre as duas localidades, estreitando os laços com a comunidade brasileira residente naquela região.

Segundo Almeida (2003), depois de 1973, com a reestruturação da economia norte-americana, muitas empresas que existiam na região de Framingham fecharam suas portas e o centro passou a ser ocupado por traficantes e prostitutas. Foi neste contexto pós-industrial que os novos habitantes em especial os imigrantes valadarenses, começaram a chegar e ocupar esse espaço, transformando a região degradada em uma área de comércio de brasileiro.

Desta forma, os imigrantes foram essenciais para a revitalização e a redução da criminalidade no centro de Framingham. Os nativos passaram a admirar esses empreendedores e trabalhadores, que alugaram as antigas casas ocupadas pelos operários das indústrias locais, revitalizando a área. Por isso, a iniciativa do executivo municipal em estreitar ainda mais os laços com o projeto cidades-irmãs.

O projeto teve o apoio das autoridades de Framingham que, em comitiva, visitaram Governador Valadares para iniciar os protocolos do estabelecimento da irmandade entre as duas cidades. De acordo com a notícia veiculada no *Diário do Rio Doce*, no dia 04 de julho de 2004, os norte-americanos se surpreenderam, pois, imaginavam que a cidade fosse precária e seus habitantes extremamente pobres, sendo a maioria indígena.

A questão dos valadarenses presos ao tentar atravessar a fronteira também ganhou espaço na pauta das políticas públicas. Em 2003, o *Diário do Rio Doce* noticiou a viagem de uma comissão formada por senadores e deputados, cujo objetivo era prestar assistência e providenciar o retorno de brasileiros presos pela polícia migratória. O jornal também destacou que após o retorno a comitiva veio a Governador Valadares, pois esta é a cidade que mais

exportava emigrantes e mantinha uma relação com os Estados Unidos, desde os tratados de Washington nos anos de 1940²⁹.

A cada novo prefeito que tomava posse na cidade, o jornal questionava sobre as políticas públicas voltadas para os emigrantes. As indagações giravam em torno das remessas, do traslado de corpos, direcionamento dos investimentos e, sobretudo, a desconstrução da imagem negativa e estereotipada que foi criada sobre a cidade e reforçada pela mídia, inclusive pelo próprio *Diário do Rio Doce*.

O traslado de corpos foi constantemente abordado pelos políticos. Em 2004, um vereador criou um projeto de lei³⁰ para que o município arcasse com todas as despesas e procedimentos burocráticos em caso de valadarenses mortos fora do território brasileiro. A lei tinha como objetivo evitar os recorrentes problemas enfrentados por aqueles de baixa renda que precisavam contar com as doações da comunidade brasileira para conseguir trasladar os corpos dos familiares. Já no ano de 2007 foi criada uma emenda para incluir no orçamento municipal uma verba de 100 mil reais destinada ao traslado de corpos.

A criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar a ação de quadrilhas envolvidas com o tráfico de pessoas para os Estados Unidos foi debatida na Assembléia Legislativa de Minas Gerais. A idéia surgiu a partir de reportagens publicadas em jornais e revistas, denunciando a ação de criminosos especializados em esquemas ilícitos para garantir o acesso aos Estados Unidos, sendo que durante a travessia os migrantes eram expostos a todo tipo de privação e humilhação.

Os debates acerca do tema envolvendo autoridades e pesquisadores se tornaram cada vez mais frequentes ao longo da década. O interesse pelo assunto extrapolou a esfera estadual e chegou ao Congresso Nacional, que instaurou uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), composta por deputados e senadores para apurar as irregularidades, envolvendo o tema da migração indocumentada. No jornal, quadrilhas valadarenses eram definidas como verdadeiras máfias, com os “negócios” passando de pai para filho. Além disso, os criminosos estariam exportando *know-how* para outras cidades brasileiras.

²⁹ Em 1942 o Brasil assinou o tratado de Washington, cujo objetivo principal era reunir os países da América Latina no esforço de guerra dos aliados. No acordo, o Brasil se comprometeu a aumentar a produção de minério de ferro, já que as principais jazidas estavam em território Alemão. Grande parte do mineral era extraída em Itabira, Minas Gerais e seguia pela estrada de Ferro Vitória-Minas até o porto de Vitória de onde era exportado para os EUA e Inglaterra (VILARINO, 2008).

³⁰ Lei Municipal nº 5388, que trata da responsabilidade do município com relação a pessoas falecidas fora do território brasileiro. A lei aprovada em novembro de 2004 cuida dos procedimentos de liberação do corpo para o traslado.

A instalação da CPMI teve grande repercussão do *Diário do Rio Doce* e na sociedade valadarense e impulsionou ações a nível local. A Câmara Municipal constantemente promovia reuniões especiais para tratar do assunto. O jornal acompanhava toda a movimentação das autoridades, que propunham medidas como a criação de uma entidade de apoio aos familiares e a construção de um monumento em homenagem ao emigrante.

As ações desenvolvidas pela entidade criada na cidade - Associação dos Parentes e Amigos dos Emigrantes do Brasil (ASPAEMIG) - ganharam espaço contínuo no *Diário do Rio Doce*. Entre as ações destaca-se a intenção de criação de um curso superior à distância para capacitar os imigrantes e até medidas de protesto como o “dia sem imigrante na América”, que propunha a paralisação dos imigrantes, a fim de demonstrar como eles eram importantes para a economia dos Estados Unidos.

Um convênio assinado entre a Aspaemig e um escritório de advocacia de Nova York ganhou as páginas do *Diário do Rio Doce* no dia 04 de novembro de 2007. A partir da parceria, os imigrantes, documentados ou não, poderiam contar com assessoria jurídica em caso de acidentes de trabalho. O jornal destacou a importância do acordo, pois grande parte dos imigrantes indocumentados exerce suas atividades sem nenhum aparato de segurança, fazendo com que acidentes sejam corriqueiros.

Em 2006, a implantação de outra entidade, o Centro de Informação e Assessoria Técnica (CIAAT), um novo órgão de apoio ao emigrante e sua família também ganhou espaço na mídia local. Novamente, na hora de contextualizar a notícia o destaque foi dado à importância das remessas para a cidade e, por isso, a importância em colaborar com os emigrantes nos Estados Unidos.

O jornal também noticiou com grande destaque, durante vários dias, a audiência promovida pela CPMI na cidade em agosto de 2005. Uma das propostas apresentadas e destacadas pela publicação foi a solicitação de aumento na concessão de vistos aos brasileiros. O baixo número de vistos expedidos na época, cerca de seis mil por ano, era considerado uma das causas que levava os valadarenses a optar pela via indocumentada.

Na ocasião, o jornal divulgou um relatório da Polícia Federal que, durante a Operação Tequila (2005), identificou cerca de 40 quadrilhas envolvidas com o tráfico de emigrantes. As ocorrências constantes levaram a comissão a apresentar no Congresso uma lei com o objetivo de tipificar criminalmente a ação dos ageciadores, facilitando a prisão e a condenação destes agenciadores.

Outra notícia amplamente divulgada pelo *Diário do Rio Doce* foi a viagem do Prefeito e sua comitiva aos Estados Unidos em 2005, com o objetivo de conhecer a realidade dos imigrantes. Na ocasião, o jornal definiu a ação como uma forma de agradecimento das autoridades valadarenses à contribuição dada pelos emigrantes para o desenvolvimento local, como podemos observar abaixo. Novamente, há uma representação positiva da emigração.

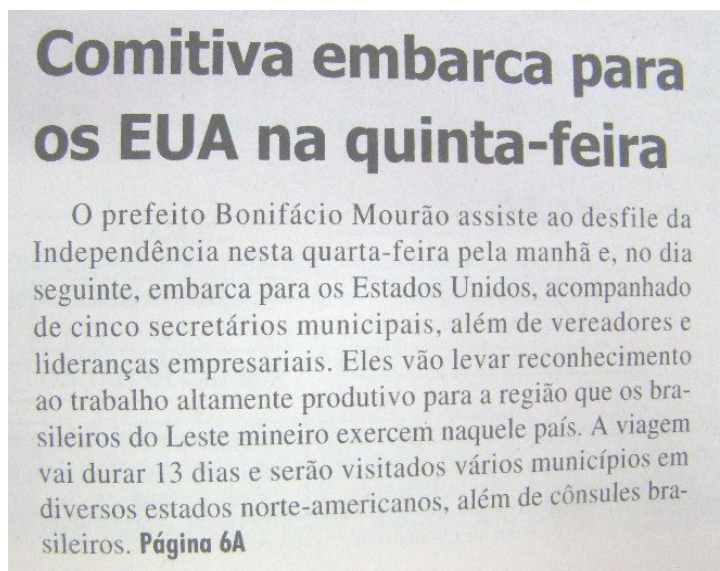


Figura 47 – Chamada de Capa: Comitiva

Fonte: Diário do Rio Doce, 04 de setembro de 2005

Outra ação que ganhou destaque foram as iniciativas respaldadas por instituições econômicas, que tinham como objetivo ajudar os retornados a investir de forma consciente, já que muitos retornados perdem todo o dinheiro com negócios mal sucedidos e acabam emigrando novamente. O projeto do retorno está sempre presente no imaginário do imigrante. No entanto, nem todos são bem-sucedidos ao tentar abrir um negócio na volta ao país de origem. Segundo Siqueira (2008a), sem referências da real situação econômica, sem racionalidade e com amadorismo, os empreendimentos não são bem sucedidos.

O capital social do emigrante é um fator importante no sucesso do investimento, porém existem alguns fatores que contribuem para o sucesso e o insucesso do projeto de retornar e investir na cidade de origem. A emigração possibilita a poupança para iniciar o seu empreendimento, mas não o habilita a tornar-se empresário. O mercado exige racionalidade e conhecimento para que o investimento seja bem sucedido. (SIQUEIRA, 2008a, p. 22)

Outra iniciativa aconteceu no ano de 2009, durante o III Seminário de Emigração e desenvolvimento realizado pelo CIAAT e divulgado pelo jornal no dia 29 de outubro. Na

ocasião, foi elaborado um documento que tinha como objetivo reconhecer a microrregião de Governador Valadares como um território da Emigração, pois o fenômeno migratório cria uma especificidade cultural e territorial. Com a aprovação do documento, seria possível criar políticas públicas capazes de promover o desenvolvimento regional.

Apesar de todas as iniciativas voltadas para o bem-estar dos emigrantes nessa década, a incidência de crimes envolvendo imigrantes foi crescente. Como podemos observar na tabela 5, o número de ocorrências noticiadas no jornal quadruplicou entre os anos de 1980 e 2000, passando de 14 para 61 menções ao tema.

Um dos crimes que mais chamou a atenção, publicado com destaque pelo *Diário do Rio Doce*, foi o caso dos doleiros presos após a operação “Farol da Colina”. A ação da Polícia Federal aconteceu simultaneamente em vários estados e prendeu, em Governador Valadares, donos de casas de câmbio e agências de turismo, acusados de lavagem de dinheiro e evasão de divisas. De acordo com a reportagem, veiculada no dia 18 de agosto de 2004, na cidade, o principal objetivo era investigar a participação das agências em esquemas de falsificação de passaportes, ida de pessoas irregularmente para os Estados Unidos e problemas com remessas. A operação resultou no fechamento de agências e causou apreensão na comunidade brasileira residente nos Estados Unidos.

O assunto continuou ganhando as manchetes do jornal com o passar dos dias, em especial quando o delegado responsável pelo caso foi afastado, sob acusação de conceder privilégios aos doleiros na cadeia. Após a denúncia, os acusados foram transferidos para outras cidades. Novamente, a cidade ganhou destaque negativo na mídia nacional.

Os Valadarenses envolvidos em crimes de homicídio também ocuparam as páginas do *Diário do Rio Doce*, com destaque para a tragédia de *Keeler Street*, em que a valadarense Girlene Soares fora acusada de matar o marido com uma facada em julho de 2004. O jornal acompanhou a missa de um ano da morte e ouviu os familiares a respeito do julgamento que estava prestes a acontecer.

Em matéria, publicada em 07 de julho de 2004, foi levantada a hipótese de crime passional. De acordo com entrevistados, a acusada tinha um amante e matou o marido para ficar com o outro. Já os amigos da acusada a defendem, alegando que o marido era violento e já teria sido preso por agressão. Os jornalistas também entrevistaram valadarenses residentes em Danbury, cidade onde o crime ocorreu; todos se mostraram indignados com a situação.

A equipe do *Diário do Rio Doce* também acompanhou o julgamento. Para o juiz, a ré confirmou que ambos usavam drogas e bebiam com frequência. De acordo com ela, no final de semana em que ocorrera o crime, eles discutiram e na tentativa de se defender ela acabou acertando-o com a faca. O julgamento foi longo e, após 20 dias, Girlene foi absolvida. No entanto, como era indocumentada foi mantida no presídio para ser deportada. A equipe de reportagem conversou com a família da vítima que estava decepcionada com a sentença da justiça norte-americana.

Outro crime cometido por um brasileiro teve relação com a Igreja freqüentada pela mulher. O homem que não aceitava o tempo que a mulher passava no templo matou-a a marteladas. Outro mineiro também acusado de homicídio foi condenado a 14 anos de reclusão pela justiça norte-americana. Em abril de 2007 após uma discussão por causa de comida, eles brigaram porque o acusado teria comido a marmita da vítima.

Outra reportagem falou especificamente de crimes cometidos contra mulheres brasileiras nos Estados Unidos. De acordo com o levantamento de uma fundação norte-americana, em dois anos, oito mulheres brasileiras foram assassinadas pelos maridos naquele país. Além disso, 48% das imigrantes latinas já sofreram algum tipo de violência doméstica. De acordo com a reportagem, os imigrantes usam a ilegalidade como uma arma, pois imaginam que não serão denunciados pelas mulheres, que também são indocumentadas. Para ilustrar a matéria o jornal trouxe como exemplo o caso de uma valadarense que foi morta pelo marido em Bridgeport. (*Diário do Rio Doce*, 22 de março de 2007)

A ênfase dada aos crimes traz uma representação negativa com respeito ao comportamento dos imigrantes que estão nos Estados Unidos. A grande incidência de matérias com este tema gera uma generalização, ou seja, transmite a idéia de que todo valadarense que emigra acaba se envolvendo em problemas no exterior. Nos textos, a participação de brasileiros em crimes é representada como algo natural e freqüente. Exceção seria um imigrante estampar a página do jornal por algo positivo.

Nessa década, além dos crimes comuns como a falsificação de dólares, ocorrências diversas, e até mesmo curiosas, ganharam espaço no *Diário do Rio Doce*. Em 2005, por exemplo, um imigrante foi preso após roubar um avião de pequeno porte em um aeroporto em Danbury. Já um casal de brasileiros foi acusado de escravizar a maltratar a empregada doméstica. Ao mencionar o crime o jornal focou na incidência de ocorrências envolvendo brasileiros nos Estados Unidos, como podemos observar no fragmento a seguir:

Um brasileiro voltou a ser notícia nos Estados Unidos. Para não fugir muito à regra, ele ganhou as manchetes de jornais, telejornais e revistas ao cometer um crime. O engenheiro brasileiro Renê Bonetti foi considerado culpado anteontem pela Corte de Greenbelt, nos arredores de Washington, da acusação de ter mantido sua empregada doméstica como escrava.

Figura 48 – Nota: Para não fugir à regra.

Fonte: Diário do Rio Doce, 12 de fevereiro de 2004

Também foram registrados envolvimento de brasileiros com crimes sexuais. No dia 30 de agosto de 2009 o jornal trouxe uma matéria com informações de que um homem teria sido acusado de violentar a própria filha de 11 anos, que morava com ele nos Estados Unidos; a menina foi trazida de volta para o Brasil e a família foi amparada pela Aspaemig. Outro caso denunciou um brasileiro acusado de estuprar diversas mulheres em Nova Jersey e Massachussets. Um terceiro brasileiro foi denunciado por distribuir vídeos pornográficos utilizando serviço postal.

As agências que prometem empregos no exterior também ganharam as páginas policiais do *Diário do Rio Doce*. No ano de 2006, vítimas de um golpe aplicado por uma empresa procuraram o jornal para fazer a denúncia. De acordo com eles, a firma Work USA prometia conseguir entrada legalizada e trabalho nos Estados Unidos, no entanto, na hora das entrevistas no consulado, os brasileiros não conseguiam o visto. O dinheiro que eles tinham pagado pelo serviço não foi devolvido.

Por outro lado, os brasileiros também foram vítimas. Nos anos 2000, o jornal traz quase 100 menções a brasileiros mortos nos Estados Unidos. Nas matérias uma frase dá o tom: *O sonho de ganhar a vida nos EUA se transformou em pesadelo para a família de...* O conteúdo das reportagens fala não apenas da morte, mas da destruição de um ideal que faz parte do imaginário coletivo da comunidade valadarense: “Fazer a América”.

No entanto, as palavras do familiar de uma vítima demonstram que a terra das oportunidades, aos poucos, começa a mostrar sua outra face: *Estamos perdendo nossos*

parentes para os Estados Unidos (Diário do Rio Doce, 20 de julho de 2000). Neste caso, o jornalista fala dos acidentes automobilísticos, sendo que a causa de muitos deles é atribuída à exaustão, devido à longa jornada de trabalho enfrentada pelos imigrantes

Podemos observar uma representação interessante - o sonho de emigrar, que faz parte do imaginário coletivo da comunidade valadarenses, aos poucos começa a desmoronar. Apesar dos benefícios econômicos, que eram o foco das reportagens, os textos começam a destacar a dura jornada de trabalho e os riscos enfrentados pelos brasileiros.

A travessia entre México e Estados Unidos também levou brasileiros à morte. Entre as notícias sobre as mortes no deserto uma matéria chamou a atenção. A partir da investigação de um fotojornalista da revista *Isto é*, foi descoberto um cemitério clandestino onde estariam enterrados cerca de 500 migrantes sem identificação, que provavelmente morreram ao tentar atravessar a fronteira.

O *Diário do Rio Doce* teve acesso à reportagem antes mesmo de a revista sair nas bancas e trouxe detalhes na edição do dia 26 de fevereiro de 2005. A equipe do jornal conversou com o autor da reportagem, que se mostrou indignado com a situação. Para ele, a divulgação das informações deve servir de alerta, para que as pessoas tenham mais cuidado na hora de se arriscar na empreitada migratória.

Além dos crimes e mortes, a situação econômica dos dois países também ocupou as páginas do periódico local. No início da década, a desvalorização da moeda brasileira frente à norte-americana levou novamente o jornal a destacar a importância das remessas para a cidade. Enquanto as casas de câmbio registravam mais movimento, os valadarenses cujos familiares residiam nos Estados Unidos se mostravam otimistas com a cotação do dólar.

Aqui podemos observar uma situação curiosa - a subida do dólar é negativa para a economia brasileira como um todo, mas o jornal representa essa valorização como algo benéfico para a cidade de Governador Valadares. No entanto, é conveniente destacar que o aumento na cotação da moeda norte-americana é positivo apenas para aqueles que recebem as remessas. Para quem não recebe, ou seja, a maioria da população brasileira, inclusive, valadarenses, esta tal valorização significa perda do poder aquisitivo.

Subida do dólar ajuda valadarense

A alta do dólar está sendo apontada pela Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL/GV) como o principal fator de redução do número de inclusões de consumidores no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), no primeiro bimestre deste ano. Comparados com os do mesmo período do ano passado, os números apontam uma queda de 29% nessas inclusões. As exclusões também tiveram uma redução, mas bem menor (2,7%), mostrando o bom momento econômico que a cidade vive, em função da alta do dólar, que subiu de R\$ 2,30 para R\$ 3,50. **Página 06 A**

Figura 49 – Chamada de Capa: Subida do Dólar

Fonte: Diário do Rio Doce, 21 de março de 2003

Vale até notinha na “Veja”. Toda vez que o dólar sobe, Governador Valadares fica em alta. E nesta semana não foi diferente, já que a moeda americana bateu sucessivos recordes, chegando a quase R\$ 4. O grande número de valadarense (dados estimam que são quase 30 mil) na “Terra do Tio Sam” faz com que a cidade seja beneficiada, já que diversos setores acabam recebendo incrementos, como o da construção civil e o imobiliário.

Figura 50 – Nota: Notinha na Veja

Fonte: Diário do Rio Doce, 29 de setembro de 2002.

No entanto, a partir de 2005, houve mudança no quadro otimista. Nesse ano, os Estados Unidos começam a enfrentar uma crise econômica. A primeira menção ao tema aparece com o seguinte título: *Sonho de Emigrante é frustrado: EUA* (Diário do Rio Doce, 21

de junho de 2005). A matéria destaca que ao invés de ofertas abundantes de trabalhos os novos emigrantes que chegam aos Estados Unidos estão enfrentando uma onda de desemprego.

Segundo o texto, os coiotes continuavam iludindo os valadarenses com boas propostas, que não estão sendo correspondidas. Em alguns casos brasileiros que estão no país há mais tempo chegam a explorar os novos emigrantes, pagando salários muito baixos ou até deixando de pagar. Às vezes, eles até ameaçam chamar o serviço de imigração e denunciar os compatriotas. Na cidade de Danbury, por exemplo, foi criado o ponto dos brasileiros, lá centenas de imigrantes ficam à espera de conseguir algum trabalho.

No ano de 2006, o tema voltou a aparecer, destacando os prejuízos da baixa do dólar para Valadares. A reportagem aponta que, devido à importância da moeda para a economia local, marcada pelo fluxo migratório, as sucessivas desvalorizações da moeda acabam sendo ruins para a cidade. Com a baixa do dólar a cidade recebe menos dinheiro e o poder de compra das pessoas acaba sendo reduzido. De acordo com os jornalistas, o setor mais prejudicado é o da construção civil, pois é dependente das remessas. No ano de 2007, já não é apenas uma, mas várias menções ao assunto. O jornal destaca que, enquanto a maioria dos brasileiros está satisfeita com a baixa do dólar, em Valadares a situação é de apreensão, como podemos observar no trecho abaixo:



Figura 51 – Chamada de capa: Queda do dólar preocupa

Fonte: Diário do Rio Doce, 11 de abril de 2007

O texto acima revela uma representação contrária àquela relacionada à elevação na cotação do dólar. No jornal, a baixa cotação da moeda norte-americana é representada como algo prejudicial para a cidade de Governador Valadares de forma geral. Porém, os prejudicados são apenas os familiares dos emigrantes que recebem as remessas; certamente, muitas famílias da cidade tiveram o seu poder de compra reduzido. Contudo, a economia brasileira foi beneficiada com a valorização da moeda local.

As agências de turismo, que na época da crise brasileira vendiam passagens para turistas que na verdade pretendiam fixar residência nos Estados Unidos, agora comemoravam a venda de pacotes realmente de turismo, pois o dólar em queda faz com que as viagens internacionais fiquem bem mais baratas. Já o comércio não parece estar lucrando com a nova situação. Em maio de 2007 o jornal publicou uma matéria intitulada *Dólar derruba comércio*. Na entrevista, os lojistas atribuem o prejuízo à redução do valor das remessas emitidas pelos imigrantes em decorrência da crise norte-americana.

A crise norte-americana teve início no setor imobiliário. Segundo Carvalho (2008) esse era um mercado promissor naquele país, porém as instituições financeiras precisavam descobrir modos de ampliá-lo mais intensamente que o crescimento vegetativo da população. A alternativa encontrada foi a abertura do mercado aos clientes *subprime*, ou seja, aqueles que não possuíam garantia de crédito.

Mesmo em uma economia desenvolvida como a norte-americana, essas pessoas formavam um enorme contingente da população e, portanto, representavam um enorme mercado potencial para financiamentos imobiliários. Além disso, não apenas representavam uma grande reserva de possíveis tomadores de empréstimos, como também deveriam ser muito lucrativos, já que, sendo mais arriscados, teriam de pagar taxas maiores que as do mercado “normal”, ou *prime*, para conseguir um empréstimo (CARVALHO, 2008, p. 18)

Entre o final dos anos de 1980 até praticamente 2006, a economia norte-americana viveu um período próspero. Como assinala Carvalho (2008), apenas duas recessões leves e rápidas interromperam o crescimento da economia nesse intervalo. A taxa de emprego também se manteve crescente ou estável, por isso pessoas sem trabalho fixo, com empregos informais que seriam, no passado, considerados de alto risco, apareciam nas estatísticas com uma renda estável.

Ou seja, os modelos estatísticos de análise de crédito sugeriam que, como essas pessoas conseguiram trabalho no passado, elas continuariam conseguindo no futuro, ou, em outras palavras, como a economia norte-americana foi bem no passado, ela iria bem para sempre. Assim, o risco de perda do empréstimo foi subestimado pelos bancos e financeiras envolvidos no processo. (CARVALHO, 2008, p. 18)

As pessoas foram convencidas a tomar empréstimos. Em um primeiro momento, as taxas de juros pareciam baixas e o cliente acreditava poder quitá-las, mas com o passar dos anos subiam vertiginosamente. Muitos compradores ficaram sem renda suficiente para pagar os juros e o calote foi inevitável. Como destaca Siqueira (2009a) ao se darem conta da inadimplência, os investidores que compraram títulos tendo em vista este mercado começam a vendê-los, mas já não encontram compradores. A partir daí, explode a bolha imobiliária e a crise é instaurada.

A crise que até então estava localizada no setor imobiliário, agrava-se quando a falta de confiança nos papéis financeiros atinge o mercado de capitais como um todo. A maioria das instituições financeiras que adquiriu hipotecas subprime, neste momento da crise, entra em insolvência ou falência atingindo todos os setores da economia norte-americana. (SIQUEIRA, 2009a, p. 5)

Nesse contexto, muitos imigrantes brasileiros já não tinham mais condições de arcar com o financiamento de suas casas, principalmente após a crescente onda de desemprego, que reduziu as horas de trabalho e, conseqüentemente, o salário. Muitos, então, perderam suas casas e tiveram seus sonhos interrompidos.

A casa representava a idéia que haviam ‘conquistado a América’ e melhoraram qualidade de vida da família, lembrando que o projeto inicial era conseguir isso na sua cidade de origem, conseguiram muito mais, pois conquistaram a casa própria na ‘América’ e tinham um padrão de consumo que nunca haviam sonhado, viviam o sonho do *American Way Of Life* (SIQUEIRA, 2008a, p.7).

Outro tema abordado pelo jornal com a crise nos Estados Unidos se refere ao retorno de Valadarenses que voltam à terra natal, após o *Sonho virar pesadelo*, expressão utilizada pelos próprios jornalistas. De acordo com as matérias, desiludidos com a falta de empregos e a baixa remuneração, muitos valadarenses estão voltando, sendo que muitos deles sem dinheiro para investir ou, até mesmo, endividados.

Ao perceberem a situação negativa, muitos valadarenses sentem que o custo benefício da empreitada migratório já não era compensatório. Siqueira (2009a) destaca que aqueles que cumpriram o objetivo de conseguir melhores condições de vida voltam com a sensação de dever cumprido. No entanto, aqueles que não tinham programado o retorno e foram forçados a voltar devido à crise chegavam frustrados, e a readaptação ao país de origem era ainda mais complexa.

Em 2008 a crise despertou ainda mais a atenção de todos os brasileiros e ganhou mais espaço no *Diário do Rio Doce*. Especialistas em economia e finanças faziam análises sobre a

crise e a repercussão dela no Brasil. A situação também foi retratada em diversas charges, que traziam a figura perplexa do *Tio Sam* em situações inimagináveis poucos anos antes, como atolado em meio aos juros, pedindo esmolas e até fazendo malabarismo no sinal para ganhar alguns trocados.

Nas matérias uma abordagem sempre aparece quando o assunto é a crise norte-americana: os efeitos em Governador Valadares. As matérias sobre a crise sempre vêm acompanhadas da relação entre os dólares e os valadarenses. Nos textos os repórteres mencionam que a antiga *Valadólares* é uma das cidades brasileiras mais afetadas pela recessão.

A utilização de temas como a expressão *Valadólares* reforça a representação da cidade de Governador Valadares como sendo dependente das remessas remetidas pelos imigrantes. Com certeza, devido ao elevado número de pessoas que emigra para os Estados Unidos, a crise norte-americana afetou várias famílias da cidade. Porém, a baixa cotação do dólar não significa que uma crise também vá atingir Valadares, apesar da importância das remessas

Os jornalistas entrevistaram valadarenses que contavam com as remessas para o sustento da casa e todos se mostraram apreensivos, pois o dinheiro que antes era suficiente agora já não dá mais conta de bancar as despesas, pois a crise afetou principalmente o setor em que os brasileiros estão alocados: o mercado secundário de trabalho.

O jornal traz em seus textos o desalento dos emigrantes retornados, que *viram seus sonhos se desmancharem com a crise financeira (Diário do Rio Doce, 18 de janeiro de 2009)*. No entanto, os repórteres entrevistaram especialistas no assunto e eles afirmaram que o retorno é temporário, já que os emigrantes retornados encontram muitas dificuldades de adaptação no país de origem.

Como foi mencionado no capítulo anterior, o retorno é marcado pelo estranhamento, independentemente das suas circunstâncias. Muitos retornados não conseguem se sentir novamente pertencentes ao seu meio familiar, social e territorial, pois durante a permanência no exterior, o imigrante idealiza as pessoas e os lugares que deixou. Porém, no reencontro, como destaca Sayad (2000), ele percebe que é possível retornar para o território físico da partida, porém não é possível voltar para o mesmo tempo.

A dificuldade de reconhecer seu próprio lugar de origem e as pessoas que ficaram, as dificuldades de adaptação, a dor e a culpa da ausência, as mudanças temporais tanto dos que partiram como dos que ficaram tornam o retorno tão desejado, um processo demorado e carregado de sofrimento tanto para os que se ausentaram como para os que ficaram. (SIQUEIRA, ASSIS, DIAS, 2010, p. 13)

A família também passa por um processo de estranhamento em relação ao emigrado. Durante a ausência física, os atritos são esquecidos e recompensados com as remessas, as caixas de presentes e as palavras carinhosas; o imigrante também acaba idealizado, como uma pessoa sem defeitos. Como destaca Siqueira (2010), o estranhamento sentido pela mulher em relação ao companheiro que retorna se relaciona com o sucesso ou insucesso financeiro do projeto migratório, mas com o tempo de ausência salientam-se as mudanças operadas em cada um deles.

Além das questões econômicas, os crimes de falsificação continuaram a ganhar espaço nos anos 2000. Os jornalistas noticiavam com frequência a prisão dos criminosos e definiam a cidade como um centro repleto de organizações especializadas na execução desse tipo de crime. Frequentemente, eram detidas quadrilhas com equipamentos caros, modernos e muitas vezes de uso restrito. As notícias tinham sempre destaque de capa e muitas vezes manchete. Assim, era criada-se uma representação criminalizada do território valadarense.



Figura 52 – Matéria: Falsificadores

Fonte: Diário do Rio Doce, 09 de agosto de 2001.

As sucessivas operações do Polícia Federal para combater a imigração indocumentada sempre eram pautadas pelo *Diário do Rio Doce*. Nas reportagens a cidade era representada como um polo - o maior centro de falsificação de documentos do país, com ênfase para a habilidade dos criminosos, capazes de confeccionar os materiais com extrema perfeição.

Em diversas ocasiões, as matérias associaram o elevado índice de falsificações à dificuldade encontrada pelos valadarenses em conseguir o visto no consulado norte-americano. O jornal trazia com destaque as reclamações dos valadarenses, que se sentiam discriminados na hora de tentar conseguir o visto.



Figura 53 – Chamada de capa: Discriminado

Fonte: Diário do Rio Doce, 16 de agosto de 2005

Em um caso destacado pela publicação, um garoto de seis anos que precisava viajar aos Estados Unidos para realizar um tratamento oftalmológico teve o visto negado. A consulta no exterior era a única alternativa para o menino tentar evitar o avanço da doença, que podia causar cegueira. O pai da criança se mostrou indignado com a postura do consulado com relação aos valadarenses, tendo o assunto repercutido na seção de opinião e os colunistas destacaram o desrespeito das autoridades consulares no momento das entrevistas.

Os problemas relacionados à discriminação não se restringiam ao consulado. Aqueles que já estavam nos Estados Unidos também se sentiam hostilizados. Eles realizaram passeatas para protestar contra as leis de imigração norte-americanas e pedir apoio. Segundo os brasileiros, as autoridades do país estariam empenhadas em uma “perseguição aos ilegais”, tratando-os como criminosos.

Um dos eventos foi denominado “Dia sem Imigrante” e tinha como objetivo mostrar ao Governo Norte-Americano a importância dos estrangeiros para o desenvolvimento do país de destino. O jornal também noticiou a existência de um grupo anti-imigração, que pretendia ajudar na construção de um muro entre o México e os Estados para evitar o acesso ao país.

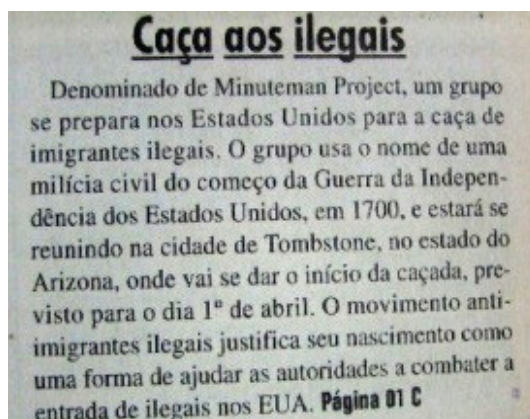


Figura 54 – Chamada de capa: Caça aos ilegais

Fonte: Diário do Rio Doce, 13 de março de 2005

Quase sempre, a mídia também representava os valadarenses de forma discriminatória, até o próprio *Diário do Rio Doce*. No entanto, o jornal sempre condenava outras publicações que criticavam a cidade com generalizações e estereótipos. A principal polêmica aconteceu quando o *Estado de Minas* publicou uma reportagem associando Governador Valadares a uma rede de falsificação para terroristas. O jornal trouxe entrevistas de autoridades locais repudiando as declarações do periódico e exigindo retratação por parte dos jornalistas.

As declarações ligando valadarenses à rede terrorista *Al-Qaeda* repercutiram em diversos setores do jornal e os repórteres e colunistas se mostraram indignados com as declarações de que a maioria dos Valadarenses admira o trabalho dos falsificadores, ou trabalha com isso. No entanto, é conveniente destacar que, muitas vezes, a própria mídia local se utiliza de termos e expressões pejorativas e depreciativas na hora de fazer referência aos emigrantes, representando-os de forma criminalizada.

FALSIFICAÇÕES — O povo digno e trabalhador de Valadares amanheceu um domingo amargo há uma semana, com uma matéria que ganhou manchete de primeira página no jornal "Estado de Minas", colocando a cidade como paraíso de uma "rede de falsificadores de passaportes para os EUA e outras partes do mundo". A matéria cita fatos acontecidos há 10 anos ou mais na cidade, como se eles fossem de agora. Fala de terroristas que teriam conseguido passaportes falsos aqui em Valadares; de "uma máquina da ilegalidade" funcionando aqui, com aprovação da "maioria dos valadarenses". A matéria, que teve continuidade nas edições seguintes do "EM", chocou as pessoas de bem — e estas, sim, são a grande maioria — dos quase 300 mil habitantes da cidade, cujas autoridades, segmentos empresariais e sociais já estão se movimentando em defesa da comunidade e naturalmente contra a ilegalidade denunciada.

Figura 55 – Nota: Estado de Minas

Fonte: Diário do Rio Doce, 25 de maio de 2003

A telenovela “América”, exibida pela Rede Globo em 2005, tinha como tema central a questão da emigração de brasileiros para os Estados Unidos. Aproveitando o gancho, o jornal fez uma comparação entre a história dos valadarenses e dos personagens da trama, com destaque para as dificuldades na travessia. Os repórteres entrevistaram alguns valadarenses, que enfatizaram a importância da obra de ficção como uma forma de alertar sobre os riscos e as dificuldades de sobreviver de forma indocumentada³¹ em um país estrangeiro.

Como destacam Assis e Siqueira (2007), a telenovela “América”, um folhetim de horário nobre, produzido pelo canal de maior audiência na televisão brasileira, foi transmitido justamente na época em que a comunidade brasileira estava se ampliando e se organizando no exterior. Enquanto isso, as políticas migratórias estavam cada vez mais restritivas com o número de prisões na fronteira crescendo a cada dia.

Com relação às restrições impostas pelo Governo Norte-Americano, Póvoa Neto (2005) afirma que tais medidas contribuem para criminalizar a migração internacional. Assim, quem tenta cruzar as fronteiras passa a ser tratado com mais rigor, desconfiança, ou seja, como ameaça e perigo. Os migrantes, estrangeiros e as minorias étnicas são tratados como sendo nocivos à segurança nacional o que se traduz em maior rigor na concessão de vistos, além do aumento no número das prisões e deportações

Nessa década, o jornal dá ainda mais ênfase aos trabalhos de cunho científico referentes à questão da migração internacional. Os trabalhos acadêmicos sobre migração começaram a partir dos anos de 1990 e cresceram muito ao longo dos anos 2000. O *Diário do Rio Doce* também destacou eventos, tais como seminários, palestras e lançamento de livros, com a participação de pesquisadores e autoridades que aconteceram tanto na cidade quanto nos Estados Unidos, tendo sempre a questão da imigração como a pauta principal. As matérias que falam sobre o tema, tendo como base trabalho científicos, buscam uma representação mais contextualizada e esclarecedora de pontos importantes, ao realçar questões que vão além das abordagens negativas e estigmatizadas acerca da cidade.

³¹ A utilização do termo ilegal aparece repetidas vezes no *Diário do Rio Doce*. No entanto, esta terminologia não deve ser utilizada quando associada a imigrantes que trabalham sem documento em um país estrangeiro. O termo correto é indocumentado, pois eles não são criminosos, mas trabalhadores. O termo indocumentado se refere ao fato de que os migrantes não terem os documentos necessários para trabalhar em um país estrangeiro. Na literatura sobre imigração tem se utilizado esse termo, considerando que os imigrantes não são ilegais, apenas não dispõem dos documentos que regularizam seus *status* migratório. Os grupos de direitos civis que atuam com os imigrantes também se utilizam desse termo por considerarem que é menos discriminatório e defendem politicamente essa denominação sob o slogan “nenhum ser humano é ilegal” por considerarem que os migrantes têm o direito de circular no mundo globalizado, assim como circulam turistas, homens de negócios e mercadoria.

A questão das deportações e prisões de brasileiros foi amplamente noticiada pelo *Diário do Rio Doce* nos anos 2000. As matérias traziam frases como *o número de brasileiros deportados dos Estados Unidos explodiu nos últimos anos*. Em seus textos, os repórteres noticiavam que o grupo de brasileiros foi o que mais cresceu em detenções na fronteira.

Em meio a esse cenário, o jornal destacou os trabalhos do governo brasileiro, que empenhou esforços para repatriar milhares de imigrantes presos em território norte-americano por estarem indocumentados. A publicação destacou, por diversas vezes, que grande partes das pessoas detidas era do Leste de Minas Gerais, em especial de Governador Valadares. Novamente, reforça a representação da cidade como um centro expulsor de mão-de-obra, local de poucas perspectivas de crescimento e melhoria de vida.

Entre os entrevistados muitos tinham medo de falar sobre o assunto e demonstravam aflição com a situação de parentes e amigos que permaneciam presos nos Estados Unidos. Já alguns repatriados ainda mantinham o sonho de emigrar e ganhar dinheiro nos Estados Unidos. No entanto, apesar do rigor da legislação norte-americana e o aumento das prisões, a emissão de passaportes permanecia intensa na cidade, pois os valadarenses obtinham o documento oficial, viajavam para o México e de lá cruzavam a fronteira.

Ao destacar a manutenção do sonho de emigrar os valadarenses demonstram uma total desconfiança com relação ao território de origem. Apesar de todos os riscos envolvidos na empreitada migratória, a falta de perspectivas na origem ainda fazia com que muitos optassem pelo trabalho em terras estrangeiras. Essa representação reforça a idéia de uma cidade desterritorializada, marcada pelo sentimento de não pertencimento dos seus habitantes.

No entanto, em 2005, o México passou a exigir visto de entrada e complicou ainda mais a situação dos brasileiros. *O Diário do Rio Doce* repercutiu a questão durante vários dias e destacou que a pressão das autoridades norte-americanas foi determinante na decisão, já que a fronteira do México funciona como uma porta de entrada para “ilegais”. O jornal também enfatizou a queda na venda de passagens para aquele país, pois com as dificuldades para conseguir o acesso aos Estados Unidos e as operações para conter as falsificações, a fronteira vinha sendo a alternativa mais utilizada por aqueles que pretendiam emigrar.

O cerco aos indocumentados crescia de todas as formas. A burocracia para conseguir o visto aumentou com a necessidade de ligar para agendar a entrevista previamente após os atentados de 11 de setembro de 2001. No jornal, os valadarenses reclamaram da dificuldade

para conseguir falar com o consulado; e o passaporte brasileiro também sofreu modificações, para tentar coibir a ação dos falsificadores.

De acordo com Machado e Reis (2007), analisando o fluxo para Portugal, a intensificação da fiscalização da Polícia Federal brasileira e da Polícia de Imigração estadunidense, a atuação dos facilitadores da migração sofreu rearranjos para conseguir efetivar a entrada dos migrantes em solo norte-americano. Os autores diferenciam o processo de saída indocumentada dos valadarenses rumo aos Estados Unidos em pelo menos três momentos. Inicialmente, nos anos de 1980 e 1990 a prática mais comum era a utilização de documentação falsa, com o intuito de ludibriar a Polícia de Imigração.

Em um segundo momento, a entrada dos brasileiros na “América” passou a ser realizada via México, tendo em vista que o país não exigia o visto de entrada. Os emigrantes brasileiros com documentação autêntica (passaporte) viajavam em direção ao México e, entrando como turistas atravessavam a fronteira com a ajuda dos chamados coiotes. Com a necessidade de visto para aquele país os falsificadores voltaram à cena.

Entre as restrições impostas pelo Governo Norte-Americano, um caso que ganhou destaque foi a conturbada relação entre o Prefeito de Danbury e os indocumentados. O jornal publicou diversas matérias em que a autoridade falava sobre o comprometimento da prestação de serviços básicos e o aumento da violência, devido ao número excessivo de estrangeiros em situação irregular.



Figura 56 – Nota: Cidade de Danbury

Fonte: Diário do Rio Doce, 13 de novembro de 2005.

No texto, o jornalista afirmou que a situação estava deixando os imigrantes apreensivos. O prefeito se converteu numa figura temida pelos indocumentados. Segundo informações do *Diário do Rio Doce* a pressão foi ainda maior durante o período eleitoral, pois sendo candidato à reeleição o prefeito utilizou o combate aos clandestinos como forma de conseguir votos na campanha vitoriosa.

Frequentemente, a questão da legislação era abordada pelo *Diário do Rio Doce*. Toda mudança referente às leis migratórias norte-americanas era pautada pelo jornal, assim como as medidas restritivas e combativas adotadas pelo Governo Norte-Americano contra os indocumentados. A questão realmente parecia incomodar os norte-americanos, que listaram o tema como uma das principais preocupações do país.

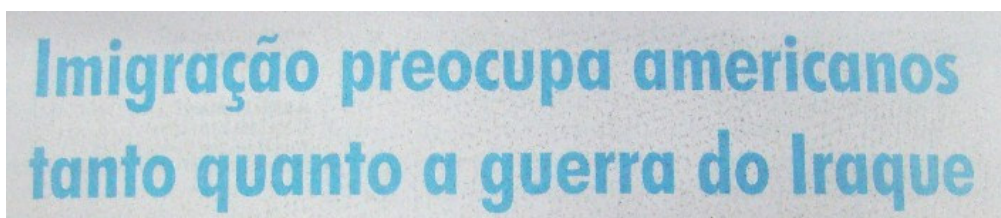


Figura 57 – Matéria: Guerra do Iraque

Fonte: Diário do Rio Doce, 06 de maio de 2006

Os anos 2000 também registraram aumento considerável de notícias sobre valadarenses trabalhando em países europeus. Os textos falavam sobre o aumento nas vendas de passagens para o velho continente, em especial para Portugal. Um dos principais motivos apontados para a busca de novos eldorados era a facilidade de conseguir acesso a alguns países, onde não há exigência de visto de entrada. Enquanto isso, como já foi mencionado anteriormente, a fiscalização norte-americana era cada vez mais severa.

Conforma enfatizam Machado e Reis (2007), as restrições fazem com que os custos de uma viagem para os Estados Unidos sejam cada vez maiores, chegando à casa dos 10 mil dólares. Essa é uma quantia muito elevada para padrões brasileiros e, em geral, gera uma grande dívida para aqueles que pretendem enfrentar a passagem pela fronteira mexicana.

Para Portugal, por exemplo, os gastos se restringem ao valor das passagens e o pagamento adiantado de diárias em algum hotel, mais o valor que as pessoas precisam ter em mãos para comprovar a capacidade de “passarem por turistas”. Além disso, não há o risco da travessia no deserto, que já causou a morte de milhares de emigrantes.

No caso de países europeus como Portugal e Inglaterra é importante destacar a formação de redes sociais, pois o fluxo de pessoas para um determinado país não se cria apenas com o surgimento de novas rotas alternativas. Em Governador Valadares já é considerável o número de famílias com parentes e amigos vivendo e trabalhando naqueles locais. Dessa forma, as redes de migração estão se consolidando por mais de um país, oferecendo alternativas diferenciadas para os futuros emigrantes.



Figura 58 – Chamada de capa: Novo Point

Fonte: Diário do Rio Doce, 05 de novembro de 2003

Em pouco tempo os brasileiros residentes na Europa começaram a ocupar as páginas policiais. No entanto, nenhum caso ganhou tanto destaque quanto o assassinato do gonzaguense Jean Charles de Menezes³². O jornal acompanhou todo o caso e seus desdobramentos, desde o crime até as investigações, manifestações, a batalha judicial pela indenização e o lançamento de um livro e um filme narrando a saga do imigrante morto.

As matérias comparavam a história do eletricitista morto à de milhares de valadarenses que deixaram a cidade em busca de uma vida melhor no exterior. O fato trouxe à tona debates sobre a questão da migração, que foi definida pelos jornalistas como um problema social da região, provocado pela má distribuição de renda e as baixas oportunidades de ascensão social. Os textos sobre a morte de Jean Charles representavam a terra de origem como um lugar sem possibilidades, justificando, assim, a saída dos brasileiros em busca de melhores empregos no exterior.

³² No dia 22 de julho de 2005, o brasileiro Jean Charles de Menezes, de 27 anos, foi morto na estação de Stockwell, no metrô de Londres. O mineiro foi confundido com o terrorista etíope Hussain Osman, um dos autores dos ataques fracassados no dia anterior na capital britânica. O eletricitista levou sete tiros na cabeça, disparados pela polícia metropolitana, a Scotland Yard. Cerca de 30 horas depois da morte do brasileiro, seu verdadeiro nome e nacionalidade foram divulgados pelas autoridades britânicas, que admitiram o engano.

Na década de 2000, além dos temas corriqueiros como a questão das falsificações, políticas públicas, mortes e travessia foram abordados assuntos relacionados à cultura e comportamento. No âmbito cultural os jornalistas enfocaram a trajetória de brasileiros que prosperaram na terra do *Tio Sam*, envolvidos em projetos de música, arte, teatro, entre outros.

A proposta do jornal era mostrar uma realidade diferente daquela retratada costumeiramente pela mídia. Uma das matérias, intitulada: *Brasileiros invadem os Estados Unidos*, publicada no dia 05 de fevereiro de 2009, começava da seguinte forma: *Ao contrário do que se possa imaginar, não se trata de mais uma notícia de brasileiros que entraram ilegalmente nos Estados Unidos para trabalhar.*

O texto falava sobre um festival de música que contava com a participação de bandas brasileiras. No entanto, mesmo quando aborda outros temas é possível perceber a representação irônica do jornalista ao abordar a questão da migração. Abaixo, outro trecho exemplifica a mesma abordagem estereotipada:

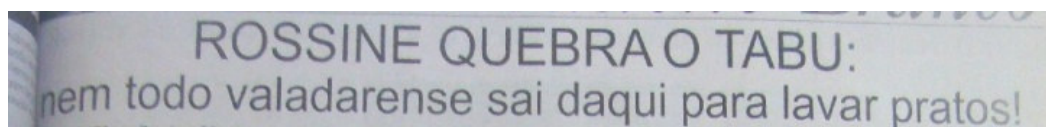


Figura 59 – Coluna Social: Quebra o tabu

Fonte: Diário do Rio Doce, 14 de junho de 2006

As matérias com enfoque comportamental também ganharam espaço nos anos 2000. Os jornalistas abordaram questões diversas como a celebração de casamentos por videoconferência, a internet como forma de aproximação entre os imigrantes e suas famílias, o elevado número de divórcios provocado pela separação geográfica entre marido e mulher, a chegada dos imigrantes em Valadares para passar as festas de final de ano com a família. No entanto, esses temas eram abordados de forma esporádica.

No início dos anos 2000, o real sofreu uma desvalorização e o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos voltou a aumentar. Na época, políticos utilizaram a questão da imigração como para obter votos. Um deles criou a seguinte proposta: “trocar o passaporte pela carteira de trabalho” Ou seja, com mais geração de emprego a empreitada migratória não se justificaria. No entanto, sabemos que as pessoas não migram apenas movidas pelo diferencial de renda.

Como já ocorreu nos anos de 1990, nessa década o jornal trouxe histórias de diversos brasileiros que foram para os Estados Unidos pelos mais variados motivos. Nos anos 2002,

foi dado destaque para um grupo específico: os policiais desertores³³. O jornal noticiou vários casos de desertores e atribuiu o fato a uma tendência cultural da região, trazendo a representação de que a imigração é considerada uma das melhores alternativas, para se ganhar mais dinheiro em menos tempo.

Outro caso que chamou a atenção foi a alternativa encontrada por vereadores da cidade de Gonzaga, município situado na microrregião de Governador Valadares, para conseguir acesso à terra do *Tio Sam*, denominada *o novo jeitinho rumo aos Estados Unidos*. O grupo se inscreveu para participar de um congresso em Miami, porém mais de um mês após a viagem nenhum deles havia retornado.

Após investigações ficou comprovado que eles abandonaram o cargo para trabalhar no mercado secundário de trabalho nos Estados Unidos. Outro fato curioso é que na hora de convocar os suplentes para assumir o cargo, dois também tinham emigrado. Esse fato evidencia a existência de uma cultura migratória neste território. Apesar do cargo político, o grupo não estava satisfeito e acreditava que os Estados Unidos eram a melhor alternativa.



Figura 60 – Chamada de capa: Vereadores

Fonte: Diário do Rio Doce, 30 de maio de 2001

Outro dado que merece destaque é a inconsistência do jornal na hora de fazer referência ao número de valadarenses residentes nos Estados Unidos. No mesmo ano houve variação de mais de 30 mil. Enquanto uma reportagem publicada em fevereiro de 2005 apontava 80 mil valadarenses nos Estados Unidos, outra que saiu no mês de março afirmava serem 50 mil os emigrantes de Valadares, naquele país. Na verdade, devido aos imigrantes

³³ O crime de deserção é um crime propriamente militar. De acordo com o Artigo 187 do Código Penal Militar é considerado desertor o militar que ausentar-se, sem licença, da unidade em que serve, ou do lugar em que deve permanecer, por mais de oito dias. O desertor está sujeito a detenção, de seis meses a dois anos, caso seja oficial, a pena é agravada.

que ingressam no país pela via indocumentada não é possível fornecer um número exato de valadarenses no exterior.

No ano de 2006, foi publicado um artigo redigido pelo empresário Antônio Rodrigues Coelho Júnior, o mesmo que em 1963, então estudante, passou um ano no Texas como bolsista do *American Field Service*. Quarenta e três anos depois de sua primeira viagem para os Estados Unidos, o ex-bolsista que trouxe na bagagem histórias que motivaram a ida de dezenas de valadarenses para trabalhar no país norte-americano, falou sobre a importância das remessas e do comprometimento das autoridades com a questão da imigração.

No entanto, no fechamento do texto destacou que seu desejo era que nenhum valadarense ou brasileiro de qualquer outra cidade precisasse mais deixar o país de origem para “Fazer a América”, pois o ideal seria que o Brasil oferecesse condições dignas de sobrevivência a todos os cidadãos. E ele traz a idéia de que, apesar de ter impulsionado o crescimento da cidade, a emigração internacional também apresenta conseqüências que afetam o país de origem e o de destino, assim como os indivíduos envolvidos nesse processo e suas famílias. Nessa representação, novamente aparece um vislumbre de crítica ou negatização dos Estados Unidos, a emigração já não é positivada como antes.



Figura 61 – Artigo: A força dos emigrantes

Fonte: Diário do Rio Doce, 05 de abril de 2006.

Outro trecho que merece atenção especial faz referência ao Casal Simpson, cuja história já foi contada nos capítulos anteriores. No trecho reproduzido abaixo, o jornalista afirma que foi a dupla quem inaugurou a migração de Valadarenses nos Estados Unidos. No entanto, esta informação, reproduzida a seguir, não está correta.

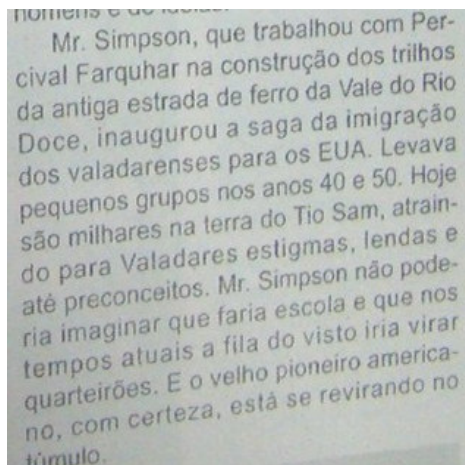


Figura 62 – Matéria: Casal Simpson

Fonte: Diário do Rio Doce, 23 de maio de 2000

Conforme destaca Siqueira (2008b), a conexão entre os dois países ocorreu em função de um conjunto de fatores históricos e não por ação direta dos Simpsons. Eles nunca incentivaram nenhum valadarenses a emigrar, conforme relata Dona Geraldina.

(...) Meu marido nunca levou, ou mesmo incentivou ninguém a ir para os Estados Unidos. [...] Tem um jornalista que disse que ele foi o causador dessa emigração dos valadarenses [...], mas ele gostava tanto da cidade que nunca voltou para os Estados Unidos e nunca deixou nenhum de nossos filhos nem fazer intercâmbio. (Geraldina Simpson apud Siqueira, 2008b, p.7)

Como um território, o jornal é um espaço marcado por processos sociais que elaboram um vasto campo simbólico. Como destaca Diniz (2008), a narrativa jornalística opera com a atribuição de significados e a criação de valores que funcionam como intermediários das relações de poder na sociedade. O *Diário do Rio Doce*, nosso território midiático de análise, participa, portanto, da construção social das identidades, através da produção de sentido. O jornalismo não se limita a acolher as representações sociais, ele as produz, ao definir o que seria noticiado e ao atribuir maior ou menor destaque a um determinado acontecimento.

Assim, ao longo dessas cinco décadas analisadas, o *Diário do Rio Doce* trouxe representações variadas, acerca do fenômeno migratório e suas conseqüências. Nos anos de 1960 e 1970 havia uma supervalorização do país de destino assim como dos emigrantes que eram considerados verdadeiros heróis. Nos anos de 1980 e 1990, com a crise econômica brasileira, a emigração ganhou característica de fluxo e, mesmo com a positivação dos Estados Unidos a continuar, a intensa abordagem de temas como a falsificação de passaporte

acabou gerando uma criminalização do emigrante e do território valadarense. Apesar disso, a emigração era representada como algo benéfico e essencial para o desenvolvimento da cidade.

Já nos anos 2000, seguem as representações negativas sobre o território valadarense, porém começam a surgir algumas matérias mais contextualizadas, com base em trabalhos acadêmicos e abordando os impactos no território de origem para além da perspectiva econômica. No próximo item vamos verificar de que forma se dá a representação do fenômeno migratório nas charges e tirinhas, uma perspectiva que, apesar do humor, traz um conteúdo crítico que deve ser analisado cuidadosamente.

3.3 A MIGRAÇÃO NA PERSPECTIVA HUMORÍSTICA

3.3.1 O *Capitão Dólar* chega a Governador Valadares

O personagem *Capitão Dólar* foi criado em julho de 1990 pelos publicitários Marcondes Tedesco e Clóvis Moreira Costa. As tirinhas circularam diariamente durante um ano e três meses, deixando de circular em setembro de 1991. Ao todo, foram veiculadas 375 histórias, que retratam com humor e um pouco de ironia a história de um emigrante valadarense retornado e o fenômeno migratório em suas diversas facetas.

Neste capítulo, foi utilizada a parte do banco de dados referente às tirinhas, que trazem as aventuras do personagem *Capitão Dólar* e seu amigo engraxate, o valadarense Johnny. Neste item vamos analisar as histórias e ver de que forma o fenômeno da migração internacional de Valadarenses para os Estados Unidos aparece representado sob a perspectiva do humor no território midiático, o *Diário do Rio Doce*.

Um estrangeiro em seu próprio país. Assim pode ser definido o personagem *Capitão Dólar*. Apesar de ser um personagem fictício e do humor contido nas histórias, a verdadeira mensagem transmitida por essa sequência de quadrinhos é uma denúncia com relação à situação dos brasileiros que vivem nos Estados Unidos e do sentimento de não pertencimento quando retornam à terra natal.

Ao voltarem para a terra de origem, os emigrantes são acometidos por um sentimento de estranhamento. No reencontro, eles se frustram ao deparar com uma realidade diferente daquela que foi idealizada durante a estadia no país de destino. O processo de readaptação é

complexo, pois o retornado tem dificuldades de convivência com a família e a comunidade. Além disso, ele está sempre comparando os dois lugares e demonstra desagrado com relação à terra natal.

O *Capitão Dólar* é um exemplo de emigrante retornado, que se sente deslocado ao retornar. Para essa análise, foram selecionados os dois primeiros meses, pois apresentam um conteúdo cujas mensagens realçam bem a postura do emigrante retornado, o deslumbre dos valadarenses com a possibilidade de conseguir um visto de entrada e algumas situações típicas que mostram a forte relação existente entre a cidade e os Estados Unidos. Nem todas estão reproduzidas, mas o conteúdo de todas foi avaliado e está representado neste capítulo.

Para a análise das tiras nos atemos à importância que a imagem exerce no universo opinativo da comunicação. Como destaca Amorim (2002) esse é um recurso fundamental capaz de influenciar um público amplo que, muitas vezes, não se interessa pelos gêneros opinativos clássicos, como o editorial e a crônica. *Ela tem o mérito de produzir um impacto muito maior na cabeça do leitor, pois se utiliza da evidência e do humor, na apreensão do dia-a-dia.* (AMORIM, 2002, p.130).

Nicolau (2008) classifica as tiras publicadas nos jornais como um gênero opinativo do mesmo nível que um editorial. O autor destaca ainda a importância social que as tiras adquiriram a partir dos anos de 1970, pois, apesar do humor, trazem um conteúdo quente e crítico capaz de retratar com aguçada ironia os paradoxos da nossa sociedade.

O gênero surgiu nos Estados Unidos, a partir da necessidade de os jornais diversificarem o seu conteúdo. De forma sucinta, as tirinhas trabalham com a pluralidade de sentidos e trazem um desfecho inesperado. As histórias têm como base uma piada curta e envolvem, na maioria das vezes, personagens fixos e estereotipados, como o *Capitão Dólar* e seu amigo engraxate.

As *tiras* jornalísticas configuram-se como pequenas narrativas estruturadas por intermédio dos códigos verbais e icônicos, cujos elos são os balões. Elas propiciam análises em diferentes perspectivas, aproveitando a combinação entre falas, expressões e gestos das personagens, e privilegiando a situação contextual das *tiras* pelo seu aspecto interacional. São textos encontrados na vida diária que operam em determinados contextos (MELO, 2008, p.63)



Figura 63 – Tira: Capitão Dólar 01

Fonte: Diário do Rio Doce, 11 de julho de 1990

A tira acima (Figura 63) foi a primeira da saga *Capitão Dólar*. O recém retornado emigrante chega à redação do jornal e se apresenta ao diretor da publicação como sobrinho do *Tio Sam*, fazendo uma alusão aos Estados Unidos. Essa afinidade, sobrinho, se deve ao fato de ter vivido nos Estados Unidos, mesmo que como trabalhador no mercado de trabalho secundário³⁴- destino dos emigrantes, sente-se próximo, não como filho daquela terra, mas reivindica o direito de ser parente. Esse é um diferencial dele para com seus compatriotas, que nunca pisaram no solo da terra prometida. Ele tenta firmar sua identidade a partir dessa experiência migratória³⁵. Com a intenção de mostrar seu diferencial, o “Capitão” se veste ao melhor estilo norte-americano, com calça rasgada, colete e vários cordões pendurados.

Após uma temporada longe da terra natal, o emigrante volta com a necessidade de reconstruir sua auto-imagem. Não tem nenhum interesse de realçar as dificuldades, o sofrimento vivido no estrangeiro, precisa demonstrar seus ganhos com essa aventura. É muito comum encontrar na cidade e região as casas construídas pelos emigrantes pintadas de cores vivas e chamativas, exatamente para distinguir e demonstrar que seu projeto migratório de ir para o exterior, trabalhar, ganhar dinheiro e retornar foi bem sucedido. (SIQUEIRA, 2009a).

Ao desembarcar no Brasil, com a mala repleta de dólares, o protagonista das histórias faz amizade com Johnny, um rapaz negro, morador do morro do Carapina³⁶, que trabalha como engraxate e tem um sonho: conseguir o visto de entrada para os Estados Unidos. O

³⁴ Sua atividade profissional e condições de trabalho serão reveladas nas tira número 2.

³⁵ A mesma reivindicação de status de emigrante o personagem reafirmará na tira número 7 e 9.

³⁶ Bairro de classe baixa mais central da cidade de Governador Valadares.

valadarense, com nome de norte-americano, então, se alia ao *Capitão Dólar*, pois acredita que ele pode ajudá-lo a conseguir seu objetivo e, enfim, melhorar de vida.

Na cabeça do jovem engraxate, o Capitão é o exemplo de um valadarense que, com a imigração, conseguiu dar a volta por cima, fortalecendo a imagem dos Estados Unidos como uma nação próspera marcada pelo progresso e o desenvolvimento. A representação do emigrante como herói está presente na percepção popular e nos órgãos públicos. Um exemplo é a placa na Praça dos Ferroviários, em homenagem ao emigrante, com dizeres que se referem ao mesmo como herói (SIQUEIRA, 2009a). A emigração é uma possibilidade para os aventureiros e heróis que buscam uma forma de conseguir a ascensão social em curto espaço de tempo ou mesmo realizar um projeto que jamais poderia ser executado sem a aventura de emigrar.

As tirinhas foram publicadas no início dos anos de 1990, época em que o Brasil vivia uma forte crise econômica, com índices inflacionários que ultrapassavam 1.000%³⁷. Os dólares impressionavam e faziam com que o capitão se tornasse uma verdadeira celebridade. Mas, na verdade, a história revela um homem de pouca instrução que executava trabalhos desqualificados como lavar defuntos e pratos. Os cartunistas revelam a realidade da vida dos valadarenses nos Estados Unidos, os trabalhos desqualificados no mercado secundário.

As figuras 64 e 65 ilustram bem o tipo de trabalho dos valadarenses nesse país, condição que muitos procuram esconder dos seus amigos e parentes. Ao enviarem fotos, jamais revelam essas condições de trabalho, moradia e a qualidade da vida que levam. Enviarem fotos em frente a carros de marcas, casas bonitas e fotos da neve, sem revelar que a neve machuca e dificulta seu trabalho. Nessa tira, o personagem se arrepende de dizer a verdade: *Acho que fiz mal em contar aventuras fortes para ele.*

As tirinhas trazem uma representação diferente do emigrante frente as reportagens analisadas no item anterior. Nas tiras, o Capitão se sente um privilegiado e é admirado pela população. Porém, o autor o representa como um homem ignorante e revela sua verdadeira ocupação nos Estados Unidos de forma explícita. Contudo, é interessante destacar que o personagem *Capitão Dólar* reproduz a comparação entre os dois lugares, sempre positivando os Estados Unidos, representação presente no jornal desde as primeiras reportagens na década de 1960.

³⁷ De acordo com dados disponíveis no Almanaque Virtual do Jornal Folha de São Paulo, a inflação acumulada do ano de 1990 foi de 1.476,56%

Para Margolis (1994), o grande poder de atração, que faz com que os emigrantes troquem o Brasil pelos Estados Unidos, está na oferta de empregos de baixo nível, que requerem pouca fluência de inglês, mas oferecem uma remuneração muito maior do que a recebida no país de origem.

Como destaca Brito (1996), quando o brasileiro deixou de optar pela migração interna e escolheu o exterior como alternativa, ele deparou com condições adversas, pois no estrangeiro a inserção do emigrante, mesmo aquele que tem escolaridade, se dá em um espaço secundário em que muitas vezes é preciso competir com os moradores locais. No entanto, a possibilidade de uma melhor condição financeira, acaba compensando a perda de *status* e a submissão a trabalhos que no país de origem seriam vistos como degradantes.



Figura 64 - Tira: Capitão Dólar 02

Fonte: Diário do Rio Doce, 13 de julho de 1990



Figura 65 - Tira: Capitão Dólar 03

Fonte: Diário do Rio Doce, 18 de agosto de 1990

Contudo, Johnny quer ir de qualquer forma para os Estados Unidos, pois na perspectiva dos que ficam o sucesso dos que retornaram é aparente e marcante. Esse êxito é

representado, nas tirinhas, pelos dólares e os bens materiais adquiridos no país de destino. O rapaz usa uma camiseta com o símbolo “U\$” que representa a moeda norte-americana e ensaia algumas palavras em inglês para que, com a ajuda do amigo recém retornado consiga o visto, chave para entrar na terra do *Tio Sam*. Na tira acima, o personagem Johnny representa o estereótipo do valadarense que não consegue ver possibilidades de ascensão na terra de origem e vê os Estados Unidos como a melhor e, quiçá, a única saída para melhorar de vida.



Figura 66 - Figura 64 - Tira: Capitão Dólar 04

Fonte: Diário do Rio Doce, 14 de julho de 1990.

O idioma norte-americano, o inglês, também é explorado pelos autores. O Capitão tenta ensinar algumas palavras para o seu amigo, pois acredita que o inglês é mais sofisticado e assim vai atrair mais clientes para Johnny, por isso ele propõe que substitua o termo engraxate por *shoe cleaner*. Impressionado, Johnny aceita. Porém, a novidade não é bem recebida pelos moradores do morro. Independente dos constrangimentos, Johnny segue admirado com o inglês do seu herói e acalentando o sonho de ir para “América”.



Figura 67 – Tira: Capitão Dólar 05

Fonte: Diário do Rio Doce, 19 de julho de 1990.

Devido à ascensão social que vive no momento, concretizada pelos dólares que trouxe e pelo *status* de emigrante, o *Capitão Dólar* acredita que o dinheiro, ou melhor, o dólar é capaz de comprar tudo, inclusive a boa forma física, como destacado jocosamente na figura 68. Ao contrário das matérias, as tiras são um gênero opinativo e dessa forma mais livre. Nesse território midiático marcado pelo humor, o *Capitão Dólar* representa a imagem do emigrante valadarense retornado.

No entanto, ao mesmo tempo em que o personagem revela o poder mágico de ter estado na terra prometida, ter vivido no primeiro mundo e conseguido ganhar dinheiro, revela, também, a falta de conhecimento que anos num país de primeiro mundo não lhe proporcionaram. Conseguiu “Fazer a América” o que na linguagem do emigrante significa ganhar dinheiro e retornar numa condição econômica superior, mas não conseguiu adquirir conhecimento. Nesse sentido, o dinheiro que ganhou é sua única fonte de identidade, de diferenciação, que justifica os anos de trabalho e luta no exterior.

A tira representa exatamente a situação de muitos emigrantes que, ao retornar, distribuem presentes, fazem churrasco e festas para os amigos e parentes, com o objetivo de evidenciar a nova condição financeira. Com isso, ao esbanjar o dinheiro de forma indiscriminada, acabam perdendo boa parte e muitas vezes toda a poupança que levaram anos para juntar. Essas tiras trazem uma representação do emigrante como um indivíduo que, apesar de melhorar seus rendimentos, não alargou seus horizontes culturais.



Figura 68 – Tira: Capitão Dólar 06

Fonte: Diário do Rio Doce, 22 de julho de 1990.

O passaporte autêntico com visto carimbado, a partir dos anos de 1980³⁸, é motivo de orgulho para o *Capitão Dólar*. As crônicas e notícias dos exemplares dessa década mostram

³⁸ Margolis (1994) comenta sobre a dificuldade encontrada pelos brasileiros na hora de conseguir um visto. De acordo com a pesquisadora, os brasileiros não tinham problemas na hora de conseguir visto, pois eram

como, ainda nos dias de hoje, um cidadão valadarense enfrenta dificuldades para conseguir voltar do consulado com o visto em seu passaporte. Nesse período, aumentava no jornal o volume de matérias denunciando de esquemas ilícitos, envolvendo valadarenses para conseguir entrar nos Estados Unidos. Ao explorar essas denúncias, os jornalistas criam uma representação deturpada dos valadarenses, quase sempre associada à ida ilegal para os Estados Unidos e à falsificação de passaportes. A dura realidade dos imigrantes é deixada em segundo plano. No contexto, o Capitão se sente um verdadeiro herói, privilegiado pelo seu visto: possibilidade restrita a uma minoria, como ilustram as figuras 69, 70, 71 e 72.

As tiras reproduzidas abaixo representam também o estranhamento e a incapacidade do emigrante de compreender as normas formais e informais do seu país de origem. Ao retornar, ele tem sempre a necessidade de comparar e supervalorizar o que é estrangeiro. O passaporte com visto é um diferencial em relação aos nativos, que o emigrante considera um mecanismo facilitador, capaz de abrir todas as portas.



Figura 69 - Tira: Capitão Dólar 07

Fonte: Diário do Rio Doce, 24 de julho de 1990.



Figura 70 - Tira: Capitão Dólar 08

Fonte: Diário do Rio Doce, 26 de julho de 1990.

considerados autênticos turistas, mas ao longo dos anos 1980 a situação começa a mudar. Devido ao crescente número de brasileiros *overstayers* (pessoas que excedem o tempo de permanência do visto de turismo) eles são vistos como qualquer outro imigrante transgressor.



Figura 71 - Tira: Capitão Dólar 09

Fonte: Diário do Rio Doce, 05 de agosto de 1990.



Figura 72 – Tira: Capitão Dólar 10.

Fonte: Diário do Rio Doce, 22 de agosto de 1990

Siqueira (2009a) também destaca que o Brasil é o segundo maior receptor de remessas da América Latina, sendo que grande parte delas é destinada à microrregião de Governador Valadares, valendo o apelido de *Valadólars*. Antes, as remessas chegavam pelas agências de turismo, mas a partir do ano 2000, o sistema bancário nacional em parceria com bancos norte-americanos criou um sistema legal para o envio do dinheiro. Antes da regulamentação do envio das remessas era comum o câmbio ilegal da moeda norte-americana, que ganhava espaço nos jornais. O personagem criado pelos publicitários do *Diário do Rio Doce* também se arrisca na empreitada ilícita, como está representado na figura 72.



Figura 73 - Tira: Capitão Dólar 11

Fonte: Diário do Rio Doce, 20 de julho de 1990..

Os emigrantes retornados, ao voltar, conseguiam comprar alguns bens de consumo a que antes não tinham acesso e faziam questão de reverenciar a terra do *Tio Sam* como uma espécie de Eldorado. Não apenas os emigrantes, mas também os meios de comunicação de massa. Como destaca a pesquisadora Margolis (1994), a mídia ajudou a reforçar a imagem dos Estados Unidos como uma espécie de terra prometida. Essa evidência também pode ser constatada nas reportagens publicadas no *Diário do Rio Doce* e analisadas nos itens anteriores.

A idealização dos Estados Unidos e o desejo de emigrar a qualquer custo também são evidenciados nas histórias do *Capitão Dólar*. No caso da figura 74, Johnny se aproveita do desejo de emigrar dos Valadarenses para conseguir mais fregueses. Assim, os cartunistas reforçam, mais uma vez, a representação do valadarenses como um povo desenraizado e obcecado pela idéia de emigrar, como única alternativa para melhorar de vida.



Figura 74 - Tira: Capitão Dólar 12

Fonte: Diário do Rio Doce, 01 de agosto de 1990.

A supervalorização do que é estrangeiro em relação ao nacional é uma tônica nas falas do *Capitão Dólar*. Para ele, o povo brasileiro pensa pequeno e precisa ampliar suas

perspectivas. Na tira (figura 75) o protagonista não se contenta com a simplicidade do protesto pela duplicação de uma rodovia e busca uma alternativa à altura da sua condição americanizada: uma estrada com cinco vias, sendo que uma delas tem como destino os Estados Unidos. Essa estrada seria a solução de todos os habitantes de Governador Valadares, pois facilitaria a emigração.

A figura 76 mostra o *Capitão Dólar* como um homem alienado, que só consegue ver o lado negativo do Brasil e o lado positivo dos Estados Unidos. Vale a pena destacar também a barraquinha de troca de dólar, as bandeiras com cifrão, a utilização de termos em inglês na faixa de protesto do Capitão, com múltiplas possibilidades de acesso ao país de destino contemplando, até mesmo, objetos não identificados



Figura 75 - Tira: Capitão Dólar 13

Fonte: Diário do Rio Doce, 17 de agosto de 2010.

Nem mesmo a paixão nacional, o futebol, escapou da representação americanizada. Na hora de eleger a equipe de futebol preferida, o Capitão deixou o Democrata, principal equipe de Governador Valadares de lado, e preferiu equipes que levassem América no nome. Para ele, a escolha era uma forma de homenagear os Estados Unidos, que é conhecido pelos valadarenses simplesmente como *América*. Essa representação reafirma a idéia do emigrante como um indivíduo marcado pelo sentimento de não pertencimento ao seu território de origem, que supervaloriza o estrangeiro em detrimento do nacional.



Figura 76 - Tira: Capitão Dólar 14

Fonte: Diário do Rio Doce, 24 de agosto de 1990.

Por falar em futebol, no Brasil esse é um dos principais motivos que despertam o sentimento de patriotismo na população. De quatro em quatro anos, durante a realização do principal torneio futebolístico mundial, a Copa do Mundo, é comum ver o verde e o amarelo estampado pelas ruas. Em outras ocasiões, são raras as demonstrações de amor à pátria. Ao contrário do que acontece nos Estados Unidos, onde os norte-americanos ostentam com orgulho e das mais variadas formas a bandeira nacional. E parece que esse sentimento tomou conta do nosso herói dos quadrinhos. Mas, em vez de despertar o amor pela pátria mãe, ele voltou completamente fissurado pela terra do *Tio Sam*, estando disposto, inclusive, a arriscar sua vida na Guerra em favor dos norte-americanos.



Figura 77 - Tira: Capitão Dólar 15

Fonte: Diário do Rio Doce, 08 de agosto de 1990..

O Capitão Dólar não se sente pertencente à cidade de Governador Valadares, depois que volta dos Estados Unidos. Siqueira (2007) compreende que, para o emigrante, a empreitada do retorno é ainda mais complicada do que a decisão de emigrar para um país estrangeiro.

(...) muitos afirmam que retornar é mais difícil do que emigrar, pois quando emigram estão cheios de esperança e quando retornam são acometidos pelo estranhamento de seus lugares de origem e das pessoas que habitavam seu universo social. Isto ocorre porque, durante o tempo de afastamento, idealizaram as relações sociais e o espaço onde viviam e quando retornam não o reconhecem. O tempo de emigração é um tempo fora do curso natural da vida. Além disso, são assombrados pela incerteza quanto ao sucesso do investimento, e o medo de perder tudo os deixa apreensivos. (SIQUEIRA, 2007, p.10)

Na tira abaixo (Tira 16) a placa indicando a direção de algumas cidades brasileiras confunde o *Capitão Dólar*, que sente falta da indicação de cidades norte-americanas. Como destaca Hall (2003) não se sente em casa na sua cidade natal, pois após a experiência migratória é como se ele pertencesse a dois lugares, estando lá e cá simultaneamente.

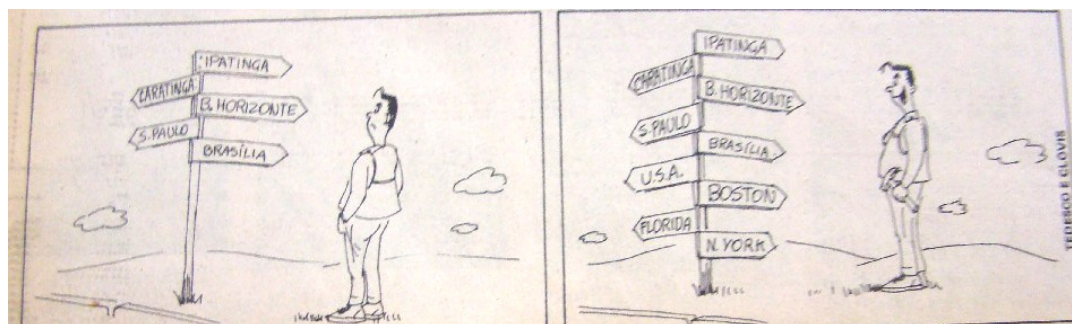


Figura 78 - Tira: Capitão Dólar 16

Fonte: Diário do Rio Doce, 27 de julho de 1990..

A cidade de Governador Valadares é conhecida como o primeiro e, até os dias atuais, o principal ponto de partida de emigrantes para o exterior. Esse movimento populacional impacta a cidade em diferentes aspectos. Assim como afirma Sayad (2000), a imigração não acontece sem deixar marcas, que afetam o país de origem, o de destino e, principalmente, os seres humanos envolvidos na empreitada migratória, tanto aqueles que vão quanto os que ficam. Essas marcas estão representadas em diferentes setores da sociedade valadarense como no comércio, construção civil e mesmo no cotidiano das pessoas, das famílias e da sociedade de modo geral.

As tiras retratam o migrante retornado valadarense com humor e certa dose de ironia e sarcasmo. O personagem *Capitão Dólar* representa um homem deslumbrado, de pouca instrução que retorna cheio de si e acredita que seus preciosos dólares são capazes de comprar qualquer coisa, mesmo aquelas cujo preço não é possível calcular.

Nas tiras estão presentes as representações do emigrante na cidade de origem, ou seja, é um sujeito que “fez a América”, pois, conseguiu fazer uma poupança e retornar em condição econômica melhor. Passa a valorizar tudo que é estrangeiro em detrimento do que é nacional e vê na sua condição de emigrante um diferencial em relação àqueles que não empreenderam a aventura de emigrar.

O fato de possuir o visto norte-americano, que possibilita a entrada pela porta de frente nos Estados Unidos e é desejo de todos, transforma-se em uma grande conquista para o *Capitão Dólar*, pois ele acredita que esse trunfo também pode abrir portas no Brasil. Nesse sentido, anuncia, em situações inesperadas, sua condição de ex-emigrante, pretendendo assim, receber um tratamento diferenciado. No entanto, é conveniente destacar que o Capitão tem apenas visto de turista. Por isso, também é um trabalhador indocumentado, já que esse documento não lhe dá o direito de trabalhar no exterior.

Apesar de os quadrinhos serem uma obra de ficção e da imagem estereotipada, retratam uma realidade dos anos de 1990: o interesse dos valadarenses pelos Estados Unidos. No entanto, o personagem, com sua paixão pelos Estados Unidos, é representado como um sujeito que, no decorrer do processo migratório vivenciado, adquiriu dólares, mas não conseguiu mudar sua condição de desinformado e pouco instruído. Ele é apresentado como um homem alienado e com baixa escolaridade.

A mídia, nesses quadrinhos em particular, traz uma representação negativa dos migrantes valadarenses, que estão sempre associados ao câmbio ilegal da moeda norte-americana, à falsificação de passaportes e a uma série de outros esquemas ilícitos. Além disso, a cidade acaba fadada como uma terra sem oportunidades, cuja saída para uma vida melhor é o aeroporto. A imagem transmitida é de uma identidade fragmentada e, sobretudo, desterritorializada.

O personagem central é representado como um homem de pouca inteligência e compreensão do mundo que o cerca. Assim, o *Capitão Dólar* age como um idiota, deslumbrado pelos Estados Unidos. Por ser um gênero jornalístico mais livre, as tiras permitem uma perspectiva sarcástica, desnudando, sem censura, algumas verdades não apresentadas nas matérias, como é o caso dos trabalhos desqualificados e a condição de sujeito ignorante. O emigrante é cultuado como um herói pela comunidade, contudo, nas tirinhas a empreitada migratória não é positivada da mesma forma que nas matérias.

3.3.2 As caricaturas e charges

Embora utilizem uma linguagem diferenciada - a do desenho, as charges podem ser consideradas gêneros opinativos do jornalismo, uma espécie de editorial gráfico, ou um texto visual. O gênero chárstico é constituído em seus traços pelo recurso estético denominado caricatura, termo de origem italiana que significa sobrecarregar, exagerar, satirizar nos traços (MARINGONI, 1996)

Apesar do humor, existe uma crítica contida na charge, pois sua função não se restringe a distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão. A imagem é um instrumento eficaz de convencimento. Desse modo, a charge cumpre um papel social ainda mais relevante que outros gêneros opinativos veiculados cotidianamente na imprensa, devido à assimilação que suscita ao leitor para que este perceba a representação expressa.

No caso do *Diário do Rio Doce*, foram publicadas charges que retrataram a migração em suas várias facetas. As imagens, carregadas de representações, ajudam a verificar de que forma a mídia local representava a questão.

A charge sentencia e mostra os fatos pelo ângulo da indignação e da ironia. No desenho, as atitudes duvidosas dos donos do poder são divulgadas sem qualquer tentativa de suavização ou de imparcialidade. Esse é o espaço para a crítica e para os juízos de valor (OLIVEIRA e ALMEIDA, 2006, p.78)

O tema abordado pelos chargistas está ligado a um contexto específico, relacionado diretamente ao momento político-social e às personalidades da atualidade. Entre as charges analisadas nesta dissertação, por exemplo, destacam-se menções à crise econômica brasileira, nos anos de 1980, e ao elevado número de valadarenses residentes nos Estados Unidos na década de 1990. Por isso, nem todos são capazes de decodificar a mensagem veiculada. A compreensão está ligada ao cotidiano e ao universo cultural do leitor.

Sem o contexto, é impossível interpretar a charge e, com o distanciamento temporal em relação ao fato, a charge vai perdendo sua capacidade de comunicação. A charge é um tipo de registro da história que necessita para uma interpretação aberta, estar relacionada aos eventos políticos e culturais de seu tempo (NERY, 1998, p. 87).

Nery (1998) compreende a charge como uma interpretação ao mesmo tempo crítica, inteligente e irônica. Essa tríade se explica pelo fato de que a charge, através de breves

ilustrações, discute e opina acerca dos fatos relevantes, por um viés sarcástico, que permite ao leitor uma compreensão diferenciada e crítica dos acontecimentos.

Em sua ilustração, o chargista traz certa exacerbação no traço e nas ações dos personagens envolvidos. Assim, um detalhe, muitas vezes imperceptível se torna evidente. Por essas características, a charge só se desenvolve em um ambiente democrático, pois retrata de forma irônica pessoas públicas e situações de relevância social.

A charge é tanto um instrumento de reflexão como fonte de pesquisa. Segundo Sodré (2001), por meio do texto escrito e do desenho, muitos autores, há quase dois séculos, tecem críticas a classes sociais, pessoas e a fatos políticos da história brasileira. E, no caso de Governador Valadares, é impossível falar sobre a história da cidade sem mencionar a saga dos emigrantes, figuras emblemáticas e sempre presentes nas representações dos chargistas.

A criação da charge se dá a partir de um resumo dos acontecimentos, que são filtrados pelos olhos do profissional. Portanto, um dado fato não é apenas repassado ao público, mas recriado através da subjetividade do autor.

A charge remonta, relê, desestrutura, rompe e transcende um elemento original, cria assim outro discurso permeado de outras significações e formatos. O gênero chárstico centra no seu caráter intertextual, isto é, o diálogo com outro texto e, a partir disso, a produção de outro discurso. Todo gênero discursivo é elaborado a partir de outro discurso, fato ou elemento que o justifique. (BATISTEL, 2010, p. 61)

A charge é uma disputa de sentidos, embates de interpretação, cujo sentido construído pelo leitor está embasado em ideologia vigente, que pode ser mascarada ou mostrar-se de forma explícita nas ironias e críticas produzidas no discurso do gênero chárstico. É possível afirmar que a charge vive da notícia consumida. Ela se apropria de um discurso em circulação na mídia.

3.3.2.1 As charges no território midiático - *Diário do Rio Doce*

Nos cinquenta anos de material pesquisado foram encontradas 108 charges relacionadas de forma direta ou indireta ao tema de pesquisa. Entre elas, 38 foram veiculadas nos anos 2000, 33 na década de 1990, 36 nos anos de 1980, uma na década de 1970 e nenhuma nos anos de 1960. Como descrito anteriormente, há uma relação entre o conteúdo da charge, o contexto, a realidade e as tradições da cidade; caso contrário não haveria compreensão por parte dos leitores.

Para se fazer humor é preciso haver cumplicidade com o público. Ninguém ri da piada que você conta, se não existe um código prévio entre você e seus ouvintes. Muitas vezes, este código está baseado no mais repugnante dos preconceitos, mas ele - o vínculo - deve existir (MARINGONI, 1996, p. 88)

O que faz sentido em uma determinada comunidade pode ser uma incógnita para outra. Por exemplo, uma piada de português só tem efeito no Brasil. Se você contá-la na França, não será compreendido e em Portugal, ridicularizado. O mesmo acontece com as charges relacionadas ao fenômeno migratório publicadas em um jornal valadarense. Na comunidade local, o autor é compreendido, já em outra cidade ou país que desconhece esse fluxo as charges não fariam nenhum sentido.

Para a análise, foram selecionadas 17 charges. Na década de 1980, o tema preferencial dos chargistas era a crise econômica e suas conseqüências. Esse período, popularmente conhecido como a década perdida, foi marcado pela hiperinflação³⁹ e sucessivos fracassos de planos econômicos. Apesar de não serem específicas sobre a migração, as charges sobre este tema serão analisadas, pois a crise econômica brasileira está diretamente relacionada ao *boom* migratório em direção aos Estados Unidos, nos anos de 1980.



Figura 79 – Charge 01: Crise Brasileira

Fonte: Diário do Rio Doce, 03 de julho de 1987

³⁹ Hiperinflação, por convenção, é o aumento de preços à taxa mensal de 50%. Ocorre quando o governo perde a capacidade de financiar seus gastos e recorre à emissão geralmente explosiva de moeda.

Naquela época, como podemos observar na charge acima, o trabalhador brasileiro parecia não conseguir suportar a pressão de sobreviver em um país marcado pelo desemprego, inflação e baixos salários. A carga do Brasil estava pesada demais para a população carregar.

Neste mesmo período, em meados dos anos de 1980, aconteceu o *boom* migratório de valadarenses rumo aos Estados Unidos. Como já foi dito anteriormente, a crise brasileira não foi o único, mas um dos fatores determinantes para tal êxodo. A opção pela *Terra do Tio Sam* como país de destino também não se deu de forma aleatória, mas pela existência de uma rede social já consolidada entre os dois países.

Em meio à crise, a preferência pela moeda norte-americana também ganhou destaque. Em agosto de 1982, data da charge reproduzida abaixo, um dólar valia 189,90⁴⁰ cruzeiros. Na época, o fluxo de valadarenses nos Estados Unidos, associado à baixa cotação da moeda local, fazia com que o dólar tivesse importância destacada na vida da comunidade, em especial para aqueles que recebiam as remessas.

Conhecida nacionalmente como “Valadólares” Governador Valadares atraía atenção da imprensa e sugere a busca de explicações para este fenômeno. A parte mais visível deste processo está no “boom” da construção civil, no crescimento do número de agências de turismo que funcionam como bancos, na dolarização da economia local. No plano das relações sociais, este processo colocou pessoas que nunca emigraram em contato com a realidade da emigração, fazendo com que os emigrantes e suas famílias estruturassem a vida entre dois lugares. (ASSIS, 1995, p. 12)



Figura 80 – Charge 02: Cédula por Cédula

Fonte: Diário do Rio Doce, 28 de agosto de 1982

⁴⁰ Dados correspondentes à tabela de cotação oficial do dólar.

Dentre os problemas enfrentados pelo Brasil, a inflação era um dos que mais aguçava a criatividade dos chargistas; os motivos para dar tanto destaque ao dragão que a simboliza eram evidentes. Entre julho de 1974 e o lançamento do real, em junho de 1994, o índice geral de preços da Fundação Getulio Vargas (FGV) registrou uma alta de 101.240.982.237 321%, ou seja, cento e um trilhões e duzentos e quarenta bilhões por cento. Essa cifra é equivalente a um bilhão de metros cúbicos – ou toda a água distribuída na Grande São Paulo em um ano. Nas charges, o dragão aparece destruindo, massacrando e devorando o país

Já no final dos anos 2000, o monstro da inflação, que aterrorizou os brasileiros, aparece em uma situação inimaginável há duas décadas: embarcando para os Estados Unidos. Em 2008, o Brasil tinha os índices inflacionários sob controle, enquanto isso os norte-americanos viviam o auge da crise, situação inversa àquela registrada nos anos de 1980. O dólar, que na época da crise brasileira era anunciada como a salvação, agora tinha seus índices cada vez mais baixos diante do fortalecimento da moeda brasileira. As charges reproduzidas abaixo ilustram os dois momentos.



Figura 81 – Charge 03 – Inflação Brasil

Fonte: Diário do Rio Doce, 03 de setembro de 1989



Figura 82 – Charge 04 – Inflação EUA

Fonte: Diário do Rio Doce, 16 de setembro de 2008

Com a crise econômica deflagrada nos Estados Unidos, no Brasil, a cidade que mais sentiu os efeitos foi Governador Valadares. Com essa situação olhares da mídia local e nacional se voltaram para o município, caracterizado pelo intenso êxodo de trabalhadores para o exterior. Os imigrantes foram diretamente atingidos com o declínio da oferta de empregos e os baixos salários. Além disso, muitos se arriscaram a comprar um imóvel no país de destino e acabaram endividados.

O tema foi intensamente explorado pelos chargistas locais, sendo que a figura do *Tio Sam* foi uma das mais retratadas. O personagem é uma espécie de personificação dos Estados Unidos e um dos símbolos nacionais mais famosos do mundo. Ele é representado como um senhor, sisudo, com cabelos e barba brancos, vestido com as cores e elementos da bandeira do país.

A versão oficial sobre a história do emblemático personagem teve início em 1812. O termo foi criado por soldados estadunidenses que estavam em combate no norte de Nova Iorque. O carregamento de carne enviado para alimentar o grupo vinha em caixotes que traziam na lateral as iniciais “U.S” Os recipientes ganharam o apelido de *Uncle Sam* (Tio Sam) – uma referência a Samuel Wilson, o gerente do açougue que abastecia a tropa. (Fonte: Revista Aventuras da História. Ed. 89 – Set.2010)

Cartunistas políticos cuidaram de popularizar a imagem da nova figura. Uma das caricaturas mais emblemáticas apareceu em 20 de novembro de 1869 na revista *Herper's Weekly*. Feita pelo cartunista político Thomas Nast. Nela, *Tio Sam* está sentado à mesa em um

jantar de Ação de Graças. Era o início da associação do personagem a ideais valiosos nos Estados Unidos. Abaixo, a caricatura, intitulada “O jantar de ação de Graças do Tio Sam”.



Figura 83 – Jantar de ação de Graças do Tio Sam

Fonte: <http://www.sonofthesouth.net/uncle-sam/>

O personagem traduz o poder e a soberania dos Estados Unidos, tendo sido escolhido na hora de representar a crise econômica americana no Diário do Rio Doce. Ao ser retratado em situações vexatórias, o chargista nos dá a entender que a nação mais poderosa do mundo não é tão inabalável quanto parecia ser. Nas charges abaixo, o personagem despenca junto aos índices econômicos do país e em outra situação ainda mais degradante faz malabarismo no sinal com cofres em formato de porquinho, colocando em xeque a soberania daquele país.



Figura 84 – Charge 05: Taxa de Juros

Fonte: Diário do Rio Doce, 20 de setembro de 2008

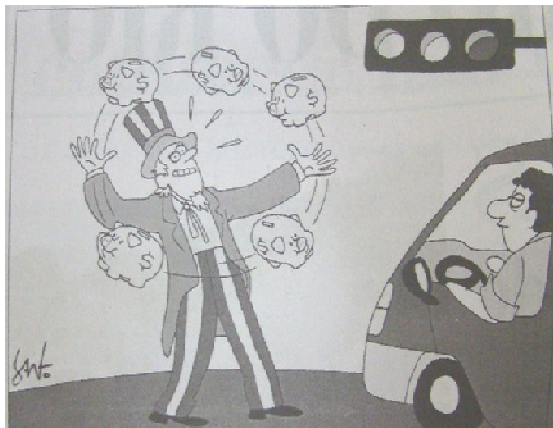


Figura 85 – Charge 06: Malabarismo

Fonte: Diário do Rio Doce, 07 de outubro de 2008

É claro que o jornal não iria deixar de relacionar o *Tio Sam* aos imigrantes valadarenses nos Estados Unidos. Para a charge foi escolhida a imagem mais famosa do personagem, criada em 1917 pelo cartunista James Flagg. No cartaz, encomendado pelas Forças Armadas Americanas, *Tio Sam* aparece com o dedo indicador apontado, recrutando os cidadãos para a I Guerra Mundial, com a frase *I Want You for U.S. Army*⁴¹. Assim, com uma imagem autoritária, o *Tio Sam* se converteu em símbolo histórico de poder dos Estados Unidos - a imagem oficial da nação norte-americana.

O *Diário do Rio Doce* trouxe a imagem, mas ao invés de recrutar homens para lutar pelo país na guerra, a versão 2008 do *Tio Sam* faz uma súplica aos valadarenses: o ressarcimento dos dólares ganhados pelos imigrantes em terras norte-americanas. A respeito dessa redenção norte-americana é conveniente lembrar que tipo de trabalho os brasileiros exerciam no país de destino: empregos que eram rechaçados pelos nativos.

Borjas (1990), teórico do capital humano, afirma que dada proliferação de ondas migratórias, envolvendo pessoas indocumentadas, atribui aos imigrantes um maior acesso aos bens e serviços assistenciais do *Welfare* norte-americano, o que, segundo alguns governantes, tem penalizado os orçamentos locais e estaduais das regiões com grande população estrangeira indocumentada. Além disso, os migrantes sem qualificação são acusados de reduzir os salários dos nativos. Um caso semelhante foi mencionado no capítulo anterior, envolvendo o prefeito de Danbury e os imigrantes brasileiros

⁴¹ Em português, "Eu Quero Você para o Exército dos EUA.

Segundo os dados do autor, os trabalhadores nativos perdem algo como US\$ 133 bilhões por ano como resultado da imigração, no entanto, como destaca Siqueira (2009a), a mão de obra nativa recusa esses trabalhos e abre espaço para os imigrantes. Ao contrário do que afirma Borjas, não há concorrência entre imigrantes e nativos. Além disso, os empregados estrangeiros reduzem os custos do trabalho e ajudam a tornar a economia norte-americana mais competitiva, visto que pagam impostos ao consumir bens naquela sociedade.

O maior custo na verdade é para o país de origem, que perde os trabalhadores na idade mais produtiva⁴². Como destaca Sales (1999), no momento mais precioso de suas vidas os emigrantes vão realizar em outro país um trabalho geralmente aquém de sua qualificação profissional. A atitude desesperada do *Tio Sam*, retratada na charge é injustificável, pois os emigrantes não têm nenhuma dívida com os Estados Unidos, pelo contrário. A imagem, no entanto, simboliza o desespero e a dimensão da crise no país, a partir do momento em que o símbolo do poder norte-americano se humilha diante dos imigrantes. Abaixo temos a imagem original e a charge do *Diário do Rio Doce*.



Figura 86 – Cartaz ilustrado por James Flagg

Fonte: <http://www.sonofthesouth.net/uncle-sam/>

⁴² De acordo com Siqueira (2009), 58% dos imigrantes entrevistados tinham idade entre 20 e 40 anos na primeira experiência migratória.



Figura 87 – Charge 07: Tio Sam

Fonte: Diário do Rio Doce, 08 de novembro de 2008.

Nesta dissertação, o jornal representa o nosso território midiático de análise. As charges, assim como as matérias são representações acerca do fenômeno migratório construídas socialmente pelos jornalistas. As duas charges reproduzidas a seguir trazem representações interessantes. Uma delas retrata a questão do desejo de emigrar, que é cultivado desde a infância e até mesmo transformado em profissão. A segunda, apresenta a dolarização da comunidade valadarense, realçando a importância da moeda estrangeira, em especial, no setor da construção civil.

Além das temáticas relacionadas à crise, tanto a norte-americana quanto a brasileira, outro assunto que ganhou destaque nas charges foi a existência de uma cultura de migração para o exterior na comunidade valadarense. Como destaca Assis (1999) o grande fluxo em direção aos Estados Unidos fez com que a emigração extrapolasse as vidas dos emigrantes, e passasse fazer parte da vida cotidiana da cidade. As conversas sobre os familiares residentes no estrangeiro são corriqueiras pelas ruas da cidade e os próprios moradores afirmam que *todo valadarense tem duas bicicletas e um amigo ou parente na América*. (ASSIS, 1999, p.128).

De certa forma emigrar se transformou em uma experiência natural, ainda mais em uma sociedade globalizada em que os indivíduos podem manter contato instantaneamente mesmo a milhares de quilômetros. A charge abaixo demonstra que os Estados Unidos se tornaram parte das perspectivas de vida e do imaginário do valadarense. O *status* de imigrante se converteu verdadeiramente em uma profissão, considerada por muitos a melhor alternativa de vida, ainda mais quando a situação no país de origem não está boa.

A convivência com vizinhos ou familiares que emigraram e que remodelaram a casa ou compraram uma casa maior, as fotografias enviadas que mostram uma vida de trabalho e muito consumo, confirmado pelo envio de encomendas com prendas para os familiares, conduz à idéia de que emigrar é uma boa alternativa. Nas fotografias e nas caixas de prendas nunca é visível a dureza e as longas horas de trabalho, e se bem que a neve é bonita não se vê como a mesma maltrata o corpo daqueles que trabalham. Tudo isso estimula o jovem a pensar na emigração como uma boa oportunidade para construir o seu futuro. (SIQUEIRA, 2008a, p.148)

É conveniente ressaltar que a charge abaixo foi publicada em 1999. Nessa época, após um período de estabilização, a moeda brasileira voltou a se desvalorizar. Por isso, o chargista traz a frase: *sonho dos EUA está de volta*, já que após certo otimismo com relação à economia local o dólar voltou a subir, incentivando novos valadarenses a se arriscar na empreitada migratória, além de ampliar o volume de remessas que chegavam à cidade.



Figura 88 – Charge 08: Sonhos dos EUA

Fonte: Diário do Rio Doce, 18 de agosto de 1999

Como podemos observar a charge traz o diálogo entre duas crianças. Como destaca Assis (1999) emigrar não é uma decisão individual, mas projeto familiar, afetivo e econômico, envolvendo até aqueles que não emigraram. Um desses grupos ligados diretamente são os filhos dos emigrantes. É comum encontrar na região rearranjos familiares, pois com a ausência dos pais, os lares passaram a ser gerenciados por avós, tios ou outros familiares.

Segundo Almeida e Siqueira (2010) a ausência faz com que os filhos reivindiquem mais do que espaço de sobrevivência e proteção. Muitas vezes, eles tentam suprir a carência afetiva com presentes e dinheiro. Por isso, além dos prejuízos biológicos e psicológicos nota-se o apego aos bens materiais. Para o chargista, a possibilidade de ter uma condição de vida melhor estimula as crianças a vislumbrar um futuro como emigrantes, assim como seus pais.

No entanto, uma pesquisa realizada com alunos de escolas públicas e particulares em Governador Valadares revelou uma realidade diferente. Entre os filhos de emigrantes

entrevistados, 55% não pretendem emigrar, pois não querem que seus filhos vivam longe dos pais como eles foram obrigados a viver. (PAULA E VILARINO, 2008)

Outro tema amplamente explorado pelos chargistas foi a questão das remessas e sua importância para Governador Valadares. Na charge reproduzida abaixo, ao mostrar o apartamento, o homem faz questão de ressaltar que a parede pôde ser construída graças aos dólares vindos dos Estados Unidos. De fato, o setor da construção civil, como mencionado anteriormente, foi um dos mais aquecidos com as remessas. Como destacam Martes e Soares (2006), os investimentos em imóveis ocupam a segunda posição na ordem de destinação das remessas, ficando atrás somente da ajuda para a família que muitas vezes também se destina a compra de um imóvel.

O constante fluxo de remessas enviadas ao Brasil, investidas muitas vezes na construção de imóveis na terra natal, demonstra que os imigrantes valadarenses mantêm estreita relação com o lugar de origem. Como destacam Siqueira, Assis e Dias (2010) os migrantes bem sucedidos constroem casas amplas, muitas vezes em bairros simples, pois fazem questão de retornar para seu bairro, para o mesmo ponto de partida, mesmo que possuam capital para construir em bairros mais valorizados. As construções dos emigrantes reconfiguram os espaços urbanos.

Uma das consequências desse crescimento no setor da construção é a supervalorização dos imóveis, que são vendidos por preços muitos mais elevados que o valor real da obra. Isso ocorre porque, além do preço dos materiais e mão de obra, é agregado à casa um valor simbólico: o valor de que o ideal - o projeto migratório - foi bem sucedido. Em outras palavras ele conseguiu “Fazer a América”.



Figura 89 – Charge 09: Dólares e GV

Fonte: Diário do Rio Doce, 14 de setembro de 1999.

O redirecionamento do fluxo migratório dos Estados Unidos para a Europa também foi retratado com ironia. Na charge seguinte, o *Tio Sam* mostra-se satisfeito com a existência do novo Eldorado e afirma que ninguém é melhor que os Portugueses para receber os valadarenses, afinal foram eles que “descobriram” o Brasil. Essa charge traz uma representação negativa do emigrante, que é visto como um sujeito indesejado. Ou seja, alguém que não é bem-vindo no território de destino.



Figura 90 – Charge 10: Novo Eldorado.

Fonte: Diário do Rio Doce, 08 de agosto de 2000.

O fluxo de Valadarenses para Portugal teve início no final dos anos de 1980. Como destaca Siqueira (2009b), naquela época era um movimento específico de jovens odontologistas, em busca de espaço no mercado de trabalho português. Na década seguinte, ganha novos contornos com a emigração de trabalhadores não qualificados para ocupar vagas no mercado secundário de trabalho.

O contingente de emigrantes, rumo à Europa, aumentou significativamente nos anos 2000, em especial após os atentados de 11 de setembro. Com os ataques, as barreiras para a entrada de emigrantes nos Estados Unidos foram reforçadas. Assim, dadas as dificuldades de acesso ao antigo Eldorado, Portugal se tornou um caminho mais acessível, pois além de não exigir visto de entrada compartilha do mesmo idioma.

Os dados da pesquisa realizada com emigrantes retornados para a Microrregião de Governador Valadares, demonstram que 62% tinham como primeira opção emigrar para os EUA. Pensaram em Portugal como destino devido às dificuldades de conseguir o visto e ao custo da emigração indocumentada (SIQUEIRA, 2009a, p.139)

Aos poucos, assim como nos Estados Unidos, foi formada uma rede social de valadarenses em Portugal. Os brasileiros são hoje a maior população estrangeira legalizada no país. Em 2007 os residentes legais somavam 66.354. Em 2008 o número subiu para 106.961, ou 25% da população de estrangeiros no país (SIQUEIRA, 2009b)

Em Valadares, o mês de dezembro é marcado pelo retorno de inúmeros cidadãos residentes no exterior que vêm à cidade passar as festas de final de ano com os familiares. O chargista do Diário aproveitou a oportunidade para mostrar como seria uma partida de futebol entre a seleção local e um time de jogadores que residem nos Estados Unidos. O resultado: sobraram emigrantes retornados e faltaram jogadores para compor o time da cidade.

A charge traz uma representação da cidade de Governador Valadares como um centro exportador de mão-de-obra. Conforme foi explicado, a charge é marcada pela caricatura e pelo exagero, mas apesar disso traz uma mensagem crítica. Ao analisarmos o material abaixo, verificamos que, ao representar o time da cidade desfalcado em contraste ao time emigrante com jogadores sobrando, está presente a idéia de que, dadas as poucas oportunidades encontradas no país de origem, a maioria dos valadarenses opta pela emigração.



Figura 91 – Charge 11: Time de Futebol

Fonte: Diário do Rio Doce, 28 de dezembro de 1990.

De fato, como foi demonstrado anteriormente, nos anos de 1990 era intenso o fluxo de valadarenses emigrando. Como destaca Soares (2002), entre 1986 e 1991, a migração

internacional, em especial para os Estados Unidos, foi responsável por 62% das perdas líquidas da população de Governador Valadares.

No cenário nacional, Valadares ficou conhecida como a cidade cuja única saída para os problemas seria o aeroporto. A divulgação de uma charge como essa acaba sustentando o estereótipo de um território sem alternativas e dependente dos emigrantes para se desenvolver. Apesar da importância desse grupo a cidade não sobrevive apenas do dinheiro vindo do exterior. Por isso, o dólar não é um ciclo econômico como foram a mica e a madeira. Se um dia as pessoas deixarem de emigrar a cidade continuará existindo de forma auto-sustentável.

Como já foi descrito, nos Estados Unidos os valadarenses ocupam vagas no mercado secundário de trabalho. Mas, apesar do serviço desqualificado, o custo benefício da migração compensa, a partir do momento em o país de destino proporciona melhores rendimentos. As duas charges seguintes abordam a questão. A primeira delas compara os salários do trabalhador no Brasil e no país norte-americano.



Figura 92 – Charge 12: Lavador de Pratos

Fonte: Diário do Rio Doce, 18 de junho de 1991

A abertura de vagas no mercado secundário de trabalho se dá em uma dinâmica capitalista globalizada. Como assinala Sassen (1988), a mobilidade do capital também possibilita mobilidade do trabalho. Nesse contexto, houve uma reorganização da economia em

escala mundial, com os fluxos migratórios ordenados no sentido periferia-centro, como é o caso dos brasileiros nos Estados Unidos.

Contudo, atraídos pela possibilidade de ganhar mais dinheiro em menos tempo para retornar ao país de origem em uma condição melhor, os migrantes, muitas vezes, não tem consciência do custo social do processo. A carga exaustiva de trabalho faz com que vários regressem doentes. Além do desgaste físico, alguns também desenvolvem problemas psicológicos (SIQUEIRA, 2009a)

Segundo Lechner (2007) independentemente das dimensões políticas, jurídicas e sociais associadas, a migração implica um deslocamento geográfico que gera para o imigrante uma sensação de descontinuidade. A experiência migratória é vivida com rupturas nos laços familiares, afetivos, linguísticos e simbólicos. Enquanto isso são acumuladas novas referências culturais, muitas vezes contraditórias.

Sayad (2000) também destaca que esse deslocamento físico é também um deslocamento de poder, o poder de significação do evento na estrutura social – ou seja, o poder simbólico presente no ato de emigrar. Afinal, *não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares. Não se prescinde impunemente do grupo e de sua ação cotidianamente presente, (...) bem como de seus mecanismos de inserção social, mecanismos que são ao mesmo tempo prescritivos e normativos e, enfim, largamente performativos* (Sayad, 2000, p.14). Portanto, essa duplicidade de ausência presença representa uma profunda ruptura na ordem do tecido social, disparada por processos populacionais reguladores.

A outra charge sobre o tema relaciona, diretamente, a imigração com as possibilidades de mobilidade social. Ao ler no jornal a notícia sobre a fiscalização das fortunas dos valadarenses, o homem logo associa o dinheiro aos brasileiros que estão nos Estados Unidos lavando pratos. Ou seja, o chargista traz a representação de que, na cidade, ricos são apenas aqueles que emigraram, associando diretamente emigração com ascensão social.



Figura 93 – Charge 13: Fortunas de GV

Fonte: Diário do Rio Doce, 05 de março de 1994

Como já destacamos, nos anos de 1980 e 1990, o Brasil enfrentou uma grave crise econômica, que afetou as possibilidades de mobilidade social. Justamente nesse período foi registrado o *boom* migratório de valadarenses rumo aos Estados Unidos. Conforme assinala Siqueira (2008a), em seu projeto de retorno o imigrante vislumbra voltar para o mesmo espaço físico, no entanto em uma posição econômica superior⁴³.

O desejo de ascensão é um estímulo àqueles que deixam a terra de origem. Mesmo antes de retornar, o envio de remessas já proporciona melhora no padrão de vida das famílias que permaneceram na cidade: os filhos passam a estudar em escolas privadas e há a possibilidade de acesso a bens de consumo antes inatingíveis, como a casa própria e o carro.

Definindo mobilidade social como o movimento de pessoas de uma posição social para outra, é possível constatar, segundo Siqueira (2009b), que os emigrantes retornados e bem sucedidos em seus empreendimentos apresentaram mobilidade social ascendente. As famílias que permaneceram também experimentaram a ascensão graças às remessas.

Apesar do insucesso de muitos retornados, é possível compreender a emigração como uma possibilidade concreta para a melhoria do padrão de vida. No entanto, é preciso ponderar, pois a emigração não deve ser encarada como a única alternativa, ou “a fonte de riqueza”, dos

⁴³ De acordo com dados apresentados por Siqueira (2008a), referentes à pesquisa realizada na Microrregião de Governador Valadares (MG) e Nova Inglaterra (EUA) no período de 2004 a 2006, 53,7% dos entrevistados revelaram que o principal motivo declarado para emigrar foi a possibilidade de ganhar dinheiro, retornar e investir no Brasil

moradores da microrregião de Governador Valadares. Contudo, no território midiático aqui analisado, essa é uma representação recorrente.

Mesmo com os ganhos aumentados, como podemos observar na charge anterior, o imigrante agora exerce atividades de menor prestígio social. No entanto, como destaca Martes (1999), nos Estados Unidos os brasileiros não buscam prestígio no sentido estrito do termo. Quando eles trocam a profissão que tinham no Brasil por outra menos qualificada no exterior, a perda de *status* é deixada de lado em função de um novo estilo de vida e cidade, além, é claro, do aumento do poder de consumo.



Figura 94 – Charge 14: Fronteira do México

Fonte: Diário do Rio Doce, 17 de fevereiro de 2005

A travessia pela fronteira do México, amplamente abordada nas matérias e até mesmo na telenovela “América”⁴⁴ também ganhou a atenção dos chargistas. Na história retratada, o coioite explica o procedimento para conseguir atravessar. Apesar de ser óbvio o risco de vida, o mineiro afirma que complicado mesmo é sobreviver no Brasil com a violência e o desemprego. Essa charge representa que, apesar do perigo, incluindo o risco evidente de morte, para os valadarenses os benefícios parecem compensar as dificuldades, já que nenhuma delas parece se equiparar à dureza de viver em um país marcado pela desigualdade.

⁴⁴ Telenovela produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão entre 14 de março e 5 de novembro de 2005, de segunda a sábado, às 21 horas.

Comprovando, mais uma vez, que a emigração é uma denúncia da má distribuição de riquezas no mundo, e que o território de origem é representado de forma negativa.

A narrativa da travessia como aventura e como motivo de orgulho daqueles que conseguiram passar dissimula a idéia de tráfico de migrantes, esconde o perigo e as mortes ocorridas no trajeto. (ASSIS, 2008, p.228)

No ano de 2005, data em que foi publicada a charge, as políticas restritivas para coibir a entrada de emigrantes eram intensas, uma vez que o governo passou a investir pesado em segurança após os atentados terroristas de 2001. Apesar da globalização e da fragilização das fronteiras, nem todos os cidadãos conseguem inserir-se nesse novo mundo. Assis (2008) enfatiza que as notícias e relatos de emigrantes mortos na fronteira são exemplos de quão dramático e complexo é circular em mundo globalizado, na condição de migrante indocumentado.

Nesse cenário de disparidades, a travessia ilegal de migrantes está ligada a uma complexa e articulada rede, que envolve desde agências de turismo de Governador Valadares⁴⁵ a coiotes mexicanos. Para aqueles que não conseguem o visto, passar pelo México se transforma na única alternativa viável para ingressar nos Estados Unidos.

A travessia é mais do que o simples cruzar a fronteira entre dois países. É um momento que marca a trajetória e a vida dos migrantes. Diversos relatos trazem casos de violência, estupro, dor, fome, sede e até mesmo morte. Muitos ficam pelo caminho, vencidos pelo calor escaldante do deserto ou pela forte correnteza do gélido Rio Bravo⁴⁶. Outros conseguem atravessar, mas vários são detidos pela polícia migratória, assim que chegam em solo norte-americano. Apesar disso, muitos valadarenses ainda se arriscam na empreitada.

A questão do patriotismo também foi ressaltada pela publicação. No dia sete de setembro – data em que é comemorada a independência do Brasil, o chargista trouxe a representação de uma festa supostamente brasileira que, na verdade, cultuava o país norte-americano. A charge representa uma população americanizada, com camisas e frases em inglês, celebrando o estrangeiro em pleno feriado nacional. É como se, após nos libertamos nos Portugueses, agora fôssemos reféns do *American Way of Life*.

⁴⁵ Não podemos generalizar com relação à conduta dos agentes de turismo da cidade. No entanto, é fato que inúmeros estabelecimentos funcionavam como fachada para negócios ilícitos, tais como a travessia pela fronteira e as remessas irregulares de dinheiro.

⁴⁶ O Rio Grande, também conhecido como “Rio Bravo del Norte” tem 3.034km de extensão e divide o México e os Estados Unidos. Sua nascente fica em San Juan no o Colorado (Estados Unidos), e desemboca no Golfo do México.



Figura 95 – Charge 15: 07 de setembro

Fonte: Diário do Rio Doce, 07 de setembro de 2004

No caso específico de Governador Valadares, durante toda a sua história, como constatamos anteriormente, a cidade foi marcada por ciclos extrativistas, em que eram explorados recursos não renováveis. Era difícil para os habitantes criar raízes e desenvolver um sentimento de pertencimento. O lugar era uma espécie de terra de passagem e perdia sua funcionalidade, findados os bens disponíveis.

A Microrregião de Governador Valadares é um território marcado pelos ciclos extrativistas que deixam à deriva seus habitantes quando os recursos se esgotam. Desde sua descoberta essa microrregião vive momentos marcados pela extração de seus recursos sem a preocupação com sua sustentabilidade. Os sujeitos que nela vivem possuem sua identidade marcada por marcas profundas de um habitat que é usado para o benefício de alguns em detrimento de muitos. (SOUSA e DIAS, 2010, p.5)

Essa charge traz a representação das marcas deixadas no território de origem do fenômeno da emigração – uma identidade desterritorializada, marcada pela cultura de emigração, em que os cidadãos não se sentem pertencentes à terra natal e trazem a idéia fixa de que o estrangeiro é superior ao nacional.

Com o fluxo intenso de emigrantes para os Estados Unidos, as constantes remessas e a visibilidade dos bem sucedidos no sonho de “fazer a América”, ou seja, retornar numa posição socioeconômica melhor do que a anterior⁴⁷, o país norte-americano passou a ser representado como o melhor lugar do mundo. Para aqueles que emigraram, apesar das privações e do trabalho árduo, a possibilidade de melhores salários despertava sentimentos

⁴⁷ É importante destacar que essa visibilidade esconde os mal sucedidos, que retornam doentes ou não conseguem fazer poupança e adquirir bens na origem (SIQUEIRA, 2009b).

ambíguos, que envolviam o desejo e o medo de retornar. Martes (1999) destaca que foi surpreendida pela maneira positiva com que os brasileiros encaravam suas experiências nos Estados Unidos, mesmo em condições adversas. No entanto, faz algumas considerações importantes acerca do assunto.

As percepções relatadas sobre os Estados Unidos ganham novo significado, se referidas à própria maneira como os próprios brasileiros as constroem, ou seja, por contraste. É olhando para o Brasil que eles avaliam a sociedade americana. Não por acaso, vários aspectos considerados positivos nos Estados Unidos são justamente aqueles considerados negativos no Brasil e vice-versa. (MARTES, 1999, p. 153).

A mesma autora também destaca que as representações têm como matriz a crença de que os Estados Unidos são uma nação mais avançada. No Brasil os padrões de consumo e a influência da Indústria Cultural Norte-Americana são visíveis - um exemplo são os inúmeros estabelecimentos e produtos com nomes em inglês. Há no Brasil uma memória cultural positiva, com relação os Estados Unidos, que envolve questões como cidadania e respeito e reforça positivamente as percepções acerca do país de destino.

No entanto, enquanto estão nos Estados Unidos muitos imigrantes fazem questão de demonstrar o amor pelo país de origem. Siqueira (2009a) retrata histórias de valadarenses que, apesar da distância, fazem questão de manter vivas as lembranças, enchendo as paredes com fotos da cidade natal. Enquanto na origem o estrangeiro é cultuado, à distância os imigrantes tentam se sentir mais próximos e pertencentes ao lugar onde nasceram, em um processo de territorialização/ reterritorialização, em que o território de origem é recriado no destino.

Outro exemplo que envolve brasileiros de todas as regiões é o *Brazilian Day*, que acontece em Nova York. A festa é realizada desde 1984, sempre no começo de setembro, em uma data próxima ao dia da Independência do Brasil. A idéia do evento é reunir a comunidade brasileira residente nos Estados Unidos, em uma grande celebração que traz à tona o orgulho que cada um sente em ser brasileiro.

Porque compartilham uma memória comum e encontram-se expostos a um alto grau de discriminação na sociedade receptora, os imigrantes são levados a definir 'quem somos nós' e os critérios de pertencimento às suas respectivas comunidades (MARTES, 1999, p. 151)

As questões envolvendo a falsificação de passaportes e outros esquemas ilícitos utilizados pelos valadarenses, para tentar entrar nos Estados Unidos, também foram abordadas pelos chargistas. Como foi demonstrado nos capítulos anteriores, essa foi uma das questões mais exploradas pelos jornalistas nas matérias veiculadas e para os chargistas também foi um

prato cheio – em ambos os casos serviram para reforçar a representação de polo falsificador que marca a cidade e seus habitantes.

Não podemos negar a existência de pessoas especializadas nesse tipo de serviço. Existe na cidade uma rede facilitadora, capaz de conseguir passaportes falsos e mecanismos para uma travessia bem-sucedida pela fronteira. No entanto, a forma e frequência com que o tema é exposto pela mídia acaba generalizando a questão e associando a sociedade valadarense a esse tipo de esquema ilícito.

(...) Essa região (Microrregião de Governador Valadares) é midiaticamente conhecida no cenário nacional e internacional devido a ocorrências situadas em torno do processo emigratório. Os escândalos referentes à venda de passaportes adulterados, o grande número de ‘cônsuls’ e ‘coiotes’ que atuam na região e a permanência de Valadarenses no exterior de forma indocumentada pouco contribuem para o fortalecimento de uma imagem positiva da região. Entender como surgiu o fluxo emigratório nesta microrregião, comparável aos diversos ciclos exploratórios que devastaram suas terras, contribui para o entendimento de como seus habitantes foram desterritorializando este espaço durante toda sua construção histórica. (SOUSA E DIAS, 2010, p. 01)

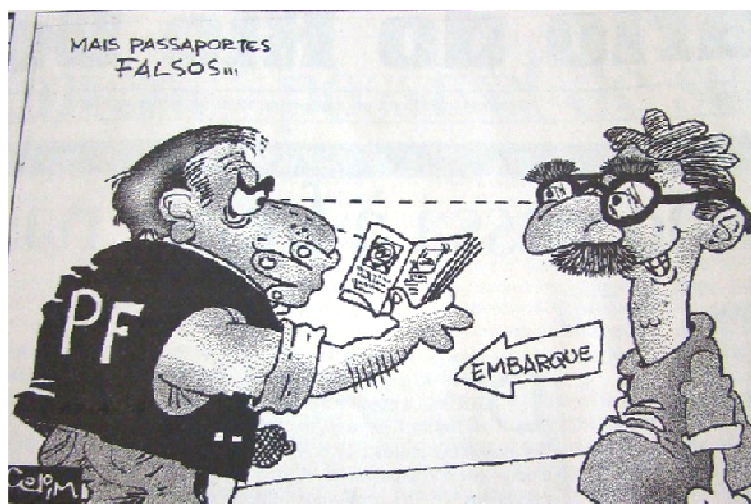


Figura 96 – Charge 16: Passaportes Falsos

Fonte: Diário do Rio Doce, 13 de setembro de 1996

Temas diversos eram brechas para explorar a questão. No ano de 1995, o Governo Federal brasileiro lançou um pacote de medidas para os emigrantes retornados. Na imaginação do chargista, o pacote virou uma “embalagem” para transportar os valadarenses rumo aos Estados Unidos. A charge representa a idéia de que, com o intuito de “Fazer a América, os

valadarenses aproveitam todas as possibilidades, muitas vezes sem perceber os riscos. Novamente, é reforçada a idéia de que sair do país é a única alternativa cabível.

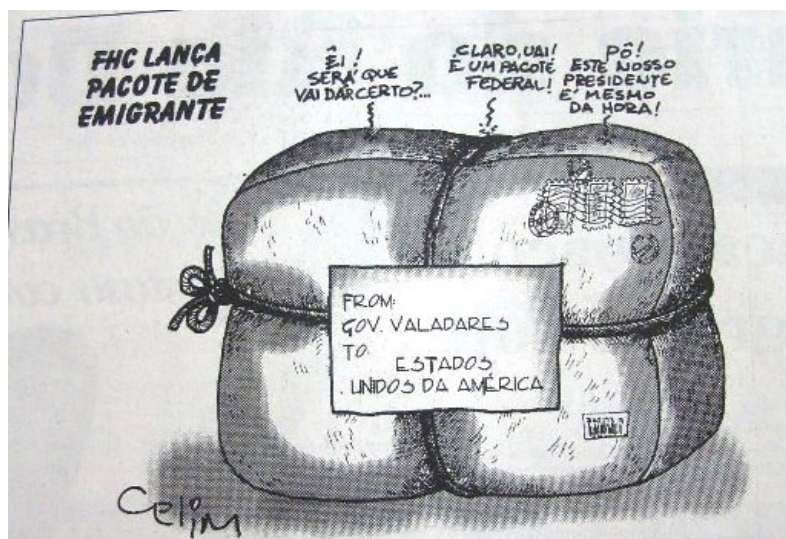


Figura 97 – Charge 17: Pacote do Emigrante

Fonte: Diário do Rio Doce, 08 de novembro de 1995

As charges, como território midiático de análise, reafirmam alguns estereótipos sobre a relação entre os valadarenses e a migração internacional. O Brasil continua sendo inferiorizado ao ser comparado aos Estados Unidos. A cultura de migração para o exterior também é reforçada nas representações, assim como a criminalização do emigrante. Certamente, as charges trazem um exagero na hora de representar a questão, mas para além da caricatura são reveladas questões importantes.

3.4 A MÍDIA TRANSNACIONAL:

STATES NEWS, AS NOTÍCIAS DAQUI LÁ E AS DE LÁ AQUI.

É crescente o número de estudos referente ao fluxo migratório de valadarenses para os Estados Unidos. Entretanto, apesar de alguns mencionarem a relação entre a mídia e a migração, há poucas referências acadêmicas específicas sobre o tema. Mas é essencial verificar de que forma se dá essa relação, já que os veículos de comunicação de massa exercem forte influência na formação da opinião pública.

Conforme assinala Rabelo (2002), a mídia molda e orienta as discussões, alterando aspectos ocultos, interpretando os fatos, elegendo as informações e oferecendo aos receptores o cardápio noticioso de acordo com a seleção feita pelo próprio veículo. No contexto atual, além das mídias convencionais, vem aumentando o volume de jornais dirigidos aos brasileiros nos Estados Unidos, que acompanham o *boom* migratório das últimas décadas e a consolidação da comunidade brasileira nos Estados Unidos.

Inicialmente, esses jornais étnicos eram elaborados por empresários sem grande experiência no ramo. Com o passar dos anos, profissionalizaram-se e ganharam estrutura semelhante a veículos de médio porte no Brasil. Hoje, mesmo com o surgimento das mídias digitais, esses veículos se firmaram como o principal elo informativo entre a sociedade brasileira e a norte-americana. (RABELO, 2002).

Entre os jornais brasileiros feitos para o público imigrante, um se destaca por ser um periódico transnacional, com sede no Brasil, mais especificamente em Governador Valadares: o *States News* ou, em português, Notícias dos *States* (Estados Unidos). Sua primeira versão foi lançada no *Diário do Rio Doce* em outubro de 1989 e circulava semanalmente, sempre aos domingos. De acordo com informações publicadas no próprio jornal, o informativo semanal foi criado com o objetivo manter os imigrantes que estão nos Estados Unidos informados sobre o que acontece no Brasil e ao mesmo tempo informar aos valadarenses sobre o que acontece no país em que vivem milhares de conterrâneos.

O *States News* pode ser definido como uma mídia transnacional, pois circula simultaneamente na origem e no destino. Essa circulação é essencial para o imigrante que, ao mesmo tempo em que precisa se adaptar ao país receptor, almeja preservar sua herança cultural. A idéia do transnacionalismo está ligada ao mundo globalizado, em que há a compressão do espaço e a fragilização das fronteiras. Assim, o imigrante ultrapassa os limites do território físico, mas permanece ligado a ele, a milhares de quilômetros de distância.

No caso do estudo dessa dissertação, o território midiático - o jornal *Diário do Rio Doce* é uma ligação entre os territórios de origem e de destino dos emigrantes. No *States News*, a equipe de jornalistas do jornal se ocupa de redigir as matérias sobre as notícias de Governador Valadares e do Brasil. Enquanto isso, um grupo de correspondentes trabalha nas cidades norte-americanas com maior presença de imigrantes, registrando e noticiando tudo o que acontece com os brasileiros que vivem por lá.

Segundo Siqueira (2009a), há evidências da existência de uma comunidade transnacional de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, pois há grupos transmigrantes, ou seja, pessoas que participam de modo visível na sociedade norte-americana e na sociedade brasileira, através de sua inserção em atividades sociais, comerciais e religiosas⁴⁸.

Especificamente sobre o *States News*, no início, o informativo circulou na forma de uma coluna com notícias variadas relacionadas ao cotidiano dos imigrantes e suas famílias. As informações eram publicadas na forma de pequenas notas informativas e traziam temas como: consulado brasileiro, passeata realizada por brasileiros em Boston, cotação do dólar, crimes cometidos por valadarenses nos Estados Unidos, eventos realizados pelos imigrantes, entre outros. No entanto, as notas também abordavam conteúdos mais abrangentes – de interesse geral, que vão além das questões relacionadas à problemática da imigração.

Aos poucos o suplemento começou a ganhar espaço e, além das notas, pequenas matérias começam a ser publicadas. Mas, é importante ressaltar que o informativo não tem uma estrutura fixa. Ou seja, nem sempre está na mesma página e a quantidade de notas e matérias varia de edição para edição. Em algumas edições, chega a ter duas páginas enquanto em outras ocupa apenas o lado esquerdo de uma. Outro destaque são as fotos de brazucas, clicados em poses irreverentes, bem vestidos, ao lado de belas casas, carros e paisagens, além do enorme sorriso estampado no rosto. Como destaca Rabelo (2002), na comunidade o sucesso é mitificado, enquanto o fracasso é minimizado.

Na sexta edição, publicada em 12 de novembro de 1989, incorpora-se ao informativo a coluna do advogado norte-americano Joel Stewart, especializado em migração. O objetivo é informar aos leitores sobre as formas legais de conseguir visto e trabalho nos Estados Unidos. Nesse espaço, as pessoas mandam cartas com seus questionamentos e o advogado explica como agir conforme a lei e não ter nenhum prejuízo. Além das cartas, outro tema abordado pelo advogado em sua coluna, são as mudanças nas leis migratórias. A cada novidade ele traz explicações, a fim de sanar as dúvidas dos emigrantes em potencial.

Na coluna de Joel, as questões mais comuns se referem à emissão de vistos, excedência do tempo de permanência, situação de familiares que estão no exterior, posição do Governo Norte-Americano com relação a questões de legalização, tratamentos de saúde no

⁴⁸ A perspectiva transnacional se desenvolveu nos estudos migratórios, no início dos anos noventa, com referência aos migrantes que buscavam se estabelecer nos países de destino, mas continuavam mantendo conexões sociais, econômicas e políticas com os seus países de origem, o qual eles não abandonavam (BASCH, GLICK-SCHILLER; BLANC-SZANTON, 1992, apud SASAKI e ASSIS e, 2000).

exterior. Em suas respostas o advogado recorre à legislação para sanar as dúvidas do leitor, como pode ser observado no fragmento abaixo:

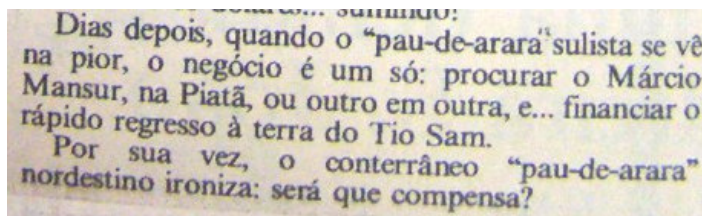


Figura 98 – States News 01 – Coluna Dr. Joel

Fonte: Diário do Rio Doce, 07 de janeiro de 1990 (Edição 09)

Em algumas edições circularam textos opinativos acerca da temática da imigração. Entre eles, um, intitulado “pau-de-arara internacional”, veiculado no dia 12 de novembro de 1989, na sexta edição, chama a atenção pelo conteúdo. O texto começa retratando a saga de milhares de nordestinos que migravam para o Estado de São Paulo em paus de arara na busca de um futuro melhor. No entanto, com o passar dos anos, o precário transporte deu lugar aos aviões e a empreitada ultrapassou as fronteiras nacionais, alcançando outros países.

O articulista destaca que os passageiros desse avião são os mesmos sulistas que, anos atrás, recebiam os nordestinos. Agora, os antigos patrões trabalham em serviços como a faxina e a construção civil nos Estados Unidos. Na volta ao país de origem, chamam a atenção pelos equipamentos eletrônicos e os dólares que trazem nas malas. No entanto, muitos não conseguem se reestabelecer e são obrigados a retornar ao mercado secundário de trabalho norte-americano. O articulista, como podemos observar no fragmento abaixo, ironiza a situação:



Dias depois, quando o “pau-de-arara” sulista se vê na pior, o negócio é um só: procurar o Márcio Mansur, na Piatã, ou outro em outra, e... financiar o rápido regresso à terra do Tio Sam. Por sua vez, o conterrâneo “pau-de-arara” nordestino ironiza: será que compensa?

Figura 99 – States News 02 – Pau de Arara

Fonte: Diário do Rio Doce, 12 de novembro de 1989 (Edição 06)

O texto traz uma representação interessante e pouco frequente no *Diário do Rio Doce*. Aqui, a empreitada migratória não é representada de forma positiva, pelo contrário, o articulista questiona se, de fato, vale a pena se arriscar em busca de melhores oportunidades.

Ainda no mesmo formato, é lançada a coluna “Ildo José na América” na qual são abordados assuntos diversos, mas com um teor opinativo e crítico. O colunista é um valadarense que mora nos Estados Unidos e conhece de perto a realidade dos imigrantes. Ao contrário das notas informativas gerais que tratam de assuntos mais abrangentes, a coluna de Ildo José foca fatos ocorridos dentro da comunidade brasileira nos Estados Unidos, em especial daqueles oriundos da microregião de Governador Valadares.

No ano de 1991, na edição de número 60, as pequenas notas informativas deixam de circular e o *States News* passou a ser composto apenas pelas colunas do Dr. Joel e de Ildo José. No entanto, esse formato teve duração curta. A partir da edição de número 70, veiculada em 17 de março de 1991, o *States News* se resumiu à coluna do advogado norte-americano. O colaborador, então, passou a explorar notícias sobre os imigrantes e histórias de sucesso e insucesso de brasileiros no exterior, dando dicas de como proceder em cada situação e passando informações essenciais para os imigrantes e seus familiares, sempre utilizando a legislação como respaldo. A versão “interna” do *States News* circulou até o mês de agosto de 1993. Ao todo foram 173 edições, semelhantes à que está abaixo.



Figura 100 –States News 03: Coluna Dr Joel 2

Fonte: Diário do Rio Doce, 30 de janeiro de 1993. (Edição 53)

A coluna do advogado norte-americano, que residia nos Estados Unidos e respondia as cartas em português, funcionava como um canal de troca de informações entre o território de origem e o de destino. A partir do seu conhecimento acerca da legislação, ele passava informações úteis para aqueles que pretendiam emigrar ou que estavam enfrentando problemas relacionados à imigração.

No dia 18 de julho de 1993 foi lançado o novo *States News*. O informativo, que antes ocupava no máximo duas páginas, agora se transformou em um suplemento⁴⁹, que tinha inicialmente seis páginas, circulava mensalmente e abordava assuntos diversificados. No editorial da primeira edição, o jornalista define o *States* como um canal de comunicação para incrementar o intercâmbio entre os dois países, através da colônia de brasileiros residentes nos Estados Unidos.

Já na quinta edição o suplemento passou a circular quinzenalmente. Aos poucos, o *States* foi crescendo ganhando novas páginas, novas seções e mais colaboradores envolvidos no projeto. Algumas edições chegaram a ter 40 páginas. Para uma cobertura mais eficiente o jornal passou a contar com correspondentes nas regiões norte-americanas com maior índice de população imigrante: Massachusetts, Connecticut, Washington e o Sul da Flórida.

⁴⁹ Os suplementos são fascículos de encadernação separada incluídos no conjunto publicado e de periodicidade predeterminada. No caso do *States News*, era veiculado a cada 15 dias.

Na publicação é dado espaço privilegiado aos assuntos que envolvem os imigrantes valadarenses. Uma das partes de maior destaque são as colunas sociais, que trazem histórias de sucesso de diversos imigrantes e muitas fotos. As notícias giram em torno de festas, nascimentos, casamentos, dicas de estabelecimentos comandados por brasileiros, viagens e exposições. Os títulos muitas vezes em inglês, realçam o *glamour* atribuído aos colonáveis. Abaixo, temos como exemplo foto de dois casais de brasileiros, com sorriso estampado no rosto e legendas tecendo elogios às duplas.



Figura 101 – States News 04: Casal de Hudson

Fonte: Diário do Rio Doce, 07 de março de 1994 (Edição 13)

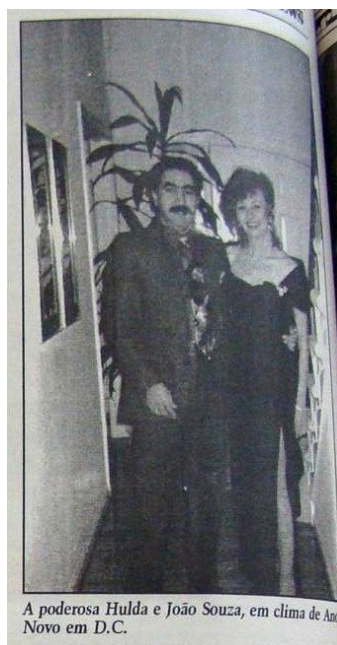


Figura 102 – States News 05: Casal de D.C

Fonte: Diário do Rio Doce, 17 de dezembro de 1995 (Edição 53)

As antigas notas informativas sobre assuntos diversos que antes formavam o *States News* agora fazem parte de uma coluna denominada *Notebook*. Na mesma página também há um espaço de recados, em que o imigrante deixa uma mensagem para sua família e vice-

versa. Os textos falam sobre diversos assuntos, tais como: presentes, a sensação de voar de avião, as dificuldades e o trabalho. Entretanto, há um tema em especial presente em quase todas as cartas: a saudade.

No país de destino, o imigrante tem uma imagem idealizada da origem. Além disso, como destaca Sayad (2000), o sentimento de estranhamento e de não pertencimento ao país receptor aguçava as saudades da terra natal. Nos textos, lembranças simples, como um almoço de domingo, uma festa de aniversário são narradas com nostalgia e emoção. Outra vez, agora através da publicação das cartas o *States* funciona como um elo que iteliga os dois territórios e as comunidades.



USA

Acácio Júnior (Harrison-NJ): Acácio, Aida, a felicidade está dentro de nós; foi-nos dada. A infelicidade está fora e somos nós que vamos procurar. Sejam felizes. Abraços e beijos, Acácio de Oliveira Neto (GV)

Gizely Maciel (Newark): sei que a distância que nos separa é grande, mas sei também que maior do que a distância é o amor que eu sinto por ti. Te amo muito, Marco Antônio (GV)

Neia e Ronaldo (Bridgeport): obrigado pela mochila. Venham logo. Quero conhecer o "Ronaldinho". Abraços, Juliana (GV)

Expedito e Fernando (Danbury): parabéns para vocês! Que essa data se repita por muitos e muitos anos em suas vidas, saúde e felicidades. É o que desejamos seus pais e familiares. Também um abraço para Lelete, Pollyana e Rosinha. Que Deus abençoe vocês todos. Sua saudosa mãe (GV)

Felipe-Nogueira (NY) fiquei sabendo que finalmente conseguiu o emprego no estúdio que queria. Vê se manda umas fotos para a gente dos músicos famosos. Torcemos por você. Galera do São Pedro (GV)

Marcela e Rosana (Danbury): quando é que vão responder as nossas cartas? Já cansamos de contar fofocas. Agora queremos saber o que andam aprontado por aí. Suas primas Fabiela e Renata (Ipsatinga)

Gilson (Somerville): estamos aguardando ansiosamente sua vinda. Vê se não vai adiar dessa vez, viu? Dionarah vai vir de São Paulo só para

lhe ver no seu aniversário. Beijos e boa viagem, seus pais (Tumiritinga)

Kelly Cristina e Ronaldo (Miami): que negócio é este de trabalhar para os cubanos? São legais? Por que não avisou a gente. Dê algum telefonema de vez em quando... Abraços, Tiago e Marta (GV)

BRASIL

César e Sara (GV): não sei quanto tempo mais aguentarei ficar aqui. Acho que já passei da época de voltar, mas sempre aparece algum bico interessante e quando dou por mim já estou no bitente outra vez. Mas, deste ano, não passo. Saudades imensas, Rodrigo (Boston)

Vinicius, Xandão e Fabrício (Caratinga): amigos, a vida aqui é um luxo só. O que tem de gente bonita não está no gibi. As festas são uma loucura e sempre dá para conhecer algum gringo interessante. Apareçam e venham conhecer minha "jacuzzi". Marquinho (Pompano)

Paula (Itambacuri): Estamos lhe esperando. Toma logo o avião que é difícil ficar guardando vaga no apartamento. Beijos, Fernando (NY)

Donizetti e Dudu (Resplendor): sei que a vida está difícil, mas aqui também não está nada mole. Ainda nem consegui a carteira de motorista. O "bicho está pegando". Torçam pela gente. A Jusara manda um abraço para o filho. Abraços e beijos em todos os parentes, Wilson (Newark)

Fátima (Itambacuri): já mandei sua blusa. Ela deve chegar aí na sexta, pois Vilma ainda vai fazer compras em BH antes. Espero que goste da cor. Aqui faz o maior sucesso. Vanessa (Miami)

Hélio Machado (Ipsatinga): que viagem. O avião é grande demais e dá até para a gente se perder dentro dele. Felizmente tudo correu bem e quando chegamos, todos os parentes fizeram uma festa para a gente. Devemos viajar este mês para a Flórida. Saudades, Sheila e Fernando (Marlboro)

Rossini, Gerson e Mariana (Don Cavati): o clima aqui está bem agradável agora. As brigas terminaram e parece que os dois estão em paz novamente. Depois conto mais detalhes por carta. Rosa (Washington, D.C.)

Miriam (Timóteo): não resisti e fui dar uma faxina junto com a tia. Faz parte da experiência, né? Agora tenho muito mais o que contar. Amanhã vou ver se lavo uns pratos... Beijos, Heloisa (Elizabeth)

Notebook

PASSAPORTE PARA O AMOR

Quem vive nos Estados Unidos e sonha com o objeto de desejo de 10 entre 10 imigrantes, o Green Card, já está fazendo o que pode e o que não deve para conseguir o tal papel. Em Nova York, o número de casamentos tem aumentado assustadoramente, numa demonstração de que "ligações perigosas" estão acontecendo para que um dos cônjuges consiga logo a cidadania norte-americana. Em Manhattan, por exemplo, foram 2.109 casamentos, 88% a mais que no passado. No bairro de Queens, o número chegou a 118%!

por aí, existe — e muita — gente honesta no Brasil. Depois de quase um mês, a secretária Nisei Milene M. acabou reavendo os US\$ 700 que havia perdido na estação Ana Rosa, uma das mais movimentadas do metrô de São Paulo, em 22 de janeiro. O dinheiro foi achado por uma senhora que o entregou a um funcionário do metrô. Depois de preencher formulários na Seção de Achados e Perdidos — juntamente com outras 18 pessoas que também diziam ser donas do dinheiro — Milene finalmente pôde ter de volta o dinheiro.

NÃO DERAM CLOSE NELA

Ainda não foi desta vez que Luis Roberto Gambine Moreira vai poder circular livremente usando, em seus documentos, o nome de Roberta Gambine. Mais conhecida como Roberta Close, o transexual (que mudou de sexo) mais famoso do Brasil não teve sucesso no recurso junto ao Supremo Tribunal Federal, onde seu caso foi parar. O ministro Sydney Sanches alegou que a matéria não é constitucional e que, portanto, não caberia uma ação junto ao Supremo. Perante à lei, acreditem, Roberta Close continua sendo muito homem.

CHEIRO HORRÍVEL

Engavetado na Câmara dos Deputados desde 1982, o projeto do senador Darcy Ribeiro, morto no dia 17, que propõe alteração no odor da cola de sapateiro, pode voltar às discussões. A idéia é dar à cola um cheiro mais ativo, que deixe de atrair principalmente os menores, que acabam ficando viciados desde cedo com o produto. Caso seja aprovado no Congresso, as indústrias terão prazo de quatro meses para cumprir a lei. Quanto antes melhor.

LEI PARA TODOS

O diplomata da Geórgia em Washington, Gueorgui Makharadze, finalmente se entregou à polícia depois de ter matado a brasileira Joviane Waltrick, 16, num acidente ocorrido no dia 3 de janeiro. Makharadze dirigia bêbado, em alta velocidade e o acidente envolveu cinco carros. Num gesto raro, a Geórgia resolveu suspender sua imunidade diplomática. O diplomata não foi preso, mas teve seu passaporte apreendido.

FINAL FELIZ

Ao contrário do que espalham

Diário do Rio Doce
STATES NEWS
 PUBLICAÇÃO DE EGUSA - EDITORA E GRÁFICA UNIÃO S/A - (Diário do Rio Doce)
 Diretor Geral: Ivonor Tassio
 Editor: William Trevizani
 Gerente U.S.A.: Mari Gama
 1672 W. Hillsboro BLVD. Deerfield Beach - Flórida 33442 - P.O. - Box: 270
 Colaboradores: New Saratona
 Massachusetts: Cruzeiro Neto (617) 567-3001
 (800) 903-2531 (Ligação Gratuita)
 Pedro Laierda (Pedroka)
 Connecticut: (508) 485-5616
 Vádivio Passos (203) 384-0745
 New Jersey - New York: Sônia Vellas (201) 589-4499
 Flórida: Antônio Luiz Sousa - Pinga (854) 782-5092
 Luisa Posen (Orlando) (407) 370-2041
 Serviços noticiais: Agência Estado
 Redação: (033) 271-3737 / Fax: (033) 271-6844
 Composição, fotolito e impressão: EGUSA S/A
 Para anunciar neste caderno, ligue (033) 271-2121
 Cartas e informações para Avenida Minas Gerais,
 700 - sala 103 - Governador Valadares (MG) - Calza
 Postal 100 - CEP 35.110-151
 Mande seu E-Mail para a gente:
 william@brasilnet.com.br
 - diário@brasilnet.com.br
 As opiniões expressas em artigos assinados são de
 responsabilidade de seus autores e não refletem,
 necessariamente a opinião deste jornal

Figura 103 – States News 06: Notebook

Fonte: Diário do Rio Doce, 02 de março de 1997 (Edição 79)

Outra seção que passou a integrar a nova versão do *States News* foi a de serviços, com indicações de profissionais brasileiros em diversas áreas, tais como: psicologia, advocacia, medicina, economia. Cada um deles tem um pequeno espaço na página e trata de um tema relacionado a sua área de atuação. Muitos imigrantes fazem perguntas e são respondidos pelos profissionais especializados, depois a resposta é postada no suplemento. Na página também há espaço para os profissionais anunciarem seus serviços. Posteriormente, foi lançada a coluna *There x Here* (Lá x Aqui), em que se estabelece uma comparação entre coisas nos Estados Unidos e no Brasil, tais como: preços de produtos, músicas de sucesso, filmes e livros.

Nessa coluna específica, há uma comparação mais prática, porém é conveniente ressaltar que as comparações entre Brasil e Estados Unidos estão presentes no *Diário do Rio Doce* desde as primeiras matérias analisadas. Seja sob os pontos de vista tecnológico, econômico, político, social ou ideológico, os jornalistas estão sempre tecendo comparações e criando representações a partir das diferenças entre os dois países.

Quanto Custa? PRODUTOS E SERVIÇOS

HERE	THERE
Marmitta pl 1	Marmitta pl 1
1 pacote US\$ 2,2	1 pessoa US\$ 7,0
1 salgado US\$ 0,4	1 salgado US\$ 1,0
1 refrigerante US\$ 0,4	1 refrigerante US\$ 1,0
1 cerveja US\$ 1,0	1 cerveja US\$ 2,50
1 entrada	1 entrada
lancheira US\$ 5,5	lancheira US\$ 5,0
Mancuê/pedurena US\$ 3,6	Mancuê/pedurena US\$ 29,0
Corte de cabelo US\$ 5,4	Corte de cabelo US\$ 15,0
Aluguel 2 qrtos. US\$ 251,0	aluguel 2 quartos US\$ 650
Consulta clínico	Consulta clínico
geral US\$ 30,0	geral US\$ 40,0
1/2 kg café US\$ 1,8	1/2 kg café US\$ 2,40
Óculos Ray Bam US\$ 182,0	Óculos Ray Bam US\$ 50,0
Tênis Nike US\$ 93	Tênis Nike US\$ 45,0
Tênis Reebok US\$ 94	Tênis Reebok US\$ 55,0
Televisão 20 polegadas	Televisão 20 polegadas
Toshiba em	Toshiba em
cores US\$ 371,0	cores US\$ 198,0
Vídeo Sharp 4	Vídeo Sharp 4
cabeçal US\$ 267,0	cabeçal US\$ 196
Forno microondas	Forno microondas
Panasonic rotativo US\$ 370,0	Panasonic rotativo US\$ 160
Telefone sem fio	Telefone sem fio
Panasonic com	Panasonic com
secretária US\$ 140,0	secretária US\$ 140,0

MUSIC PARADE

THERE	HERE
The Rhy Then Night Korona	L'raburra Gabriel O Pensador
Heart Of Glass Double You	What's Up 4 Non Blondes
I Love Music Rozalla	Since I Dont Have You Guns N'Roses
Whoomp (There It Is) Tag Team	Boomer! Shak-A-Lak Apache Indian
What's My Name M. People	Chyn Aerosmith
Dont Look The Further M. People	Bye Bye Baby Madonna
A Deeper Love Aretha Franklin	Lavagem Cerebral Gabriel O Pensador
Twist And Shout Chaka Demus e Pliers	Engenho de Dentro Jorge Ben Jor
Look Who's Talking Dr. Alban	Bad Boys Inner Circle
Love Changes MK Foot Alana	O homem que sabia demais Shark

CINEMA EM CASA

HERE	THERE
● Invasão de Privacidade (Su-vo)	● In The Line of Fire (Na Linha de Fogo)
● Dennis, O Penitente (Dennis, The Menace)	● Hard Target (O Alvo)
● Como Agui Pass Chocolate (Como Agui Pass Chocolate)	● Riskie of the Year
● Lisa de Fall (Bete: Moon)	● Last Action Hero (O Último Grande Herói)
● Fetiche do Tempo (Grounding Day)	● The Firm (A Firma)
● Inochina (Inochina)	● The Man Without a Face (O Homem Sem Cara)
● Vencor ou Morrer (Nowhere to Run)	● Sleepless in Seattle (Sintoma de Amor)
● O Atrador (Sniper)	● The Program
● Robozon 3 (Robozon 3)	● The Secret Garden (O Jardim Secreto)
● A Assassina (The Assassin)	● House Pocus (Abracadabra)

LEITURA DINÂMICA

THERE	HERE
Declaração ao Cupido - Scott Turow	O Flaco - Noah Gordon
O Dossê Pelicano - John Gisham	Memorial de Maria Moura - Rachel de Queiroz
Uma Fortuna Perigosa - Ken Follet	Favela High-Tech - Marco Lacerda
Xamã - Noah Gordon	O Sucesso não Doime Por Acaso - Lar Ribeiro
Crazy Cock - Henry Miller	Na Sala com Cerveza - Daniela Lello
Atonetia - John Hersey	Os Camélias Estão na Sala de Jantar - Amelito Jacor
Vale a Pena Vivar - Danielle Steel	Comunicação Global - Lar Ribeiro
Reengenharia - Michael Hammer	Enviagem Comendo - Lar Ribeiro
A Lista de Schindler - Thomas Kenalty	

Figura 104 - States News 07: *Here x There*

Fonte: Diário do Rio Doce, 15 de maio de 1994 (Edição 17)

Os temas diversos que não estão diretamente ligados à comunidade brasileira também são noticiados, afinal são assuntos que os ajudam a ficar no dentro do que está acontecendo

no país de origem – entre as pautas está o esporte, infra-estrutura, saúde, política local, economia, para que os brazucas possam acompanhar o dia-a-dia do Brasil.

O esporte, em especial o futebol, considerado paixão nacional pelos brasileiros, ganhou uma página especial e uma coluna com notas variadas, o *Sports News*. O futebol mineiro ganhou destaque, com notícias sobre os times e as competições, com ampla cobertura sobre o time de Governador Valadares – o Democrata. As competições, envolvendo imigrantes em solo norte-americano, também foram divulgadas, destacando os atletas brasileiros que fazem sucesso no exterior.

A questão dos investimentos também ganhou espaço privilegiado, afinal grande parte dos brazucas pretende juntar dinheiro para investir no Brasil, mais especificamente, na cidade onde nasceram. Nessa seção, os jornalistas trazem indicadores econômicos e as expectativas do mercado imobiliário, além de listar os setores mais lucrativos para os brazucas direcionarem seus investimentos.

Outro detalhe que não pode ser deixado de lado são as propagandas que ocupam boa parte do suplemento. Os empresários entendem que a comunidade brazuca é um consumidor em potencial, assim como suas famílias, que recebem as remessas. Por isso, há muita publicidade, principalmente relacionada à construção civil, agências de turismo e concessionárias de veículos.

Além dos anúncios, são várias as propagandas anunciando lojas brasileiras nos Estados Unidos nos mais diversos segmentos, tais como: bares, lojas de roupa, salões de beleza, supermercados, entre tantos outros. Esses anúncios evidenciam a existência de um forte mercado étnico. Um exemplo é a área central de Framingham, que foi revitalizada pelos imigrantes e possui vários negócios de brasileiros.

De acordo com Almeida (2003), uma economia é definida como étnica quando o empreendimento, proprietários e trabalhadores pertencem à mesma etnia. É possível ampliar o conceito de economia étnica para englobar os locais de trabalho em que trabalhadores de uma mesma etnia falam sua língua natal em lugar do idioma local. O conceito de enclaves de imigrantes foi introduzido inicialmente por Wilson e Portes (1980) e deriva do conceito de enclave de economia étnica.

O enclave étnico tem duas características: definição espacial e existência de numerosas empresas de propriedades de imigrantes que empregam trabalhadores da mesma etnia. Ou seja, consiste em grupos de imigrantes concentrados em uma localização e que

organizam uma variedade de empreendimento, servindo o mercado de sua própria etnia e/ou a população de um modo geral. (PORTES, 1981).

ISTO É BRASIL
Travel service

O único agente autorizado vige de viagem em Bridgeport, venda de passagem e envio de dinheiro para toda a América Latina, flitas do Brasil, Up date, SBT, M9X, Brasil videos. Agora em novo endereço. 2366, Main St. Bridgeport CT - Fone: (203) 336-4497 - Direção de Cleber e Aninha.

GRÃ-DUQUESA
LOTES PARTE NOBRE do bairro totalmente urbanizados: água, esgoto, luz e calçamento.

Pequena entrada e 12 prestações **SEM JUROS**

VENDAS E INFORMAÇÕES: MILTON IMÓVEIS
AV. MINAS GERAIS, 278 - 1º ANDAR - SALA 5
FONE: 271-6011 - CRECI: 1788

uma comida superdeliciosa preparada pelo mestre cuca Omero. Todos os dias pratos
linguicinha de porco ou então passe no 301 White St., em Danbury.

LOU'S HAIR STYLING

1961 Main Street
Bridgeport, CT 06604
Fone: (203) 333.5652

Flabiense Supermarket.

Onde você encontra todo tipo de produtos do Brasil: Carne seca, Trigo para quibe, Polvilho doce e azedo, Farinha de mandioca, Panela de Pressão, Café do Brasil, Palmito, Guaraná Antartica e muitos outros produtos. Venha nos visitar, 595 Grand Street, Bridgeport CT. Fone (203) 333.1945, Aberto de segunda a segunda de 6.00 hs AM às 8.00 PM aos domingos de 7.00 hs AM às 13:00 PM.

Figura 105 – States News 08: Comércio Étnico

Fonte: Diário do Rio Doce, 22 de outubro de 1995 (Edição 49)

Outra seção do suplemento que ganhou destaque foi a coluna Perfil. Em cada edição, o jornalista entrevista um emigrante que conta sua trajetória, desde quando decidiu emigrar pela primeira vez. Grande parte das histórias se assemelham, tendo um começo difícil e um final compensador, sendo que eles se sentiam vitoriosos. As falas traduzem uma admiração pelo país de destino, mas enfatizam a dureza da vida e os trabalhos pesados. A maioria dos entrevistados se enquadra no perfil “Fazer a América”, pois emigraram, melhoraram o padrão de vida e investiram no Brasil.

A Coluna Cristã era o espaço do *States* destinado a tratar de assuntos religiosos. Com reflexões sobre os ensinamentos de Jesus, os textos traziam mensagens otimistas para acalantar e renovar as esperanças e forças dos imigrantes. A publicação dessa coluna reforça a importância da religião para a socialização e amparo dos brasileiros no exterior.

Como destaca Martes (1999), os deslocamentos populacionais envolvem perda, inquietação e desamparo. Como consequência, as igrejas se transformam em espaços de sociabilidade, pois além da pregação há um intenso trabalho de ajuda pessoal. A rede

religiosa é essencial para a inserção do imigrante na comunidade. Independentemente da afiliação, a igreja é considerada um “espaço protegido”, em que existe respeito e confiança.

Um dos maiores desafios enfrentados pelos valadarenses, quando chegam aos Estados Unidos, é o idioma. Como a maioria não sabe falar inglês, enfrenta muitos problemas de adaptação. Conforme analisa Fusco (2007), o conhecimento idiomático está diretamente relacionado às possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Aquele que não domina o inglês tem mais dificuldade de se inserir no mercado de trabalho com ganhos maiores. Por isso, o *States News* lançou a coluna *English Talk* com dicas práticas sobre a língua inglesa que visam a facilitar a comunicação e, conseqüentemente, a inserção do emigrante na sociedade norte-americana.

ENGLISH TALK - APRENDENDO INGLES
 Tony Dinize João Marcos de Almeida
 American English - Fone: (033) 271-5492
 Avenida Brasil, 2.812

Necessidade e precisão

Há pelo menos dois modos concorrentes para se expressar necessidade em inglês. Embora não haja na língua inglesa termos distintos para nos referirmos a necessidade cotidiana, evitável, em contraposição à necessidade lógica, inescapável, podemos sempre optar por **must** ou por **have to**, no tempo presente, para indicar que uma ação ou condição é necessária. Preferiremos contudo o “**have to**” ao tratarmos do dia-a-dia, e o “**must**” ao indicarmos um sentido mais forte, uma obrigação irrecorrível. Veja:

You **have to** stop at a stop sign. I **have to** get up early tomorrow.
 He **has to** pick up his sister. I **have to** stay home and study.

Engineers **must** study Calculus.
 People **must** obey the laws.

Oralmente, as pessoas algumas vezes preferem usar *have got to* ao invés do mais simples *have to*.

I've really **got to** leave now. It's late.
 They've **got to** buy a new car. Their old car doesn't run anymore.

Para expressar esta mesma necessidade em tempos já idos, use **had to** + a forma simples do verbo principal.

Thirty years ago, engineers had to **use** big calculators.
 When the business closed, she had to **find** a new job.

Agora, mãos à obra, vá para o espaço. Use **must**, **have (has) to**, ou **had** nas sentenças seguintes. Em algumas delas pode haver mais de uma alternativa correta.

- To become an astronaut today, you **have to** have background in science or engineering.
- All astronauts _____ be in good physical shape.
- The first astronauts _____ have plenty of courage. No one was sure that space travel was possible.
- John Glenn, the first American to orbit Earth, had trouble with automatic controls on his spacecraft. He _____ control the spacecraft manually.
- The first astronauts _____ be under the age of 40.
- When the first men came back from the moon, they _____ stay away from other people. They _____ live in a special building for three weeks.
- Today, not all crew members of the space shuttle _____ have a pilot's license.
- Engineers _____ find a way to prevent the space capsule from burning up when it reentered Earth's atmosphere.
- Because they live in a weightless environment, astronauts _____ learn how to float in space.
- To go into orbit, a satellite _____ reach a speed of 7,8 kilometers per second.

**João Marcos de Almeida
 Tony Marle Diniz Bicalho**

Figura 106 – States News 09: *English Talk*

Fonte: Diário do Rio Doce, 27 de abril de 1997 (Edição 83)

A questão entre Governador Valadares e a imprensa em geral também ganhou espaço no *States*. Em diversos textos publicados no suplemento, os jornalistas destacam a forma pejorativa com que a mídia nacional retrata a relação entre a cidade e o fenômeno migratório. Na edição 93, publicada no dia 28 de setembro de 1997, os repórteres do *States* fazem uma crítica aos jornalistas que exploram negativamente a imagem da cidade.

Em outro texto, intitulado *GV é transformada em vilã pela imprensa brasileira*, publicado no dia 24 de outubro de 1993, a cidade é definida como o bode expiatório, focalizada criminalmente nas manchetes da mídia nacional, pois os jornalistas tendem a relacionar todos os casos envolvendo migração indocumentada com Governador Valadares. Os repórteres do *States News* se mostram indignados e pedem que haja mais respeito e cuidado na hora de apurar e veicular as informações.

Essa representação também já foi encontrada no *Diário do Rio Doce*. Diversas vezes, os jornalistas criticaram a postura da imprensa nacional ao construir uma imagem negativa acerca da cidade, porém, essa imagem também aparece na mídia local. No caso do *States News*, a situação é um pouco diferente. As menções negativas (falsificações, por exemplo) são mais esporádicas, pois o foco do suplemento é a comunidade brasileira. As matérias têm um foco mais comportamental, com temas mais leves e muitas seções voltadas para a prestação de serviço.

Já a imagem do emigrante herói, tão difundida nos primeiros anos da emigração dos valadarenses, também foi cultuada nas páginas do *States News*. Em um editorial publicado na edição 93, no dia 24 de outubro de 1998, os emigrantes são definidos como desbravadores, que mostram sua bravura e seu espírito guerreiro em terras longínquas. Segundo o autor, os valadarenses superam as adversidades e mantêm vivos os laços com a terra natal.

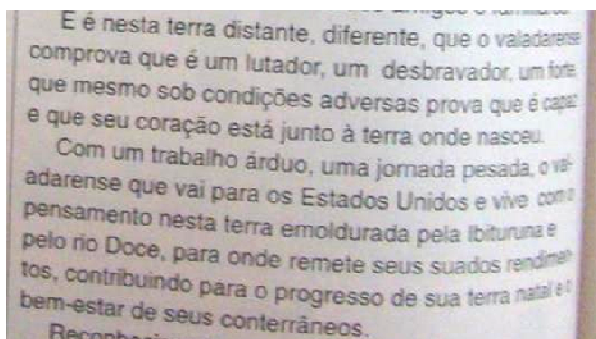


Figura 107 – States News 10: Desbravadores

Fonte: Diário do Rio Doce, 28 de setembro de 1997 (Edição 93)

Porém, em algumas ocasiões o *States News* também traz uma imagem estigmatizada da emigração. Assim como o *Capitão Dólar*, cujo conteúdo foi analisado no item 3.1, o suplemento trouxe uma seqüência de tiras jornalísticas, que narram as histórias de dois imigrantes trabalhando nos Estados Unidos: *Big Boy* e *Fininho*. A primeira tira foi veiculada na edição nº 112, no dia 09 de agosto de 1998.



Figura 108 – States News 12: Fininho

Fonte: Diário do Rio Doce, 09 de agosto de 1998 (Edição 112)

Essa tira traz o personagem Fininho, um imigrante com um certo nível de instrução que tinha ambições de se dar bem em solo norte-americano. No entanto, ao chegar no país de destino constatou que a realidade era diferente e seu sonho impossível de ser concretizado. Em lugar de ter um estátua sua em Holywood, como desejava, sua função consiste em limpar as estátuas pelas ruas estadunidenses. Neste ponto, há a desconstrução de um ideal. A imagem da terra prometida ganha uma nova conotação, a partir do momento em que o migrante descobre que pode ganhar mais, porém só terá lugar na franja da sociedade norte-americana.

Já o outro personagem, *Big Boy*, é um homem de baixa instrução que, assim como Fininho, migrou para os Estados Unidos em busca de melhores condições de trabalho e renda. Na tira abaixo, ele supervaloriza o 1º Mundo, pois agora, ao menos tem um *status*, o de imigrante ilegal. Como podemos observar na ilustração, o imigrante aparece sentado em uma poltrona e tomando uma cerveja. A imagem reforça a representação do típico malandro brasileiro, em contraposição ao norte-americano, representado como um cidadão comprometido com seu país e honesto que, sobretudo, não tem preguiça de trabalhar.



Figura 109 - States News 12: Big Boy

Fonte: Diário do Rio Doce, 20 de setembro de 1998 (Edição 115)

Em uma outra tira, os dois personagens aparecem juntos, desta vez, tentando escapar dos agentes da imigração. Para fugir, eles são capazes de ficar pendurados, pelo lado de fora da janela de um edifício. Ou seja, a tira retoma a representação daquele emigrante destemido que, para conseguir “Fazer a América”, é capaz de arriscar a própria vida. As tirinhas, porém, só circularam em cinco edições.



Figura 110 – States News 13: Big Boy e Fininho

Fonte: Diário do Rio Doce, 23 de agosto de 1998 (Edição 113)

Apesar de os emigrantes serem muito celebrados nas páginas do *States*, o suplemento também retratou as conseqüências da emigração. Diversas reportagens especiais deram ênfase a pesquisas acadêmicas, definindo a questão como um “assunto sério”. Os textos têm um tom semelhante. As abordagens giram em torno das privações, dos empregos pesados, da dor da separação, das dificuldades de readaptação no país de destino, da depressão. O mesmo país, outrora definido como a salvação, agora é um “sonho que destrói as famílias” (*States News*, 20 de fevereiro de 1994 – Edição 12). Essa representação desmitifica a imagem superpositiva atribuída, diversas vezes, aos Estados Unidos e à emigração de valadarenses.



Figura 111 – States News 14: Dólar x Filhos

Fonte: Diário do Rio Doce, 29 de janeiro de 1995 (Edição 33)

Em outro texto, publicado no dia 02 de fevereiro de 1997 (Edição 77), o jornalista afirma que não vale mais a pena emigrar, pois a “América” não é a mesma de antes. De

acordo com o autor, já não é possível fazer planos contando com os dólares norte-americanos, pois o cerco está fechado para os indocumentados e os empregos já não são tão abundantes.

No entanto, há muita contradição. Enquanto um edição afirma que o sonho está se convertendo em pesadelo, em outra os Estados Unidos são definidos como o país em que a “sorte está ao alcance de todos”. Apesar das adversidades, o jornalista destaca que o sonho de fazer a América ainda faz parte do imaginário de muitos valadarenses, que pretendem voltar à terra natal com a mala repleta de dólares. (*States News*, 28 de junho de 1998). Estas representações são confusas, pois há, ao mesmo, uma positivação e uma negatização da emigração.

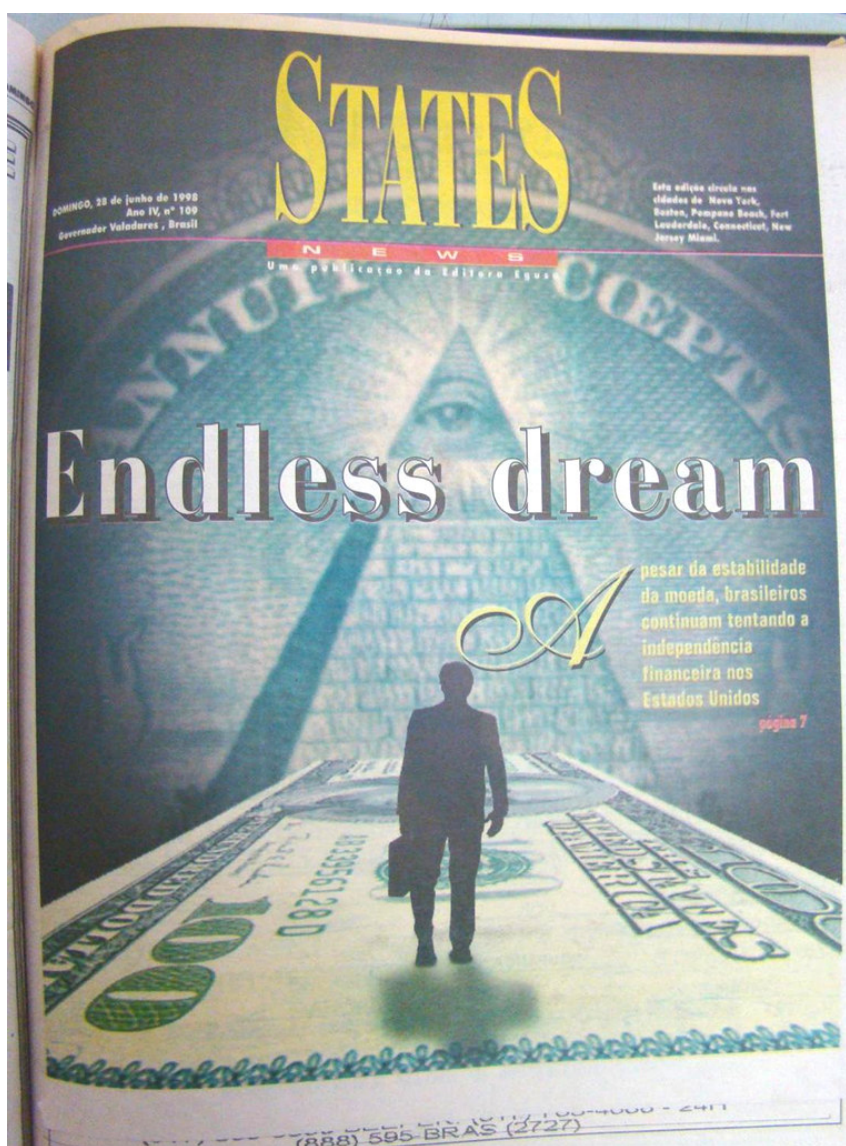


Figura 112 – States News 15: *Endless Dream*

Fonte: Diário do Rio Doce, 28 de junho de 1998 (Edição 109)

A questão dos problemas no retorno foi bastante explorada no *States*. Como já destacamos anteriormente, a volta é sempre marcada pelo estranhamento e o processo de adaptação é complexo. Siqueira, Dias e Assis (2010) compreendem que existem tipos diferenciados de retorno. Um deles, que nos interessa no momento, é o continuado. Essa categoria de retornados não consegue se readaptar, fracassa em seus investimentos e acaba reemigrando. Muitas vezes isso não acontece apenas uma, mas várias vezes.

Este é um dos aspectos perversos da emigração, o sujeito perde a identidade com sua origem e não estabelece um espaço social no destino. (...) A trajetória de sofrimento nessas idas e vindas não se torna visível socialmente, pois o insucesso do negócio, a angústia de viver no *entre lugares*, a esquizofrenia de viver essa dualidade de insatisfação em qualquer lugar que esteja, ou seja, viver sempre na perspectiva de que o lugar do qual se ausenta é melhor, não é explicitado e visível socialmente. (SIQUEIRA, DIAS, ASSIS, 2010, p. 6)

O *States News* como suplemento circulou pela última vez no dia 20 de dezembro de 1998. Ao todo, foram 121 edições nesse formato, envolvendo um expressivo número de colaboradores tanto no Brasil quanto nas cidades norte-americanas. Na ocasião, a equipe divulgou uma nota explicando que o suplemento “entrou de férias” para passar por uma reformulação, que estava acontecendo em todos os setores do *Diário do Rio Doce*. O editorialista salientou a importância do *States* como um eficiente instrumento de ligação entre os imigrantes e seus familiares, encurtando a distância entre os países.

No entanto, o período de férias se estendeu. Nos dois anos seguintes não houve circulação. No dia 1º de abril de 2001, o *State News* voltou, mas com um formato diferente. Ao invés de um jornal independente, agora se resumia a uma página semanal⁵⁰, veiculada todos os domingos como uma editoria⁵¹. O *States* também ganhou uma página na internet⁵².

A partir do novo formato, o *States* passou a contar com uma coluna de notícias variadas, com temas de interesse dos imigrantes; uma coluna social, focada no estado de Massachussets; uma coluna de entretenimento, com dicas de filmes; e a coluna Território, com pequenas notas informativas, abordando assuntos variados sobre o Brasil e os Estados Unidos. As colunas eram elaboradas pela equipe do jornal *Brazilian Press*⁵³ de

⁵⁰ O Diário do Rio Doce tem formato Standard, ou seja, 29,7 cm de largura x 52 cm de altura. Este também era o tamanho da página do novo *State News*, que ocupava uma folha inteira.

⁵¹ As editorias, ou cadernos, são os eixos temáticos que dividem o jornal. Um exemplo são os cadernos de esporte, política e polícia. No caso do Diário do Rio Doce, após 2001, o “*States News*” deixou de ser um suplemento e passou a ser um caderno temático com circulação semanal.

⁵² <http://www.drd.com.br/statenews>. Este era o endereço eletrônico do “*States News*”, porém a página já não está mais disponível.

⁵³ O *Brazilian Press* é um jornal étnico fundado no ano de 1997 por imigrantes para atender a comunidade brasileira.

Massachussets, nos Estados Unidos e reproduzidas no *Diário do Rio Doce*. É importante destacar, no entanto, que a editoria não tinha uma formato muito rígido, às vezes circulava com apenas duas ou três colunas.

Até meados de 2003, as colunas sociais tiveram espaço de destaque, no entanto, ao final desse mesmo ano, o foco do *States* passou a ser as notícias factuais diretamente relacionadas à migração, tais como: falsificações, deportações e remessas. Aos poucos, o *States* começou a perder espaço e a recuar, deixando de ocupar uma página inteira, passando para meia ou até mesmo $\frac{1}{4}$ de página. A editoria foi veiculada pela última vez em 21 de novembro de 2004 e saiu de circulação, sem maiores explicações.

De forma geral, assim como os jornais étnicos produzidos por imigrantes⁵⁴, o *States* cumpre com a função de apresentar ao imigrante a realidade norte-americana, ao mesmo tempo em que o mantém informado sobre os acontecimentos no país de origem. Além disso, há diversos canais de prestação de serviço, que fortalecem o elo entre os dois territórios. No entanto, é dado espaço privilegiado às colunas sociais, que conferem um certo *glamour* aos migrantes, mascarando muitas vezes suas reais condições de trabalho e moradia. Esse território midiático de análise traz, em alguns momentos, representações contraditórias, pois ao mesmo tempo apresenta a emigração de forma positiva e negativa.

⁵⁴ Na verdade, existem vários jornais produzidos por brasileiros nas comunidades de brasileiros nos EUA. Contudo, o *States News* tinha um significado diferenciado, pois representava a notícia vinda da origem, já que era produzido no Brasil, diferentemente dos outros jornais étnicos, que são elaborados por emigrantes e confeccionados no país de destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilidade populacional faz parte da história da humanidade, porém as migrações internacionais, independentemente da época, levam desafios para os países e as sociedades, nos âmbitos local, regional e internacional. No entanto, em cada contexto esses desafios se configuram de forma diferente. Esses movimentos populacionais são essenciais para a compreensão da formação das sociedades e das identidades culturais. No Brasil, por exemplo, a chegada dos portugueses, espanhóis, alemães e italianos provocou alterações na estrutura social, econômica e demográfica do país, e tiveram papel importante no processo de formação da população e do território nacional.

Porém, até o início do século XX a migração não era compreendida como um problema sociológico, pois para os estudiosos era algo natural, que fazia parte do processo de desenvolvimento do capitalismo. A questão só passou a ocupar espaço na agenda de discussões acadêmicas, após o crescimento acelerado do fluxo e suas conseqüências na América e na Europa.

Dentre as principais vertentes explicativas sobre o fenômeno da migração destacam-se a neoclássica, diretamente relacionada com o viés econômico; a histórico cultural, referente às condições estruturais oferecidas para os imigrantes; a teoria das redes sociais, em que há um canal de interação entre origem e destino, e a idéia da transnacionalização, em que o imigrante, mesmo à distância, preserva os valores da terra natal, remodelando o espaço no qual vive – sendo, portanto, um cidadão dos dois lugares.

Com as transformações geradas pelo capitalismo, os movimentos migratórios internacionais ganharam novos contornos, em um cenário de profundas transformações econômicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas. Nessa nova lógica, o Brasil começa a se transformar em um país de emigração, após uma tradição de recepção de imigrantes que começou ainda no século XVI, com a chegada dos colonizadores portugueses.

Desde o início do movimento de brasileiros em direção aos países de primeiro mundo, os Estados Unidos são o principal receptor. De fato, esse país se transformou no destino de um expressivo volume de brasileiros, sendo que um número significativo entra no território norte-americano de forma indocumentada. Esses migrantes conseguem emprego no mercado secundário de trabalho, exercendo funções não qualificadas que, ao contrário do que

aconteceria em seus países de origem, propiciam uma renda maior com possibilidade de formar uma poupança em menos tempo.

Entre os brasileiros emigrantes destacam-se os oriundos de Governador Valadares, cidade que iniciou o fluxo em direção à terra do *Tio Sam*. Ainda nos anos de 1960, munidos de informações obtidas por intercambistas, jovens de classe média emigraram com o objetivo de fazer a América, ou seja, trabalhar, ganhar dinheiro, voltar e investir no país de origem. Pioneiros, eles formaram os primeiros pontos da rede social que interliga os dois países.

A partir dos anos de 1980 o movimento esporádico ganhou característica de fluxo e passou a chamar a atenção da mídia local, nacional e internacional. Aos poucos, a questão ganhou visibilidade. Porém, as notícias veiculadas pelos meios de comunicação privilegiam a informação imediata, não havendo, portanto, o aprofundamento analítico necessário com relação a processos com alto grau de complexidade, como é o caso do fenômeno migratório.

Para melhor entendimento, são necessárias algumas considerações. Quando falamos em comunicação de massa, é essencial compreendermos a produção de notícias como um processo social, que cria representações da realidade, construindo um território simbólico. A notícia é uma construção social, pois ao mesmo tempo em que os sujeitos protagonizam os acontecimentos no mundo real, eles os ressignificam através dos veículos de comunicação. (GAMA E DADALTO, 2009)

Assim, compreendemos que a notícia não é um espelho dos fatos, mas uma representação. Ou seja, não é nem a cópia do real, nem do ideal, nem a parte objetiva do sujeito e nem a parte subjetiva do objeto. Na verdade, a representação é o processo através do qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. (SÊGA, 2000).

Ao mencionar que o jornalismo constrói um território simbólico, é importante salientar que território e espaço não são termos equivalentes. Na realidade, como destaca Raffestin (1993), o território é entendido como o espaço socialmente apropriado, produzido, dotado de significado e marcado por relações de poder. A partir desse conceito, o jornal pode ser compreendido como um território que cria representações em um determinado contexto.

No mundo globalizado, marcado pela fragilização das fronteiras geográficas, a informação se tornou fundamental, pois ela é o elemento integrador, capaz de conectar as diferentes partes do território. Por isso, é importante compreender de que forma o fenômeno migratório aparece representado no território de interação social que é o jornalismo.

Na mídia nacional é construída uma imagem estereotipada dos valadarenses. As notícias, elaboradas sem preocupação com o contexto, trazem informações pontuais e fragmentadas, que distorcem a relação entre a cidade e o fenômeno migratório. Sem levar em consideração a conjuntura, a cidade acaba fadada como uma terra sem oportunidades, cuja única alternativa para uma sobrevivência mais digna é embarcar rumo aos Estados Unidos.

Na mídia local, que compreende nosso território midiático de análise, o tema ganha ainda mais destaque. As primeiras menções surgem ainda nos anos de 1960, que marcam o início do fluxo. Nessa década, é dado destaque às ações do Rotary Clube e a ida de bolsistas para fazer intercâmbio nos Estados Unidos. No retorno à terra natal os estudantes eram aclamados como heróis, que tiveram a oportunidade de conhecer o maior país do mundo. Não apenas por essa circunstância, mas em diversas outras o país norte-americano era cultuado como um lugar privilegiado.

Percebe-se que, os jornalistas criam uma representação sempre positivada dos Estados Unidos em detrimento ao território de origem - as citações ajudam a fortalecer no imaginário popular a idéia dos Estados Unidos como a terra das grandes oportunidades. As adjetivações constantes sinalizam a subjetividade dos jornalistas que não poupam elogios ao se referirem àquele país e à postura dos norte-americanos, que são representados como cidadãos exemplares, que prezam pela ética e os bons costumes.

No ano de 1965 surgem as primeiras menções aos valadarenses trabalhando no estrangeiro. No entanto, os repórteres parecem ignorar as condições precárias de trabalho dos brasileiros. Conforme destacamos, os imigrantes executam serviços não qualificados no mercado secundário. Mas nas páginas do *Diário do Rio Doce* eles eram vistos sempre sorrindo e em momentos de descontração.

No jornal, é dada ênfase apenas ao lado positivo da emigração, com destaque para a facilidade de conseguir trabalho, a boa remuneração e a qualidade de vida. Nessa primeira década de análise, a empreitada migratória é representada como algo benéfico e as conseqüências para o indivíduo migrante, seus familiares e o território de origem são deixadas de lado pelos jornalistas.

Na década seguinte, 1970, os bolsistas continuam tendo espaço, mas a questão dos trabalhadores emigrantes começa a ganhar cada vez mais espaço. Porém, grande parte das menções está nas colunas sociais. O país norte-americano continua sendo representado como o lugar ideal. As referências aos emigrantes giram em torno dos acontecimentos sociais e não

mencionam a dura jornada de trabalho dos imigrantes. O jornal transmite a impressão de que emigrar é bem mais simples do que parece, pois o ônus da empreitada não é citado. Mais uma vez, verificamos uma representação positivada da emigração.

No *Diário do Rio Doce*, as comparações entre os dois países são constantes nas duas primeiras décadas. Enquanto o povo norte-americano é caracterizado pela educação e a disciplina, os brasileiros são associados à irresponsabilidade. Seja de forma direta ou indireta, os textos despertam nos leitores a curiosidade em conhecer aquele lugar diferente em que, ao contrário do Brasil, tudo parece funcionar conforme as regras. Nesse ponto, observamos, mais uma vez, que há uma representação que valoriza o estrangeiro e inferioriza o local.

Em meados dos anos de 1970 começam a aparecer, de forma superficial, menções às irregularidades envolvendo valadarenses, tais como a falsificação de passaportes, a venda de empregos e a imigração indocumentada. Gradativamente, a repetição dessas temáticas ajuda a criar uma imagem negativa dos valadarenses, que passam a ser associados a esquemas ilícitos envolvendo a imigração. Além disso, a cidade acaba fadada como um lugar incapaz de criar alternativas de sobrevivência para seus moradores, que são obrigados a deixar a terra natal.

A partir daí, começa a ser criada uma representação criminalizada e estigmatizada dos emigrantes e do território valadarense. No entanto, é conveniente destacar que a imagem negativa é associada ao valadarense e não ao norte-americano ou à emigração, que continua sendo representada como algo positivo e que traz desenvolvimento para a origem.

Na década seguinte, 1980, o número de menções ao tema cresceu tanto quando o fluxo de emigrantes para os Estados Unidos. De 97 citações em 1960 e 122 em 1970, os seguintes 10 anos registraram 776 vezes questões referentes à migração. Além das notícias, merece atenção especial a proliferação da publicidade relacionada aos cursos de inglês e agências de turismo na cidade, o que evidencia o interesse da população pela emigração. Em alguns casos, mesmo sendo um esquema ilícito o jornal publicou anúncios oferecendo pacotes de viagens para os Estados Unidos, via fronteira mexicana.

A crise econômica enfrentada pelo Brasil foi um dos assuntos mais pautados pela publicação. A base de comparação sempre eram os Estados Unidos. Enquanto no país de origem os trabalhadores enfrentavam a hiperinflação, os jornalistas mencionavam a estabilidade da economia norte-americana, considerada um exemplo para o resto do mundo.

Em nota publicada no dia 07 de junho de 1981, o texto sugeria aos brasileiros o aeroporto como a única saída para burlar a crise. Apesar de o texto ter sido publicado em uma

seção especializada em humor, essa parecia ser mesmo a idéia dos jornalistas. As constantes críticas traziam uma representação do Brasil como um país sem solução, estimulando a saída das pessoas em busca de melhores condições de vida em outros países.

A partir da segunda metade dos anos de 1980, a questão da imigração indocumentada, definida como clandestina pelo *Diário do Rio Doce*, passou a ocupar cada vez mais espaço no noticiário local. Os textos, redigidos em tom irônico, associavam, de forma generalizada, os valadarenses às atividades ilícitas e a cidade a um centro de confecção de documentos falsificados. O espaço que os valadarenses ocupavam na coluna social agora se transfere para as páginas policiais - a representação *glamourizada* das décadas anteriores agora dá lugar à construção de uma imagem negativa, criminalizada.

Não podemos negar que, de fato, existia na cidade uma rede facilitadora para a emissão de passaportes frios e outros esquemas semelhantes. O grande problema são as generalizações. A forma como a mídia expõe a questão nos transmite a idéia de que a maioria da população está envolvida nesses casos. Ou seja, no jornal local o território de origem, como um todo, é representado de forma extremamente depreciativa, assim como seus moradores. Dessa forma, a mídia valadarenses ajuda a reforçar o estereótipo negativo de Governador Valadares.

A década de 1990 apresenta temas semelhantes aos publicados nos anos anteriores. Nos 10 anos, também ganharam destaque especial a questão dos crimes envolvendo brasileiros nos Estados Unidos e a questão das remessas. Na hora de fazer referência ao dinheiro que chegava do estrangeiro, os repórteres supervalorizavam o dólar, que era considerado a mola propulsora para o desenvolvimento local. O “dinheiro verde” era representado como a melhor alternativa para a cidade. O jornal apostava nessa tendência, tanto que reproduzia em suas páginas o apelido *Valadólares* – menções que trazem uma representação de dependência dos valadarenses com relação às remessas.

De fato, as remessas foram importantes para o crescimento de Governador Valadares, em especial no setor da construção civil. No entanto, o dólar não pode ser definido como um ciclo econômico, já que apesar da importância a cidade não era totalmente dependente das remessas. Se o dinheiro parasse de chegar, certamente muitas famílias teriam reduzidos seus ganhos, mas não era o caso de toda a população. A representação das remessas como algo positivo não evidencia os aspectos negativos do fenômeno da emigração como a elevação de preço dos bens e serviços no local de origem.

A questão das remessas e do investimento em imóveis na terra natal reforça a existência de um elo que entrelaça origem e destino. Apesar de estarem distantes geograficamente, os imigrantes ainda mantêm viva a ligação. É importante salientar que o emigrante é um indivíduo marcado pela territorialização. Ou seja, quando ele deixa a origem, ele busca reconstruir seu território no destino e vice-versa. No entanto, enquanto algumas coisas são deixadas de lado, outras são apropriadas, assinalando um processo de territorialização e desterritorialização, construindo territórios híbridos, em que as territorialidades se conectam.

A discriminação sofrida pelos valadarenses foi mencionada em diversas ocasiões. Os textos mostravam a indignação e a revolta de várias pessoas que não conseguiam visto para embarcar, devido ao estigma associado à cidade. Entretanto, apesar de narrar essas histórias de descontentamento, a mídia, inclusive o *Diário do Rio Doce*, como apontamos por várias vezes, ajuda a reforçar o estereótipo da cidade com representações negativas e generalizações. Tanto é que o jornal sempre destacava, de forma irônica, que o jeitinho valadarense superava qualquer barreira imposta pelo Governo Norte-Americano.

Em alguns casos, os jornalistas locais se empenharam em tentar reverter a imagem estigmatizada associada à cidade, em especial nos textos de cunho opinativo, e se posicionava contra quando outros meios de comunicação mencionavam negativamente a cidade. Porém, estes textos que representavam os valadarenses de forma positiva, definindo-os como um povo guerreiro e trabalhador, apareciam esporadicamente.

Convém destacar, entretanto, que a representação marginalizada do brasileiro criada pela imprensa não condiz com a imagem que os norte-americanos têm dos migrantes oriundos do Brasil. Ao contrário dos hispanos, nos Estados Unidos, os brasileiros são reconhecidos e valorizados pelos nativos como um povo batalhador, honesto e dedicado.

Nos anos 2000 há a veiculação de materiais e reportagens mais contextualizadas, com abordagens comportamentais, que tratam as conseqüências do fenômeno migratório de forma mais lúcida e com referências aos trabalhos acadêmicos sobre o tema. As ações desenvolvidas pelo poder público e a sociedade civil em prol dos emigrantes também ganharam a pauta do *Diário do Rio Doce*, indicando uma nova representação midiática do fenômeno migratório, agora mais consciente e menos pautada pelo senso comum.

Apesar do novo foco, as representações negativas sobre o território de origem continuaram tendo espaço. As notícias envolvendo a prisão de valadarenses eram redigidas de forma irônica, com destaque para a frequência de vezes que isso acontecia. De acordo com os textos, essas prisões não eram mais nenhuma novidade; exceção seria uma manchete positiva envolvendo um cidadão de Governador Valadares e região. A partir das representações construídas pela mídia local, a cidade e os seus habitantes eram associados à delinquência.

O “sonho americano”, que coloria as páginas do *Diário do Rio Doce* em décadas anteriores, já parecia não ser tão atrativo em meados dos anos 2000. Em diversas matérias, os jornalistas afirmaram que a situação no país de destino já não estava tão boa, sobretudo a partir de 2005, quando a crise econômica começou a chegar ao país norte-americano. Após a explosão da bolha imobiliária, o desemprego crescente e o rebaixamento dos salários fizeram com que muitos valadarenses fossem obrigados a retornar para a cidade de origem.

Uma das questões mais citadas foram os prejuízos que a crise norte-americana geraria em Governador Valadares. Nas representações, o jornalista parecia ignorar a boa fase da economia brasileira e focava sua atenção para o mercado norte-americano, como se os dólares fossem responsáveis pela manutenção e o desenvolvimento da economia local - sustentando a idéia de que a cidade dependia dos dólares para sobreviver.

Certamente, muitos valadarenses cujas famílias residiam nos Estados Unidos sentiram na pele os efeitos da crise, pois a redução no envio das remessas fez com que o poder aquisitivo fosse reduzido. Além dos prejuízos econômicos o retorno precipitado trouxe inúmeras conseqüências. Ao voltar, o emigrante é acometido pelo estranhamento, pois ele já não reconhece seu território de origem, já que nem o lugar e nem ele são os mesmos de antes. Essa dificuldade de readaptação é mencionada de forma superficial pelo jornal, que prioriza o enfoque econômico, representando a emigração sob uma ótica financista.

Na dissertação também foram analisadas as charges e as tirinhas – a representação bem humorada da migração. Apesar da ironia dessas publicações elas trazem uma mensagem séria, que exige análise e reflexão. As tiras do personagem *Capitão Dólar* retratam o emigrante retornado como um sujeito ignorante que conseguiu melhorar sua condição financeira, mas não adquiriu capital social, sendo um homem alienado, que inferioriza o território de origem e seus compatriotas.

Nesse ponto, verificamos uma representação diferente daquela encontrada nos textos de cunho informativo, pois o autor das histórias desnuda alguns aspectos que não são

explicitados nas matérias, tais como as condições precárias de trabalho e a representação do emigrante como um indivíduo estúpido.

O enredo das histórias reforça a imagem negativa atribuída ao valadarense, que é associado a esquemas ilícitos e à idéia de que os Estados Unidos são a melhor e quiçá a única alternativa para ele. As charges trazem uma idéia semelhante, reforçando a representação de que a cidade é marcada por uma cultura de emigração para o exterior.

Já o *States News*, mídia transnacional, com circulação nos dois países, cumpria o papel de manter os valadarenses informados sobre o que se passa na terra do *Tio Sam* e os imigrantes por dentro do que acontece no Brasil. Nas páginas do suplemento são privilegiadas as histórias de sucesso, com destaque para as colunas sociais, que trazem os valadarenses em poses irreverentes e noticiam acontecimentos sociais.

As histórias privilegiam aqueles que obtiveram êxito. Entretanto, há algumas matérias especiais, que destacam questões importantes tais como a saudade, a dor da separação de pais e filhos, as dificuldades e a carga de trabalho pesada. Constata-se muita contradição e subjetividade, reduzindo a credibilidade da publicação.

Ao final, podemos afirmar que a mídia local traz representações que reforçam a imagem negativa associada aos valadarenses e reforçada pelos veículos de imprensa em nível nacional e também local. Enquanto isso, na maioria das vezes a emigração para o exterior é representada como a melhor alternativa para o desenvolvimento da região, e suas conseqüências e implicações praticamente são deixadas de lado.

Além disso, há uma nítida supervalorização do estrangeiro em detrimento do nacional. Em algumas ocasiões os jornalistas buscam retratar a questão de forma mais aprofundada e mudar essa imagem. No entanto, as poucas menções positivas e explicativas não são capazes de redefinir o estigma que envolve Governador Valadares e é reforçado pela mídia.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANAQUE DA FOLHA. DINHEIRO/CRONOLOGIA. **Banco de dados da Folha de São Paulo/ Acervo On line.** Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/dinheiro90.htm>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.

AIMEIDA, Érika; SIQUEIRA, Sueli. A influência da emigração internacional na vida escolar dos filhos de emigrantes valadarenses. In: Seminário sobre economia mineira, 14., 2010, Diamantina. **Anais Eletrônicos...** Belo Horizonte: CEDEPLAR, 2010. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2010/D10A027.pdf> Acesso em 10 de novembro de 2010

ALMEIDA, Zenólia Maria. **Fazer a América:** inserção e mobilidade do imigrante brasileiro em uma economia de base étnica. Coronel Fabriciano: Unileste-MG, 2003.

AMATI, P. **Um Sonho Italiano: A Imigração para o Brasil entre 1870 E 1910.** Umuarama, v.13, nº. 1, jan./mar., 2005

AMORIM, Aparecida. **A imagem pública de Itamar Franco na mídia impressa:** Folha de São Paulo, Estado de Minas, Revista Veja. 2002. 152 f. (Dissertação de Mestrado) - Curso de pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

_____. As interfaces entre emigração internacional e religião: um estudo de caso. **Cadernos Neder.** Governador Valadares: Univale, n.2, p.101-116, 2008. Disponível em: <http://www.editora.univale.br>.

AMORIM, Aparecida; DIAS, Carlos Alberto; SIQUEIRA, Sueli. Igrejas protestantes como espaço de sociabilidade e fé para os familiares dos emigrantes em Governador Valadares. **Fronteiras.** Dourados, MS, v. 10, n. 18, p. 251-276, jul./dez. 2008

ARBEX JR, José. A construção do estrangeiro pela mídia. In.: KOLTAI, Caterina [org] **O Estrangeiro.** São Paulo: Escuta / FAPESP, 1998.

ASSIS, Gláucia. **Estar aqui... Estar lá...:** Uma cartografia da emigração valadarenses para os Estados Unidos. 1995. 230 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

_____. Estar aqui..., Estar Lá... Uma cartografia da emigração valadarenses para os EUA. In: SALES, Teresa & REIS, Rossana Rocha – **Cenas do Brasil Migrante,** Boitempo Editorial, 1ª edição, São Paulo, 1999

_____. Estar aqui, estar lá...: uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. **Textos Nepo 41.** Campinas, junho de 2002.

_____. A Fronteira México - Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo as experiências de e/imigrantes em viagens não autorizadas no mundo global. **Cadernos Pagu**. ago - dez 2008.

ASSIS, Gláucia e SIQUERIA, Sueli. Entre o Brasil e os Estados Unidos: as representações de gênero na novela América. In: SILVA, Cristiani B, ASSIS, Gláucia de O. , KAMITA, Rosana. **Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares**. Ilha de Santa Catarina, Editora Mulheres, 2007, p. 167-184.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, ano 17, n.32, maio 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beazzo. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide (Org.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995.

BATISTEL, Silmara Siqueira. **Lula-Lá e o PT em Circulação nas Charges de Angeli, um estudo em Análise Crítica do Discurso**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In. **Pesquisa qualitativa com som, imagem e texto**. 3ª ed. Vozes, Petrópolis, 2004.

BICALHO, José Vitor. **Yes, eu sou brazuca**. Governador Valadares: Ibituruna, 1989.

BOGDAN, Robert. C.; BIKLEN, Sari. Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto. Portugal: Porto, 1994.

BORGES, Maria Eliza Linhares. Representações do universo rural e luta pela reforma agrária no Leste de Minas Gerais. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, n. 47, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a12v2447.pdf>>. Acesso em 12 de dezembro de 2010.

BORJAS, George J. The economic impact of immigration. In: _____. **Friends or strangers**. The economic impact of immigration on the U.S. Economy. New York: Basic Book, 1990. part II, p. 79-198.

BRITO, Fausto. **Ensaio sobre as Migrações Internacionais no Desenvolvimento do Capitalismo**. Revista Brasileira de Estudos da População, São Paulo, v. 12, n. jan/fev, p. 45-67, 1996.

_____. **Emigração e imigração internacional no Brasil contemporâneo**. Campinas: FNUAP, 1995.

CAIADO, A. S. C. A emigração internacional de brasileiros: o sentido da saída. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 87-97. 1997. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>> Acesso em: 10 de setembro de 2010.

CARVALHO, Fernando Cardim de. Entendendo a recente crise econômica global. In: **Dossiê da Crise**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Keynesiana, 2008. Disponível em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb>. Acesso em: 10 de dezembro de 2010.

CORTES, Soraya M. Vargas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. **Cadernos de Sociologia**, UFRGS, Porto Alegre, vol. 9, 1998.

DINIZ, J. Péricles. **O papel do jornal na construção social de identidades**. Salvador, Enecult, 2008.

DOMINGUES, Devani. **Dos Estados Unidos da América para Governador Valadares: Conexões e desconexões**. 2008. 121f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Associação Comercial de Governador Valadares: sessenta anos de história**. Governador Valadares: ACGV, 1999.

_____. Territorialidade em Minas Gerais durante a crise do sistema colonial. **3º Encontro da ANPPAS**. Brasília DF. 2006.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen e OOSTERBEEK, Luiz. Os desafios da gestão Integrada do Território. **Área Domenium**, Portugal/Brasil, v.3,n.3, p. 19-39, fev. 2008.

FAZITO, Dimitri. Análise das redes sociais (ARS) e migração: mito e realidade. In: associação Brasileira de Estudos Populacionais, 13, 2002, Caxambu. **Anais eletrônicos**. Disponível em <http://www.abep.com.br>.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Campinas, v.9, n.1, 1992.

FELIPE-SILVA, Fernanda de Melo; ESPINDOLA, H. S.; GENOVEZ, Patrícia Falco. Memórias da disputa pela terra em governador Valadares sob os olhares de três atores distintos: pai, mãe e filha. In: X Encontro Nacional de História Oral, 2010, Recife. **Anais Eletrônicos**. Universidade Federal de Pernambuco, 2010

FONTANA, R.M.B.; GUEDES, C. Emigrações brasileiras para os Estados Unidos e o impacto das remessas. **Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas**. Seropédica, RJ, EDUR, v. 26, n. 1-2, p. 100-106, jan./dez. 2004.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares**. Campinas: Unicamp, 2000. 117p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas, IFCH, Unicamp, 2000.

_____. Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares. In: **Textos Nepo n. 40**. Unicamp, Campinas. 2002.

_____. **Capital Cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. Tese de doutorado em Demografia, IFCH – Universidade Estadual de Campinas, 2005.

_____. Capital Social e Dinâmica Migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos. **Textos Nepo**, n. 52. Campinas, 2007.

GAMA Ruhani Maia; DADALTO Maria Cristina. **A notícia como construção social no universo jornalístico**. Centro Universitário Vila Velha. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2009.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U. et. al. (Org.). **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Unesp, 1997. p. 73-133.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GONÇALVES, Paulo César. Emigração e desenvolvimento econômico na Europa mediterrânea (Itália, Espanha e Portugal): uma análise comparada (1860-1915). In: Simpósio de Pós-Graduação em História Econômica, 2008, São Paulo. São Paulo. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: www.fflch.usp.br/. Acesso em: 10 de janeiro de 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: Eduff, 1997.

_____. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.

_____. **Migração e desterritorialização**. In Póvoa Neto, H. Ferreira, A. P. (orgs.) Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, USP, 2005. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://mazinger.sisib.uchile.cl/repositorio/ap/arquitectura_y_urbanismo/h2005411114desterritorializacion.pdf> Acesso em: 10 de setembro de 2010.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

IANNI, Otávio. Globalização e diversidade. In: PATARRA, Neide Lopes. (org.). **Migrações internacionais, herança XX e Agenda XXI**. Campinas (SP): FNUAP, 1996.

_____. **A sociedade global**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000

_____. **Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

KOSMINSKY, Ethel V. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. *Rev. Estudos. Feministas*. 2007, vol.15, n.3, pp. 773-804. ISSN 0104-026X. Florianópolis, Santa Catarina. Disponível em: <http://www.scielo.br/>

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994, p. 423-483.

LECHNER, Elsa (2007), “Imigração e saúde mental”, in DIAS, Sónia (org.), *Revista Migrações - - Número Temático Imigração e Saúde*, Setembro 2007, n.º 1, Lisboa: ACIDI, pp. 79-101

LEITE, Joaquim da Costa. *O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914)*. In: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 177-200.

MACHADO, I. J. R.; REIS, E. S. Algumas conclusões a cerca do fluxo de valadarenses para Portugal. **Teoria & Pesquisa**, v. 16, n. 1, 2007, p. 153-166,

MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil**. Imigrantes brasileiros em Nova York. São Paulo: Papyrus, 1994.

MARINGONI, Gilberto. Humor da charge política no jornal. **Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação: Direito à Informação**. 1ª. ed. Campinas: Editora Papyrus, 1986. 152 p

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos**: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTES, Ana Cristina Braga; SOARES, Weber. Remessas de recursos do imigrante. In: **Estudos Avançados**. [online]. 2006, vol.20, n.57, pp. 41-54. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142006000200004&script=sci_arttext> Acesso em: 05 de outubro de 2010

MARTÍNEZ, Elda Evangelina González. *O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis*. In: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1999, p.239 - 271.

MASSEY, D. S. et al. **Worlds in Motion: understanding international migration at the end of the millennium**. Clarendon Press, Oxford. 1998.

MELO, Jair Alcindo Lobo de. **Tiras jornalísticas e ensino: estratégias de leitura do texto icônico-verbal**. 2008, 108f. (Dissertação de Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguística Aplicada do Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, Taubaté, 2008.

MONTEIRO, J. A. R. **Democracia na América? A luta do imigrante para conquistar sua cidadania**. Dissertação de Mestrado-Departamento de Sociologia IFCH/UNICAMP. Campinas-SP, 1997.

NERY, João Elias. **Charge e caricatura na construção de imagens públicas**. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

NICOLAU, Marcos. **Tirinha: a síntese criativa de um gênero jornalístico**. João Pessoa, Marca de Fantasia: 2008.

OLIVEIRA, L. L. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: RJ, 2000.

OLIVEIRA, Neide Aparecida de Arruda; ALMEIDA, Lara Monique O. **Gêneros jornalísticos opinativos de humor: caricaturas e charges**. Janus, Lorena, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006.

PATARRA, Neide L & BAENINGER, R. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, N. L. (coord.) **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo. FNUAP; 1995, p. 79-87.

PATARRA, Neide. Migrações Internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos significados e políticas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n 3, p. 23-33, jul/set. 2005.

_____. Migrações internacionais: teorias políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n.57, p. 7-24, agosto 2006.

PAULA, Ana Clara de e VILARINO, Maria Terezinha Bretas. **O reflexo da migração internacional na vida escolar dos filhos de migrantes**. Disponível em: http://www.univale.br/servicos/downloads/downloads/CADERNO_NEDER_2.pdf. Acessado em 01 de junho de 2010.

PERES, Roberta G. As mulheres na migração internacional: As diferenças nas estratégias de homens e mulheres ao longo da trajetória migratória. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, n. 14, 2004, Caxambu. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://www.abep.org.br>

PIORE, M. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies.** New York: Cambridge University Press, 1979.

PORTES, Alejandro. Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration. In KRITZ, M. et al. (eds.), **Global trends in migration.** New York, Center for Migration Studies, 179-197, 1981

_____. Economic Sociology and the Sociology of Immigration. A conceptual overview. In _____. **The economic sociology of immigration.** Essays on networks, ethnicity, and entrepreneurship. New York: Russel Sage Foundation, 1995, cap. 1, p. 1 - 41.

PORTES, Alejandro, RUMBAUT, Rubén G. Introduction. In: **Immigrant America.** A portrait. Berkeley: University of California Press, 1996. Cap. 1, p. 1-27.

PÓVOA NETO, Helion. A criminalização das migrações na nova ordem internacional. In: Helion Povo Netto; Ademir Pacelli Ferreira. (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios.** 1 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 297-309.

_____. A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 20, n.57, p. 25-39, agosto 2006.

PRATA, José Geraldo Lemos. **Remessas de migrantes e o desenvolvimento: o caso de Governador Valadares.** Governador Valadares: Univale, 2008. Monografia (Pós Graduação) - Curso de Pós-Graduação Euro-Brasileiro de Gestão do território e do Patrimônio Cultural, Universidade Vale do Rio Doce, Minas Gerais, Governador Valadares, 2008.

RABELO, Ernane Corrêa. **A imprensa da saudade: A mídia dos migrantes brasileiros nos Estados Unidos.** 2002. 106f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

_____. Vida e morte de O Combate. In: **5º Encontro da Rede Alcar,** 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ed. Ática, 1993.

REIS, Rossana Rocha. **Construindo fronteiras: políticas de imigração na França e nos Estados Unidos (1980-1998).** Doutorado em Ciência Política, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo.** Maringá: Eduem, 2000

SAKURAI, Célia. Imigração Japonesa para o Brasil: *um exemplo de Imigração Tutelada (1908-1941).* In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina.** São Paulo: EDUSP, 1999.

SALES, Teresa. Novos fluxos migratórios da população brasileira. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 9, n. 1, jan./jul., 1991.

_____. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas questões para pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo. v.9 n.1 jan/jul 1992, p 50-64.

_____. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. O retorno do território. In: **Territorio y movimientos sociales**. Observatório Social de América Latina (OSAL). Ano VI Nº 16, 2005. Disponível em [www. bibliotecavirtual.clacso.org.ar /ar/ libros/ osal/osal16/D16Santos.pdf](http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf)

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. In: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 13, 2000, Caxambu. **Anais Eletrônicos**. Disponível em <http://www.abep.org.br>

SASSEN, Saskia. **The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow**. New York: Cambridge University Press, 1988.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração: ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante**. Travessia, número especial. 2000.

SCUDELER, Valéria Cristina – “Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA” in: SALES, Teresa & REIS, Rossana Rocha – **Cenas do Brasil Migrante**, Boitempo Editorial, 1ª edição, São Paulo, 1999.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000

SILVA FILHO, Alpeniano. Estrangeiros em seu próprio país. **Caderno do NEDER**. Governador Valadares: Editora Univale, v.1, n.2, 2008

SIMAN, L. M. C. **A história na memória: uma contribuição para o ensino da História de cidades**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares** – Sonhos e frustrações no retorno. 2006. 200f. Tese (doutorado em Ciências Humanas – Sociologia e Política) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

_____. O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. **Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevo**. 07 de junho de 2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index5973.html>. Acesso em 15 de janeiro de 2010.

_____. **Mobilidade social: análise comparativa do retorno de brasileiros dos EUA e Portugal**, in PADILLA, Beatriz e XAVIER, Maria (org.), Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina, Outubro 2009, n.º 5, Lisboa: ACIDI, pp. 135-154

_____. Emigração e retorno na perspectiva de gênero. **In: Reunião Brasileira de Antropologia, 2008**, Porto Seguro. 26ª RBA Desigualdade na Diversidade. São Paulo: RBA, 2008a.

_____. Emigração: Retorno e mobilidade social. **32º Encontro Anual da ANPOCS**. GT 25 – Migrações Internacionais. Caxambu, 2008b.

_____. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009a.

_____. **Mobilidade social: análise comparativa do retorno de brasileiros dos EUA e Portugal**, in PADILLA, Beatriz e XAVIER, Maria (org.), Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina, 2009b, n.º 5, Lisboa: ACIDI, pp. 135-154

SIQUEIRA, Sueli, ASSIS, Gláucia de O e CAMPOS, Emerson C. From local to global: configuration of transnational ties between Brazil and the United States. **LASA 2010**. Latin American Studies Congress. 06 a 09 de outubro. Toronto. Canadá, 2010.

SIQUEIRA, Sueli, ASSIS, Gláucia de Oliveira, DIAS, Carlos Alberto. As múltiplas faces do retorno à terra natal. **In: Refúgio, Migrações e Cidadania**. Caderno de Debates 5, ACNUR e IMDH, Brasília, 2010, p.61-79.

SOARES, Weber. **Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense**. 174 f. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995

_____. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Governador Valadares e Ipatinga**. 2002. 344 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SODRÉ, Luiz Guilherme. O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. **Cadernos Avulsos**, nº 38, FCRB, Rio de Janeiro, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

_____. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2ª edição revista e ampliada. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.

_____. **A notícia e seus efeitos: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos**, Biblioteca Online de Comunicação, 2009. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>. Acesso em: 07 de julho de 2009

SOUSA, Leonardo Gomes de; DIAS, Carlos Alberto Microrregião de Governador Valadares: a busca de uma identidade territorial para uma região em crise. In: Seminário sobre economia mineira, n. 14, 2010, Diamantina. **Anais Eletrônicos...** Belo Horizonte: CEDEPLAR, 2010.

SOUZA, Thiago Romeu. A reterritorialização do retornado cearense: uma proposta de análise. In: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008, Caxambu, MG. **Anais XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2008.

SOUZA SANTOS, Jordana. A repressão ao movimento estudantil na ditadura militar. **Aurora**, Marília, n.5, dezembro de 2009. Disponível em: <www.marilia.unesp.br/aurora> Acesso em: 10 de janeiro de 2011.

TEIXEIRA, Francisco Luiz. A epopéia de um Diário. **ACEGV Informação**, Governador Valadares, março/abril de 2010, p.4-5.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa, NERY, Vanda Cunha. **Para. Entender as Teorias da Comunicação**. Uberlândia: Aspectus, 2004.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: Yians-Mc, Loughlin (ed). **Immigration reconsidered**. New York: Oxford University Press, 1990.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. v.1. 2 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005

TRIVIÑOS. Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1997.

VELOSO, Fernando A; VILLELA, André e GIAMBIAGI, Fabio. Determinantes do “Milagre” Econômico Brasileiro (1968-1973): Uma Análise Empírica. In: **Revista Brasileira de Economia**. Rio de Janeiro. v.62, n.2. p. 221–246, Abril/Junho 2008

VENÂNCIO, Renato P. Presença portuguesa: de colonizadores a imigrantes. In: **Brasil 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, IBGE, 2000.

VILARINO, Terezinha. **Entre lagoas e florestas:** atuação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) no saneamento do Médio Rio Doce entre 1942 e 1960. 2008. 150f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

WILSON, Kenneth L; PORTES Alejandro. Immigrant enclaves: An analysis of the labor market experiences of Cubans in Miami. **The American Journal of Sociology**. v. 86, n. 2, 1980.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6.ed. Lisboa: Presença, 2001.